



**“Tráfico de drogas: percepções e concepções de seus
agentes na cidade de Ribeirão Preto”**

Ana Lúcia Ceolotto Guimarães

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,
da USP, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências.
Área: Psicologia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Tráfico de drogas: percepções e concepções de seus agentes
na cidade de Ribeirão Preto”**

Ana Lúcia Ceolotto Guimarães

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Tráfico de drogas: percepções e concepções de seus agentes
na cidade de Ribeirão Preto”**

Ana Lúcia Ceolotto Guimarães

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosalina Carvalho da Silva

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

Capa
Wheathfield with a reaper (Campo de trigo com um ceifador)
Vincent van Gogh
Wheathfield with a reaper
St. Rémy, July 1889, Canvas, 73 x 92 cm
Van Gogh Museum, Amsterdam

FICHA CATALOGRÁFICA

Guimarães, Ana Lúcia Ceolotto

Tráfico de drogas: percepções e concepções de seus agentes na cidade de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2004.

313 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Silva, Rosalina Carvalho da

1. Tráfico de drogas. 2. Estrutura/Organização. 3. Jovem.
4. Violência

Dedico

este estudo a todos aqueles que, um dia, estiveram presos e tive a oportunidade de visitar e que me ensinaram, entre outras coisas, a compreender o significado da dignidade do ser humano.

Do exercício em busca da justiça em prol dos “desalmados” da sociedade, restaram fortes imagens e sentimentos profundos. Eu diria, como Lygia Fagundes Telles, que, de um certo modo, essas pessoas ficaram um pouco em mim. *“É difícil explicar de um modo claro, mas eu chamaria assim, uma espécie de legado. E o fato é que me impregnei desse legado lá no indefinível que nos habita a alma.”*

Agradecimentos

Aos meus pais, Fábio (*in memorian*) e Maria, pela forma com que me conduziram para a vida e, especialmente, à minha mãe, pelo sustento e paciência em todos os momentos, símbolos de sua grandeza e dignidade.

Aos meus familiares mais próximos.

Agradeço, profundamente, à Lina, minha orientadora, por me aceitar, pela confiança depositada no meu projeto, pela coragem em se dispor a viajar comigo no universo inóspito do tráfico de drogas, pelos inestimáveis ensinamentos e pela lucidez ao me guiar na realização desta pesquisa.

Ao Dr. Paulo César Gentile e ao Dr. Luiz Henrique Pacini Costa, por terem me apresentado à Prof^a. Lina, propiciando a minha aproximação com o Programa de Pós Graduação, e pela confiança em mim depositada.

Ao Prof. Gilberto Andrade de Abreu, por ter, gentilmente, aberto as portas da Secretaria de Planejamento e Gestão Ambiental da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto e enriquecido a pesquisa feita, fornecendo os mapas que constam deste trabalho.

À minha irmã, Ana Paula, pelos estímulos, pela competência e pelas generosas contribuições oferecidas durante todo o percurso desta pesquisa.

À minha prima, Mônica, pelo constante apoio e colaboração na revisão gramatical do trabalho apresentado para a Qualificação.

À minha tia, Prof^a Florianette Oliveira Guimarães, pelas sábias orientações.

À amiga, Cissa, pelas contribuições e, mais do que isso, pelo incentivo e apoio durante toda a pesquisa.

Aos meus amigos e colegas, Procuradores do Estado da Assistência Judiciária Criminal, João e Tânia, pela compreensão e auxílio nesta jornada, suprimindo minhas ausências. Sem eles eu não teria concluído este trabalho.

À Procuradoria Geral do Estado de São Paulo, nas pessoas dos meus superiores, Dr. Paulo Henrique Neme e Dr. Márcio Aparecido de Oliveira, por fomentar a realização de trabalhos científicos.

Aos amigos, Edvaldo, Cris, Silvinha, Breila, Carlos e Antônio, por compartilharem e auxiliarem na concretização deste estudo.

Ao Prof. Geraldo Romanelli e ao Prof. Manoel Antônio dos Santos, pela valiosas contribuições oferecidas durante o meu Exame de Qualificação.

Ao amigo, Edson, pela elaboração do organograma e do gráfico.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação da FFCLRP-USP, Denise e Izilda, pela atenção e carinho com que sempre me trataram.

Ao Programa de Pós-Graduação, na pessoa da Prof^a Zélia, por engrandecer o departamento do referido programa.

À Prof^a Joana Kefalás Zabrockis, pela primorosa revisão gramatical desta dissertação.

SUMÁRIO

p.

RESUMO

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTO HISTÓRICO DO TRÁFICO DE DROGAS	5
3. OBJETIVOS	13
3.1. Objetivos gerais	13
3.2. Objetivos específicos	13
4. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	15
4.1. Abordagem teórico-metodológica	15
4.2. Procedimentos para a coleta de dados	16
4.2.1. Procedimentos éticos para a inclusão dos sujeitos no estudo	16
4.2.2. Convite	17
4.2.3. Participantes	19
4.3. Instrumentos e coleta de dados	22
4.4. Procedimentos para a análise dos dados	29
5. O CAMPO DE ESTUDO	31
5.1. Caracterização do campo	31
5.2. Aproximação do campo	33
6. AS RAZÕES QUE LEVAM AO TRÁFICO DE DROGAS	39
6.1. Escassez de investimentos para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno	40
6.1.1. Desemprego	41
6.1.2. Ter dinheiro	42
6.1.3. Baixos salários	42
6.1.4. Direitos sociais e desamparo familiar	45
(moradia – educação – qualificação para o trabalho)	45

6.2. Várias categorias associadas	53
6.3. Poder - fama - notoriedade	56
6.4. Curiosidade e aventura	60
6.5. Intenção de sustentar o vício	61
6.6. Sistema penitenciário	62
6.7. Convivência	63
7. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	65
7.1. Concepção de tráfico	66
7.1.1. A oferta e o consumo	66
7.1.2. Não é fácil vender droga – “a droga exige uma certa disciplina, uns determinados preceitos e alguns segredos a serem mantidos”	70
7.1.3. A propaganda	72
7.2. Breve histórico do tráfico de drogas em Ribeirão Preto	73
7.2.1. – Tipos de drogas - local e quantidade	74
7.3. O “movimento” - atores sociais e papéis desempenhados	87
7.3.1. “Avião” – “olheiro” – “fogueteiro” – “gerente” – “braço direito” – “mula” – “transportador”	89
7.3.2. Transportando a droga	97
7.3.3. Quando a droga chega à cidade	106
7.3.4. O financiador - o grande fornecedor: “o homem da capa preta” - o “testa de ferro” - os plantadores	112
7.3.5. O distribuidor – o fornecedor – o dono – o cabeça - o intermediário	117
7.3.6. Modos de traficar	124
7.3.7. Traficante médio e traficante pequeno	128
7.4. Trajetórias	130
7.4.1. Quase todos começam com pouco	130
7.4.2. “Crescendo o movimento”	133
7.4.3. “Agir certo”	139
7.4.4. “Investindo na droga”	143
7.5. “O cabeça” – “O comando”	145
7.6. Como funciona uma “bocada”	154
7.6.1. Há vários tipos de “bocada”	154
7.6.2. A mercadoria tem que ficar longe da casa do traficante	155
7.6.3. Antigamente – Hoje	157

7.6.4. Vendendo de quilo	158
7.6.5. Dificultando o acesso e o trabalho da Polícia	159
7.6.6. Administrando o tráfico	162
7.6.7. Como fica a “bocada”, quando o traficante vai preso	164
7.7. Transformações do tráfico na cidade de Ribeirão Preto	171
7.7.1. O jovem e a Lei dos Crimes Hediondos	173
7.7.2. O jovem: como ele está atuando no tráfico de drogas?	177
7.7.3. O tráfico e o PCC	182
7.8. Polícia e repressão	187
8. A VIOLÊNCIA E O TRÁFICO DE DROGAS	197
8.1. “Antigamente o tráfico era feito de amizade, tinha-se o respeito”	198
8.2. Costumes	199
8.3. O tráfico de drogas no contexto da criminalidade	202
8.4. O “fiado” – antigamente e hoje	203
8.5. A violência como forma de resolução de conflitos	207
8.6. Tráfico de drogas – homicídios - violência	211
8.7. A natureza das drogas: a maconha; a cocaína; e o crack, “a droga do diabo”	214
8.8. “Peças de uma engrenagem”: crack- lei dos crimes hediondos- a inserção do jovem no tráfico de drogas	223
8.9. O jovem - o tráfico de drogas – a violência	227
8.10. Violência por ponto de droga: “a guerra” - Violência entre grupos de bairros diferentes: “guerra de gangue	234
8.11. A inveja-a traição-a arrogância- a ignorância-a falsidade -o poder	239
8.12. “O antigo quer viver; para o jovem, tanto faz”	243
8.13. A Mídia	245
8.14. O tráfico e a comunidade	249
8.15. A repressão e as práticas policiais	259
8.16. “Uma bola de neve”	263
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	271
10.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	277
11.ANEXOS	285

RESUMO

O uso e o tráfico de drogas, associados à violência, constituem-se numa das questões mais emblemáticas da sociedade contemporânea. Por acreditar na necessidade de realizar investigações e reflexões sobre este problema, visando subsidiar programas de promoção de saúde e cidadania através de um novo enfoque, realizei o presente estudo com os seguintes **objetivos gerais**: conhecer, sob o ponto de vista dos agentes participantes, as percepções e concepções relacionadas ao tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto e região; e que tem por **objetivos específicos**, conhecer, sob o ponto de vista dos participantes: 1. as razões que levam as pessoas, principalmente os jovens, a se envolverem com o tráfico de drogas; 2. as percepções e concepções sobre a estrutura e/ou organização do tráfico de drogas, funções dos atores sociais envolvidos, inclusive com relação ao adolescente; 3. as apreciações sobre a violência relacionada ao tráfico de drogas e, em particular, sobre a participação do adolescente na mesma. Foram **sujeitos** deste estudo sete homens, com idades entre 27 e 60 anos, que têm ou já tiveram envolvimento no tráfico de drogas, na cidade de Ribeirão Preto e região. Os participantes foram intencionalmente escolhidos, levando-se em conta sua vinculação significativa com o problema investigado. **Procedimento**: a entrevista, com roteiro semi-estruturado, foi o principal instrumento para a coleta de dados. Foram realizadas vinte e três sessões de entrevistas individuais, no período de agosto de 2.001 a setembro de 2.002, e julho a agosto de 2.004. Como instrumentos complementares, foram utilizados registros em notas, em Diário de Campo, assim como, de narrativas fortuitas. **Análise de dados**: os dados obtidos foram analisados através de uma abordagem qualitativa, sob uma perspectiva compreensivista, a qual privilegia o ponto de vista dos agentes sociais envolvidos. O método de análise foi o de conteúdo temático. A análise dos dados mostrou os múltiplos motivos que podem levar alguém a envolver-se com o tráfico de drogas, a partir do ponto de vista dos participantes. São razões que podem se dar isolada ou simultaneamente, e que, muitas vezes, se entrelaçam e se interpenetram. Nas concepções sobre a estrutura e a organização do tráfico de drogas, denominado por eles de “movimento”, sobre os atores envolvidos e os papéis desempenhados, recolhi uma variedade extensa de categorias. Elas sugerem que o tráfico de drogas está em constante mutação; é dinâmico, improvisado e repleto de alternativas: fraciona-se, migra, difunde-se, escapa e, ainda, é permeado de símbolos e folclores. As apreciações dos participantes sobre a violência relacionada ao tráfico de drogas e, em particular, à participação do adolescente neste contexto, trouxeram relatos, reflexões e questionamentos sobre as mais diversas representações inseridas na dinâmica do tráfico de drogas.

ABSTRACT

The use of drugs and the drug dealing, associated with violence, are one of the most worrisome issues of our contemporary society. As a believer in the need of investigating and reflecting about such matters (in order to have subsidized programs which can promote health and citizenship based on a new focus) I have conducted the present study which points out the following: (a) **general objectives:** to know, from the agents' point of view, the perception and conceptions related to drug dealing in the city of Ribeirão Preto and in its surrounding areas and (b) **specific objectives:** to know, based on the agents' point of view: 1. the reasons why people, mainly the young ones, get involved with drug dealing; 2. the perception and conceptions on the drug dealing structure and/or its organization, the roles taken by the social actors including the aspect concerned teenagers; 3. considerations on violence related to drug dealing and, in particular, the participation of teenagers in it. Seven adult men were **subjects** of this study, their ages ranged from 27 to 60 years old. They either have or had already been involved in drug dealing in the city mentioned above and in its surrounding areas. These participants have been carefully chosen as they played an important role and had an important link with the “problem” under study. **Procedure:** interviews guided by a semi-structured questionnaire were the main informational tool for the study's data collection. Twenty three individual interviews were accomplished from August 2001 and September 2002, and also from July to August 2004. Additional data such as notes in the field diary, as well as fortuitous narratives were written or recorded. **Data analysis:** the gathered data have been analyzed through a qualitative approach, based on a comprehensivist perspective that grants privilege to the involved social agents' point of view. The method of analysis relies on the thematic content itself. Based on the participants' opinion, the data analysis has shown the various reasons which can lead a person to get involved in drug dealing. Such reasons can happen as an isolated fact or happen simultaneously; and many times they entangle and interpenetrate into themselves. As to the conception of the drug dealing (referred by them as “movement”) structure and organization, as well as of the actors involved and their respective roles, I have gathered a large amount of categories. They suggest that drug dealing changes constantly; it is dynamic, improvised and full of alternatives: it divides itself, moves to different places, spreads itself, escapes and, also, is surrounded by symbols and histories. The participants' appreciation on violence related to drug dealing and, in particular, the participation of teenagers have revealed accounts, reflections and questionings ranging from the most diverse representations inserted in the drug dealing dynamics.

1 - INTRODUÇÃO

O uso e o tráfico de drogas, associados à violência, cristalizam uma das questões mais emblemáticas da sociedade contemporânea (KOOPP, 1998; ZALUAR, 1999) e um dos grandes desafios para os pesquisadores das Ciências Sociais. Cada vez que alguém fuma um cigarro de maconha ou cheira uma “carreira” de cocaína, por exemplo, está participando, querendo ou não, de uma rede muito complexa e ilegal e que afeta, direta ou indiretamente, a vida de milhões de pessoas (ARBEX, 1993). Ilegal, pois, o comércio e o uso de drogas são proibidos e reprimidos na maior parte dos países, inclusive no Brasil (Lei n. 6.368/76); questão complexa e importante à medida que representa um imenso empreendimento ramificado em escala internacional, organizado em rede, com relações abertas no tempo e no espaço, vinculando inúmeras pessoas mediante contatos de diversos tipos, que se vão multiplicando pelos intermediários e, portanto, um negócio global segundo a *United Nations International Drug Control Programme (UNDCP)*, como comentado por ZALUAR (1998). Estima-se que a rede internacional do narcotráfico movimenta uma cifra em torno de US\$ 1 trilhão no mundo por ano, e que, atualmente, em todo o mundo, o consumo anual de cocaína chega a 6 bilhões de papérolas, o que renderia ao narcotráfico cerca de US\$ 120 bilhões (LUIZ, 1.999).

Em 1991, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) constatou que há, apenas no Brasil, pelo menos, 100 mil traficantes (ARBEX, *Op.cit.*). De acordo com informações da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Civil, na cidade do Rio de Janeiro é um negócio que movimenta de R\$ 25 milhões a R\$ 30 milhões por mês, emprega 15 mil pessoas – na maioria adolescentes (MELO, 1999). As estatísticas são policiais. No entanto, a própria Polícia acredita que os números

sejam falhos e o lucro dos traficantes possa ficar abaixo ou acima dos números estatísticos.

Os números, também, vinculam o uso e o tráfico de drogas à violência. Cita-se, frequentemente, que 50% dos atos infracionais teriam um elo com a questão das drogas no mundo. De onde vem essa cifra ninguém sabe ao certo, mas esses dados circulam amplamente (KOPP, 1998). No Brasil, autoridades e policiais afirmam, com frequência, que as chacinas estão associadas a dívidas contraídas no comércio de drogas (SANTOS, 1999). Embora faltem dados estatísticos confiáveis, para vincular os episódios de violência ao tráfico e ao uso de drogas, muitos alegam que a expansão do tráfico de drogas, a partir da metade da década de 80, é diretamente responsável pelo crescimento vertiginoso da violência (SALLES, 1999).

A inserção dos jovens no tráfico de drogas é outro fenômeno que veio integrar esse cenário. A presença do jovem nesse mercado ilícito, expandiu-se de tal forma que hoje, segundo Cruz Neto, os jovens tornaram-se *“os componentes mais visíveis do tráfico, aparecendo, aos olhos da sociedade, como os ‘agentes portadores da violência’ e, nas estatísticas, como o segmento populacional mais afetado pelas mortes violentas”* (CRUZ NETO *et al.*, 2001, p. 24). Reconhece Zaluar as consequências desastrosas para o jovem à medida que são eles que estão deixando suas vidas nas mãos da violência (ZALUAR, 1999, p. 97).

A produção, o processamento, o tráfico internacional e a distribuição final da droga possuem caráter de negócio, e a forma de administrar essa empresa varia de país para país, de estado para estado e de cidade para cidade. Aponta a literatura (ZALUAR, 1994; UCHÔA, 1996) que, em São Paulo, o tráfico não é organizado como no Rio de Janeiro, onde o comércio é controlado por grupos fortes e organizados. Em São Paulo, principal mercado e destino da pasta boliviana (LUIZ, 1999), ao contrário, o tráfico se distribui entre as diversas regiões da cidade (ARBEX, 1993). Nesse cenário, Ribeirão Preto destaca-se como sendo uma das cidades do Interior Paulista, na qual atuam grandes traficantes de drogas que se utilizam de empresas como fachadas para mascarar o tráfico (ARBEX & TOGNOLLI, 1996). É rotineiro o som de fogos de artifícios (morteiros) utilizados, possivelmente, como código de sinalização do sistema, para avisar a chegada da Polícia ou da droga.

A própria imagem do “traficante” é ambivalente (UCHÔA, 1996; VELHO, 1996; ZALUAR, 1998). Ao mesmo tempo em que a imprensa do Rio de Janeiro tem demonstrado uma tendência a romantizar os grupos de traficantes e líderes, apresentando-os como “ bandidos sociais”, a corrigir as iniquidades de uma sociedade injusta e violenta (LEEDS, 1998), a construção ideológica de sua figura é qualificada por segmentos da sociedade como a de um celerado, um inimigo de todos (FOUCAULT, 1999), um mal a ser extirpado, a fim de que a sociedade sã sobreviva (ZALUAR, 1994). De qualquer forma, a visão é distante e de fora, alheia ao que, verdadeiramente, é a vida dessas pessoas.

Algumas categorias das atividades ligadas ao tráfico são conhecidas: “boca de fumo”, local onde é vendido entorpecente; “olheiros”, adolescentes que são vigias; “aviões”, pessoas que transportam droga em menor escala, de um lugar para outro. No entanto, ignora-se quase tudo sobre o funcionamento e a forma como esses atores se organizam no tempo e no espaço. Pouco se sabe, por exemplo, sobre quais são os respectivos papéis do crime organizado e dos pequenos e médios traficantes independentes; como se formam essas individualidades; qual a trajetória percorrida por tais pessoas até chegarem a esse estágio; qual a dinâmica local de entrada nesse tipo de crime e, principalmente, quem são e o que pensam os traficantes. Fala-se até em tráfico no interior de estabelecimentos penais. A hierarquização das redes de traficantes é pouco conhecida e o mistério continua envolvendo esse comércio ilícito.

De um lado, observa-se que as descrições sobre o tráfico de drogas apresentam interpretações parciais, deformadas, em parte porque, abordadas sob o ponto de vista de quem está do outro lado da balança. A maioria das informações são advindas de estatísticas policiais. Além disso, o acesso à informação é dificultado pelo próprio caráter dessa atividade ilícita que envolve segredos e temas proibidos, compartilhados apenas pelo grupo desse universo (GOFFMAN, 1988). Por outro lado, não há, até o presente momento, políticas públicas de prevenção, nas práticas sociais, associadas à violência e ao tráfico de drogas. O que se vê, por assim dizer, é política pública de segurança de Estado (LUZ, 1995; ZALUAR, 1998), política de repressão jurídico-penal, punitiva.

O crime e, especificamente, o tráfico de drogas deixaram de ser apenas uma questão jurídico-penal e policial, para se tornarem, também, uma questão social a ser enfrentada simultaneamente (ARBEX, 1993; ZALUAR, 1999).

Ante a gravidade da violência que envolve o jovem e o tráfico de drogas, necessária se faz a realização de novos estudos que possam contribuir para novas compreensões das questões nela envolvidas; questões complexas pedem novas respostas (DELGADO & GUTIÉRREZ, 1995), porque as visões até então apresentadas têm se mostrado ineficazes.

Assim sendo, diante da necessidade de realizar investigações e reflexões sobre esse problema contemporâneo, visando a propiciar programas de promoção de cidadania por meio de um novo enfoque, que privilegie o ponto de vista dos atores sociais envolvidos no processo, propôs-se o presente estudo.

2 - CONTEXTO HISTÓRICO DO TRÁFICO DE DROGAS

A situação atual do tráfico de drogas, não é uma invenção passageira, consoante aponta MINAYO na introdução da obra de CRUZ NETO *et al.* (2001, p. 13):

“Ele se radica em condicionamentos muito maiores e mais amplos, que não podem ser eliminados com a mera política de repressão dos órgãos de segurança pública. Ele tem história, e nessa história se complementam dialeticamente a busca existencial e ancestral dos seres humanos por substâncias que alteram seu estado de consciência e de percepção”.

Além desse aspecto, referido por Minayo, observa BUCHER (1991, c1989, 1v, p. 18) que as drogas sempre estiveram presentes na História da Civilização, desde os primórdios da humanidade, *“inseridas nos mais diversos contextos: social; econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, climatológico e mesmo militar. O consumo de drogas deve, portanto, ser considerado como um fenômeno (...) cultural”.* A título de ilustração, reporto-me novamente ao psicanalista Bucher, ao menciona que a *cannabis sativa* é consumida pelo ser humano há quatro ou cinco mil anos. Conforme a região, os produtos derivados de sua planta são chamados de haxixe, marijuana, cânhamo ou maconha.

Outro exemplo de droga que merece ser citado, é o arbusto de folhas que cresce em grande parte na América do Sul, em particular nas regiões andinas. *“Suas folhas são mastigadas há séculos, nas montanhas e altiplanos, pela população indígena”* (BUCHER, 1992, p. 122) para evitar o cansaço devido à altitude, à fome e ao frio. Em 1860, o químico alemão, Albert Liemann, descreveu sua extração da folha da

coca e lhe deu o nome de cocaína. Observam ARBEX & TOGNOLLI (1996) que o produto era utilizado nos mais nobres salões da aristocracia burguesa européia, entre médicos, cientistas e intelectuais, sem nenhuma restrição moral.

Nessa mesma época, um preparado, cuja fórmula era baseada em alcalóide extraído da folha de coca, inventado e divulgado por Ângelo Mariani, ocupava lugar de honra em todas as mesas e bailes, tônico eficaz contra doenças e revigorante para crianças e adolescentes, e era vinho que gozava de prestígio social (CORDEIRO, 1991, c1989, 1v.). Segundo verificam ARBEX & TOGNOLLI (*Op.cit.*, p. 196-197), o vinho de Mariani “*era consumido por ninguém menos que os papas Pio XII e Leão XIII e escritores como Júlio Verne e Alexandre Dumas*”. Em 1884, Freud não só experimentava em si mesmo os efeitos da cocaína, como, também, aplicava-a em pacientes (CORDEIRO, *Op.cit.*). Posteriormente, descobriu-se a fórmula de sua estrutura química e, em seguida, foi produzida sinteticamente em laboratório.

A coca-cola, até 1903, realmente continha cocaína e dela era dito que a “*bebida consiste em uma combinação de elementos estimulantes das plantas da coca e da cola; a fruta desta última, uma noz de origem africana, contém cafeína, estimulante menos tóxico do que a cocaína*” (BUCHER, 1992, p. 121).

Para além desses aspectos ora abordados, nas pesquisas realizadas na revisão da literatura sobre o tema, verifiquei que o uso e o tráfico de drogas firmam-se, também, em dimensões outras que se expressam ora como pretexto para a repressão de classes, ora com significados nítidos de preconceitos racistas, complementando outros aspectos envolvendo a questão.

Afirma SCHEERER (1993) que, por volta de 1910, a cocaína e a morfina eram drogas associadas a temidas e desprezadas minorias étnicas; o ópio, associado aos chineses e a cocaína, aos negros do Sul dos EUA. Acusações de consumo e tráfico, recaíam, principalmente, sobre as classes inferiores e as minorias. Essa situação também evidenciada por LEEDS (1998) que, citando o estudo de John Helmer, intitulado *Drugs and minority repression*, aponta que, segundo o estudo, ao longo da História, certas minorias étnicas foram injustamente acusadas de usar e vender drogas:

“o suposto uso excessivo de ópio pelos imigrantes chineses em fins do século XIX, de cocaína pelos negros no início do século XX e de maconha pelos mexicanos durante a Depressão não passava de mito criado durante períodos de crise econômica. Em todos esses casos, as populações visadas estavam tirando vagas dos operários norte-americanos nos mercados de trabalho em São Francisco, Nova York, e no Sudoeste. (...) o uso de drogas como pretexto para a repressão de classe tem sido generalizado em ambos os países” JOHN HELMER apud LEEDS (1998, p. 247).

Interessante notar que, também no Brasil, em sua origem, a maconha “... *seria expressão de preconceitos racistas e visaria a implantação de um sistema punitivo aplicável a grupos sociais que, pela sua composição étnica, foram considerados perigosos para a sociedade dominante, isto é, branca...*” (BUCHER, 1992, p. 94). Não é à toa que a primeira restrição à maconha no Brasil, datada de 1830, “*não recaiu propriamente sobre o cultivo da planta, mas sobre a venda e o uso do ‘pito de Pango’ - o cachimbo de barro usado para fumá-la, geralmente por escravos e seus descendentes*”. (BARBOSA, 1998, p. 38). Por volta de 1926, enquanto a cocaína, “*chamada carinhosamente de “pó-de -arroz” e “fubá Mimoso” era a droga da moda entre políticos, intelectuais e boêmios, que a compravam em frasquinhos, a quinze mil réis cada*” (CASTRO, 1992, p. 52-53), nas farmácias, e facilmente encontrada nos bordéis, a maconha já era tradicionalmente consumida entre as pessoas das camadas populares (BARBOSA, *Op.cit.*).

A associação entre o uso de maconha e a marginalidade social é, pois, antiga. Aponta VENTURA (1994, p. 29-30) que: “*A maconha, como os bandidos, vivia nos morros*”. Tida como “*erva maldita*”, era rejeitada pela classe média não pelos seus efeitos, mais, sim, “*por ser erva, um produto rural, pobre, sem status. Os desvios burgueses eram satisfeitos na farmácia mais próxima, com as bolinhas-comprimidos de anfetaminas ou barbitúricos. Para os mais sofisticados recomendava-se uma prise¹ de lança-perfume*”.

Ampliando um pouco mais as dimensões em que se inserem o contexto do uso e do tráfico de drogas, verifiquei, também, uma outra face desse fenômeno, a que

¹ Pitada ou dose de cocaína ou de outro entorpecente.

pode, dele se servir para encobrir interesses ocultos, causas e motivações políticas. Vanderley da Cunha, poeta e líder comunitário na favela de Acari, relata que algumas drogas foram introduzidas: a partir da presença dos representantes dos órgãos de segurança. Ele narra que do início até meados da década de 70, participou ativamente do movimento *Black Rio* e o interessante foi que, a partir do momento em que negros de classe média começaram a inserir nos bailes *funk*, “*idéias de Malcom X e dos Panteras Negras, o DOPS e a repressão da ditadura militar acabou com o Black Rio*”. Relata, ainda, que presenciou bailes de *soul music*, nos bairros do subúrbio do Rio de Janeiro, “*e viu, claramente, agentes do DOPS, agentes da repressão, minando e, inclusive, vendendo drogas. (...) Estimulando os jovens a vender drogas. Justamente para minar toda uma tentativa de politização do movimento Black Rio*”. Aponta ainda que, em São Paulo, aconteceu a mesma coisa (CUNHA, 1996, p. 264).

Não pretendo, nessas exposições anteriores, bem como nas que se seguirão, dissimular a gravidade do problema que o tráfico de drogas representa hoje em dia. A proposta é afastá-lo do contexto ideologizado e maniqueísta, buscando expandir os paradigmas para compreendê-lo de forma mais ampla, calcado em bases honestas.

Recuando no tempo, verificaremos que, do mesmo modo que a droga sempre esteve presente na História da Civilização, o tráfico de drogas, também, sempre existiu. Essa contextualização e essa perspectiva são importantes, pois, como afirma BARBOSA (1998, p. 70):

“Talvez derive da raridade de determinada substância, ou da dificuldade em obtê-la, o seu status de mercadoria valiosa. Durante um período da história ocidental, que, de certa forma, se prolonga até aqui, o tráfico pode ter sido o responsável pelo valor atribuído à droga”.

O autor faz notar ainda que, durante a Idade Média, “*as especiarias cruzavam os mares nos porões dos navios, movidas que eram por um gosto peculiar por pratos com temperos orientais*”. Exemplifica que, “*uma caixinha de açúcar era oferecida aos reis. Posteriormente, o chocolate adoçava os aristocratas do século XVIII,*

enquanto a burguesia provava do café” (BARBOSA, 1998, p. 69-70). No entanto, coloca o antropólogo que:

“o Ocidente parece ter inventado um ‘problema das drogas’. Um problema que teve como pressuposto principal a invenção do tráfico de drogas, conforme o conhecemos, ainda que, por esta época, fosse um assunto ‘oficial’, não remetido aos encargos de um ‘mercado negro’” (BARBOSA, *Op.cit.*, p. 69).

Refere BUCHER (1991, c1989 1v., p. 22) que, *“no século passado, a ‘British East Índia Company’ produzia ópio na Índia e o vendia para a China”* que, por sua vez, insistia em reprimir a venda e o consumo do ópio, pois, o uso da droga havia se espalhado como uma epidemia, gerando um conflito com a Inglaterra, conhecido como a *“Guerra do Ópio”*. Como nos ensina o autor, os ingleses, *“ que detinham o monopólio (altamente lucrativo) do comércio do ópio, obrigaram a China a liberar a importação da droga; como resultado, em 1900, metade da população adulta masculina chinesa era descrita como dependente da droga”* (BUCHER, *Op.cit.*, p. 22). Menciona, ainda que os ingleses ampliaram o seu livre-comércio do ópio e também de seus derivados, morfina, heroína e codeína, para as sociedades ocidentais, onde, até fins do século passado, o ópio era comprado livremente em armazéns, na Inglaterra e nos Estados Unidos, provocando, ainda, o surgimento das chamadas *“casas de ópio”*, na maioria das cidades européias.

A História sugere que a situação atual do tráfico de drogas surge a partir da iniciativa inglesa de impor o comércio do ópio à China através das duas guerras do ópio, assim como, de tratados internacionais, consoante evidencia BARBOSA (*Op.cit.*). Coloca, ainda, o autor que, sob a ótica do colonialismo internacional, *“a droga passa a ser um item (um dos mais rendosos) entre os vários produtos a serem impostos, visando à constituição de áreas de influência, quando não de colônias das potências européias. Surge uma diplomacia voltada para as drogas”* (BARBOSA, *Op.cit.*, p. 70.). E, o que era, inicialmente, um *“problema do ópio”*, transforma-se em um *“problema das drogas”* tal como vemos hoje (SCHEERER, 1993).

Segundo BARBOSA (*Op.cit.*, p. 70), a responsável por essa transformação foi “a inclusão da cocaína (e também da morfina) no rol de substâncias a serem postas sob controle internacional”. Consoante ensina SCHEERER, até o ano de 1.909, o ópio, tanto em sua forma bruta como nas suas diversas preparações, era objeto de “controle internacional” e discussão política entre Inglaterra e Estados Unidos da América. O significado do conflito, segundo o professor, não era somente farmacológico, mas, sobretudo, um conflito geopolítico entre aqueles países, “...tanto com relação ao lucro puro e simples, quanto em termos de estilos políticos, drasticamente diferentes, que colidiam no Extremo Oriente. Colonialismo tradicional de um lado e capitalismo moderno do outro” (SCHEERER, 1.993, p. 171). Era “o problema do ópio” como ele denomina.

Em 1909, o governo dos EUA deflagrou “a grande cruzada moral do século XX” . Sob o argumento de salvar o povo chinês do vício do ópio e o governo da colonização inglesa, posicionou-se contra o uso não médico do ópio (SCHEERER, *Op.cit.*, p. 172). Os interesses americanos, segundo BARBOSA (*Op.cit.*), eram claros: interromper o comércio inglês de ópio, para a China e países vizinhos. Citando Oliver Brouet, coloca que “do lado americano, a vontade de estancar tal fonte de riqueza se coadunava aos interesses de um Estado que queria se firmar sobre a cena internacional e que não possuía nenhum manancial de ópio” (OLIVER BROUET *apud* BARBOSA, *Op.cit.*, p. 71).

Assim, o governo dos Estados Unidos tomou a iniciativa de convidar os países envolvidos para a Conferência de Haia, que se realizaria entre os meses de dezembro a janeiro de 1912, a fim de tornar as conclusões da Comissão de Changai (1909) resoluções que tratavam e mencionavam apenas o ópio, e que possuíam caráter não compulsório, de recomendações, em normas proibitivas. A estratégia diplomática do governo da Grã-Bretanha, o mais prejudicado pelo convite, pois viu-se na iminência de ser forçado a extinguir seu rentável comércio de ópio para a China, foi retardar, ao máximo, sua resposta ao convite. Quando o fez, concordou com a conferência. No entanto, tentou deslocar o problema, alterando o rumo da questão, buscando suprimir parte da discussão sobre o ópio e substituir esses pontos pela questão da produção e tráfico da morfina e cocaína. Se a iniciativa americana ameaçou os interesses econômicos da Grã-Bretanha, esta, por sua vez, ameaçou os interesses econômicos

de sua principal rival econômica na Europa, a Alemanha, maior refinadora e produtora de cocaína, nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial (SCHEERER, 1993; BARBOSA, 1998).

“Os resultados da conferência e da série de outras que se sucederam só puderam ser implementados no pós-guerra, devido à estratégia alemã de adiar a entrada em vigor de tal legislação. Após a guerra, os tratados de paz traziam menção explícita às ‘drogas perigosas’, e um prazo determinado para que os países envolvidos encerrassem definitivamente a produção comercial de tais drogas” (BARBOSA, *Op.cit.*, p. 71).

O que se verifica, através dos comentários de SOARES, é que:

“...a política de drogas em toda a história (...) sempre foi uma política influenciada por fortes interesses políticos e econômicos. E uma droga era considerada lícita ou ilícita de acordo com esses interesses. Foi o que ocorreu com a cocaína, a maconha, o açúcar, o café e outras drogas” (SOARES, 1993, p. 163).

No Brasil, país que, anteriormente, praticou o tráfico de escravos, a maconha e a cocaína podiam ser adquiridas nas farmácias, até o ano de 1938, para fins medicinais (BARBOSA, *Op.cit.*, p. 71). Afirma COSTA (1991, c1989. 1v., p. 50) que é: *“somente após a Primeira Guerra Mundial que se iniciou um esforço mais efetivo das autoridades no sentido de oferecer meios de combate ao tráfico ilícito e ao uso indevido de substâncias entorpecentes”*. Através de um estudo de revisão da literatura, verifiquei que a legislação brasileira, desde o antecedente mais remoto de penalização relativo a drogas, encontrado nas Ordenações Filipinas (LUISI, 1990) até a presente data, abrange uma gama muito grande de textos e dispositivos legais, regulamentando a matéria. Mencionarei, a seguir, os mais significativos.

O atual Código Penal, que entrou em vigor no ano de 1942, regulamentava a questão em seu artigo 281: *“o porte de droga, independentemente de sua quantidade e sem fazer distinção se para uso próprio ou para tráfico, acarretava uma pena de*

reclusão, sem direito a fiança e com condenação criminal”. Posteriormente, esse artigo foi alterado pelo “ *Decreto-lei nº 385, de 26/12/1968, (...) punindo o uso próprio da droga*” (COSTA, 1991, c1989. 1v., p. 50). Após vários decretos e alterações na legislação, criou-se a Lei nº 6.368/76, de 22.10.1976, conhecida como Lei Antitóxicos, até hoje principal instrumento legal a disciplinar a matéria. Nela, o artigo 16 descreve as condutas para o “uso próprio”, e as penas de detenção, que variam de seis meses a dois anos, e o artigo 12, o tráfico, as condutas para o “consumo”, cujas penas, de reclusão, vão de três a quinze anos. Por fim, a Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, trouxe um recrudescimento, na legislação penal, sobre o tráfico de drogas, restringindo benefícios, aumentando penas.

Como apontado por MINAYO (2001) no início deste capítulo, observo que o tráfico de drogas consolida-se em condicionamentos amplos, daí a complexidade da questão; não se trata de uma invenção recente nem passageira. Ele tem história e, nessa história, ele apresenta um autêntico conjunto de situações das mais diversas, envolvendo aspectos e significados outros além do que a nossa visão, muitas vezes, permite compreender, quando não somos confundidos. Considerarei necessário contextualizar algumas das dimensões sobre o tema advindas da literatura, no intuito de oferecer um referencial adequado a uma melhor compreensão dos objetivos propostos na pesquisa e apresentados a seguir.

3 - OBJETIVOS

3.1 - Objetivos Gerais: conhecer, sob o ponto de vista dos agentes participantes, as percepções e concepções em relação ao tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto e região.

3.2 - Objetivos Específicos: conhecer, sob o ponto de vista dos participantes:

1. as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver no tráfico de drogas;

2. as percepções e concepções sobre a estrutura e/ou organização do tráfico de drogas, funções dos atores envolvidos, inclusive com relação ao adolescente;

3. as apreciação sobre a violência relacionada ao tráfico de drogas e, em particular, à participação do adolescente na mesma.

4 – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

4.1 - Abordagem teórico-metodológica

Com o objetivo de conhecer como os participantes experimentam e interpretam suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (PSATHAS, 1973 *apud* BOGDAN & BIKLEN, 1994), o presente estudo foi desenvolvido segundo uma abordagem qualitativa, sob uma perspectiva compreensivista e interpretativista, que privilegia o ponto de vista dos atores sociais envolvidos.

Com essa abordagem qualitativa, busquei identificar as concepções, crenças, valores, motivações e atitudes dos sujeitos em relação aos temas pesquisados, possibilitando, assim, a obtenção de dados que atendam aos objetivos propostos (BOGDAN & BIKLEN, *Op.cit.*; TRIVIÑOS, 1992). Os adotados enfoques das perspectivas têm suas origens na sociologia compreensivista de MAX WEBER (1864-1920), e a interpretação se dá através da apreensão das falas dos participantes com o cotejo reflexivo da literatura pesquisada.

A sociologia compreensiva visa exatamente à “... *compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciadas*” (GOLDENBERG, 1999, p.19). A preocupação é a compreensão de casos particulares, a experiência humana vivida socialmente e não a formulação de leis generalizantes ou a quantificação, como nas perspectivas positivistas (SILVA, 1998; MINAYO, 1998; TRIVIÑOS, 1992). Assim: “...*cada estudo traz uma versão possível para os fenômenos investigados*” (SILVA, 1998, p. 166). Sob essa

perspectiva, o processo assume importância maior em razão dos resultados, pois não se busca uma verdade única.

É necessário destacar, também, que, nesse processo de investigação social, as reflexões e princípios que guiam o investigador, segundo GUBA & LINCON (1994) *apud* VALLES (1997), devem estar pautados em três pressupostos fundamentais: a) a natureza da realidade investigada (pressuposto ontológico); b) o modelo de relação entre o investigador e o investigado (pressuposto epistemológico); c) os meios que o pesquisador utiliza para conhecer a realidade investigada (pressuposto metodológico). Esses pressupostos nortearam o enfoque compreensivista da pesquisa e estiveram presentes em todas as etapas do estudo.

4.2 – Procedimentos para a coleta de dados

A realização da coleta de dados envolveu as etapas mencionadas a seguir.

4.2.1 – Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos no estudo

Na realização deste estudo, foram observados todos os procedimentos éticos, previstos para a execução de estudos com seres humanos (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 1997), bem como, respeitados os preceitos inscritos na DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948), nas REGRAS MÍNIMAS PARA O TRATAMENTO DOS RECLUSOS E RECOMENDAÇÕES PERTINENTES – NAÇÕES UNIDAS (1955) e na LEI DE EXECUÇÃO PENAL (1984). A coleta de dados somente foi realizada após o consentimento dos interessados, precedido de esclarecimento acerca dos objetivos da pesquisa, dos temas a serem abordados, a garantia do sigilo em relação à identificação dos participantes e das informações coletadas. Também fiz a apresentação dos procedimentos e métodos adotados para a coleta, transcrição e tratamento dos dados. Antes de iniciar as entrevistas, eu esclarecia aos participantes que, após as transcrições das entrevistas, eles receberiam uma cópia digitada, para que, caso

quisessem, acrescentassem ou suprimissem algo do que fora dito (RAPPORT – ANEXO A e B). Esse procedimento foi efetivado, menos com um dos participantes que foi assassinado.

Dois entrevistados encontravam-se em situação de reclusão, sob custódia da Justiça. Formulei requerimento escrito, obtendo a autorização das respectivas Autoridades Judiciárias e dos Diretores dos Estabelecimentos Penitenciários para a realização das entrevistas, sendo que eles não tiveram acesso às informações (ANEXOS C, D, E, F, G e H).

Como, nas falas cedidas pelos participantes, poderia haver narrativas de práticas criminais, o que, de fato, acabou ocorrendo, temas compartilhados apenas pelo grupo daquele universo, para não ferir os princípios éticos constantes das legislações vigentes, com embasamento na literatura (MORSE & PEGGY, 1995, p.63-64), minha orientadora e eu optamos por um consentimento verbal, que era obtido do entrevistado através de gravação, como sugerem as autoras acima citadas para situações semelhantes. Só então, após gravado o consentimento informado, iniciava-se a entrevista. Na fala de um dos entrevistados, “*a gente SÓ tem a palavra (...) a única coisa num tem outra coisa né um:: malandro um bandido num assina documento né? ele simplesmente fala “é isso” e “é isso” e aquilo ele tem que fazê valê*” (E7 – 39 anos).

4.2.2 - Convite aos sujeitos que participaram da pesquisa

Os sujeitos foram intencionalmente escolhidos e convidados a participar do estudo, tendo em conta sua “... *vinculação mais significativa para o problema a ser investigado*”(MINAYO, 1995, p. 43).

O prévio conhecimento e meu relacionamento profissional¹ com parcela da população adequados à presente pesquisa, facilitaram-me o acesso ao campo e aos sujeitos, sendo critérios para sua inclusão no estudo:

¹ Sou Procuradora do Estado em exercício na Assistência Judiciária Criminal (Defensora Pública) e, ao longo dos últimos anos, tenho atuado na área Criminal na Vara da Infância e Juventude na Comarca de Ribeirão Preto, bem como, na Coordenadoria da Funap em Assistência Judiciária aos presos.

- envolvimento prévio com o “tráfico de drogas”;
- consentimento em participar da pesquisa, após a apresentação dos objetivos e a garantia de anonimato, e sigilo em relação à autoria das respostas dadas nas entrevistas;
- fluência verbal e falas significativas, observadas nos meus contatos profissionais anteriores;
- autorização para a gravação das entrevistas e a utilização delas para fins exclusivos da pesquisa.

No exercício de minhas atividades, estou em contato permanente com pessoas acusadas de ter praticado crimes, inclusive o de tráfico de drogas, de forma que eu já conhecia os sujeitos que escolhi e convidei para a pesquisa. Entretanto, um dos sujeitos foi indicado e apresentado por outro participante, pessoa de confiança deste.

Na escolha dos participantes, uma das opções preliminares seria convidar “médios” ou “grandes traficantes” e desprezar os “pequenos”. No entanto, percebi que convidar aquele que se encontra em grau de “hierarquia” superior de uma organização, que parece “saber mais” sobre o problema estudado, em detrimento daquele que está nos níveis inferiores, não iria constituir garantia de boas entrevistas pois, às vezes, é o “pequeno” que proporciona as falas mais ricas em dados.

Assim, levei em conta a vinculação significativa com o problema a ser investigado, com ênfase na confiabilidade e lealdade do sujeito a ser entrevistado perante minha pessoa, já estabelecida, anteriormente, na convivência e no transcorrer de minha atividade como advogada.

Segundo Zaluar, por ser uma área sensível, o acesso e a confiança dos sujeitos constituem dificuldades para se investigar profundamente a criminalidade. *“Como chegar até eles, como fazê-los falar sobre suas vidas tão secretas porque tão condenadas socialmente e tão reprimidas institucionalmente?”* (ZALUAR, 1994, p. 202).

Ao fazer o convite a um dos entrevistados, ele perguntou: *“mas você vai me ver nu?”* Respondi que sim. Disse que ele não precisaria se preocupar, porque eu não iria violentá-lo. Houve risos. (fala registrada pela pesquisadora em notas de diário de campo). Naquele momento, foi a resposta que encontrei, para quebrar alguma tensão.

O mesmo sujeito, durante essa conversa, disse que as pessoas que estavam em atividade, ou seja, traficando drogas, dificilmente, iriam aceitar o convite. Aceitariam somente se me conhecessem e tivessem muita confiança em mim.

A explicação para isso foi a de que a minha presença ou o meu contato poderiam representar uma ameaça à segurança física e pessoal do sujeito. De algum modo, a minha presença poderia atrapalhar a atividade ilícita do sujeito; poderia chamar a atenção da Polícia ou, então, poderia acontecer de, logo após o contato comigo, o sujeito vir a ser preso, então ele atribuiria sua prisão à minha presença.

O convite foi feito diretamente aos sujeitos por meio do *Rapport* (ANEXO A), no qual foram explicados os objetivos da pesquisa, os temas abordados, o caráter voluntário da participação, o sigilo em relação às informações e, a possibilidade de desistência da entrevista. Outrossim, foi explicado que as entrevistas seriam gravadas e que não haveria registro de nenhum dado que pudesse identificar o participante.

4.2.3 - Participantes

Foram sujeitos deste estudo sete homens, com idades entre 27 e 60 anos, que têm ou já tiveram envolvimento no tráfico de drogas, na cidade de Ribeirão Preto e região, descritos no Quadro 1, a seguir. A previsão inicial era de 8 participantes. Entretanto, uma vez que a pesquisa qualitativa não se norteia em critérios numéricos, a fim de garantir sua representatividade, essa previsão foi alterada a medida que *“uma amostragem ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões”* (MINAYO, 1998, p. 102). Utilizei-me da reincidência dos dados, como momento para cessar a coleta de dados.

Procurei preservar a identificação dos entrevistados. Por isso, a descrição dos participantes do presente estudo (Quadro 1) está sendo apresentada de forma limitada, tendo em vista a peculiaridade do assunto, bem como os princípios éticos, que fundamentam os procedimentos científicos, que envolvem pesquisa com seres humanos, que asseguram a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem.

No entanto, mediante dados obtidos nas entrevistas e nas anotações realizadas em diários de campo, pude elaborar uma caracterização dos participantes,

contemplando a idade; o tipo de droga comercializada; a idade em que iniciou o envolvimento com o tráfico de drogas, o ano correspondente; e, ainda, a situação atual de cada um deles. O Quadro 1 é apresentado a seguir.

Com relação ao grau de escolaridade, vale referir que, dos sete entrevistados, cinco deles interromperam sua formação escolar, sem concluir o primeiro grau e os outros dois concluíram o primeiro grau.

Outra característica observada nos relatos dos participantes é o fato de residirem em bairros de periferia ou serem oriundos de favela; são pessoas de classes populares. Segundo ROMANELLI (1997, p. 26), a “*noção de classes populares tem sido utilizada para designar a população pobre dos centros urbanos, caracterizada pela precariedade de condições de vida*”. Naquele espaço, desde crianças, os entrevistados já estavam em contato, embora indireto, com o tráfico de drogas. Eles foram criados no meio.

Não estou considerando com isto que só há tráfico de drogas nos bairros populares ou que ali morem todas as pessoas que praticam essa atividade ilícita. Ao contrário, alguns autores afirmam que “*os dez maiores traficantes de cocaína do Brasil, até maio de 1996, eram quinze empresários paulistas e cariocas que afundaram com o plano Color – e agora usam suas antigas empresas como fachadas para mascarar o tráfico*” (ARBEX & TOGNOLLI, 1996, p. 42). Há cerca de dois anos, uma matéria veiculada no jornal “A Verdade” trouxe a notícia de que foi apreendida quantidade considerável de entorpecente em uma residência no Alto da Boa Vista, bairro das camadas sócioeconômicas altas da cidade¹. Entretanto, como a repressão policial se concentra quase que exclusivamente nos bairros da periferia, seus moradores acabam sendo a parte mais visível nessa rede de relações. São tais pessoas os participantes do estudo.

¹ “A Verdade”: Dipe apreende 7 Kg de cocaína e 25 de maconha, Rib. Preto, p. 9, 6 novembro 2002.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

ENTREVISTADO E PERÍODO DA ENTREVISTA	IDADE	TIPO DE DROGA COMERCIALIZADA	INGRESSO AO TRÁFICO ANO OU PERÍODO CORRESPONDENTE	SITUAÇÃO ATUAL DOS ENTREVISTADOS	NÚMERO DE ENTREVISTAS E DURAÇÃO- GRAVAÇÃO
E 1 Agosto/01	31 anos	Cocaína	18 anos 1988	Assassinado	Duas entrevistas 3 h.
E 2 Out./01 – Mai./02	60 anos	Maconha e Haxixe	18/19 anos 1960/1961	Trabalhando	Seis entrevistas 7 h. e 24 min.
E 3 Junho-Julho/02	27 anos	Cocaína	17 anos 1992	Preso	Duas entrevistas 1 h. e 38 min.
E 4 Jul./02 – Ago./02	29 anos	<i>crack</i>	19 anos 1992	Trabalhando	Três Entrevistas 3 h. e 10 min.
E 5 Ago./02 – Set./02	31 anos	<i>Crack</i> , cocaína e haxixe	16/17 anos 1987/1988	Trabalhando	Quatro entrevistas 5 h. e 47 min.
E 6 Setembro/02	50 anos	Transporte de drogas	17/18 anos 1969/1970	Trabalhando	Duas entrevistas 1 h. e 50 min.
E 7 Set./02 e Jul./Ag/04	39 anos	Maconha	14 anos 1977/1978	Preso	Quatro entrevistas 2 h. e 20 min.
TOTAL 23 Entrevistas					25 h. e 09 min.

4.3 – Instrumentos e coleta de dados

Considerando que o objetivo deste estudo é o de melhor compreender as percepções e concepções dos participantes em relação ao tráfico de drogas, foram escolhidas múltiplas estratégias de investigação, buscando maior aprofundamento e abrangência para compreensão do objeto de estudo (MINAYO, 1998).

A entrevista semi-estruturada foi a estratégia dominante para a coleta de dados, associando-se ao registro de campo (BOGDAN & BIKLEN, 1994; TRIVIÑOS, 1992 e MINAYO, *Op.cit.*), assim como, narrativas fortuitas.

Instrumento principal – a entrevista

A entrevista possibilita “... *recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo*” (BOGDAN & BIKLEN, *Op.cit.*, p. 134). Segundo Minayo:

“o que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas” (MINAYO, *Op.cit.*, p.109).

O roteiro semi-estruturado foi construído em função dos temas e subtemas contemplados nos objetivos do estudo, visando garantir a obtenção do conjunto de informações, para que se atinjam todos os objetivos previstos. “*Dele constam apenas alguns itens que se tornam indispensáveis para o delineamento do objeto, em relação à realidade empírica ...*” (MINAYO, *Op.cit.*, p 99).

Neste tipo de entrevista, é possível obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, em contrapartida às entrevistas abertas (BOGDAN & BIKLEN, 1994). Dado seu caráter flexível, também permite aos sujeitos responderem de acordo com sua perspectiva pessoal, além de possibilitar a obtenção de profundidade quanto às respostas e à riqueza de informações.

Realização das entrevistas

Foram realizadas vinte e três entrevistas individuais, com sete participantes, no período de agosto de 2.001 a setembro de 2.002, e julho a agosto de 2.004, perfazendo um total de vinte e cinco horas e nove minutos de gravação, com a utilização de um pequeno gravador e fitas de audiocassete. A previsão inicial era de que fossem realizadas de 2 a 3 entrevistas com cada participante, com duração de aproximadamente 60 minutos cada uma. No entanto, esse número foi alterado até que se obtivesse “*a compreensão geral das perspectivas sobre o tópico*” (BOGDAN & BIKLEN, *Op.cit.*).

No transcorrer da pesquisa, na fase das análises dos dados, quando do tratamento dos dados obtidos e interpretação do objetivo concernente às concepções sobre a estrutura e a organização do tráfico de drogas, sobre os atores envolvidos e os papéis desempenhados, notei algumas dúvidas de minha parte, com relação a certos dados advindos das falas dos entrevistados. Assim, nos meses de julho e agosto de 2.004, retornei a campo e realizei duas entrevistas, a fim de confirmar os dados e obter uma compreensão melhor do tema.

Cinco entrevistados encontravam-se em liberdade; desse modo, procurei realizar as entrevistas em suas residências, o que foi proposto e aceito por eles. O procedimento foi adotado após reunião com a orientadora, o que favoreceria uma aproximação desvinculada do atendimento prisional. Um dos entrevistados solicitou que as entrevistas fossem realizadas em outro local, justificando a simplicidade de sua casa. Um amigo, advogado, ofereceu seu escritório, inclusive fornecendo as chaves do mesmo. Assim, as entrevistas foram ali realizadas, fora do horário de expediente. Uma entrevista foi feita na sala da orientadora, na USP, pois o

entrevistado, naquele dia, estava sendo perseguido pela Polícia e disse que queria me resguardar.

Dois entrevistados encontravam-se presos, assim, as entrevistas foram realizadas nos respectivos estabelecimentos penais.

A realização das entrevistas, no interior de estabelecimento penal, foi cercada de algumas dificuldades e limitações, cuja menção, a meu ver, é de extrema importância. A primeira delas diz respeito à figura do preso, pois, uma vez em situação de reclusão, a pessoa coloca-se em outro universo, regido por normas diferentes, muito comuns às instituições fechadas. Na minha experiência como advogada, pude notar que, de modo geral, os presos ficam preocupados em permanecer muito tempo longe de suas celas e do convívio com os demais, conversando com os advogados ou realizando qualquer outra atividade (atendimento médico, odontológico etc.). Isto porque, logo, pode surgir uma desconfiança por parte dos demais presos: ele poderia estar denunciando alguma “coisa errada”. Com relação aos familiares, não havia esse problema.

Certa feita, levei um estagiário da Procuradoria do Estado para visitar um colega seu que estava preso. Na visita, o preso pediu ao estagiário que não fosse muito lá, porque se acontecesse de os demais presos estarem, por exemplo, cavando um túnel para uma futura fuga, e essa ocorrência fosse descoberta pela Direção da Cadeia, ele, o preso, por ter ido conversar com outra pessoa, poderia ser acusado pelos demais de delação da tentativa de fuga. Na fala de um dos entrevistados, se alguém faz uma entrevista pela manhã, à tarde toda a população carcerária já está sabendo. Além disso, falou que uma pessoa ali dentro (presa) pode escrever uma carta, comentando que “fulano está dando entrevista”, e a notícia pode chegar em outras penitenciárias ou cadeias, o que pode não ser bom para o entrevistado. Mencionou, por fim, que o preso fica ali conversando, mas preocupado, porque os demais presos, tanto da mesma cela quanto de outras, vão querer saber - quando ele voltar para a cela - o que ele falou.

Como os dois participantes que se encontravam presos alegaram que “*esta história de preso não poder sair para conversar estava mudando*” e, como eles aceitaram a proposta de realizar as entrevistas mesmo presos, assim procedi. Um dos entrevistados encontrava-se preso na Cadeia Pública de Vila Branca (hoje,

Penitenciária Feminina de Vila Branca) e o outro na Penitenciária de Ribeirão Preto. Durante a realização das entrevistas e, mesmo antes, contei com o auxílio e apoio dos diretores dos respectivos estabelecimentos penais, sendo que o Diretor da Cadeia Pública de Vila Branca permitiu que eu permanecesse a sós com o entrevistado e, também, que ele ficasse sem as algemas. Na Penitenciária de Ribeirão Preto, os detentos podem conversar com os advogados sem estarem algemados. O Diretor de Segurança e Disciplina concedeu a melhor sala de que dispunha, a dele, para a realização das entrevistas. Nenhum deles fez exigências quanto ao dia e horário para a realização das entrevistas. Entretanto, levando em conta a peculiaridade da situação de reclusão e as normas internas entre os próprios presos, eram os participantes que determinavam o dia e o horário das entrevistas.

Não obstante, mesmo contando com o empenho dos diretores dos estabelecimentos penais, percebi limitações ao realizar as entrevistas. Não raro, as entrevistas eram interrompidas, pois os funcionários precisavam entrar nas salas, ora para pegar algum objeto ora para me transmitir algum recado, sem contar com o barulho externo que, no momento da realização da entrevista, não era tão notado, mas que, por ocasião das transcrições, prejudicou um pouco.

Nas primeiras entrevistas, percebi certa ansiedade de minha parte, a qual se dissipou no transcorrer das demais. Fatores importantes no procedimento foram a familiaridade com o tema, o conhecimento e a confiança estabelecida anteriormente entre mim e os entrevistados. Minayo considera que:

“no caso da pesquisa qualitativa, ao contrário, o envolvimento do entrevistado com o entrevistador, em lugar de ser tomado como uma falha ou um risco comprometedor da objetividade, é pensado como condição de aprofundamento de uma relação intersubjetiva. Assume-se que a inter-relação no ato da entrevista contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências, e a linguagem do senso comum, e é condição ‘sine qua non’ do êxito da pesquisa qualitativa” (MINAYO, 1998, p. 124).

Os participantes mostraram-se bem à vontade e, em alguns momentos, a entrevista se assemelhava a uma conversa entre amigos.

Zaluar, antropóloga e cientista social, que estuda a violência ligada ao tráfico de drogas, há mais de vinte anos, menciona que, no início, enfrentou pessoalmente “*dificuldades muito grandes para pesquisar as quadrilhas, em virtude de ser mulher, da classe média, branca e intelectual*” (ZALUAR, 1994, p. 202).

No transcorrer da coleta de dados, percebi que o fato de eu ser mulher não ocasionou nenhuma dificuldade ou limitação para a pesquisa. Ao indagar a um dos participantes se havia diferença em ser ele entrevistado por uma pessoa do sexo feminino ou do sexo masculino, se isso tinha interferência, ele assim respondeu:

“tem Dra. sobre o homem e sobre a mulher no problema de entrevista...compreende? eu jamais daria essa entrevista ou uma conversa sobre muitos assuntos com o bicho homem

A: por que?

E2: olha Dra. é:: é uma coisa muito muito engraçada eu estou conversando dando uma entrevista com a Sra. hoje eu vou dormir TRANQUILO porque eu sei que amanhã ou depois de amanhã a Sra. não estará numa mesa de um BAR comentando aquilo que a Sra. fez...e infelizmente muitos entrevistadores ou pessoa que quer entrevistar ou a pessoa que quer fazer uma reportagem eles levam pelo lado errado das coisa o lado errado é o que eu tô dizendo prá Sra. ela procura catá aquilo...às vezes num precisava nem ser sigilosa...num precisava ser sigilosa mas já que foi feita em sigilo vamos manter o sigilo num precisa tá:: ah:: borrando como se fala na gíria todas palavras que a pessoa falou “--é porque é isso e aquilo” e a mulher principalmente Dra. o senso de responsabilidade dela é muito mais maior do que a do homem viu Dra. muito mais eu prefiro dar uma entrevista para uma repórter...prá uma repórter até brinco e cação com repórter eu já vou com a cara mais amarrada Dra...é porque eles tentam tentar eles tentam induzir a gente a falar coisas que a gente não quer --eu acho que a Sra. entende o que eu quero dizer? o bicho homem a mulher ela sendo mais maleável e a gente sabendo que não tem problema a gente se abre mais à vontade Dra. existe uma diferença muito grande Dra. existe” (E2 – 60 anos)

Alguns entrevistados, quando o gravador estava desligado, chegaram a confidenciar intimidades relacionadas com os seus sentimentos, narrando acontecimentos envolvendo namorada ou esposa.

Mesmo tendo familiaridade com o tema, o conhecimento e a confiança tendo sido estabelecidos anteriormente com os entrevistados, que se mostraram à vontade, mesmo assim, enfrentei alguns embaraços durante a realização das entrevistas. Em

certos momentos, tive a impressão de que eu não estava me fazendo entender, como exemplifica o trecho da transcrição do diálogo que segue.

*“A: vamo falá aqui sobre os códigos de ética no tráfico
 E5: isso... a senhora me dá uma recordadinha agora (...) porque às vezes eu posso lembrá de outro nome de outra forma
 A: não/ código de ética seria assim::... as REgras
 E5: isso
 A: os códigos então por exemplo é:::... se você compra uma droga você tem que pagá:: não mexê com a mulher do pró::ximo é:: não:: não caguetá::
 E5: isso
 A: quais são o::/as as normas as as regras né que regem o::: o tráfico? (...)
 E5: é prá começá ...”.* (E5 – 31 anos)

Outra situação interessante emergiu no transcorrer de uma entrevista. O participante está narrando um fato e, ao fazer referência à pessoa de certo traficante, menciona que, como existem várias ordens de prisão preventiva contra esse traficante, ele foi embora de Ribeirão Preto para outro país. Em seguida, pergunto ao entrevistado se esse traficante fugiu. Ele diz que não, mas, pelo conteúdo da conversa, percebe-se claramente que o traficante em questão, fugiu para não ser preso. O entrevistado, também, apresenta um interessante jogo de palavras rimadas, que vale a pena citar:

*“é o xxxxx ((nome do traficante)) foi aquele que pegaram os quinhentos quilos lá em xxxxx ((nome do local))...ele tem diversos mandados de prisão aqui em Ribeirão Preto
 A: tá fugido?
 E2: não ele tá pro xxxx ((outro país)) porque ele é de lá
 A: ah:: entendi ele é de lá
 E2: ele é de lá ele veio prá Ribeirão Preto ficou muito tempo em Ribeirão Preto morou em Ribeirão Preto CASOU em Ribeirão Preto compreende? mais:: ele esse xxxxx é oriundo de um família de traficantes no xxxxx que tem muitas ROça sabe muitas ROTAS sabem demais então ele veio prá Ribeirão Preto CRESCER em Ribeirão Preto cresceu em Ribeirão Preto e cresceu demais compreende? (...) foi até aonde a polícia começou a dá muito em cima dele e aí:: é uma preventiva aqui outra preventiva ali ele sempre escapando aí (...) quando ele viu que o cerco policial prá ele aqui em Ribeirão Preto tava () ele passou a mão na família e foi embora foi pro lado de lá ((outro país))”*
 (E2 – 60 anos)

A título de precaução, no intuito de resguardar o material, após cada entrevista, foi feita uma cópia de cada fita. As fitas gravadas com as entrevistas foram transcritas integralmente. Também foram preservadas todas as características da fala, inclusive pausas, risos, gírias, hesitações, erros gramaticais, etc., que serão, posteriormente, analisados em conjunto com o conteúdo. No procedimento das transcrições das entrevistas, foram observadas as normas organizadas por PRETI (1993) (ANEXO I).

No final, as entrevistas realizadas revelaram um material riquíssimo, com quantidade de informações muito grande e, com conteúdo, até então, não observado por mim em outros estudos. Foi fascinante perceber, também, o vocabulário expresso nas falas, denotando que, embora os participantes apresentem baixa escolaridade, eles são articulados, politizados e apresentaram construções explicativas, interessantes e significativas.

Instrumentos complementares

Registro de notas em diário de campo

Na condução da pesquisa, consoante apontam BOGDAN & BIKLEN (1994), o significado e o contexto dos dados recolhidos podem ser capturados mais completamente se, como suplemento a cada um deles, o investigador escrever notas de campo que, neste estudo, constituíram-se em relatos escritos daquilo que a pesquisadora ouviu, viu, experimentou e pensou durante o transcorrer do estudo.

Segundo SCHATZMAN & STRAUSS (1973), as notas de campo, além de instrumento de coleta de dados, têm, também, a função de oferecer parâmetros para a reorientação da investigação, pois oferecem evidência negativa, conflitiva ou favorável sobre a insuficiência de evidência, demandando observações novas ou ulteriores.

Narrativas fortuitas

As conversas do cotidiano foram utilizadas como instrumento complementar na coleta de dados. Segundo MENEGON (2000), utilizar conversas como fonte de

informação, em virtude da espontaneidade, pode mostrar-se uma forma preciosa de pesquisa. Significa estar em campo durante todo o tempo da pesquisa, registrando conversas em corredores, bares, salas-de-aula, etc. Devem ser registradas durante ou logo em seguida à conversa.

Os registros de notas em diário de campo e de narrativas fortuitas foram realizados durante todo o período da pesquisa, inclusive relatos de acontecimentos, envolvendo o tráfico de entorpecentes na cidade. Eu registrava as anotações em papéis, ou em um caderno pequeno, que sempre me acompanhava e, depois, digitava o que ali fora anotado.

4.4 - Procedimentos para análise dos dados

A análise qualitativa, desenvolvida no presente estudo, baseou-se nas técnicas de Análise de Conteúdo Temático, nas quais, segundo BARDIN, 1979 *apud* MINAYO (1998, p. 208), o *‘... tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura’*, que, no caso, foi a abordagem compreensivista e interpretativista, referencial teórico a apoiar as análises.

É o tipo de abordagem que permite ao pesquisador, partir não de alguma “teoria específica” ou explicativa, mas de questionamentos e pressupostos que visem à compreensão do universo estudado; no caso, o tráfico de drogas, a partir das percepções e concepções dos próprios atores envolvidos, os traficantes. Essa perspectiva resultou adequada e subsumiu-se perfeitamente aos objetivos propostos no estudo, tornando possível a compreensão de dimensões, até então desconhecidas, do universo que representa o tráfico de drogas. Vale frisar que o conjunto de técnicas possíveis, advindas da análise de conteúdo temático contribuíram sobremaneira para a compreensão.

Como, na abordagem qualitativa, é possível o acesso ao campo e aos entrevistados, mesmo após a saída de campo, assim procedi, uma vez que, no transcorrer da análise do tema “Estrutura e Organização do Tráfico de Drogas”, tive

algumas dúvidas com relação a certos dados colhidos. Realizei mais duas entrevistas, buscando melhor entendimento do tema.

Nas análises, considerei todos os dados obtidos nas entrevistas, nas notas de campo e nas narrativas fortuitas. Após as transcrições das entrevistas, instrumento principal, o material digitado proporcionou cerca de seiscentas laudas digitadas.

Observei as seguintes etapas indicadas por Minayo (1998):

1º) A **Pré Análise** que consistiu na escolha dos documentos a serem analisados. Após as transcrições das fitas cassetes das 23 sessões de entrevistas com os sete participantes, realizei a releitura do material por diversas vezes, com o objetivo de fazer, primeiro, o levantamento dos temas identificados;

2º) A **exploração do material:** consistiu na organização dos relatos e das narrativas fortuitas, como início de um processo classificatório;

3º) O **Tratamento dos dados obtidos e Interpretação:** nesta etapa, os dados brutos, já trabalhados desde a pré-análise, mediante leitura exaustiva dos textos, foram analisados e destacados para elaboração de categorias, como se fossem gavetas “*onde cada assunto, tópico ou tema é cuidadosamente separado e guardado*” (MINAYO, *Op.cit.*, p. 236).

Assim me foi possível obter informações sobre “*as características dos fenômenos sociais que se analisam*” (TRIVIÑOS, 1992, p.162). Finalmente, os dados obtidos foram confrontados com o que os diferentes estudos apresentam como possíveis interpretações, sendo, então, analisados com maior profundidade.

Percorrer todas essas etapas propiciou-me uma viagem fascinante, não só pela natureza do tema, tão intrigante, tão desconhecido e comentado e que desperta a curiosidade, mas, também, pela riqueza das falas dos entrevistados, por ter sido agraciada com a confiança de pessoas tão desconfiadas. Do mergulho nesse universo, resultou um material extenso, que procurei preservar, no intuito de subsidiar programas de promoção de cidadania e, também, colocar à disposição de outros estudos.

A disposição das categorias foi montada a partir dos relatos dos entrevistados, como, também, as suas denominações. Optei por utilizar o máximo possível os termos e palavras cedidas pelos participantes em suas entrevistas, visando transmitir o mais próximo possível a representação do tema pesquisado.

5 - O CAMPO DE ESTUDO

Conhecer, sob o ponto de vista dos agentes participantes percepções e concepções em relação ao tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto e região, remete-nos a um campo muito vasto. O espaço físico onde os participantes se entregam às suas atividades – o tráfico de drogas pode se dar numa trajetória que compreende desde o local em que está sendo feita a plantação ou confecção da droga até o local da entrega ao consumidor, ou melhor, “boca de fumo” ou “boca”, no linguajar daquelas pessoas. Àqueles espaços físicos, o acesso é praticamente impossível.

No presente estudo qualitativo, interpretei o campo, como proposto por Minayo, como sendo “*o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação*” (MINAYO, 1998, p. 105). Segundo a autora, a pesquisa social trabalha com gente e essas pessoas, no campo, constituem uma relação de intersubjetividade com o pesquisador, proporcionando um processo de construção científica.

5.1 – Caracterização do Campo

A cidade de Ribeirão Preto e região¹

A cidade de Ribeirão Preto, localizada na região nordeste paulista, conta com uma população de 505.012 habitantes e é sede da 6ª Região Administrativa e Região de Governo do Estado de São Paulo. No contexto econômico, insere-se em uma região que se destaca pela alta produtividade de suco de laranja, açúcar, soja, milho,

¹ Dados fornecidos pelos Instituto de Economia “Maurílio Biagi” – ACI de Ribeirão Preto.

café e álcool. O agronegócio resulta em colocar a região (85 municípios) como a maior produtora mundial de cana-de-açúcar, açúcar e álcool; a maior área, na América Latina, irrigada artificialmente; a maior produtora e exportadora de suco de laranja do País. Estima-se que a cidade possua 2 habitantes em média por veículo. É região que produz, consome e presta serviços.

Neste espaço, já chamado de “Califórnia Brasileira”, registra-se um paradoxo que diz respeito a certa forma peculiar de morar: a favela. Pelos dados fornecidos no primeiro semestre de 2002, pela Secretaria de Planejamento e Gestão Ambiental da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (MAPA – ANEXO J), a cidade possui 30 favelas. Chama atenção, também, a quantidade de pessoas com baixa renda familiar. O mapa (ANEXO K), confeccionado na mesma secretaria, através de dados fornecidos pelo Censo IBGE – 1991, reproduz a distribuição da população por renda de chefe de família. A cor azul, representada por famílias cujo chefe percebe renda mensal de até três salários mínimos, é predominante, e ocupa os maiores espaços na cidade.

Permeando tal cenário, a cidade também é apontada como parte da “rota caipira” da droga no País; destaca-se como sendo uma das cidades do Interior paulista, na qual atuam grandes traficantes de drogas, que se utilizam de empresas como fachadas para mascarar o tráfico (ARBEX & TOGNOLLI, 1996).

O tráfico de drogas

Universo inóspito, com códigos de valores próprios, o submundo do crime constitui um dos grandes desafios da pesquisa social. O acesso ao campo é dificultado pela própria inerência da atividade ilícita, que envolve segredos e temas proibidos, compartilhados apenas pelo grupo desse universo. Como disse um dos entrevistados *“o tráfico exige uma certa disciplina, uns determinados preceitos e alguns segredos a serem mantidos”*. (E7 – 39 anos). Além disso, conta com códigos lingüísticos e estruturas socioafetivas também distintos. Segundo Zaluar, o tráfico *“flui por meio de relações interpessoais baseadas no segredo, na confiança sempre posta à prova, no conhecimento das pessoas e nos acordos tácitos...”* (ZALUAR,

1998, p. 211). Ou ainda, nas palavras de BARBOSA (1998, p. 15), constitui-se em “..um meio que opõe severas barreiras à presença de estrangeiros ou curiosos”.

A melhor oportunidade para encontrar os sujeitos que representam esse universo é o momento em que eles estão presos. Em cativeiro, eles conduzem os seus códigos, acrescentando outros. É oportuno mencionar que os valores de um homem preso, às vezes, são absolutamente distintos dos daquele que se encontra em liberdade. Em um dos meus atendimentos, na Cadeia Pública de Vila Branca, um preso, condenado por tráfico de drogas, perguntou se eu poderia providenciar para ele a cópia integral de seu processo. Como ele possuía advogado particular, eu respondi que não poderia e que ele deveria solicitar ao seu advogado. Ele insistiu, reclamando que já havia pedido para várias pessoas e ninguém lhe fornecia o material. Durante a semana, providenciei a cópia e, no outro atendimento, entreguei-lhe a fotocópia de seu processo. A expressão de felicidade desse preso foi indescritível. Ele segurava aqueles papéis como se fossem objeto muito precioso. Feliz, disse-me: “Dra. Ana Lúcia, antes eu já confiava na senhora, a partir de hoje, ainda mais. A senhora é uma das poucas pessoas em quem eu confio”.

A prisão permite o acesso ao campo como, também, proporciona a ocasião para que seja conquistada a confiança dos sujeitos.

5.2 – Aproximação do campo

Em junho de 1990, mediante concurso público de provimento de cargo, ingressei na Procuradoria do Estado de São Paulo. O Procurador do Estado é um advogado do Estado e exerce a representação judicial e a consultoria jurídica de seu Estado. No exercício de suas funções, desempenha atividades em diversas áreas, e, no Estado de São Paulo, é o Procurador do Estado quem desempenha a orientação jurídica e a defesa dos necessitados, daqueles que não podem pagar advogado, em outras palavras, é ele quem desempenha a figura do Defensor Público, chamada de Assistência Judiciária.

Durante esses anos, venho exercendo a Assistência Judiciária aos necessitados, precipuamente na área criminal, e, em maio de 1996, fui nomeada para exercer a

Coordenadoria do Serviço de Assistência Judiciária ao Preso. Quando iniciei nessa atividade, a cidade de Ribeirão Preto contava apenas com a Cadeia Pública de Vila Branca, com capacidade para abrigar cerca de cento e noventa detentos, mas que chegou a ter uma população carcerária de aproximadamente oitocentos presos. Não havia advogados para coordenar, então, lancei-me ao desafio e passei eu mesma a realizar o serviço de assistência jurídica ao preso.

No início, perante as autoridades e funcionários, minha presença não era bem vista. Eles não entendiam o que eu estava fazendo lá, porque, até então, ninguém havia se interessado em realizar alguma atividade jurídica em favor do preso. Por outro lado, no fundo, eu estava trazendo mais serviço para os poucos funcionários, pois, para o atendimento, havia a necessidade de algemas e escolta para transportar o preso até a sala do atendimento. Havia, algumas vezes, a hostilidade verbal: “bandido tem mesmo é que mofar na cadeia”; “o que que uma pessoa bacana como a Sra. tá fazendo aqui?”. Com o decorrer do tempo, eles perceberam que a atividade estava trazendo um ambiente melhor para o preso e para a cadeia também. A partir daí, estabeleceu-se uma relação harmônica entre todos, advogada, preso e funcionários da cadeia.

Os fatos acima relatados mostram que a presente pesquisa foi precedida de convivência com presos e com pessoas que estavam sendo acusadas de terem praticado um crime. Dentre elas, boa parcela dos sujeitos que estão participando do estudo. Essa experiência permitiu-me, entre outros fatores, compreender, “de dentro”, alguns significados particulares, característicos daquelas pessoas.

No exercício de minhas atividades, sempre procurei deixar claro que minha postura, minha posição é a da defesa. Embora a sociedade nos tenha levado a hipostasiar o ato criminoso, aprendi que um advogado defende direitos, não defende a pessoa. Então, eu não poderia me aproximar do réu com reservas ou com objeções, em virtude do que ele provavelmente tivesse cometido. No intuito de propiciar uma defesa decente, acabei conquistando a confiança de algumas pessoas inseridas nesse universo.

Percebi que a questão da “confiança” revelou-se fator muito importante para a concretização desta pesquisa. Um dos entrevistados refere o motivo pelo qual aceitou participar do estudo. O diálogo, a seguir, denota sua percepção sobre o tema:

“A: por que que o Sr. aceitou essas entrevistas? o que leva uma pessoa a falar sobre esses assuntos? ou essas conversas que nós estamos tendo o Sr. teria com outras pessoas?”

E2: não Sra. não teria /Dra. a Sra. vê Dra. que QUANdo nós conversamos sobre as entrevistas Dra ...eu a primeira coisa que eu disse prá Sra. minhas portas estão abertas estou recebendo a Sra. de BRAÇOS aberto uma por causa da confiança /Dra. como eu confio na Sra. e outra eu sei a guerreira que a Sra. é e sei o trabalho que a Sra. procura fazer...então:: eh são esses tipo de pessoa --a Sra. não quer fazer um trabalho prá ter NOME a Sra. quer fazer um trabalho prá mostrar a realidade do hoje isso é muito gratificante Dra. a gente poder conversar com a Sra. ...

A: eu acho que quando eu for apresentar esse trabalho a primeira pergunta que vão fazer mais é:: ... como que/como que:: eu

E2: conseguiu

A: que a pessoa me falasse deu pro Sr. entender?

E2: deu perfeitamente Dra. é por causa da CONFIANÇA que eu tenho na Sra. Dra. porque:: (...) a confiança em primeiro lugar porque existe aqueles dois tipos de responsabilidade que eu disse prá Sra. compreende? então jamais jamais mesmo Dra. se eu não tivesse confiança na Sra. jamais nós estaríamos conversando eu ia tratar a Sra. sempre BEM a Sra. tá me entendendo? mas jamais eu falaria muitas coisas compreende? que eu tô falando prá Sra. a Sra. vê eu tenho hoje sessenta anos de idade eu conheço crime há quarenta anos dos vinte anos prá cá eu estou no crime ou eu estava trabalhando tava no crime ou estava só no crime então há quarenta anos eu conheço o crime...certo? então eu sou uma pessoa que eu olho eu enxergo e quando a minha a minha compreende? vai com a da outra --já era a confiança que eu tenho já era Dra. compreende? porque eu sei com quem eu estou conversando e lidando ...

A: há relatos em livros que a pessoa quando ela é do crime só de olhar ela

E2: sabe

A: ela já sabe ?

E2: sabe

A: como que a pessoa adquire isso?

E2: olha Dra. é um dom todo especial de quem sofre Dra....ou de quem já sofreu esse é um dom especial...Dra.o mundo do crime é igual o mundo da fome...a pessoa sabe quando aquela pessoa chegô prá matá a fome dela e sabe quando aquela pessoa chega compreende? só prá prá:: fazer aquelas reportagens:: (...) prá enganá a pessoa é enganosa...então:: existe esses dois lados então Dra. a gente sabe a gente já conhece disse e repito outra vez o mundo do crime é que nem o mundo da fome...a gente sabe quando a pessoa é honesta e sincera com a gente e a gente sabe quando a pessoa é fiel com a gente acho que a Sra. tá me entendendo o que eu quero dizer? compreende Dra.? e a gente sabe quando a pessoa tem a RESPONSABILIDADE de fazer as coisas então a gente enxerga tudo isso na pessoa num precisa muita coisa Dra. então o mundo crime é que nem o mundo da fome a gente sabe quando a pessoa vai chegá prá matá a fome da gente...” (E2 – 60 anos)

Durante a realização de uma entrevista, um dos participantes, em suas percepções sobre determinado assunto, espontaneamente expressou, sua opinião, falando como eu, enquanto Procuradora do Estado, advogada, conquistara sua confiança. O trecho do relato, a seguir transcrito, exemplifica isso:

“...é a humildade é a compreensão isso aí o sucesso de qualquer um depende disso entende? pode tá no trá::fico a senhora advogada qualquer um...num adianta sem humildade a senhora vê a senhora conquistô aí nós aí de que jeito?...é a atença::o a senhora senhora num traiz dinheiro prá nós ? a senhora num [traiz nada pra nós

A: não...não nem posso

E3: não mas nem se a senhora pudesse se a senhora quisesse num foi dessa maneira qui a senhora conquistô nós foi cum palavra foi cum papel aí de í lá levá prá nós lá foi numa atenção...é assim... num foi cum dinheiro”

(E3 – 27 anos)

Posteriormente, indaguei a alguns participantes como eu consegui conquistar a confiança deles. As respostas, a seguir transcritas, ilustram seus pontos de vista:

“a confiança foi da::da a doutora Ana Lú::cia porque ela sem::pre trabalhou em prol de nós reeducandos sempre mostrou a verdadeira história nossa e::: resolvi contribuir para com ela (...) por causa da honestidade da doutora Ana Lúcia pelo trabalho que ela sempre vem desenvolvendo em prol do de nós reeducandos...é o trabalho excelente que a senhora faz:::...um trabalho digno direito de honestidade e que ganhou a nossa confiança e por causa disso eu me prontifiquei a fazer/a ajudar nesse trabalho” (E2 – 60 anos)

“A: aí::: eu preciso explicar::: no meu traba::lho...porque eles perguntam::: como

E7: como você conseguiu

A: a confiança

E7: você conseguiu a confiança através do seu trabalho lícito ajudando sempre as pessoas nun:::ca virando as costas pros presos...compreendeu então as pessoas viu que tinha alguém sé:::ria compreendeu que não quer trazer complicações mas quer trazer explicações qué/qué/qué::: qué descobrir novas idéias novos mé:::todos que venha facilitar pra todo mundo mas você conseguiu através de seu trabalho desenvolvido COM o próprio preso...por nunca ter quebrado um/um/um voto de confiança por sempre ter tido ética compreendeu com ambos os lados você nunca nem/nem fez coisa errada nem prum lado nem pro outro então através disso daí você conseguiu

essa/essa/essa confiança porque se não outra pessoa não conseguiria... isso aí é por você mesma...” (E7 – 39 anos)

Ao mesmo tempo em que exercia minhas atividades profissionais, por intermédio do Juiz de Direito, Dr. Paulo César Gentile, e do Promotor de Justiça, Dr. Luiz Henrique Pacini Costa, fui apresentada à Professora Rosalina Carvalho da Silva, que coordenava grupo de pesquisa com internos da FEBEM de Ribeirão Preto. Em 1999, iniciei um estágio junto a esse grupo de pesquisa, quando travei meus primeiros contatos com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto, o que culminou no presente estudo.

6 - AS RAZÕES QUE LEVAM UMA PESSOA, PRINCIPALMENTE O JOVEM, A SE ENVOLER NO TRÁFICO DE DROGAS

Investigar as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver no tráfico de drogas remeteu-me a um exercício de raciocínio extremamente tortuoso, por um lado, face à multiplicidade de explicações apresentadas a partir do ponto de vista dos entrevistados do estudo e, ainda, à dificuldade encontrada para classificar justificativas, muitas vezes, entrelaçadas. Por outro lado, outras vezes, me vi tentada pelas armadilhas das teorias existentes acerca das causas da criminalidade, como se me fosse possível formular generalizações, quando, na verdade, buscam-se versões possíveis para o fenômeno, negando-se, com isso, o riquíssimo material recolhido no estudo, ou seja, as falas dos entrevistados. Assim, na exposição das análises que apresentarei a seguir, procurei estar sempre próxima das palavras e termos usados por eles, utilizando-os sempre que possível, e não os muitos existentes nas teorias e na literatura, mesmo que, com isso, em alguns momentos, a técnica acadêmico científica, aparentemente, tenha sido sacrificada.

Por fim, gostaria de ressaltar e considerar que, ao justificar o que pode levar a um acontecimento, no caso, a razão que leva uma pessoa a ingressar no tráfico de drogas, o interlocutor constrói o seu argumento a partir de várias combinações, selecionando ou omitindo certos aspectos. Outras vezes, em sua explicação, o entrevistado apresenta o que BARBOSA (1998), chamou de “instante final” e não o inicial, aquele que poderia ser considerado como a razão que está sendo investigada.

Ao final, percebi que os percalços e a complexidade da tarefa não ofuscaram a intensidade e a riqueza do material recolhido. Ouvir a voz dos participantes deste

estudo revelou dimensões fundamentais para a melhor compreensão do objetivo proposto.

Indagando as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver, observei, a partir dos pontos de vista dos participantes do estudo, múltiplos motivos que podem levar alguém a envolver-se com o tráfico de drogas. As razões podem se dar isolada ou simultaneamente e, ainda, muitas vezes, elas se entrelaçam e se interpenetram. Mediante os relatos dos entrevistados, é possível perceber que, na maioria dos casos, o ingresso no tráfico de drogas é determinado por um conjunto de fatores que se articulam, restando simplista, apontar uma única causa. Essa consideração inicial, também é evidenciada por CRUZ NETO em seu trabalho acerca da inserção do jovem no tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro. Para ele, *“adotar uma resposta única e lapidar sobre as motivações que os levaram a desenvolver e a praticar essa opção constituir-se-ia uma atitude demasiadamente superficial e injusta, sobretudo diante da origem notadamente pluricausal do problema”* pois, *“os depoimentos evidenciam que as motivações imiscuem-se e interagem(...)”. O que eles relatam é a multiplicidade concomitante de várias situações de vulnerabilidade pessoal e social*” (CRUZ NETO *et al.*, 2001, p. 124 e 129).

Feitas as ponderações acima, apresento, a seguir, as categorias encontradas segundo o ponto de vista dos participantes deste estudo, ao serem investigadas as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver no tráfico de drogas.

6.1 – Escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno

A escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno é a primeira categoria apreendida por meio das falas dos participantes, e a que leva uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas. No entanto, ela se reflete em várias dimensões, ou seja, em outras subcategorias que serão apresentadas separadamente, mas, também, entrelaçadas e associadas.

6.1.1 - Desemprego

Um dos motivos referidos pelos participantes como razão que leva uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas é **a escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno, refletida no desemprego**. As falas abaixo exemplificam isso:

“..se você fô olhar pela base social tem um certo amparo né o cara tá lá desemprega::do precisa sustentá a casa e a famí::lia e tal num arranja emprego ele vai pro tráfico ...” (E5 – 31 anos)

“acho que um pouco também pela falta de oportunidade que ele tem de obter às vezes coisas que::deveriam ser básicas mas devido a:: a atual conjuntura que o país atravessa já há longo tempo já deixaram de ser básicas tipo uma camisa::ta um boné uma bermuda um tê::nis então ele às vezes naquele afã de/de ter aquilo ele:: acha que o caminho do tráfico ou do aviãozinho¹ ou da entrega ou de ficar ali na bocada² atendendo fregueis...que ele possa ganhá um:: ele acha qui::...prá ele no momento é mais vantajoso..certo? porque até mesmo porque/porque ele não tem outra chance também ele não tem um trabalho são poucos que tem né” (E7 – 39 anos)

A falta de emprego também é apontada como um dos motivos para a inserção no tráfico, no estudo de BARBOSA (1998, p. 93) e nos depoimentos a UCHÔA (1996, p. 61-62). Como observa Hélio Luz, no documentário Notícias de Uma Guerra Particular, a entrada no tráfico não é opção, é emprego. Só não é negócio para quem não é miserável. Para o miserável, é um emprego (SALLES, 1999). Para CRUZ NETO *et al.* (2001, p. 81), “no município do Rio de Janeiro, o tráfico de drogas representa hoje um verdadeiro ‘mercado de trabalho’ ilícito que movimenta imensa quantidade de dinheiro...”.

¹¹ Avião: pessoa que transporta droga de um lugar para outro em menor escala, é rápido; é aquele que vende o papel ou que leva ao conhecimento do traficante que tem uma pessoa que quer comprar.

² Bocada: é um ponto, local onde se vende droga.

6.1.2 - Ter dinheiro

Ganhar mais dinheiro do que se teria sendo trabalhador assalariado, também apareceu, na fala dos participantes, como motivo que leva uma pessoa ao tráfico:

“... só porque ela por ser comércio ilícito ela gira algum dinheiro...se os poderosos correm atrás do dinheiro cê imagina o desesperado então...se ele é um comércio ilícito que ele/ele gira algum dinheiro lógico que ele vai tê adeptos...lógico que ele vai tê assessores...não é? se os/ se é assim nas bolsas com quem corre atrás do grande cê imagina do pequeno e ele por ser um comércio ilícito e não taxado por ser ilegal...que que acontece? ele dá algum meio de subsistência...ao menos...então as pessoas vão se ajuntando ali...cê entende?”
(E7 – 39 anos)

Percebo que tal subcategoria encontra-se entrelaçada com a anterior e, também, com a subsequente. De forma que, por opção técnica, ela será analisada conjuntamente com a que se segue.

6.1.3 - Baixos salários

Outro motivo referido pelos participantes para uma pessoa se envolver no tráfico de drogas é **a ausência de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno, refletida nos baixos salários.** Em outras palavras, a limitação financeira decorrente do vexaminoso salário-mínimo vigente no País. Observe o relato a seguir, o qual exemplifica tal privação:

“ olha Dra .é diversas razões às vezes a pessoa:: se envolve no tráfico (...) prá podê tê aquilo o que ela nunca teve é diversas razões cada um às vezes tem uma razão porque ele partiu pro tráfico eu parti pro tráfico Dra. eu era trabalhador por causa da morte de um filho meu (...) eu tinha::...dezoito anos...dezoito prá dezenove anos ah e o:: o meu filho morreu morreu numa morte muito triste e aí eu não tive condições de:: de fazer o velório dele compreende? precisei pedir ajuda de terceiros – trabalhando (...) era um menino paraplégico e tinha muitos problemas ele foi internado na Santa Lídia ficou dois anos internado na Santa Lídia...e:: saiu com aparelho ficou uns oito meses aí começou a ter muita dor de cabeça foi internado na Santa

Casa...e parece que ele tinha pus no cérebro...agüentou pouco de tempo veio a falecer quando ele veio a falecer eu:: tentei fazê o enterro dele foi meio difícil Dra.eu não tinha dinheiro...fui falar com meu patrão...meu patrão não me arrumou e aí:: sempre existia aquele negócio de listinha conseguimos fazer o enterro do menino...mais aquilo me doeu Dra...eu tava trabalhando eu era trabalhador Dra...todo dia eu levantava quatro e meia da madrugada chegava em casa oito e meia nove hora da noite...mas todo dia...às vezes nós tinha folga na segunda-feira...e:: aconteceu isso...eu me revoltei Dra. aí comecei devagarzinho..compreende?(...) e eu::...eu voltei pro lado errado...porque também é um lado errado eu voltei pro lado errado...por cau::sa do problema de eu não ter UM dinheiro prá fazer um velório de um filho foi onde que eu parti pro lado errado então cada um tem às vezes uma razão porque partiu praquele lado” (E2-60 anos)

Através do relato acima, percebem-se várias mensagens subentendidas. A primeira delas é a maneira pela qual a limitação econômica pode se refletir na vida de uma pessoa. O entrevistado, na sua fala, diversas vezes menciona a frase “...eu tava trabalhando eu era trabalhador...”, chega, inclusive, a detalhar como era seu trabalho: uma situação comparável à de escravidão. O salário que recebia não lhe permitia um padrão de vida digno, capaz de suprir necessidades básicas. Outra representação construída pelo E2 em sua explicação que, à primeira vista, pareceria não corresponder à realidade, é a questão do dinheiro. Ele diz que entrou para o tráfico, porque não tinha dinheiro para fazer o velório do filho. No entanto, da sua narrativa, infere-se que ele conseguiu o dinheiro; seus amigos fizeram uma “listinha”. Mas, parece, que para ele, como o dinheiro não veio de suas mãos, de seu trabalho, ele realmente não teve o dinheiro. De qualquer forma, fica a indagação: se ele percebesse um salário decente, se ele tivesse o dinheiro, ele teria feito o velório do filho e não teria ingressado no tráfico de drogas?

Parece, também, que a doença e a morte do filho potencializaram todo um processo de vulnerabilidade, atingindo sua dignidade e auto-estima. Na fala, ele diz que o filho era paraplégico, ficou internado durante dois anos em um hospital, saiu com aparelho. Depois, foi internado novamente; provavelmente, ele tinha pus no cérebro. Todo esse processo pode ter levado o E2, com dezoito anos de idade, a uma situação limítrofe em relação à sua dignidade, honra e auto-estima. A morte do filho e o fato de ele não ter, inicialmente, conseguido o dinheiro para fazer o velório da criança, podem ter representado a gota d’água. Ele vê no tráfico de drogas, a solução

para o restabelecimento de uma situação anterior. Ele conseguira o dinheiro, mas tinha perdido outros bens que a “listinha” arrumada pelos amigos não conseguiu recuperar. Por isso, ele ainda fala em revolta.

Segundo ZALUAR, em suas pesquisas, o termo **revolta** sempre vinha associado a baixa remuneração do trabalho e foi uma palavra ouvida com muita constância. “Ela é empregada para denotar uma recusa a participar do jogo social quando as regras ou o modo de conduzi-lo ferem o sentimento de justiça ou a dignidade de quem, por isso, se ‘revolta’” (ZALUAR, 1985, p. 130).

Ao fazer referência ao jovem, esse mesmo entrevistado ainda repete:

“olha Dra. a perspectiva do jovem hoje é TRISTE infelizmente é triste então eles entram mesmo prá podê tê aquilo que eles sabem que eles não vão ter de jeito nenhum porque:: a gente vê em noticiários aí a maior parte dos jovens que estão Nisso são pessoas carente...então infelizmente eles entram nessa prá pode ter aquilo o que eles não vão conseguir TER compreende?”
(E2 – 60 anos)

Como diz VELHO, “... os jovens bandidos não se ‘conformam’ com a vida pobre em vigoroso contraste com o consumo e riqueza que vêem na televisão e na vida real” (VELHO, 1996, p. 21). Eles vislumbram, no tráfico, “a possibilidade de ter acesso aos bens de consumo tão exaltados pela mídia.” (CRUZ NETO et al., 2001, p. 81).

A mesma situação se observa através do relato do entrevistado número um, que considera a privação de rendas o motivo para seu ingresso no tráfico de drogas.

“essa decisão eu tomei pela necessidade de querê te alguma coisa que o nível social que eu conhecia não daria de forma alguma eu fui criado vendo a miséria do meu lado a fome a necessidade de crescê e...não tinha como eu antes de começá a rouba eu tentei trabalhar meu (...) pô tentei trabalhar eu trabalhei de meio oficial de funileiro” (E1 – 31 anos)

Observa BARBOSA (1998, p. 78-79) que existe “uma preocupação constante em dissociar a pobreza e a criminalidade”; anota, ainda, que não se sustenta mais a “surrada teoria” de que a pobreza constitui-se na principal razão do aumento da

criminalidade, ante múltiplas reflexões que a ela se opõem. Sem entrar no mérito da discussão, o autor contenta-se com o quanto dito nas pesquisa de Alba Zaluar, e as considerações deste estudo, também. *“Para aquelas pessoas, a solução (e não simplesmente a causa) para acabar com o crime é emprego e um bom salário”*. Nas palavras de BARCELOS (2003b, p. 34) *“o caminho começa não com a oferta de trabalho (...) porque eles já conhecem muito bem, mas um salário decente. Isso, nenhum deles conhece”*.

6.1.4 - Direitos sociais e desamparo familiar

Escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno refletida nos direitos sociais (moradia; educação; qualificação para o trabalho), bem como no desamparo familiar.

Segundo o ponto de vista da maioria dos entrevistados, um dos principais motivos que leva uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas é a falta de acesso a oportunidades para suprir necessidades básicas. Nas narrativas essas necessidades básicas, foram apontadas na forma de direitos sociais e no desamparo familiar. As observações percebidas quando da caracterização dos participantes, de que quase todos são provenientes de famílias de camadas populares, residentes na periferia ou em favelas, refletem-se nesta categoria, especificamente no tocante às condições inadequadas de **moradia**.

“ em primeiro lugar desigualdade social que:: nós...classes menos de menos poder aquisitivo ou seja miseráveis né nós somos considerados miseráveis...nasce-se numa favela onde não se tem o que comer...se mora mal sua casa pinga dentro você não tem uma televisão você não tem um rádio você não tem o que comê então cresce-se ali...então todo mundo (...) todo mundo nasce sonhando em que? em ter um lar para morar em ter um mínimo de conforto possível em ter...em querer ver o seu filho andando podendo ter condições de dar uma bicicleta no natal e no meio que a gente vem não se tem condição disso entendeu? então eu senti isso na pele eu cresci num bairro miserável mas eu não tinha só visto os miseráveis” (E1 – 31 anos)

O relato de E7 ilustra muito bem o que se pode considerar por inadequadas condições de moradia:

“ocorreu o seguinte com catorze prá:: prá quinze anos eu já::: já andava na periferia morava né i::: i uma vez uma noite eu voltei em casa prá trocá de roupa e eu acho que eu esqueci --nós morava num barraco na favela-- eu esqueci a vela em cima --acho que era até de um potinho desses de pó de arroz de mulher de passá no rosto assim sabe? isso da minha finada avó -- e aquilo lá acho que é inflamável num:: num não sei o que é eu deixei ele em cima da fôrmica da/da/duma mesinha de fôrmica que a gente tinha --aquelas vermelhinha quando surgiu-- e:: quando eu voltei mais tarde o barraco tinha pegado fogo...entendeu? e a nossa vida era muito difícil uma vida difícil sofrida...meu pai havia abandonado a mãe minha avó também o meu avô também não morava com ela e a gente morava tudo junto naquele sofrimento a gente passô a:: saí fomo arrumá aquelas placa de propaganda essas placa que eles põe outdoor ai de propaganda prá podê fazê o barraco e o barraco era todo colorido por dentro né era Minister era:: era De Lazzari né Pernambucanas né que a gente robava pedaço de uma placa às vezes parte da outra e a gente tinha que colocá eles virado porque essas pessoas que pregavam a:: as placa passavam procurando na favela né ((riso)) se via propaganda deles lá já ((riso))

A: eles iam procurá?

E7:é isso::...aí a gente fizemos esse barraco i:: eu ficava assim inconformado assim de vê as pessoas que tinham condição de comê bem e de pelo menos almoçá e jantá porque a gente passô um::: determinado tempo só com uma refeição por dia né e eu via os outro comê:: almoçá jantá comê um doce assim eu achava que todo mundo devia tê o direito sobre aquilo é uma coisa que prá mim me::: sabe? me intrigava...eh:: eu sei lá eu achava que todo mundo tinha que tê direito à comida à bebida à alimentação...”

(E7 – 39 anos)

A escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno, refletida na educação, também, emergiram de seus relatos. Às vezes ela vem associada à falta de amparo familiar. A próxima fala exemplifica isso:

“ ...e junto::: a isso vem a::: a falta de:: de amparo familiar porque de uns tempos prá cá os pais precisaram sair de casa prá trabalhar --os dois quando não os maiores também se tivé gente maior e num ficaram prá educá então (...) ele foi educado por quem? ele foi educado pelo instrumento que se chama televisão porque os pais na necessidade de alimentar os filho precisaram se ausentar da casa e deixaram o serviço de educação a cargo da televisão é o vídeo-game e é tudo isso daí...então isso daí é:: é um dos

grandes motivos que levam o jovem a í --não só pro tráfico prá qualqué outro tipo que for/se você oferecesse prá ele uma escola de cadete onde ele tivesse também acesso a::: as coisas e pudesse --os poucos que tem vão cê pode ver que tanto vão que num tem nem mais vaga né? é qui::: tá tendo muito excedente tá tendo muito excedente e (...) então fica tudo um::: é um conjunto de medidas não é?...aí de infra-estrutura sociais de::: de falta de investimento no jovem né de::: de cultura que leva o jovem ao tráfico...aí de lá pra lá --e você pode ver a maioria das pessoa/dos jovem que tão no tráfico eles não têm escolaridade também...eles também não têm escolaridade né...se fizê um censo que nem tá tendo um censo na::: na::: na Penitenciária¹ eles também não tiveram aCesso então não tiveram MUI:::TA escolha ...” (E7 – 39 anos)

Sob a perspectiva legal, percebe-se que as narrativas anteriormente transcritas refletem reivindicações legítimas, uma vez que inscritas na Constituição Federal da República Federativa do Brasil. No Título II, Capítulo II – Dos Direitos Sociais, em seu Artigo 6º expressa que: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, (...) na forma desta Constituição”. A título de exemplificação, o artigo 205 da Constituição inscreve que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nos relatos dos participantes, a **escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno**, às vezes, vem refletida na **baixa qualificação para o trabalho**, o que resulta numa renda baixa, associada, às vezes, à precária condição de moradia.

“A: o que te levou?

E3: *a desigualdade a vontade de querer fazer qualquer coisa que a gente consegue correndo atrás e fazer...a minha fam a minha mãe por mais que me deu amor carinho e tudo mais de vê a casa / a minha mãe (...) falar a verdade três cômodos () com as telha de eternit jogada em cima / ó nós foi criado em três cômodo de barro casinha de barro em nove...dormia tudo numa cama só...o chão de terra tudo depois que eu entrei no crime vai lá (vê)*

¹ Segundo dados do Censo Demográfico – Perfil do Preso no Estado de São Paulo, realizado pela FUNAP – Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” no ano de 2002, “75 dos homens e 65 das mulheres não têm o ensino fundamental completo; De acordo com dados IBGE, 45% da população do Estado de São Paulo não tem o ensino fundamental completo”. Observação: embora no texto original conste “75 dos homens” e não 75%, presume-se que tenha ocorrido erro de digitação.

agora...oh...(...)ela aposentada não tinha condições de nada...e nós () de vê aquele sufoco dela nós tudo amontoado e não te condições de nada...que que eu falei eu vou tê que fazer alguma coisa / nós já trabalhava tem registro em Carteira tem () sempre trabalhei...até quando eu pude eu agüentei mais nós não agüentou vê muito aquilo...aí que que vem?...vem essa oportunidade que é de...envolvimento diretamente (...) a Sra. vê que em pouco tempo que eu entrei consegui faze uma casa prá minha mãe...construí...muita coisa que que era sonho meu eu já alcancei...que eu tenho certeza que nesses dez anos eu trabalhando não tinha...a minha primeira bicicleta consegui comprar depois que...que eu consegui comprar...que ela não teve condições nem de dá isso prá nós e não porque ela não quis por causa das condições mesmo que ela é aposentada viúva ...

A: então você acha que:: o que ti levou foi então::

E3: isso mesmo o que levou () foi isso as coisa material também vontade de tê as coisa e não consegui se ia lá tudo:: o que nós ganhava não dava e eu achei que que tinha jeito de de eu fazer isso mais rápido...envolvi”

(E3 – 27 anos)

No relato do participante E3, transcrito anteriormente, quando ele diz “... *até quando eu pude eu agüentei...*” percebe-se uma situação de ausência de perspectiva. Parece que ele não tinha outra opção. Nas suas próprias palavras, ele passa a ter um envolvimento direto; eis que o indireto, por morar na periferia, ele já tinha. De acordo com o ponto de vista de outro participante, é como se o jovem estivesse sendo empurrado para o tráfico.

“ eles também não tiveram aCesso então não tiveram MUI:::TA escolha se você:: --fô faze uma análise..fria -- de cada deiz que vai pro tráfico é:: UM ou DOis tinha aptidão...certo tinha aptidão prá:: prá SÊ:: do contrário né tem uma natureza um tanto mais avessa às normas legais da sociedade e os oito/os outros oito foram empurrado pela própria sociedade...num tem uma outra maneira de cê í pro tráfico

A: e tem gente que tem aptidão então?

E7: é isso daí deis/do/do::/do/do se você fô analisar fazê uma analogia deis/do/do/do Gênesis você vê que Caim matô Abel por que? ele tinha uma aptidão mais violenta né? então isso daí já é bíblico o ser humano tem um ou outro que já tem uma:: uma determinada:: aptidão ou uma determinada:: é:: maneira de se conduzir perante a determinadas situações não é? isso aí a:: a própria história bíblica já mostra prá gente né cê vê qui:: já o assassinato já vem de --então já tem uma certa/tem/determinadas pessoas que têm uma determinada aptidão né uma certa vamo se dizê que certas pessoas tivesse uma necessidade maior di:: di:: di adrenalina...mas isso daí poderia sê resolvido também se ele pudesse usá essa adrenalina pro bem num é? só que as oportunidades do bem são fechadas né já são fechadas empregos

são indicados por pessoas que conhecem pessoas né é:...então ele acaba -- esse um ou dois que realmente são as pessoas que mere/que precisariam de tratamento de acompanhamen.:to de investimento do.: do governo agora esses outros oito são empuRRADO prá lá são empurrado...num é?"

(E7- 39 anos)

Parece que, quando o entrevistado E7 diz que, de cada dez que vão para o tráfico de drogas um ou dois tinham “aptidão”, e os outros oito foram empurrados pela própria sociedade, ele está querendo dizer que existem “aptidões” especiais e que, de cada dez que vão para o tráfico, apenas uma ou duas pessoas se encaixariam nessas condições, os outros oito ou nove não teriam habilidades para gerenciar o “negócio” que é o tráfico: “são empurrados”. E essa fala vem permeada de significado com dimensões vinculadas a todo um processo histórico, político, cultural, material e econômico.

Extrapolando o significado tradicional de “*vulnerabilidade*”, utilizado em estudos sobre a prevenção contra HIV/AIDS e, adequando-o à nossa realidade social, CRUZ NETO constrói um raciocínio contundente em relação ao jovem e ao tráfico de drogas. Segundo o pesquisador, ocorre a “vulnerabilidade social”, para a entrada no tráfico de drogas, em consequência de políticas públicas, dedicadas aos interesses e conveniências das classes sociais dominantes, intimamente atreladas ao poder e ao capital, relegando a segundo plano as demandas das famílias de camadas populares, a maioria da população. Em suas palavras, a vulnerabilidade social, no caso do tráfico, acontece como decorrência

“...das frustrações e privações que a sociedade impõe a determinados cidadãos, apontando que a interação e a acumulação dessas situações vão, ao longo da existência individual e do processo histórico deteriorando as condições de vida de extensos segmentos populacionais (...), alimenta a ostentação de poucos com o sofrimento de muitos; amplia as disparidades sociais; cerceia oportunidades e legítimos projetos de vida; inibe a escolha racional, favorecendo a escolha constrangida pela mendicância, delinquência ou tráfico de drogas, fomenta preconceitos e causa danos morais, psicológicos, físicos e a morte (...) tornando ainda mais difícil e pesados a

escolha, arrastando cidadãos para atividades que, aí sim, podem ser ilícitas ou criminosas” (CRUZ NETO et al., 2001, p. 48/49)

A escassez de investimento para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno, refletida no **desamparo familiar** constitui outra categoria advinda da fala dos entrevistados:

“e junto::: a isso vem a::: a falta de::: de amparo familiar porque de uns tempos prá cá os pais precisaram sair de casa prá trabalhar --os dois quando não os maiores também se tivé gente maior e num ficaram prá educá então quem educô as criança? é os desenho...e os desenhos da Rede Globo né que é a maioria qui passam (a maioria) violentos então leva a criança prá que? leva o jovem o adolescente? ele qué::: aquela coisa violenta ele qué::: ele qué a/andá em alta velocida:::de ele::: então ele qué apareCÊ e ele foi educado por quem? ele foi educado pelo instrumento que se chama televisão porque os pais na necessidade de alimentar os filho precisaram se ausentar da casa e deixaram o serviço de educação a cargo da televisão é o vídeo-game e é tudo isso daí...então isso daí é::: é um dos grandes motivos que levam o jovem a í - - não só pro tráfico prá qualqué outro tipo que for...” (E7 – 39 anos)

O relato do entrevistado E5 é permeado pela presença de várias categorias em associação. Como ele mesmo diz, “tudo influenciou”. No entanto, o ponto marcante no relato de sua trajetória, é a situação de desamparo familiar.

“A:(..) que qui te levou a entrar nesse tráfico...com dezesseis dezessete que você entrou

E5: ah...eu praticamente foi quando houve a/a prisão de meus pais e depois de é:::um certo tempo uns seis meses mais ou menos minha mãe saiu e ela foi viver a vida dela e meu pai ficou preso nisso causou na gente uma certa revolta e::: como eu via minha mãe também naquela situação eu quis é fazer alguma coisa prá ajudar ela e como naquela época trabalho tava difícil...por que não se dava trabalho tão fácil prá gente...foi na onde que eu enxer/já tinha amizades naquela vida já tinha conhecimento forte com algumas pessoas e um certo respeito então foi na onde que::: tudo influenciou...eu entrei mais foi mais prá dar uma ajuda assim num é justificar mas (...) foi uma forma que eu na época encontrei porque::: eu tinha ambições né eu creio que um dos meus piores vícios...naquela época era a ganância que eu era muito vaidoso eu era ambicio/eu ambicionava coisas altas e tal

A: qui que você ambicionava?

E5: ah como eu era jovem eu queria ter um carro queria ter casa bastante dinheiro prá podê influenciá garotas poder pagá as festas pros meus amigos

porque como eu traficava bastante eu fazia todo final de semana uma festa né na/residência do meu pai na época e::: a gente saía todo final de semana e na época a gente ia po Califórnia pas boate de luxo na época e eu pagava tudo quer dizer era aquele prazer de me sentir bem ao lado dos meus amigos porque um pouco eu era carente...carente assim de afeto de pessoas e::: como eu tinha bastante dinheiro eu gostava de sempre me ver envolvido com a minha galera com os meus amigos mas eu gostava de chegar em casa e ver tudo em ordem ver minha mãe bem por mais que eu tava fazendo alguma coisa qui era (tava custando) a vida das pessoas mas quando eu via ela feliz com as coisinha dela eu me sentia bem

A: e aí quando os seus pais foram presos você ficou morando na casa do seu pai e a sua mãe...

E5: é a gente se sentiu meio que::: desamparado mas livre então a gente teve liberdade de escolha prá fazer o QUI a gente quisesse mas como a gente era adolescente criANÇA né em algum termo nós sentíamos a falta muito grande deles então já no/no/novos né a gente já nós já ficamos naquela situação de::: responsáveis pela casa então a gente num sabia como manter

A: e quantos vocês eram?

E5: era o meu irmão mais velho(...) a minha irmã que trabalhava o dia inteiro mas num conseguia manter a casa que é a minha irmã mais velha que até hoje graças a Deus é a única da família que sempre foi honesta nunca fez nada de errado aí vinha minhas duas irmãs a xxxxx e a xxxxx e eu...aí a gente tinha que manter a casa” (E5 – 31 anos)

Pelo relato anterior, percebo que a prisão dos pais parece ter ocasionado ao entrevistado uma situação de desamparo familiar, a qual se associou às questões do desemprego e, do insuficiente rendimento familiar, e, ainda, acentuou-lhe o papel cultural de provedor. Junto a isso vem a convivência e as amizades com pessoas em atividades ilícitas, o meio social do lugar em que morava, razões suficientes, na visão do participante, para que ele iniciasse suas atividades no tráfico de drogas. O tráfico de drogas também lhe proporcionou “poder”, uma tentativa de suprir as lacunas afetivas, “comprando” os amigos. Para ele, ambicionar uma casa, um carro, representava um vício, uma vaidade.

Outro exemplo ilustrativo de desamparo familiar, sentido como motivo que leva uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas, encontra-se na fala do entrevistado E4. O relato é longo, mas penso necessário transcrevê-lo para melhor compreensão do assunto.

“E4: bom no meu caso foi:::...pela vida que eu mesmo assim de certo ponto escolhi né? porque::: eu saí de casa muito cedo saí com doze anos fui pará em

São Paulo né i:: (...) eu já tô com vinte e nove anos né ...eu comecei com doze com doze assim...eu falo com doze mas com doze eu comecei a roubá né roubava na época porque::: eu saí de ca:::sa então num tinha onde ficá então eu Tinha que roubá mesmo trabalho ninguém me dava...então o negócio meu era roubá mesmo foi a forma mais fácil que eu achei di::: me sustentá na época então no meu caso foi::: necessidade e comodidade (...) é::: necessidade porque::: saí de casa com doze anos né fui procurá apoio com parente e ninguém quis me apóia...é::: com doze anos dentro de São Paulo vai fazê o que? ninguém vai dá emprego...comecei a a roubá então aí vim prá Ribeirão (...) tinha dezenove quando eu vim prá Ribeirão...não conhecia ninguém...aí comecei a trabalhá mas só qui o dinheiro que eu trabalhava male má dava prá pagá um quartinho velho...é::: me alimentava mal também...e::: procurá emprego também dentro de Ribeirão também num é fácil e...não que isso também seja o pivô porque tem muita gente que pega latinha::: pega papelão e se mantém dessa forma mas..bem eu queria eu queria algo mais né eu queria::: tê uma certa estabilidade e::: e a droga me forneceu essa estabilidade né que eu procurava né é aonde eu falo que é a necessidade e a comodidade...a droga me deu essa essa comodidade essa estabilidade foi aonde eu optei por ela”

A: QUI qui aconteceu por que que cê saiu?

E4: da casa da minha mãe? (...) bom eu sô filho adotivo né é:::...e ela ((referindo-se à mãe adotiva)) sempre jogô na minha cara que me pegô prá criá (...) e isso num mi num mi entra na cabeça né eu::: tinha uma certa revolta com isso ficava pensando "pô pegô prá criá prá que então?" eu acho que a pessoa quando pega uma criança prá prá criá a partir do momento que ela tá pegando ela tem que tê a consciência de qui::: ela querendo ou não é um filho prá ela...acho que num::: nunca deveria jogá na cara...lógico sentá conversá explicá ó você::: num é meu filho de verda:::de tal...até aí tudo bem mas qualqué briguinha "ah::: cê num é meu filho cê é filho do mun:::do" então aquilo sempre foi mi::: mi magoando e inclusi/...

A: ela jogava isso?

E4: joga:::va jogava...e sem falá na surra que ela dava também né (...) que ela /ela o sistema nervoso dela é meio...já teve até internada em hospício né...não que ela seja louca mas o sistema nervoso dela é MUito::: (forte demais) muito agitado então às vezes ela entrava até em crise e o pessoal até internava ela...ela chegô a me dá panelada de pressão na cabe:::ça batia cum cum::: cum fio de ferro cum aRAme::: o que tivesse na frente dela ela jogava...ela num pensava duas vezes i::: aí eu acabei saindo de casa com doze anos

A: mas ela fazia isso com os seus outros irmã:::os ou só com você

E4: nã:::o eu era filho único dentro de casa eu era filho único ela tem mais duas filhas né mais velhas (...) só qui::: não foram criadas com ela também (...) porque:::....a vida dela também não foi fácil também não às vezes eu procuro entendê ela porque::: ela/a vida dela foi meia...meia complicada ela teve um::: marido teve as duas menina o marido caiu no mundo ela com as duas meninas num tinha prá onde ir pois a menina/as meninas no orfanato ela tem uma deficiência física na mão então não conseguia arrumá emprego muita gente discriminava por causa dessa deficiência ela acabô montando uma casa um::: prostíbulo lá ...e::: foi assim que ela foi fazendo a vida dela

A: aí ela te adotou?

E4: me adotou...ela me adotou já tendo essa casa no prostíbulo é:: inclusive eu fui mandado até pro orfanato porque eu num podia ficar lá...é:: fiquei até os quatro anos de idade com ela não morando lá né mas ela pnhava eu prá prá casa fora prá pessoas me cuidar cuidar de mim né e durante o dia eu ia prá lá que num tinha é:: num abria a casa né o movimento dela era só...noturno mesmo i:: ...qué dizê num foi fácil prá ela também...mas só que sei lá acho que ela num devia de carregá tanta revolta e descarregá em cima de uma criança que naquela época eu era criança né tinha oito nove anos já tava apanhando igual um cachorro na horta (...) vixi...ela foi foi até processada na época por me batê:: aí de frente o Juiz eu desmenti eu falei que não que ela não me batia tal(...) é porque o Juiz me me -- -- pô o Juiz também me sentou na cadeira dele olhou prá minha cara falou "ó eu apanhei prá caramba prá chegá aqui cê tá achando que a minha mãe também era boazinha minha mãe num era" num sei que tem

A: ele jogou isso na sua cara?

E4: é...aquele argumento todo né...aí ele pegou falou prá mim "olha cê vai cê que vai decidi o futuro o seu futuro e o futuro da sua mãe se você confirmá que você apanhou a gente vai sê obrigado a tomar uma solução prá sua mãe ou seja prendê ela e:: o seu pai não vai ter condições de ficar com você você vai ter que ir pruma FEBEM porque a sua idade é:: já num num num é cabível prá entrar num num orfanato então cê vai tê que sê encaminhado prá uma Unidade da FEBEM prá...ficar esperando adoção que não vai ser fácil ninguém te adotá de novo"...aí mediante isso:: vou pensar o que? falei não então minha mãe num me bateu nunca pôs a mão ni mim...pronto...só que aí com doze anos eu saí de casa porque num dava mais já num agüentava mais aquela situação...achei que prá mim o melhor era saí de casa só qui:::...sofri prá caramba o mundo deu muita/muita volta ...apanhei prá caramba do mundo só que foi bom também num certo ponto aprendi muita coisa...um dia serve de lição..." (E4 – 29 anos)

Segundo SILVA, sob a ótica da Sociologia, “o abandono é uma das espécies de exclusão social... retira ao menor as condições básicas para o exercício de sua cidadania. Coloca-o fora da sociedade, ao negar-lhe a satisfação de necessidades fundamentais para a preservação de sua vida e o desenvolvimento de suas potencialidades” (SILVA, 1997, p. 57).

6.2 - Várias categorias associadas

Segundo os autores do Relatório de Desenvolvimento Humano 1997, “a pobreza de escolhas e oportunidades é de longe mais constrangedora do que a

privação de rendimentos” (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNDU, 1997). Assim, a partir do ano de 1997, os relatórios anuais, publicados pelo PNDU, introduziram o “*Índice de Pobreza Humana*”, numa perspectiva do desenvolvimento humano. Em vez de usar o rendimento como medida tradicional de pobreza, o índice de pobreza humana passou a levar também em consideração se as pessoas do mundo em desenvolvimento dispõem das escolhas e oportunidades básicas que lhes permitam ter uma vida longa e saudável e gozar de um padrão de vida aceitável. (PNDU, 1997).

Na opinião do entrevistado número 7, o que leva a maioria das pessoas a se envolver no tráfico de drogas é a ausência de investimento no jovem, de modo geral, abrangendo quase todas as categorias já mencionadas; é a falta de infra-estrutura do próprio Estado que não dá oportunidades para o jovem de ser produtivo, para suprir suas necessidades e alcançar um padrão de vida digno.

“A: bom então você acha que o que leva a pessoa a entrar no tráfico é a falta de]

[E7: a maioria é a falta de infra-estrutura do próprio Estado que ele não dá oportunidade porque o jovem é imediatista o jovem tem necessidade de ter as coisas premente ele PRECISA disso prá agora você não dá uma XT¹ pro seu filho quando ele tem quarenta anos...ele quer com dezessete com dezoito quando male má e:: e:: e/ele tira a carteira ele quer uma moto compreendeu? então ele tem os sonhos dele de consumo e ele --o jovem o que que é? nós também fomos jovens nós somos imediatista nós queremos prá aGOra e de certa forma se a gente fô fazer uma:: uma ana/um:: uma analogia da maneira de que Deus queria que nós vivêssemos o jovem tem razão porque de que adianta uma moto quando ele já tiver velho aposentado e chamado de vagabundo pelo Presidente da nação e mais saúde não tiver prá sentir o vento gostoso da liberdade? de que vai adiantá essa moto prá ele? ele quer a moto ago::ra compreendeu? agora precisa vê as ARmas que nós damos aos nossos jovens prá conseguí essa moto...o que o governo tem dado é “PT”² ele não tem dado escola ele não tem /”PT”:: ele tem dado é é:: é::: é::: armas(...) né ele tem dado trezentos e oitenta³ ... por que? porque o que ele levou ao jovem o que que ele dá ao jovem? ele dá isso daí é a oportunidade que ele tá dando se ele não dá emprego se ele não dá condições de escolas profissionalizantes si si quando mesmo essa pessoa um desses que se salva né que se forma tivesse a garantia do emprego tivesse alguém investindo...não tem...é que nem o preso também é que nem os menino da FEBEM o menino

¹ XT: tipo de motocicleta

² PT: tipo de arma

³ Trezentos e oitenta: tipo de arma

vai ficar um ano sob a tutela do governo mas ninguém faz dele nada...ele num sai cum um curso de computação ele num sai com curso de torneiro mecânico ele num sai cum curso de línguas ele num sai com curso de violão...ele sai/ele sai com que?...com nada então você se choca com a lei a sociedade te retira você você perde a tutela você cidadão perde a tutela é levado a tutela deles eles (deveriam) ti dá o exemplo ti dá a BAse...a arma pro jovem conseguiu aquela XT em tempo hábil e honesto...mas que arma que ele dá? nenhuma...compreendeu? são raríssimas exceções de pessoas que vão guardando de famílias que vão guardando e passando de um pro outro e as pessoas que estão mais próximas a essas famílias rica que são as médias Vive o resto sobrevive e cata o que joga no lixo...e ninguém tá preocupado com nada né...as coisa foram privatizada meteram o dinheiro no bolso e aplicaram ni quem? aplicaram no que? construíram presídios se o país precisa de escolas de oportunidades...compreendeu? então a arma que o governo dá pro jovem conseguiu a XT em tempo é uma PT e o jovem coitado naquela/naquela vontade imediatista nem imagina que daqui a pouco ele perdeu a XT a liberdade a saúde às vezes o amor da Crarina da () compreendeu? perdeu a juventude...que preço hein? é muito caro essa XT não é?(...) nós temos que dar oportunidade pra eles conseguiu ela de outra forma...só assim”

(E7 – 39 anos)

Como diz ZALUAR, “o Estado brasileiro ainda não encontrou o caminho para efetivar os direitos sociais de seus cidadãos (...) o que explica porque a oitava economia mundial tem a octagésima posição em desenvolvimento social, que se pede pelos direitos sociais fundamentais: trabalho, educação e saúde” (ZALUAR, 1994, p. 267). Aponta CRUZ NETO *et al.* (2001, p. 75) que:

“O País ingressa na década de 90 com um contingente de 14,8 milhões de famílias em condições de pobreza (com rendimentos ‘per capita’ inferior a meio salário mínimo); 45 milhões de crianças e adolescentes em condições subumanas; 25 milhões vivendo em situação de alto risco; 15 milhões sofrendo de desnutrição crônica e 10 milhões obrigados a ingressar no trabalho precoce”.

Vale salientar que a desigualdade social, uma das explicações para a inserção no tráfico de drogas, não vem caracterizada tão somente pela escassez de investimento para acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno, refletida em desemprego, baixos salários, precárias condições de moradia, observáveis em

indicadores quantitativos, como acima mencionados, pois insuficientes para a sua compreensão. Sobretudo, faz-se necessário trazer para a reflexão a noção de “qualidade” e o “resultado” do acesso a esses bens e serviços. (POCHMANN *et al.*, 2003). O reflexo da má qualidade do serviço público pode ser exemplificado com o relato que se segue:

“é é um fator qui:: muito me chocô depois de quase deiz ano preso foi que eu saí da cadeia e fui vê o grau de estudo nas escolas e vi que tava baixo...eu entrei prá fazê um supletivo de segundo grau descobri qui:: apesar de tê ficado quase nove ano quase dez ano preso eu ainda com/consegui tê uma capacidade di:: di num vô dizê assim intelectual mas a minha escrita era bem melhor ou né no caso melhor do que jovens que num teve problema nenhum com o crime com o tráfico com nada mas num se escreviam bem por que? porque o próprio Estado se afastô da educação qué dizê ele adotô uma lei que você poderia passá de ano pela presença sem conhecimento e sem conhecimento um jovem num tem como arranjá um emprego (...) é triste e vi que infelizmente o Estado ele boicoto/é boicotou a:: o estudo do jovem então quer dizê o cara vai atrás dum empresa dum serviço num arranja ele então vai vê o que que ele pode fazê na vida infelizmente e:: (...) eu vejo muitos amigos meus passa-se assim dias nas calçadas na/na/na nas praças fumando maconha pensando na vida que que ele vai fazê que ele num sabe fazê nada outros tendo que entregá folhe::to...olha prá mim fala “eu tenho que fazê isso prá sobrevive” então é triste porque a gente vê que eles tem um sonho de vencê...e muitos desses luta prá num entrá no tráfico (...) então na onde que o jovem ele QUÉ vencê na vida ele qué uma oportunidade de emprego ele qué uma oportunidade de confiança...e prá isso ele necessita de um voto de extrema credibilidade se ele num tem ele se sente um excluído...um excluso social...infelizmente essa é a realidade” (E5 – 31 anos)

6.3 - Poder - fama –notoriedade

A fama, o poder e o reconhecimento foram outra categoria encontrada como motivo referido pelos participantes que leva uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas. Segundo a fala dos entrevistados, um dos motivos que faz com que o tráfico de drogas se sustente é a propaganda boca-a-boca, o que dá ao traficante notoriedade. Ao se propagar o comércio, a pessoa que está à frente, automaticamente, tem o seu nome difundido. Atente para o relato a seguir:

“ uma notoriedade as pessoas num conhecem né? justamente devido isso que eu tô falando porque o tráfico é um comércio se um soubé qui o:: --vamos dar uma cor aqui o azulzinho¹-- tem aquela droga ali ninguém vai procurá ele prá consumí...agora prá si sabê que o azulzinho tem uma droga precisa si propagá isso ao se propagá que o azulzinho tem uma droga automaticamente propaga-se a pessoa do azulzinho...ele tem uma notoriedade...e quem é que num qué tê uma notoriedade? o ser humano busca o brilho...certo? matéria e espiritualmente falando o ser humano busca o brilho...seja o brilho da matéria da fama do dinheiro seja o brilho espiritual mas o ser humano o ser...em si busca o brilho então você (prá se fazê uma propagando) do azulzinho o azulzinho acaba tendo uma notoriedade...e aquelas pessoas que tão em volta dele ali daquela sociedade né...carente né... é cê pode vê que até os políticos consegue reuní pessoas em volta deles...cê imagina...quem é um (pouco) mais fie²” (E7 – 39 anos)

É fato que a notoriedade da atividade criminosa tem uma repercussão imediata na imprensa e, particularmente, nos noticiários de televisão; e isso acaba alimentando ainda mais o jovem em sua realização pessoal. Os meios de comunicação foram muito citados pelos entrevistados. Veja o seguinte relato:

“...junto a necessidade também do jovem aparecê né? que o jovem também tem essas necessidade de brilhá de aparecê também né? e infelizmente a mídia e as pessoas hoje dão mais notoriedade a um caso violento do que um caso é::: vamo se dizê assim::: que seria de:: de bom termo que seria de boa educação que seria:: exemplar se você ficá o dia todo atravessando uma velhinha na avenida você num é manchete se você matá uma você é manchete o mês inteiro quem sabe até o ano...então isso também mexe com a cabeça do jovem porque o ser humano de uma maneira ou de outra ele busca o brilho de aparecê...né? a menina quando ela é nova ela qué ser a “Rosinha” da/da/da/da:: da banquinha dela o menino também qué ser o:: “Joãozinho” ou o “Pedrinho” ou:: quem que ele qué? ele qué ser falado ele qué ser comentado” (E7 – 39 anos)

Percebo, pelos relatos inseridos na categoria – poder, fama, notoriedade um traço significativo, envolvendo a questão de juventude, gênero e masculinidade. As falas sugerem o desejo, a busca em construir uma diferenciação numa população que vive indiferenciável entre si. O acesso a essas categorias, que o tráfico de drogas

¹ Azulzinho: estratégia de referência, como se ele estivesse falando de uma pessoa, um “fulano”.

² A fidelidade, a lealdade são muito preservadas e valorizadas no mundo do crime.

proporciona, representa para as pessoas da periferia um processo de diferenciação de identidade.

No documentário “Notícias de uma Guerra Particular”, SALLES traz a fala de Itamar Silva, Líder Comunitário de uma das favelas do Rio de Janeiro. Ele menciona que o jovem que está na favela busca uma afirmação em relação à sua comunidade e à sua cidade. O tráfico oferece, entre outras possibilidades, um respeito que esse mesmo jovem não tem, quando faz a opção por uma atividade lícita. Quando ele vê o seu nome no jornal, isso alimenta nele um orgulho, “... *esse poder que ele acha que tem sobre uma sociedade que não reconhece o seu real valor...*” (SALLES, 1999), mesmo que essa notoriedade não seja positiva, segundo o ponto de vista dos participantes.

*“A: e esse lance que o pessoal fala que::(...) o tráfico seduz muito os jovens?
E7: devido a ênfase que vocês mesmo dão ao tráfico né? é o traficante cê vê um traficante é notícia uma semana inteira né?¹ um:: cientista num é...né? o::: nós temos pessoas fazendo trabalhos hiper importantes prá/ATÉ prá humanidade certo? que não são notícia que não tem nem mesmo o respeito devido ...entendeu? não vamo nem falá de salário...né que é país é o...dos que menos fazem é os que mais ganham né então como o menino da esquina que tem uma notoriedade seja boa ou má...”* (E7 – 39 anos)

É interessante observar a fala desse participante à medida que ele diz “devido a ênfase que vocês mesmo dão ao tráfico”; parece que ele faz uma alusão disfarçada aos atuais valores da sociedade. É como se ele estivesse dizendo: Eu sou criminoso, mas olha o que “vocês” os “homens de bem”, vocês sociedade valorizam hoje em dia. Nós, que somos pessoas que estamos fora do mundo do tráfico ou do ilícito não valorizamos o trabalhador, o cientista. Ele diz: “nós temos pessoas fazendo trabalhos hiper importantes até para a humanidade que não são notícia, não têm nem mesmo o respeito, o devido valor, não vamos nem falar de salário”. De maneira sutil, percebo que ele está fazendo uma crítica à sociedade e indagando: o que a gente pode esperar disso?

¹ Na semana em que a entrevista foi realizada o “Fernandinho Beira-Mar” foi notícia a semana inteira inclusive capa da revista Veja.

Os relatos dos participantes revelam que, às vezes, o reconhecimento vem associado de maneira muito estreita ao **poder**. Das falas, deflui o domínio, a posse, refletida em termos econômicos. O fato de um traficante possuir carro, moto ou usar jóias, associa-o a objetos que são símbolos de auto-afirmação, poder e respeitabilidade, do *status* adquirido com o tráfico. Destaque, também, são as armas de fogo. Como diz ZALUAR, “*fortes símbolos visíveis do poder, estas armas tornam-se fetiche na cintura de adolescentes ...*”. (ZALUAR, 1994, p. 25). Razões atribuídas para levar uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas:

“é porque eu falo pa/eu falo/agora é na onde qui vem tudo:: qui nem:: nós ali já cresceu com isso vira realidade eles num conhece...tem uns qui nem a senhora falô eles empolga de vê da maneira que a gente vive mas num vê o que passô só tá vendo aquele momento ali...vê nós com cordão no pesco::ço andando numa moTO::na vê todo mundo falando assim ó / ó o qui que eles pensa "cê viu fulano? nossa é considerado” aquele negócio que todo mundo comenta e aquilo ali um pouco sobe na mente di/tem gente...acha que aquilo ali tudo é:: mas num é é um mundo de ilusão né?...é isso aí tem gente que acha que é mil maravilha...num vê aquela parte de tirá cade::ia¹ a parte que a polícia corre atrás::s qui qualque hora dessa a gente pode levá um tiro na cara e morrê...muita inveja muito zóio grande tem nesse mundo..”
(E3 – 27 anos)

Nesta categoria, observei relatos mencionando pessoas de classe média ou média alta que também se envolveram no tráfico pela busca do reconhecimento pela notoriedade:

“tem muita gente que entra de farra (...) acaba entrando de farra porque:: acha bonito acha né “ah fulano pô o fulano tem um carro o fulano tá com uma moto num sei o que ô o cara anda armado o cara tem uma moto o cara tem num sei o que...quero te também”...então o cara acaba entrando de curiosi/de de curioso e de sabe de vaidade tem muita gente que que faz isso...entra dessa forma...inclusive eu conheci até um um rapazinho qui a família dele é bem::: de vida (...) nem por isso ele deixa de vendê...a a droga tem um outro também que é muito conhecido num vou nem citá o nome dele mais (...) o pai dele é ((pessoa de destaque e conhecida na cidade)) (..) quer dizer o pai dele é (...) tem dinheiro tá sossegado...mas optou por vendê droga...por que? é é curiosidade é é a vontade di di...sabe num sei...acho que a adrenalina vamo se dizê assim que a pessoa qué senti:: qué vê como

¹ Tirar cadeia: cumprir pena na Cadeia.

qui é:: como qui é tá com um revólver na mão::o como que é comandá um fulano comandá um siclano é::: como é corre da polícia porque ISSO de um certo ponto dá uma certa curiosidade na pessoa dá uma certa...né? a pessoa fica assim meio fascinada com aquilo acha bonito às vez então acaba entrando porque...acha [qui... tá legal

A: [vai tê prestígio também:::

E4: é exato (...) exato exatamente..” (E4 – 29 anos)

“A: (...) e as outras pessoas? você acha que também é a mesma coisa ou

E1: não /tem vários casos tem casos diferente tem...é diferente do... --no conceito nosso existe dois tipos de pessoas eu vou fala com mais () dois tipo de criminosos é o por necessidade cê entendeu? e o por acaso cê entendeu? o por necessidade é aquele que não vê outra opção a não ser...seguir o crime por opção é aquele que tem um lar que tem uma casa que a família coloca tudo na mão dele que ele tem condição de seguir uma vida digna e se desvia e vai...pro nosso lado porque muita vezes se espelha na gente que se igual a gente que fala igual a gente fala, que::

A: e que mesmo?

E1: e que mesmo tem muitos (...) que não necessitam DEsde novo ir prá esse meio que é o meio que é --por exemplo no meu caso eu nasci lá eu vim de lá entendeu? não que eu quis tá lá o caso dele é diferente ele quis tá lá (...) aí por exemplo essa pessoa ele vai até a favela porque gosta de lá porque

A: e tem gente que vai na favela?

E1: tem vários pessoas ligada a mim que não precisa...de tá num (...) nesse caso existem pessoas que...() pessoas que...vão por vontade de se aparece (...) é tem pessoas que gostam de andar do lado do criminoso ((sorriso)) que acham que você tando ali você...vão teme você vão respeitá você entendeu?”

(E1 – 31 anos)

6.4 – Curiosidade e aventura

Segundo os participantes, a curiosidade e a aventura são razões que levam uma pessoa a se envolver no tráfico de drogas. A fala do entrevistado E5 vem associada à aventura:

“agora os que entra de aventura é aqueles que gosta né da aventu/sente aquela adrenalina aquela emoção em podê carregá uma arma pesada podê te o controle de várias mentes podê te aquele domínio em cima das pessoas então eles gosta desse prazer”

(E5 – 31 anos)

O entrevistado E6 relata que usava droga, ao que tudo indica, a maconha, e que ingressou no tráfico de drogas por curiosidade:

“A: então tá bom...na opinião do senhor qui qui o senhor acha que le::va uma pessoa a começar a traficar drogas?

E6: é prá entra direto po tráfico.. ah é meio complicado né? (...) é uma série de coisa né (...) eu no meu caso eu entrei de curiosidade ((riso)) curiosidade no meu caso...meio difícil de acreditá mas foi..(...) é negócio de aventura né na época era::...num era tan::to que nem tem hoje né hoje qualquer esquina de repente é um pontinho de droga naquele tempo era mais difícil né era contado nos dedos quem era envolvido com isso né (...) então mais no sentido de aventura de conhecê né...e foi mais ou menos assim (...) eu queria conhecê o Paraguai né minha curiosidade era o Paraguai (...) é...plantação...nunca tinha visto né”
(E6 – 50 anos)

6.5 – Intenção de sustentar o vício

Sob o ponto de vista dos entrevistados, de um modo geral, pessoas se envolvem no tráfico, pensando que, com isso, vão poder sustentar o “vício” da droga. A percepção da maioria dos entrevistados é a de que isso é ilusório, no sentido de que a pessoa viciada não consegue se manter como traficante, como exemplifica o relato a seguir:

“ ó tem uns que começa usando...a maioria quase toda a maioria que já::: que tá envolvido um a/uns::: cinqüenta por cento...já foi viciado e tudo

A: mas é::: o cara que é viciado ele consegue sê traficante e viciado ao [mesmo tempo?

E3: [conse:::gue nã:::o tem cara que por isso que eu falo cada:::...já vem do organismo e da cabeça num é todo mundo que é igual / tem cara que usa droga e num dexe ela usá ela

A: como qui é? tem cara que:::?

E3: tem cara que usa a droga num dexe a droga usá ele...cê vê tem uns cara que é dominado pela droga num consegue saí mais dela mas tem gente que já usô muito fala “ó parei hoji” parô...sem clínica sem apoio sem nada”

(E3 – 27 anos)

A mesma opinião é compartilhada por um dos participantes que vincula esta categoria à **classe média**:

“A: tem gente da classe média então no tráfico?”

E5: tem...existe bastante (...) porque se hoje tem um vínculo muito forte com o tráfico é através da classe média porque o pobre num vai ter condições boas de comprar de manter seu vício né porque o pobre a gente sempre vê aquele o andarilho aquele que às vezes tá debaixo da ponte quando não aquele que tá na favela e que esses são os minis traficantes né que eles são como se diz é traficante viciado porque o VERDAdeiro traficante é difícil ele se viciado ele só manipula (...) ele manipula...agora infelizmente a classe média ela entra com o capital...entra com o dinheiro (...) entra...e forte eu mesmo quando eu tinha::: tava no auge do/do tráfico vamo dize assim é::: uma parcela grande dos meus é fregueses clientes eram de classe média pessoas boas de boa índole tinha carro casa uma vida social estável...sossegado num tinha nada que poderia é::: justificar o porquê que ele tava fazendo aquilo

A: mas ele tava comprando de você prá vendê pra outros?

E5: a maior parte sim...alguns já usava mais só pelo simples fato de manter o vício que é aquele que a gente chama de::: social ele só curte socialmente na dele sem prejudicar ninguém” (E5 – 31 anos)

Para ele, o traficante ou usuário de drogas, por ser da classe média é uma pessoa de boa índole. No momento da entrevista, como eu não estivesse entendendo se ele dizia que a pessoa era usuária ou traficante, perguntei se ela estava comprando para vender. A maior parte, sim, foi a resposta. Logo, do momento dessa fala em diante, percebe-se a participação da classe média no contexto do tráfico de drogas. Além disso, percebo que o processo de exclusão a que são submetidas as pessoas moradoras das classe populares pode fazê-las sentir-se de tal maneira excluídas, que as fazem pensar que elas, ao realizar o tráfico de drogas, não são pessoas de boa índole, enquanto que as pessoas da classe média ou alta, mesmo realizando o tráfico, o são.

6.6 – Sistema penitenciário

Outra razão atribuída pelos participantes é o aprendizado que se dá nos estabelecimentos de contenção penal. Um dos entrevistados narra que aprendeu as

noções do tráfico dentro da cadeia, ocasião em que optou por se envolver no tráfico de drogas, o que confirma a fala do senso comum de que a **cadeia** é uma escola do crime:

“ eu acho qui:: (...) o cara vai preso...aí ele perde lá seus...seus três quatro cinco anos até:: tem gente que fica até trinta anos den/da cadeia...ele fica ocioso num tem nada prá fazê conversa com um conversa com outro um fala dum crime outro fala do outro "ah eu fazia isso eu fazia aquilo" aí entra um um um adolescente vamo por assim qui:: entrô por exemplo com furto...aí ele começa a vê que o fulano traFI::ca o outro ma::ta o o o outro asSAlta e ele num tem nada prá fazê ali dentro a num sê ficá conversando com essas pessoas...ele vai aprendê muito mais no crime muito mais...é até o meu caso quando eu entrei a primeira vez na cadeia em noventa:: e três eu entrei com:: com furto...quando eu saí de lá da da cadeia eu ainda falei prum prum senhor lá o seu Paulo "seu Paulo próxima vez que eu tivé que vim prá cadeia se eu voltá prá cadeia é com tráfico” mas por que que eu pus isso na minha mente e acabei fazendo isso? ((tom de riso)) pelo:: que me fornecia lá dentro o o o é tipo um estudo né? eu estudei isso lá dentro eu aprendi isso lá dentro conversando com um conversando com outro” (E4 – 29 anos)

6.7 – Convivência

Outro motivo atribuído à entrada dos jovens no tráfico de drogas, observado através das falas dos participantes, é o fato de, desde criança, estarem em contato, embora indireto, com o tráfico de drogas. Eles foram criados no meio. Essa convivência é razão para o envolvimento no tráfico de drogas. A transcrição das falas a seguir ilustram bem a situação:

“bom eu no meu caso especificamente eu comecei com dezoito anos né...(...).comecei a fumá entrei na turminha naquele negócio de fumá prá í prá baile baile prá cá baile prá lá...e sem eu percebê eu já tava no meio aí eu já tava fazendo transporte...” (E6 – 50 anos)

“é que existe muita gente em volta é como se uma pessoa acendesse um cigarro e todos que tivessem em volta fumasse e acabam fumando...né pelo ar mas não são todos que fumam então às vezes as pessoas porque não têm

emprego porque não têm o que fazer fica ali parado na esquina --um menino é do movimento¹ fica mais quatro ou cinco outro menino ali que num tem o que fazê e acabam.: substituindo o menino quando esse menino é preso ou qualquer coisa parecida” (E7 – 39 anos)

*“porque nós cresceu na perifeira nós cresceu vendo aí depois
[A: você cresceu vendo?*

E3: VENDENDO...nóis moramo na periferia...eu cresci no meio disso...desse tamanhinho ((o entrevistado gesticula)) eu já vi quarto desse aqui cheio de droga já ((a sala é bem grande deve ter uns nove por sete metros)) (...) pequeno nós tinha nove oito anos eu já via (saco) de droga...talvez nós não tinha a noção do que nós tava vendo mais nós já via...o movimento...tudo..(...) a gente automaticamente já mora ali então a gente conhece quem é trabalhador a gente conhece quem é envolvido ó / conhece não cresceu com nós...então cada um vai seguindo um caminho (...) é automático você tá ali conhece já vai crescendo a hora que você vê automaticamente tá envolvido...já vai fazer um favor ((como se fosse alguém falando)) “o fulano se não pega aquele negócio lá prá mim lá que”() guardando aí se vai lá já vê ...aí ele vai ...chega no cê e fala o firmeza cê dá uma força prá nós? () dinheiro tó...já te dá um cinqüenta real coisa que cê nunca ganhou na vida vamos supor () só fiz aquilo ali já me deu isso...no outro dia você vai tá perto de novo...e aí a hora que você vê você tá envolvido” (E3 – 27 anos)

Percebo que o “estar ao lado” ou estar “dentro” não determina, por si só, a inserção no tráfico de drogas. Mas, entendo que não deva passar despercebido que eles cresceram vendo a droga, desde pequenos. Então, o “movimento” e a “droga” passam a ser uma situação natural para a criança ou o jovem que não vê e nem possui condição de compreender a ilicitude e a gravidade daquilo que ele está vivenciando. Quando essa situação é associada às carências, no processo de formação da identidade, à baixa qualidade de vida, com baixa escolaridade, ausência de perspectivas de trabalho com salário decente, baixa auto-estima e frustrações, o “estar dentro” explicaria a opção pelo tráfico de drogas. Afinal, ele já está dentro. Por que sair? Como sair?

¹ Movimento: palavra usada para denominar a própria atividade do tráfico de drogas.

7 - ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS

Como falar na estrutura e na organização de algo que se autodenomina, enquanto movimento, indaga Antônio Rafael Barbosa em seu estudo antropológico sobre tráfico de drogas e criminalidade urbana (BARBOSA, 1998). Nas análises que se seguem, será observado que a tarefa pode parecer impossível. Será notado o caráter mutante do tráfico de drogas; seu traço marcante é a fluidez. Outrossim, será percebido que ele é dinâmico, relativo, improvisado, repleto de alternativas. Ele se fraciona, migra, difunde-se, escapa e ainda é permeado de símbolos e folclores.

Ao questionar a um dos participantes sobre a estrutura e organização do tráfico, atores envolvidos e papéis desempenhados, ele instantaneamente disse “*não tem como você fazer isso daí*”. Ele enfatiza: “*vocês procuram uma organização que ela só existe na cabeça de vocês não existe esse tipo de organização...não tem como se criar esse organograma essa hierarquia porque ela/ela/é::: fantasiosa não existe...ela não existe compreendeu*” (E7 – 39 anos).

Para CRUZ NETO, delimitar o dia-a-dia da vida no tráfico, “*não é tarefa tranqüila, visto que a plenitude de sua diversidade multicultural, além de inatingível, multiplica-se e difunde-se a cada momento, o que, apesar de tudo, em nada inviabiliza a proposta de retratá-la e compreendê-la*” (CRUZ NETO *et al.*, 2001, p. 124). Exatamente, a pretensão deste estudo é conhecer, sob o ponto de vista das experiências vividas pelos entrevistados, concepções sobre a estrutura e organização do tráfico de drogas, sobre os atores envolvidos e os papéis desempenhados, na cidade de Ribeirão Preto.

Importa destacar também que, ante a complexidade do fenômeno, encontrei muitas dificuldades para implementar uma exposição linear do presente tema. Desse modo, as análises que se seguem estarão revestidas de configuração particular;

estabeleci uma abordagem descritiva fragmentada, num movimento, às vezes, descontínuo, que vai e volta, segue, mas sempre retorna.

7.1 - Concepção de tráfico

Antes de adentrar propriamente nas questões atinentes a estrutura e organização, atores envolvidos e papéis desempenhados no tráfico de drogas, observo oportuno tecer algumas considerações introdutórias. Uma delas é a concepção que os próprios entrevistados têm do que se denomina tráfico de drogas. As falas, que emergiram como respostas às impressões que os entrevistados têm sobre o tráfico, convergem no sentido de considerá-lo como um tipo de **comércio**, quase como outro qualquer, tanto no sentido em que ele somente existe porque existe demanda, como no sentido das relações que dele advêm, tais como: dedicação, empenho, observância de certas normas e, por fim, a necessidade de propaganda. As falas seguintes evidenciam tal contexto:

“...o tráfico num pode ser encarado como um crime quando ele é um comér::cio...não taxado ele é um comércio não taxado então jamais alguém vai combatê o tráfico se num fizê taxas...se num criá outros dispositivo de combatê...”
(E7 – 39 anos)

“ mais :: é um comércio tem que levá a sério como se você tivesse um comér::rcio se você tem um restaurante se você tem uma padaria se você tem uma lanchonete ...”
(E1 – 31 anos)

7.1.1 - A oferta e o consumo

Esta dimensão do fenômeno é apontada por BARBOSA como “altamente significativa para a compreensão do todo, uma vez que é o complemento indispensável do tráfico, a base de sua existência material. Sem o determinismo do

consumo, ele não existiria” (BARBOSA, 1998, p. 20). Esse ponto de vista é compartilhado pelos entrevistados, segundo o relato que segue:

“porque é como se diz um shopping um shopping ele funciona de que forma ? pela clientela se num tem cliente o shopping fecha então o tráfico ele funciona por causa dos clientes fregueses se num tem clientes se num tem viciado¹ o traficante ele:: vai à falência” (E5 – 31 anos)

Na percepção dos entrevistados, **o tráfico existe por causa do “viciado”** (termo por eles referido na maioria das vezes); enfoque que emergiu de maneira contundente de seus relatos. Eles afirmam que o tráfico não existe sem o consumidor. Para GONÇALVES (1991, c1989, p. 71), as organizações envolvidas com o tráfico de drogas *“existem e prosperam porque há procura, porque há predisposição psicossocial ao consumo de drogas, porque a atual conjuntura é o cenário ideal para o desenvolvimento das toxicomanias”*. Como BUCHER lucidamente observou, *“na verdade, o ‘problema’ não reside no produto, mas na procura de tais produtos”* (1991, c1989, p. 102).

Na concepção de um dos entrevistados, o consumidor da droga é a causa, a origem, a razão da existência do tráfico de drogas. Desse modo, no seu ponto de vista, na distribuição hierárquica de qualquer fluxograma sobre o tráfico de drogas, o consumidor há de vir no topo.

“A: nós começaríamos assim...com::: o financiador...o grande...quem que é o grande?”

E7: não/ uhn:: minha visão já não é essa né ::...na minha visão se a gente fosse fazer uma hierarquia:::a toda coisa requer o seu comércio o viciado se não tem pessoa que consome não vai ter ninguém que vai buscar (...) ele é o princípio básico da/coisa (...) eu acho que ele é o princípio bá::sico (...) essa que é a grande (...) essa que é a idéia...(...) na hierarquia do tráfico coloque o viciado no topo porque se não tiver viciado não tem CO::MO ter traficante meu Deus (...) não adianta combater quem ven::de tem que se educar prá que não se use...essa é a grande saca::da entendeu (...) fica mais barato mais inteligente você ensina::r pessoas educa::r adolescentes para que não u::sem do que combater quem ven::de porque sempre onde houver

¹ No decorrer dos relatos transcritos, será observado que os entrevistados, de um modo geral, quando se referem ao consumidor de drogas, utilizam o termo “viciado” sem nenhuma distinção entre usuário ocasional, usuário, dependente, etc.

quem usa vai tê quem ven::de isso aí é uma coisa desde o tempo de Constantino::pla (...) ou de qualquer outra coisa...então a burrice tamanha da sociedade é achar que::: combater o traficante vai terminar com/com/com o trá:::fico (...) é um absurdo (...)o melhor problema pra combater o tráfico é combater o viciado é a educação num tem outra maneira... não existe outra maneira não existe uma fórmula mágica...” (E7 – 39 anos)

Nessa fala, o entrevistado também ressalta a questão das políticas em relação ao tráfico de drogas. Ele é enfático ao emitir sua opinião: “a burrice tamanha da sociedade é achar que combater o traficante vai terminar com o tráfico”. Ele ainda diz; “é um absurdo”.

Percebo que a discussão de políticas públicas com relação às drogas constitui-se numa questão por demais complexa para discussão neste estudo. Entretanto, diante do relato acima transcrito, bem como de outros que sucederão no mesmo sentido, abordarei o assunto sob a perspectiva reflexiva, destacando algumas interpretações levantadas na revisão da literatura realizada.

Verifico que é possível iniciar estas pequenas considerações e indagações a partir de uma afirmação, qual seja, a nossa política de segurança pública em relação às drogas não conseguir atingir os objetivos almejados. Em outras palavras, não corrigiu os problemas ocasionados pelo tráfico de drogas. Essa situação também é apontada por ZALUAR (1994, p. 249), para quem: “A tentativa de controlar o mercado pela lei (a criminalização de consumo e comércio) não funcionou”. A fala de um dos entrevistados reflete tal asserção.

“e o Estado ele:: também tem uma certa parcela de culpa porque ele fecha os olhos prá essa realidade (...) então quer dizer a pena não adianta é aumentá pro traficante se o meio de vida dele é o viciado(...) MAS infelizmente é uma:: é dum do fatores que leva o traficante porque:: aumentô a pena do tráfico fechô o regime e nem por isso se para...” (E5 - 31 anos)

Em suas palavras, o participante verifica que as leis penais tornaram-se mais rígidas, repressoras; aumentaram-se as penas para o traficante, não se permitiu nenhum benefício no cumprimento da pena, de forma que a pessoa condenada por tráfico de drogas, obrigatoriamente, deve cumprir a pena em regime “integralmente” fechado, mas, nem por isso, houve diminuição do tráfico de drogas. Então, alguma

coisa está errada. Já que nossa política em relação às drogas é pautada em mecanismos de prevenção e repressão, e a prevenção?

Vários estudos (BUCHER, 1991, c1989; ZALUAR, 1994; CRUZ NETO *et al.*, 2001; SCHEERER, 1993) apontam para a necessidade de políticas educativas e preventivas de redução de riscos, como uma das saídas para o problema. No entanto, observo que não faz sentido afirmar existam ações preventivas, se o Estado coloca em uma prisão a pessoa que é detida portando droga para uso próprio. Será que se pode considerar a prisão como uma medida preventiva? Nem se argumente que, atualmente, o uso de uma droga é enquadrado como infração de menor potencial ofensivo¹ e, portanto, a pessoa não é recolhida à prisão. Na verdade, se a pessoa for reincidente², ela vai para a prisão. Outro grande problema notado por UCHÔA, (1996) é que os programas de prevenção não são feitos como deveriam, restando insuficiente o enfrentamento da questão das drogas.

Prosseguindo com os relatos cedidos, sugere um dos entrevistados que a maior parte do lucro do tráfico de drogas não é proveniente dos moradores-consumidores dos bairros de periferia:

“outra coisa vende-se o que se consuma/o dinheiro da favela num suporta o tráfico...

A: como assim o dinheiro da favela(...)

E7: uai..tem que tê gente...quem usa...num é só o pobre --o pobre num tem male má prá comê como que ele vai usá? (...) quem sustenta o vício não é a favela não nem os trabalhadores rurais são os escritórios...são as mansões compreendeu? é a avenida Paulista é a Nove de Julho³ é aquela outra lá que eu nem sei o nome de tão bonita que é (...) então precisa fazê um investimento de educação de base no uso..se tivé se você tem um milhão de pessoas que usa x vai tê uma pessoa vai tê gente querendo vendê prá essas pessoas...mais se você tivé menos pessoas que use vai tê menos gente querendo vendê prá essa pessoa até porque não tem mercado”(E7 – 39 anos)

¹ A Lei 9.099/95 estabelece, em seu artigo 61, que considera-se infração de menor potencial ofensivo as contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a um ano. Prevê o artigo 69 que o autor do fato terá o benefício de responder ao procedimento em liberdade. E, a Lei 10.259/01, no parágrafo único do artigo 2º, estendeu o conceito, considerando infração de menor potencial ofensivo, os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a dois anos.

² De acordo com o artigo 63 do Código Penal, considera-se reincidente a pessoa que pratica um crime quando já possui condenação por crime anterior, com sentença da qual não cabe mais recurso.

³ Avenida existente na cidade de Ribeirão Preto. Há tempos atrás, era considerada como localizada em bairro nobre, sendo que, atualmente, tornou-se comercial, mais ou menos como a avenida Paulista na cidade de São Paulo.

A mesma impressão é compartilhada por Zuenir Ventura em seu *Cidade Partida*, ao colocar que o circuito econômico, que sustenta o tráfico de drogas e cujas pontas são a produção e o consumo, “*não estão nas favelas*” (VENTURA, 1994, p. 14).

Afirma, ainda o entrevistado que “se você tiver menos usuários, haverá menos traficantes”. Observo, a partir da fala dele que o consumo pode ser considerado intrinsecamente ligado ao tráfico, pois ele o alimenta e, de certa forma, dele faz parte. Nas palavras de RAFAEL (1998, p. 31-32): “*tráfico e consumir são coisas próximas. Confundem-se muitas vezes, para maior perturbação daqueles que querem dividir a ‘questão da droga’ em dois eixos: a oferta e o consumo*”.

Outra percepção de E7, com relação ao comércio da droga, diz respeito ao lucro proveniente do tráfico. Para ele, “tudo o que é lucrativo aguça a ambição das pessoas”.

“então em vez de combater o tráfico da maneira que eles tão combate/tem que taxar imposto/fianças eles teriam maior objetivo por que?/porque a pessoa deixaria: a veria que aquilo não seria lucrativo compreendeu?(...) porque tudo que é lucrativo vai aguçar a ambição das pessoas seja o que for::: r gen::: te seja o que for::: ...seja maconha seja cocaína seja heroína seja remédio pra câncer seja viagra seja o que for...tudo vai aguçar (...) porque ele é um comércio ilícito assim como foi o uísque assim como foi a pimenta do reino assim como foi o cravo e a canela compreendeu? então::: ou até hoje se/se vende cravo e canela e se vende uísque aquilo outro quer dizer (...) então se houvesse taxa se houvesse imposto se houvesse fian:::ças lei específicas pra isso/em cima di:::sso o governo teria o maior/menor condição de combater certo? e o maior::: R é o maior capital pra poder combater ele ia tirar o capital das próprias pessoas que tão ganhando dinheiro com aqui:::lo não é?...já que não é o caso né que aqui é a lei do confisco eles confiscam as coisas mas ninguém sabe que fim que leva aquilo nada é reaplicado em prol de::: de nada no combate ao viciado...” (E7 – 39 anos)

7.1.2 - Não é fácil vender droga - “a droga exige uma certa disciplina, uns determinados preceitos e alguns segredos a serem mantidos”

Outra particularidade notada por meio das falas dos entrevistados, seguindo a idéia de que o tráfico é um mero comércio, é a de que ele é percebido como algo

difícil se ser implementado. Sob a ótica dos participantes, “não é fácil vender drogas” como exemplificam os relatos a seguir:

“eu acho que é uma das coisas mais difícil porque você veja bem é fácil você vendê arroz porque arroz é necessário prá pessoas é fácil você vendê feijão porque feijão é necessário...depois é fácil você vendê roupas porque a lei proíbe que as pessoas andem pelados e () se tivé alguma outra facilidade você vai encontrá na moradia em artigos ligados a moradia então a pessoa precisa primeiro existí se vestí e morá então essas são as coisa mais fáceis de se vendê (...) então eu acho que o tráfico não é fácil e a mercadoria vendida pelo tráfico assim também é tampouco é fácil de vendê --de maneira nenhuma até porque você num tem um::a grande massa de viciados...é até menor do que essas/do que as pessoas propagam” (E7 – 39 anos)

“e aí eu...me decepcionei de começo assim entendeu? porque eu achei que era fácil e não é fácil (...) eu vou ser bem lógico pra Sra. eu vou contá o que aconteceu no meu caso para a Sra. ver se entende se...no meu caso o que aconteceu eu (...) comecei a vendê...no começo eu não...eu não sabia administrar -- porque é ilusório achá que o traficante ganha muito entendeu? então eu comecei achando que eu ganhava muito e...comecei gastando até dinheiro dos outros aí eu tinha que fazê outras coisas prá repô o dinheiro e eu catava poquinho e aí...” (E1 – 31 anos)

Ainda enfatiza o participante E7:

*“...então não é fácil você vendê droga não...**a droga exige::: uma certa disciplina um::: uns determinados preceitos alguns/alguns segredos a serem mantidos num é?** então:: é/é justamente com essa ilusão de que é fácil que as pessoas têm::...é::: entrado...criado problemas.” (E7 – 39 anos)*

Os relatos colhidos contrariam a representação disseminada no senso comum de que é fácil vender droga. Revelam, ainda, que o tráfico de drogas, na concepção dos entrevistados, é rígido, em muitas situações, pelos mesmos princípios e regras de mercado. Mas, quais seriam esses preceitos, essa disciplina e esses segredos a serem mantidos a que o entrevistado se refere? Como eles se inserem na estrutura e na organização do tráfico de drogas? Tais percepções serão analisadas mais adiante.

7.1.3 - A propaganda

Outra semelhança do tráfico com o comércio, é a propaganda. Para um dos entrevistados, por ser um comércio, ele necessita de propaganda, como expõe o trecho a seguir:

“porque eles acham que às vezes é fácil mas não é fácil não se você pegá uma droga e::: ficá/ se você pega uma droga hoje e ninguém sabe que você vende e se você ficá sentado em cima dela num lugar onde que ninguém sabe que você tem essa droga ou que você esteja vendendo ela/ela vai apodrecê lá e você num vai arrumá nada então onde eu falo que o tráfico é um comércio ele necessita da propaganda...por isso que é sabido que sempre a polícia vai ficá sabendo qui::algum lugar tá vendendo droga por que?...porque ele depende da propaganda se você ficá sentado lá em cima dum:: dum de um saco de maconha e ninguém soubé que você tem aquela maconha prá vendê ela vai apodrecê debaixo de você...então depende-se da propaganda então isso daí é um comércio ilícito” (E7 – 39 anos)

Destaco da narrativa do E7, uma situação por ele apontada, decorrência da propaganda: “por isso que é sabido que a Polícia vai ficar sabendo que em algum lugar está-se vendendo droga”. O relato seguinte também exemplifica tal percepção:

“você vai aumentando o seu movimento você vai se sujando com a polícia (...) chega-se a esse momento (...) seu nome começa a ser falado todo mundo vai passando a te conhecer...automaticamente seu nome rola na boca de viciado e tem muitos viciados que fala o seu nome prá polícia” (E1–31 anos)

É interessante observar as relações que vão se construindo no tráfico de drogas. Noto, como uma das dimensões desse fenômeno, que os traficantes se apropriam dos traços característicos das relações de mercado, do comércio em geral. Consoante se verificará pelas narrativas e análises que se seguirão, o vocabulário utilizado no comércio surgirá de modo constante em suas falas: “empregado”, “patrão”, “gerente”, “o dono da droga”. O próprio sinônimo de tráfico por eles utilizado, “o movimento” já denota esta referência, lembra negócio: “o movimento está fraco” (ALVITO, 2001, p. 114). No entanto, os entrevistados evidenciam certa ambigüidade inserida nesse “movimento”, pois, ao mesmo tempo em que o segredo é a alma do

negócio ilícito, eles também necessitam da propaganda para a existência deste tipo de comércio.

7.2 - Breve histórico do tráfico de drogas em Ribeirão Preto

As narrativas selecionadas e apresentadas a seguir exemplificam como alguns dos entrevistados relatam acontecimentos e transformações ocorridos no tráfico de drogas. Considerei oportuno categorizá-los, já que, ao colher impressões relativas a esse tráfico, em Ribeirão Preto, tive a oportunidade de entrevistar pessoas que nele ingressaram em 1960, portanto há, aproximadamente, quarenta anos. Assim, o discurso da recomposição dessa memória, interpretado ao contrário, permite a compreensão mais clara da atualidade. “*‘Antigamente era assim’ significa ‘hoje em dia é assado’, com vantagens de evitar indagações diretas sobre o momento atual, passíveis de serem confundidas com uma investigação policial*”. (ALVITO, 2001, p. 19).

Na visão do E7, **antigamente, o traficante não era visto como pessoa inserida na criminalidade**, nem era respeitado. Em outras palavras, não era considerado como criminoso. O traficante era conceituado pelos malandros e criminosos como um cara que ficava sentado à porta de casa, esperando o dinheiro vir à mão.

“que num era assim porque no começo do tráfico o tráfico num era tão respeitado né

A: o traficante [era visto

E7: [não não/mais era o assaltante o assaltante passava era bandoleiro assaltante que (pá) (...) veja bem...antigamente você tinha um determinado respeito só prá uma:: uma parcela da criminalidade né (...) então assaltante é:: é vamos se dizê ladrão (bom) ladrão seqüestradores né? esses tinham a notoriedade e o respeito máximo da/da/da:: da criminalidade né com o surgimento:: com o crescimento do tráfico é:: --de primeiro eles não respeitavam muito o traficante (...) não né...o traficante era um cara:: né um:: um cara que ficava sentado num lugar lá né esperando o dinheiro vim na:: num é?...na:: na porta de casa é:: e dizia-se até que num tinha apetite de buscá o dinheiro que era o caso dos assaltante que iam que tomavam que:: né assaltavam(...) então antigamente só tinha a notoriedade do assalto

e do seqüestro o tráfico não tinha tanta...dimensão tanta força dentro da criminalidade compreendeu? ele era um comerciante de droga”(E7-39anos)

Ponto de vista semelhante verifiquei numa das histórias narradas por Dráusio Varela em sua obra *Estação Carandiru*, resultado de dez anos de convivência mantida com presos e funcionários da Casa de Detenção de São Paulo. Para um dos personagens por ele retratado, “Zé da Casa Verde”, malandro antigo, ladrão desde a adolescência, “*lugar de ladrão é com ladrão. Traficante, que se entenda com a polícia!*” (VARELLA, p. 227).

Segundo os entrevistados, **antigamente**, em Ribeirão Preto, o tráfico era feito de amizade e não existia adolescentes envolvidos nessa atividade, conforme se depreende dos relatos abaixo:

“... o comércio das droga antigamente eram feito de amizades ...”
(E2 – 60 anos)

“também que na na na minha época (...)prá começa num tinha nem essa quantidade de jovem que tem hoje envolvido com isso né ...era mais a maior parte do povo que era envolvido era tudo superior a vinte vinte e cinco ano prá riba dificilmente na minha época se achava menino com dezessete dezoito anos envolvido com isso né..e na nossa época () pra começá menor num ficava junto com nós né? (...) nã::o...tinha aquele negócio de ó onde vai home só vai home ((riso)) só tinha sujeito home” (E6 – 50 anos)

Parece que, quando o participante E2 diz que, antigamente, o tráfico era feito de amizade, ele está querendo dizer que havia relação de amizade entre os traficantes, e que um respeitava o negócio, o território, do outro. Significa, também, que, hoje, já não é assim. As questões a respeito das relações de amizade e do jovem no tráfico serão melhor interpretadas adiante.

7.2.1 – Mencionarei, a seguir, os **tipos de droga** comercializados **antigamente**, na cidade de Ribeirão Preto, que defluíram das falas dos entrevistados. Os relatos

apontaram que a droga mais comercializada era a maconha, nome popular da “*cannabis sativa L*”.

“olha:: eu tô com sessenta anos há quarenta ano ou mais um pouco eu conheço o tráfico eu acredito que aqui em Ribeirão a droga deve ter surgido mais ou menos há uns oitenta anos atrás...daí prá fora...de oitenta a noventa ano atrás...hoje nós tamo com cento e quarenta e cinco ano né? de idade a cidade é por aí de oitenta a noventa ano eu tenho certeza que já existia droga porque os MAIS antigos os mais antigo já diziam ah :: o meu pai ou o meu avô ou qualqué coisa que o valha assim já usava mais usava a maconha”
(E2 – 60 anos)

“ era um comércio engraçado que:: naquela época (...) era a época da Baratinha...o carro de polícia PEQUENO compreende? as ruas a maior parte eram todas terra compreende? já não existia aquela REPRESSÃO compreende? (...) o:: o::...o usuário da droga ele se sentia à vontade de ir perto da boca¹ e ir buscá

A: mais eles vendiam e:: ... nas casas deles

E2: é:: o próprio trafica::nte vendia na casa dele naquela época a polícia sabia...compreende? a época do Dr. Barbante um Delegado muito rígido que nós tivemos aqui na cidade compreende? existe muitos outros Delegados que hoje não recordo mais eram::...era uma época completamente diferente”

(E2 – 60 anos)

Observa o participante E7 que, desde os sete anos de idade, já percebia a existência do tráfico de drogas em Ribeirão Preto. Alguns trabalhadores da periferia, muitos sendo cortadores de cana, bebiam cachaça ou fumavam maconha; da cocaína quase não se ouvia falar, somente em “rodas de rico”. Considerando que o entrevistado nasceu no ano de 1963, suas interpretações referem-se ao ano de 1970.

“por conhecer por ter visto por ter notícia por morar na periferia ahn...por acompanhar os fatos des/dos...sete anos de idade oito anos de idade desde quando/ o primeiro ano de escola já:: já:: já sabia do tráfico né (...) -- naquele tempo era mais o:: num tinha grande uma grande freqüência assim o tráfico os trabalhadores da periferia alguns bebiam cachaça ou fumavam maconha cocaína quase que num...num se via falar só em rodas de:: de Rico que ouvia-se falar que existia cocaína...mas a maconha mesmo que tinha..aquele:: tráfico leve que parece que um pegava um:: uma determinada

¹ “Boca” ou “bocada”: é um ponto, local onde se vende droga.

quantia e levava pro trabalho pros corte de cana né e um ia distribuindo pro outro...esse foi o começo assim que eu me lembro assim” (E7 – 39 anos)

Os entrevistados apontaram outros tipos de droga, comercializados nas décadas de sessenta e de setenta: “estrelinha”, um tipo de ácido; “provergil”; “desbutal”, “catovite” e o “lança perfume”, como se vê das falas seguintes:

“é Ribeirão Pre::to:: quando comecei a conhecer (...) era uma coisa até engraçada essa época (...) é naquela época mais era maconha mesmo né? a “cannabis sativa” e:: tinha muitos comprimido que o pessoal gostava muito de usá a estrelinha e ...

A: que que é essa estrelinha?

E2: estrelinha é o tal de ácido que eles falam até hoje que a gente punha na língua compreende? então dexava a gente meio (...) tinha o ::...(...) tinha cocaína também...(...) mais:: nessa época...não existia tantas coisa como existia hoje (...)

A: que ano que era mais ou menos?

E2: é isso daí já tá partindo mais ou menos prá sessenta e um sessenta e dois” (E2 – 60 anos)

“tinha o ::...provergil...uma droga que era usada em cavalo (...) é um remédio prá cavalo compreende? que o::...que o ::...o viciado tomava na veia” (E2 – 60 anos)

“eu creio que em:: torno de 75 ou até antes né? na época (...) a droga mais forte¹ que se tinha era maconha né meu e as pessoas que começou a ingerir eles ingeriam provergil se não me engano é estimulante de cavalo...então...vem o provergil (...) remédio que tinha grande procura no meio entre os ladrões mesmo” (E1 – 31 anos)

“A: naquela época vendia mais era maconha?

E7: somente a maconha vendia...somente maconha muito tempo (...) é:: é aí veio a:: as bola né que antigamente o povo tomava muito era muito ligado até a cocaína os cara é:: tomava no cano né (...) então veio veio o provergil veio:: antes do provergil veio a (nome de substância não compreendido) né é:: desbuta::l(...) desbutal...era um/era até vendido na farmácia era o::...eu me lembro vagamente os comprimido que eles ralavam uma parte dele uma parte dele era tóxica aí eles coavam ...sabe? sugavam no:: no algodão na

¹ Mais forte: mais vendida.

seringa e tomavam e o barato era loco mesmo...e:: é isso daí lança perfume...aí veio o provergil veio o provergil o (catovite)”
(E7 – 39 anos)

Das exposições realizadas pelos entrevistados, pude perceber que até certo tempo atrás, sob o ponto de vista de muitos criminosos, o traficante de drogas não era considerado criminoso; predominava a amizade nas relações entre traficantes, não havia adolescentes praticando esse tipo de comércio ilícito, e a maconha era comumente consumida. Nestas particularidades, também foi apontado que o comércio de cocaína (“*Metil Benzoil Ecgonina*”) era restrito, praticado por pessoas das classes média e alta.

Antigamente, já se comercializava **cocaína**. Foi interessante notar que, segundo o relato de um dos participantes, na cidade de Ribeirão Preto, a cocaína era vendida por pessoas das classes média e alta, que “iniciaram o serviço de viciação” da referida droga.

*“A: então com sete anos ((início da década de setenta)) cê já via::: o tráfico?
E7: aos sete a::nos já:: já sabia porque morava na periferia já sabia que se vendia maconha já tinha boca de fumo...NÃO tinha boca de cocaína não tinha bocada de cocaína ((na periferia)) prá você pegá cocaína você tinha que í no centro da cidade (...) na Nove de Julho¹ (...) na Nove de Julho...na Nove de Julho..somente lá e nos clube mais elitizado assim você conseguia tê acesso a cocaína (...) na na na:: na... com os boy né*

A: eram os boy que vendia?

E7: na época era eram o:: os boy.. era mais os boy

A: filhos da classe média e alta?

E7: filhos da classe média e alta

A: eles que vendiam a cocaína?

E7: é eles começaram também a fazer o serviço de viciação né

A: é::?

E7: uai uai se eles não começam a distribuí a periferia só tinha acesso a maconha e a cachaça...num é?” (E7 – 39 anos)

¹ Avenida Nove de Julho: avenida da cidade de Ribeirão Preto que, na época referida pelo entrevistado, era freqüentada por pessoas da classe média e da alta.

Parece que, quando o entrevistado E7 diz que “a periferia só tinha acesso à maconha e à cachaça”, está se referindo ao acesso financeiro, ao poder aquisitivo para adquirir a cocaína, comercializá-la e, também, consumi-la. Mas, o que chama a atenção na fala dele é o fato de ele mencionar o envolvimento de certo tipo de traficante do qual, até pouco tempo atrás, não se ouvia falar: pessoas pertencentes à classe média e à alta. De modo geral, quando autoridades e cidadãos fazem alusão ao traficante de drogas, quase sempre exigindo punição severa para eles, referem-se somente aos traficantes da periferia pobre, pessoas consideradas perigosas. No entanto, segundo os entrevistados, desde o início da década de setenta, já haviam traficantes de drogas inseridos na sociedade da classe média e da alta, traficantes e usuários de cocaína.

Antônio Rafael Barbosa, antropólogo, que realizou estudo sobre o tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro, ouvindo a voz dos envolvidos cita que: “*nos anos 70, a cocaína era consumida basicamente por setores das elites, que sofriam a influência de estilos de vida alternativos ou ‘contraculturais’*”. (BARBOSA, 1998, p. 37). A fala do E7, a seguir, também ilustra isso.

“naquele tempo (...) cocaína quase que num...num se via falar só em rodas de:: de Rlco que ouvia-se falar que existia cocaína...mais a maconha mesmo que tinha... (...)

A: então [naquela

E7: [de criança

A: época já tinha cocaína?

E7: ah::: nas grandes rodas né:: os bacana já cheravam já (...) a cocaína::: ela sempre:: é:: ela sempre teve presente na:::...desde há muito tempo a cocaína sempre:: teve presente é que num era assim:: tão difundida tão divu/tão divulgada também (...) que de primeiro a cocaína não ficava tanto no Brasil né...então ela passou a ficá um pouco mais no Brasil”(E – 39 anos)

Eu lhe pergunto qual é, na opinião dele, o motivo da maior frequência da cocaína no Brasil. Ele responde:

“.eu acho que ela passou a ficá:::...mais no Brasil...acho que devido alguma:: na época algum...as grande rede dos traficantes tê interesse numa fatia do mercado no Brasil passô a difundi ela né é:: deixá com que as pessoas tivesse mais acesso né a ela e acabô ocasionando isso daí...acho que eles também tinha um:: interesse no mercado né” (E7 – 39 anos)

Em seguida, menciono ao entrevistado que a literatura afirma que, em meados da década de oitenta, a dinâmica do tráfico de drogas transformou-se; houve uma explosão na oferta de cocaína, derivada da reação à política antidrogas do governo norte-americano. Expõe BOURGOIS *apud* ALVITO (2001, p. 60) que: “Com o aumento da repressão à entrada de maconha nos Estados Unidos durante o primeiro governo Reagan, os exportadores latino-americanos dessa droga voltaram-se para a exportação de cocaína”. Segundo ALVITO (2001, P. 60), “houve assim um crescimento vertiginoso da oferta de cocaína”. O que nos leva a pensar que o acesso à maconha teria ficado difícil. É interessante a fala do entrevistado, porque sua opinião difere da assertiva acima. Segundo ele:

“uhn::: eu num creio que o acesso da maconha ficou mais difícil eu acho que o da cocaína ficou mais fácil compreendeu? o::: a cocaína de primeiro era::: era cotada em dólar e ela girava só em altas roda quando passaram a misturÁ a cocaína --porque o que o Brasil chera é cocaína de terceira quarta qualidade né (...) é...somente os rico chera o que é bom né os rico chera um blue star¹ porque eles tem como pagá né...sempre teve um::: uma equivalência folclórica de uma/de uma grama de cocaína prá uma grama de ouro --quanto tá uma grama de ouro hoje uns vinte e cinco reais?...deve tá nessa faixa então a grama de cocaína também seria vinte e cinco reais né então dificilmente uma pessoa que não seja de classe média ou de classe alta teria condição de usa né? então::: aí passaram a misturá --primeiro acho que viciaram uma grande/uma grande parcela né...pessoas vão se viciando -- e depois passaram a misturá então como eles cheram cocaína de::: de::: de baixa qualidade () mais barato aí começaram a tê acesso porque de primero ahn::: o povo em si ehn::: a periferia mesmo em si eu me criei na na periferia e eu::: fui vê a cocaína assim com mais abundância depois dos::: dezoito anos dezessete ano que já viajava já tinha ido pro Paraguai e tudo aí eu fui vê...que de primeiro já num::: num num tinha isso/NUM TINHA porque acho que num tinha mOEda prá pagá ela porque uma grama de cocaína né vinte cinco real? num tem ...aí deram uma barateada” (E7 – 39 anos)

Percebo que o entrevistado desloca o foco explicativo da questão. No seu ponto de vista, o crescimento da oferta da cocaína, no Brasil, não decorreu de reação à política repressiva do governo norte-americano ou de alguma vicissitude do comércio internacional, mas, sim, de algum interesse dos exportadores de cocaína em expandir seu mercado, incluindo o Brasil em seus negócios. Como o poder de

¹ “blue star”: cocaína pura

compra do americano ou do europeu é um e do brasileiro é outro, para que a cocaína pudesse ser comercializada no Brasil numa quantidade maior, dando lucro aos exportadores, eles passaram a misturar a cocaína, barateando seu custo. Para o entrevistado, então, o “acesso” à cocaína é que “ficou mais fácil”.

Hoje, os entrevistados mencionam os tipos de droga vendidos na cidade de Ribeirão Preto e falam, inclusive, em que **época** essas drogas surgiram na cidade.

“olha...Dra.se a gente for considerar o tráfico de:: de (...) até dez anos atrás o tráfico era completamente diferente...(...) não é como hoje né? hoje tá completamente diferente então quando eu falo do tráfico antigo que:: que por sinal essa repressão que:: colocaram aí que droga a droga é uma porcaria -- como de fato -- droga é uma porcaria mas vamos saber que tipo de droga que é uma porcaria porque o próprio cigarro prá nós é uma porcaria o:: Ministério da Saúde deixa vendê e é uma das drogas piores que nós temos e todos nós sabemos disso é o tal de cigarro é uma DROGA mais quando a gente:: fala compreende? sobre o problema de droga até há dez anos atrás (...) os tipo de droga começou a surgir mesmo de dez anos prá cá...as perigosas...prá nós aqui né? prá nós aqui começou a surgir depois de dez anos prá cá...dez quinze anos (...) -- eu já disse antes vou repetir -- nós só conhecíamos compreende? a cocaína e a maconha com essa repressão hoje nós conhece tantos tipo de droga Dra. que eu já não entendo” (E2 – 60 anos)

“A: que droga que se comercializa hoje em Ribeirão?”

E1: maconha cocaína “crack” LSD êxtase haxixe...acho que aqui em Ribeirão não se tem comércio de heroína e merla” (E1 – 31 anos)

“junto tem a propaganda também porque tudo que os Estados Unidos consome hoje daqui a cinco ano três ano o Brasil tá consumindo né...então quando divulga-se/que nem há pouco tempo cê num viu a divulgação do crack lá nos Estados Unidos? daqui uns dia tá aqui e assim foi o ecstasy (...) né o que será que virá agora né? então qualque uma coisa que esteja lá daqui uns dias estará aqui também (...) e assim será tantas outras coisa que a Rede Globo queira que o Brasil se vicie né...é assim...(...) é::: ahn::: infelizmente:: na/globalização a droga chega primeiro que qualque outra mercadoria ((riso)) infelizmente... infelizmente né” (E7 – 39 anos)

Um dos participantes, faz um paralelo entre a periferia e os outros lugares e os tipos de droga vendidos.

“E2: olha Dra. a maior parte sempre foi na periferia...eu não sei porque é escolhida a periferia para o tráfico de drogas mais a maior parte do tráfico mesmo de drogas (quando) se vende alguma coisa é só periferia o porquê eu não sei mais no centro o::...ou nos grandes bairros nas grandes...grandes lugares também existe e existe o mais forte do que existe na periferia porque ali já é a droga que vem IMportada ...

A: como assim importada ?

E2: é :: é o LSD a heroÍNA a morFINA e todas essas drogas químicas que a periferia não tem condições de ter

A: por que que não tem?

E2: ah não nenhum :: nenhum passador de droga de periferia tem um dinheiro suficiente para comprar esse tipo de droga” (E2 – 60 anos)

Através dos relatos, percebo que houve uma disseminação, não só com relação aos tipos de drogas vendidas, mas, também, com relação aos **locais** de venda. Tradicionalmente conhecido como “boca” ou, “boca de fumo”, ou ainda, “bocada”, no linguajar dos atores sociais envolvidos e da malandragem, hoje o termo circula nos meios sociais e é denominado como o local, o ponto onde se vende droga. Se antigamente, de acordo com as falas dos participantes, anteriormente transcritas, o comércio de drogas era restrito à periferia, com exceção da cocaína, hoje, os locais são bem variados:

“A: hoje tem tráfico nos bairros grã finos ?

E2: TEM em qualquer lugar tem Dra. a Sra. não vê / é o meio de comunicação a gente vê nas boates grãs finas são:: existem drogas que EU NÃO CONHEÇO...NUNCA OUVI DIZER NA VIDA EXISTE mas a Sra. vê agora eu pergunto prá Sra. eles sabem que tem qual que é a repressão que eles fazem nesse lugar? nenhuma Dra. pode notar eles não fazem repressão nenhuma por que? é uma boate de grã fino ou é um lugar de gente grã fina de pessoas de posse -- apesar que eu não tenho nada contra esses tipo de pessoa...eles tão na deles como a gente tá na nossa compreende? mais o:: me desculpe dizer mais a:: a nossa política ((refere-se à polícia)) a nossa política compreende? é o que faz acontecer tudo isso ..” (E2 – 60 anos)

O relato do E2 parece trazer um questionamento a respeito do procedimento da política da Segurança Pública, a medida que a repressão ao tráfico de drogas é dirigida sobretudo ao tráfico da periferia. Essa situação também é evidenciada por CRUZ NETO *et al.* (2001, p. 76) ao apontar que “o combate ao tráfico de drogas

por parte das autoridades competentes é, então, concentrado nos pontos de venda em comunidades carentes". Ressalto que não cabe discutir, aqui, o porquê dessa linha de atuação por parte dos órgãos da Segurança Pública, mas, cotejar as impressões dos entrevistados, com o intuito de compreender melhor o fenômeno do tráfico de drogas.

Os participantes, além dos tipos de droga e locais de venda, também fizeram menção à **quantidade** de droga vendida antigamente e hoje.

Para os entrevistados, houve um aumento no consumo de drogas. Ao narrar como, antigamente, a droga chegava à cidade, E2 faz alusão à quantidade de droga em circulação, bem como, um paralelo, entre antigamente e hoje. Segundo ele, **antigamente**, a pessoa que transportava a maconha, a droga mais usada na época, o "**malero**", assim chamado, porque a droga vinha em uma mala de viagem, trazia, em média, trinta quilos de maconha. Eles, os "malero" é que traziam a droga do Paraguai, para ser vendida aqui em Ribeirão Preto. Afirma, ainda, o entrevistado que, na **atualidade**, já se noticiou a apreensão de quinze toneladas de maconha.

"A: então esses que faziam o tráfico aqui ...na cidade ...era pequeno:: não era muita quantidade?"

E2: não /a quantidade:: era uma...eles falavam malero(...) era o seguinte vinha os "malero" que nessa época vinha muitos Paraguaio trazer...eles que vinham trazê...chegavam aqui prá vendê (...) então:: é até engraçado Dra. que a maior parte trazia mesmo dentro da mala mala de viagem então sempre vinha uma média de trinta trinta e cinco quilo...quando chegava principalmente os trinta e cinco quilo era uma festa na cidade...chegou maconha...então era uma festa na cidade...mas não era quantidade exorbitante que nem a gente vê hoje no dia de hoje compreende? sai uma carreta às vezes com QUINZE TONELADA que já foi peGA...quinze tonelada...eu:: desde a época que eu conheço isso nunca vi tanta coisa assim compreende? então a gente vê que esse comércio é um comércio abrangente que vai ser diFÍCIL compreende? se o governo não mudá a política dele nunca vai termina(...)é o que eu digo o maleiro ele ia/vai buscar trinta quilo se o malero chegá com trinta quilo hoje dentro de Ribeirão Preto numa hora ele vende...trinta quilo de maconha" (E2 – 60 anos)

ARBEX verifica que, no ano de 1991, estabeleceu-se um novo capítulo na história do tráfico de drogas no Brasil. Refere-se à notícia da maior apreensão

individual de cocaína no Brasil até então, realizada no dia 10 de julho de 1991; foram apreendidos 554 quilos de cocaína. “A droga pertencia a Abdiel Pinto Rabelo e Nobias Pinto Rabelo, irmãos do deputado federal Jabes Rabelo, do Estado de Rondônia”(ARBEX, 1993, p. 61). De lá para cá, as notícias corroboram a percepção do entrevistado com relação às quantidades de droga, apreendidas. Em fevereiro de 2001, noticiou-se apreensão recorde de maconha: mais de 18 toneladas,¹ na cidade de Mundo Novo, Mato Grosso do Sul, divisa com o Estado do Paraná. E, em julho de 2004, recolhi a notícia da apreensão de uma tonelada de cocaína, sendo que o recorde no país foi de 7,4 toneladas, apreensão ocorrida no ano de 1994, no Estado do Tocantins.²

Esse mesmo entrevistado mencionou que, nos anos de 1989 a 1991, chegou a vender uma média de trezentos quilos de maconha por semana.

“cresceu também né Dra.? foi aonde que cresceu muito também...em noventa e um...nesse memo local hoje aqui --só que não aqui dentro pro lado de fora né?((lado de fora da residência do entrevistado)) que a gente fazia as coisa da gente...era uma média eu vendia uma média de trezentos quilo de maconha por semana ou mais...de:: de:: oitenta e nove noventa noventa e um...um ano e oito meses mais ou menos Dra.” (E2 – 60 anos)

Os dois últimos relatos levam-nos a pensar: se antigamente, quando o “maleiro” trazia trinta e cinco quilos de maconha, era uma festa na cidade e se, no ano de 1991, um traficante vendia trezentos quilos de maconha por semana, quantos quilos não estariam sendo vendidos hoje? Levam, também, à impressão de que deve ter havido um aumento muito grande no consumo de drogas na cidade de Ribeirão Preto, principalmente diante das estimativas das cifras anunciadas, que o tráfico de drogas faz girar.

É certo que houve aumento no consumo, até porque o número de habitantes na cidade também aumentou. No entanto, penso necessário utilizar de cautela para não superestimar o fenômeno, primeiro, porque não dispomos de dados suficientes para

¹ O Estado de São Paulo, Cidades, Apreensão de maconha é recorde, p. C1, 10 de fevereiro de 2001. As principais apreensões de maconha no país, segundo fonte da Polícia Federal foram: 18,6 em 08.02.2001; 18,4 em agosto de 2000; e 16,8 em 19.12.2000.

² Folha de São Paulo, Cotidiano, Polícia Civil apreende uma tonelada de coca, p. 26, 24 de julho de 2004.

dimensionar a demanda de drogas na cidade, atualmente, e, depois, os dados, aqui colhidos, estão inseridos num estudo qualitativo, em que a perspectiva é a compreensão de casos particulares e não a generalização ou a quantificação.

O I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, pesquisa envolvendo as 107 maiores cidades do País, realizada, em 2001, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), projeto que contou com o apoio da Secretaria Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, apontou, dentre outros resultados relevantes, que:

“ - A estimativa de dependentes de álcool foi de 11,2% e de tabaco 9,0% o que corresponde a populações de 5.283.000 e 4.214.000 pessoas, respectivamente;

- O uso na vida de maconha aparece em primeiro lugar entre as drogas ilícitas, com 6,9% dos entrevistados. Comparando-se esse resultado com outros estudos pode-se verificar que é bem menor que em países como EUA (34,2%), Reino Unido (25,0%), Dinamarca (24,3%), Espanha (22,2%) e Chile (16,6%). Porém superior à Bélgica (5,8%) e Colômbia (5,4%)

- A segunda droga com maior uso na vida (exceto tabaco e álcool) foram os solventes (5,8%);

- Surpreendeu o uso na vida de orexígenos (medicamentos utilizados para estimular o apetite), com 4,3%. Vale lembrar que não há controle para a venda desse tipo de medicamento;

- O uso na vida de cocaína teve porcentagem de 2,3%, próximo ao observado em estudos da Espanha e Reino Unido (cerca de 3%) e quase cinco vezes menor aos EUA (11,2%)” (CARLINI et. al., 2002, p. 40 e p. 305).

Em tema de drogas psicotrópicas, pode-se dizer que esse levantamento domiciliar representou o mais amplo estudo já realizado no País. Por meio dessa pesquisa, pôde-se estimar, pela primeira vez, entre outros objetivos, a prevalência do uso de drogas. Os resultados mostram que as drogas lícitas são as mais usadas. Dentre as drogas ilícitas, quando os nossos resultados são comparados com os de outros

países, verifica-se que o Brasil está abaixo de muitos outros, o que sugere que o consumo no País, não é tão grande.

É interessante observar que os pontos de vista de um dos participantes caminham no mesmo sentido do dos resultados apontados pelo Levantamento Domiciliar acima referido, ou seja, não existe um número tão grande de pessoas envolvidas no uso de drogas, o que se pode observar no trecho destacado a seguir:

“... até porque você num tem um::a grande massa de viciados...é até menor do que essas/do que as pessoas propagam é que existe muita gente em volta é como se uma pessoa acendesse um cigarro e todos que tivessem em volta fumasse e acabam fumando...né pelo ar mas não são todos que fumam ...”
(E7 – 39 anos)

Penso que o fato de os números não apontarem um grande percentual de usuários de drogas ilícitas não retira o caráter prejudicial à saúde que essas drogas trazem, mas nos remete a considerações já levantadas anteriormente por BUCHER, no sentido de que, embora a maconha possa ser tratada como a droga mais consumida no Brasil, nem de longe ela ultrapassa o consumo das drogas lícitas, a saber, o álcool, o fumo, os medicamentos e os inalantes, sendo que, na análise da situação do consumo de drogas, na sociedade brasileira, é necessário incluir, também, as substâncias psicoativas lícitas (BUCHER, 1992). Por outro lado, ressalta ainda o pesquisador que o uso de drogas ilícitas, apresentado na mídia com títulos, quase sempre, sensacionalistas, *“tais como, ‘O flagelo das drogas no Brasil’ ou ‘Uma epidemia brasileira’*, induzem *“a pensar que elas representam uma verdadeira desgraça nacional”* (BUCHER *et al*, 1991, p. 92). Os dados apresentados pelo CEBRID permitem-nos conhecer e dimensionar, de maneira mais objetiva, a questão e, também, *“tirar da ‘questão das drogas’ sua auréola sensacionalista, tão apreciada pela mídia em geral, e inseri-la entre as ocorrências sociais averiguadas”* (BUCHER *et al*, 1991, p. 92).

Vale mencionar, ainda, outra situação interessante, percebida através do relato cedido pelo E7. O **número de traficantes** também não é tão grande quanto se apregoa nos meios de comunicação. Sua fala ilustra isso:

“então às vezes as pessoas porque não têm emprego não têm o que fazer fica ali parado na esquina --um menino é do movimento¹ fica mais quatro ou cinco outro menino ali que num tem o que fazê e acabam:: substituindo o menino quando esse menino é preso ou qualqué coisa parecida mas nem todos são do movimento então é:: se fosse fazê uma análise mesmo é:: especializada mesmo ia ver que tem bem menos jovens envolvidos AINDA do que a conta que é:: que eles dão aí que a gente às vezes ouve falá”

(E7 – 39 anos)

À primeira vista, essa assertiva poderia soar inverossímil. Entretanto, na revisão da literatura, contemplei observações semelhantes às do entrevistado. Marcos Alvito que, durante três anos (1995-98), realizou pesquisa sobre as experiências de vida dos moradores de Acari², tendo o tráfico de drogas como um dos temas de seu trabalho, afirma que: *“o número de pessoas diretamente envolvidas no tráfico de drogas, em cada localidade, é ínfimo,(...) inferior a 1% do número total de moradores”*. (ALVITO, 1998, p. 188). Segundo Zuenir Ventura, por suas observações em Vigário Geral³, as pessoas que se dedicavam ao tráfico de drogas, na favela, eram minoria, o número não atinge 1% da população. Seguindo essa assertiva, questiona o jornalista o motivo que impede muitos jovens, sem emprego e sem rendimento, de se envolverem no tráfico. Em suas palavras: *“Em matéria de juventude pobre, até a pergunta está errada. Não é ‘por que tantos jovens estão no tráfico?’, mas ‘por que tantos ainda não estão?’*. Ainda não estão talvez por falta de vagas” (VENTURA, 1994, p. 178). Numa entrevista à revista *Caros Amigos*, Caco Barcelos aponta: *“o contrário vi muito. Fila de espera”* (BARCELOS, 2003b, p. 32).

Feitas as considerações introdutórias, indispensáveis à melhor compreensão das categorias que se seguem, passo às análises das concepções sobre a a estrutura e a organização do tráfico de drogas, os atores envolvidos e os papéis desempenhados.

7.3 - “O movimento” - atores sociais e papéis desempenhados

¹ Movimento: sinônimo do tráfico de drogas.

² Acari: favela na cidade do Rio de Janeiro

³ Vigário Geral: favela na cidade do Rio de Janeiro

Falar de estrutura e organização, de atores sociais e papéis desempenhados é, antes de tudo, revelar outra dimensão do fenômeno. É assinalar, “o quanto o tráfico está imerso em um universo relacional” (BARBOSA, 1998, p. 135), no qual, segundo o ponto de vista de um dos entrevistados, nem todos são criminosos, como se observa em seu depoimento:

“tudo é questão do lucro...a qualidade e o lucro (...) tudo é questão disso daí certo? raríssimas exceções -- tem pessoas que tem uma ética criminosa que já vem de uma linhagem criminosa que não burla certas leis...certo? mais nesse meio é onde que se burla a maioria das leis é esse meio porque nesse meio nem todo mundo é criminoso...eles podem até ser comerciantes mas não são criminosos eles vão pela mesma lei do comércio...é ou não é? é vantagens:: e:: e desvantagens qualidade essas coisas” (E7 – 39 anos)

Percebo essa fala como altamente significativa para a compreensão não só do tema – estrutura e organização mas, também, do tráfico como um todo. Ela traz uma apreensão peculiar quanto às relações que se desenvolvem no tráfico de drogas, qual seja, a existência de pessoas “estranhas” ao mundo do crime, inseridas nessas redes de significados, que podem, muitas vezes, confundir e embaralhar nossas apreensões. Tomo essa circunstância, como um dos pontos de partida de tais percepções. O outro é a desmistificação do termo “crime organizado”, tão apreagoado nos meios de comunicação, pois, para um dos entrevistados, **“não existe este tipo de organização”, “não existe tamanha estrutura, a não ser quando se parta de algum nível superior”**. A narrativa enfática do E7, a seguir, ilustra essa concepção:

“A: (...) eu tô perguntando primeiro dos distribuidores existe alguma hierarquia entre esses?”

E7: NA::O não é:::/ah vocês procuram uma organização que ela só existe na cabeça de vocês não existe esse tipo de organização...não tem como se criar esse organograma essa hierarquia porque ela/ela/é::: fantasiosa não existe...ela não existe compreendeu cada um se arrisca amanhã ou depois você pode decidir pegar suas economias e aplicar em droga...compreendeu você vai procurar alguém que saiba distribuir essa droga vai financiar esse alguém ...então não existe essa é::: essa/essa/hierarquia tãO precisa que vocês buscam tal qual um genera::l um corone::l um majo::r ou qualquer coisa organizada que seja entendeu? não é/não é/não é tão organizada assim não tem como ser tão organizada assim (...) mas num num (entendam) vocês...amanhã ou depois porque é o seguinte essa estrutura ela é de

improvisado essa estrutura não existe porque qualquer pessoa que tá relacionada a isso já -- nós já somos desestruturados nós somos desestruturado de tu::do e vocês tão procurando estrutura onde não existe estrutura e vocês estruturados tão procurando coisa onde que não exi/é uma caça à bruxas não existe tamanha estrutura a não ser quando se parta de algum (nível) superior ou seja do nível de vocês pessoas que estão incluídas no meio da sociedade...esses sim é que têm estrutura mais num existe (...) então NÃO EXISTE tamanha estrutura assim (...) isso aí é uma coisa criada pela mídia até prá sair/prá haver a razão de existir de certa polícia”
(E7 – 39 anos)

Nas palavras de LEEDS (1998, p. 245): “*Entrevistas com altos funcionários da polícia e do Judiciário produziram observações como as seguintes: (...) quando falamos de ‘crime organizado’, na verdade estamos falando da polícia*”.

Observo, ainda, por meio do relato, a complexidade que envolve o tráfico de drogas e nossa dificuldade em compreendê-lo. As palavras do entrevistado levam-me a pensar que uma das razões pela qual “nós, os estruturados”, não conseguimos compreender o tráfico de drogas, deve-se ao nosso hábito de sempre procurar amoldar e subsumir os nossos conceitos e os nossos métodos de conhecimento nas investigações do desconhecido. Ele sugere o contrário; na sua visão, o tráfico de drogas não se insere em um modelo tão estruturado, a medida que ele é impreciso e improvisado, embora exija a observância de certas normas e tradições éticas entre os criminosos. O participante exemplifica suas percepções, ao relatar que: “*cada um se arrisca amanhã ou depois você pode decidir pegar suas economias e aplicar em droga...compreendeu você vai procurar alguém que saiba distribuir essa droga vai financiar esse alguém*”, aludindo a uma pessoa que não está previamente inserida na “estrutura e organização” do tráfico de drogas.

Assim, diante de tais concepções, ao me referir, neste estudo, à hierarquia e à organização no tráfico de drogas, estarei considerando-as de acordo com o significado apontado por ALVITO (2001), no sentido de atribuição de papéis, de diferenciação, de estabelecimento de modo de atuação específico.

7.3.1 - “Avião” – “olheiro” – “fogueteiro” – “gerente” – “braço direito” - “mula” – “transportador”

Para os entrevistados, de modo geral, “avião” é aquele que leva a droga do local em que ela foi acondicionada até o local em que será vendida; é, também, aquele que vende os “papéis”¹, ou seja, pequenas quantidades ou ainda, aquele que leva ao conhecimento do traficante que há uma pessoa querendo comprar droga; ele tanto pode ser empregado, recebendo uma quantia fixa, quanto trabalhar por porcentagem das vendas, de modo independente. As falas seguintes exemplificam isso:

“o avião é aquele que vende:: os papel compreende? o:: ou:: que leva ao conhecimento do traficante que tem uma pessoa que quer comprar:: então esses são os aviões aqueles que que vendem né? pequenas quantidades ou que leva ao conhecimento da pessoa que tem muita droga que tem certo tipo de pessoas que querem compra

A: o avião ele é um empregado ou ele é independente ?

E2: ele é independente também é aquele que vai trabalhar pro traficante ou por prazo de dez dias ou por trinta por cento” (E2 – 60 anos)

*“o avião foi dado a esses menino que o/ que foi dado ali no/ que começou ali pro canto/pros lados lado do Rio de Janeiro que transporta pequena quantidade é um avião uma coisa rápida né (...) pequena e rápida”
(E7 – 39 anos)*

Sob o ponto de vista de um dos entrevistados, na cidade de Ribeirão Preto, o “avião” não ganha as quantias de dinheiro que a mídia propaga, razão pela qual, às vezes, ele acaba trabalhando para diversas pessoas. A fala, a seguir, exemplifica isso:

“ o avião em si é o transporte...por exemplo você confeccionou você embalou a droga aí aquela droga geralmente ela é...enrolada é separada feita em papelote longe daquele local entendeu? então tem se chegar àquele local a Sra. me entende?(...) então é a pessoa é aquele aviãozinho que faz o aviãozinho do local onde foi confeccionado até o local onde vai chegá

A: onde vai ser vendida

E1: isso...isso é a parte do aviãozinho...geralmente se ganha poco prá isso então eles não querem...o pessoal gosta onde tá o dinheiro...ganha-se

¹ “Papéis”: “papelotes”, pequenas embalagens de droga.

pouquíssimo eu conheço pessoas que fazem avião todos os dias para ganhar dez quinze (...) reais

A: por dia?

E1: é...só que aí ele se envolve em vários né? ele vai ali pega quinze dum vai ali pega vinte do outro...prá transportar então...é ali que ele ganha...o sustento dele não é um :: um absurdo igual o pessoal pensa (...) não é da forma que / um avião prá ganha doze mil reais nossa é raridade”

(E1 – 31 anos)

Nos estudos de CRUZ NETO *et al.* (2001), e BARBOSA (1998), não encontrei referências a esse ator social. LEEDS refere-se ao “avião” como “*meninos mais velhos que efetuam as entregas ou vendem em pontos da favela*” (LEEDS, 1998, p. 242). Já ZALUAR contempla o “avião”, relacionado-o à figura do “vapor”. Em suas palavras:

“O vapor é aquele que recebe a droga no local e espera os fregueses. Ele é o “homem de confiança” do traficante e deve prestar conta a ele do que for vendido e dos gastos para manter a neutralidade policial. O avião é o que vai até o freguês, ou melhor o que “aponta o freguês” pra o vapor e, ao mesmo tempo, vigia a polícia. Dele portanto, depende o vapor para avisá-lo da chegada de um freguês ou da polícia. Dele, uma traição pode ser fatal para o vapor. Sobre ele, o vapor mantém o poder também através do revólver no final das contas” (ZALUAR, 1994, p. 19 – g.n.).

Observo que, nos relatos dos entrevistados neste estudo, sem exceção, não ouvi nenhuma referência a esse ator social: o “vapor”. No entanto, nos trabalhos realizados na cidade do Rio de Janeiro, encontrei na literatura descrição da figura do “vapor” ou “vazpozeiro”, como anteriormente mencionado. Segundo BARBOSA, ele “*ocupa o segundo lugar da hierarquia. Ele é o responsável pela venda*” (BARBOSA, 1998, p. 87).

Outro ator envolvido nas atividades do tráfico de drogas, mencionado pelos entrevistados, é o “**olheiro**”. Notei que ele desempenha papel interessante, eis que, na percepção dos entrevistados, o “olheiro” também pode ser qualquer pessoa, uma

senhora, um idoso, alguém que, aos olhos do traficante e da comunidade, não é considerado como traficante, mas, sob o manto da Lei, o é, “porque está contribuindo, de qualquer forma, no incentivo ou difusão do tráfico ilícito” (parágrafo segundo, inciso III, do artigo 12 da Lei nº 6368/76 – Lei de Tóxicos).

“A: e aqui tem olheiro ?

E2: olha Dra.o olheiro tem em qualqué lugar porque:...é vamos supor o menino tá ali na esquina ele não é um olheiro do traficante mais ele SABE que tem o traficante então:: a polícia passa numa avenida ele tá na rua do lado de lá a primeira coisa que ele corre é chegá e falá ‘ó a polícia passou lá na avenida’ então:: daí:: compreende? todo mundo já tá avisado que:: a polícia tá nas imediações então ele não precisa nem ser olheiro qualqué pessoa da comunidade que sabe que existe um traficante ou um tráfico de droga nas imediações que ele se encontra e a polícia passa essa própria pessoa pode ser um menino pode ser uma senhora pode ser uma menina pode ser um idoso pode ser qualqué pessoa compreende? ele se sente tão:...tão bem com o traficante que eles mesmo avisam ‘ó cuidado que tem polícia a polícia passou ali ou a polícia tá ali’ a própria pessoa que não tem nada a ver ela se torna olheira...”
(E2 – 60 anos)

Identificado, na literatura, como “vigia” (LEEDS, 1998), a função do “olheiro” é: “avisar, por meio de rádio transmissor ou fogos de artifício, a chegada da polícia ou de grupos rivais” (CRUZ NETO *et al*, 2001, p. 133; ALVITO, 2001). Cumpre ressaltar que, nos relatos cedidos pelos entrevistados neste estudo, não houve referências à utilização, pelos “olheiros” de rádiotransmissor, fogos de artifícios ou pipas, como menciona BARBOSA. De acordo com o antropólogo, na cidade do Rio de Janeiro, os “olheiros”: “avisavam da chegada da polícia manobrando suas pipas”. Hoje, assinala que os tempos são outros, o “‘olheiro’ se transformou em ‘fogueteiro’” (BARBOSA, 1998, p. 83).

O “**fogueteiro**” é um cargo muito citado pela literatura sobre o tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro. Sua função é avisar, por meio de fogos de artifício, a chegada da Polícia (CRUZ NETO *et al.*, *Op.cit.*, p. 133). No entanto, foi interessante notar que esse ator social apresenta características ímpares e seus avisos são permeados por códigos sempre atualizados e peculiares a cada localidade, morro ou favela: “Um morteiro normal, a polícia só passou. Uma carga deles é porque tá

entrando. (...) quando rola uma seqüência de tiros é invasão (...) alguém pode também testar a arma, mas é só uma rajada” (BARBOSA, 1998, p. 83).

Segundo os entrevistados, na cidade de Ribeirão Preto, não existe a figura do “fogueteiro”. Assim, percebo como equivocada a crença de que “chegou droga na cidade”, quando se escutam fogos de artifício. As falas seguintes exemplificam isso:

A: e tem esse negócio de...que as pessoas falam que quando tem...às vezes eu tô parada em casa e escuto um foguetório aí fala assim – chegou a droga?

E1: aqui não nada a ver/ aqui...(...) aqui não tem essas coisas não tem disso não o que se tem assim...passa-se o (salve) então se locomove ó chegô vamo lá buscá e (...) mais...nada de foguete...isso daí...não existe não (...) aqui não aqui não existe isso não...aqui o que existe é a descrição quanto mais discreto melhor...quanto...se puder fazer duma forma que não chama a atenção ela é feita entendeu? porque quanto menos atenção se chamar mais seguro é”

(E1 – 31 anos)

“que nem a Sra. acabou de:: dizer agorinha mesmo que no Rio quando chega a droga no morro soltam fogos não soltam não Dra. (...) não/aquilo lá é conversa que a polícia própria inventa prá fala que eles soltam fogos prá avisa que a polícia é isso é aquilo compreende? eles soltam fogos sim tem os olheiro que é obrigado a solta o fogo prá dizer que a polícia tá entrando no morro mais quando a droga chega num::tsc tsc((o entrevistado faz não com a cabeça)) não existe isso porque se existi isso a própria polícia vai ficá sabendo que tem droga no morro...”

(E2 – 60 anos)

Cotejando os dados recolhidos nas entrevistas com os existentes na literatura sobre o tema, encontrei descrição de outros atores sociais, que não foram mencionados pelos participantes deste estudo. Parece que não existem alguns papéis correlatos na cidade de Ribeirão Preto. São eles o “soldado”, os “seguranças do morro todo” e os “seguranças do homem”. Muito embora, em alguns morros, esses termos se misturem, o “soldado” é: *“o responsável pela segurança do vapor. Posiciona-se em pontos estratégicos; é a turma da ‘contenção’: ‘Soldado é a segunda barreira para a chegada da polícia; primeiro é o olheiro’”* (BARBOSA, 1998, p.87). Ainda, para Barbosa, em seguida ao seguranças da “boca”, existem os seguranças do morro todo: *“ (...) aqueles bondes [grupos que, quando o terreno permite, andam dentro de carros] de três ou quatro [pessoas] que ficam circulando’. A ‘rapaziada do dedo’, a ‘tropa de choque’. Utilizam armamento pesado e*

ostensivo”. E, ainda, um outro grupo, “*os seguranças do ‘homem’. Os seguranças do ‘cabeça’, homens de total confiança e coragem (para matar ou morrer)*” (BARBOSA, 1998, p. 87-88).

O “**gerente**”, de acordo com os entrevistados, é a pessoa de confiança do dono da droga ou dono da “*bocada*”. Ele é aquele que supervisiona os trabalhos.

“...*e existe o gerente que vai ordenar...*” (E2 – 60 anos)

CRUZ NETO (*et al.*, 2001, p. 134) aponta que os “gerentes” “*administram a endolação e a venda da mercadoria pela qual são responsáveis. Normalmente, há gerentes para cada tipo e preço de droga. Prestam contas com o gerente-geral*”. Nas palavras de BARBOSA (*Op.cit.*, p. 88), o “gerente” ocupa “*‘um cargo de grande responsabilidade’.(...). ‘Geralmente ele anda ali com uma mochila nas costas levando e trazendo, anotando o que foi vendido’. Controla o fluxo da droga e a distribuição dos homens*”.

Na fala de um dos participantes, existe, também, aquele que é “**o braço-direito**” do traficante:

“*por isso qui:: geralmente quando o traficante vê um moleque que tem inteligência que tem cabeça prá dominá aquilo ele já pega e...o moleque é à partir daquele momento passa a trabalhá com/trabalhá não passa a andá só com ele aí todo mundo já começa a ficá "nossa ó o fulano lá é o braço direito do bertrano " "por que?" "porque o cara só/pode vê onde tá um tá outro né o cara anda com ele no carro dele leva prá cima e prá baxo deixa o carro dele na mão do outro lá então é na onde que o cara já começa a:: a::: como vamo dizê assim todo mundo já começa a vê que ele é o escolhido Mesmo*”
(E5 – 31 anos)

Observa BARBOSA (*Op.cit.*, p. 88) que o “braço-direito” é o segundo homem na hierarquia de comando, mais do que um cargo, ocupa uma posição, é aquele que: “*responde pelo dono da boca quando ele não se encontra no local. Aquele que em*

caso de prisão ou morte do ‘homem’ é quem assume. É o parceiro do ‘patrão’, o ‘segunda-voz’: (...) onde ele vai, os dois vão juntos”.

Para os entrevistados, o **“transportador”** é a pessoa responsável pelo transporte da droga, o que vai buscar a grande quantidade de droga em outro País; normalmente, é um empregado do traficante. Ele também é conhecido por **“mula”**. Na maioria das vezes, sua função é a de somente transportar a droga. De modo geral, ele não exerce outra função. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“A: (...) o transportador... ele também é conhecido por mula?”

E7: com certeza... certeza” (E7 – 39 anos)

“A: ah certo e aí então tem esse cara...ele vai buscá ou alguém que vai buscá prá ele?”

E2: ah:: não aí:: ele já tem:: suas conduções...compreende? que ou vai buscá prá ele ou eles mandam de lá prá cá quer di::zer já vem os caminhões carregado mesmo como se deve

A: esse cara que vai buscá o que ele é...ele é um mula ele é um avião ele ?

E2: ele é um empregado compreende? o:: o mula o mula na nossa gíria é aquele que vai buscá ou entregá esse que vai busca grande quantidade”

(E2 – 60 anos)

Segundo um dos participantes, às vezes, o “transportador” exerce outra função, como, por exemplo, a de “batedor” ou “segurança”, exemplificada pelo diálogo seguinte:

“A: bom aí o senhor...só transportava [só ia busca

E6:(...) é eu era pago prá busca né por exemplo chegava até na divisa do Mato Grosso onde qué que tivesse (...) ou só transportava ou às vezes eu fazia segurança né segurança é () que vem...ba/é um tipo um batedor né? eu fiz isso muito tempo

A: e o senhor ia até lá na fronteira?

E6: é...o pessoal trazia até num determinado lugar de lá prá cá era nós que trazia...mas vendê mesmo assim prá dizê que eu tinha bocada que eu que eu lidava com menor que eu vendia droga prá (menor) graças a Deus isso eu nunca fiz na minha vida..mas perante a justiça é tudo a mesma coisa né tá traficando a mesma coisa né” (E6 – 50 anos)

Outra particularidade recolhida nas falas dos entrevistados é que, às vezes, além de transportar, ele também pode passar a vender a droga. A fala a seguir ilustra isso:

*“A: ...tem o que vai buscá
 E2: esse é empregado esse é numa suposição vamos supor ele sai daqui ele vai bem ele volta bem não tem mais nada prá fazer ele fica sossegado
 A: ah...a função dele é só i e voltá ?
 E2: é é só i e voltá...a não ser que ele tam::bém quer pegar alguma coisa mais o:: esse que vai buscar às vezes a grande quantidade o pobrema dele é buscá trazê e sossegar acabo aquilo ou tá prá acabá ele vai fazer o mesmo percurso novamente”* (E2 – 60 anos)

Percebo que os papéis desempenhados não são fixos, ao contrário, os atores se movimentam e se misturam. Observei, ainda, que, nos estudos sobre o tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro, não existe a figura do “mula”. No ponto de vista de um dos entrevistados, o “transportador” poderia se assemelhar àquele que eles chamam de “**matuto**”.

*E7: o matuto prá eles porque o::/o:: carioca (...)
 A: QUE que/o matuto pra eles seria o que pra nós?
 E7: seria o matogrossense lá::: o paraguaio o fronteiroço... né
 A: essa figura não tem na nona nossa cidade?
 E7: não::: pra nós não
 A: não exis:::te
 E7: nã:::o
 A: num tem a nada a ver com a gente?
 E7: seria até::: o caso do matuto aí seria caso do transportador::: da mula...no ca:::so”* (E7 – 39 anos)

Para RAFAEL (1998, p. 84), o “matuto” “é quem distribui a droga. Transporta-a até uma determinada área, morro ou favela. É o penúltimo elo de uma cadeia que inicia nos centros produtores e refinadores. (...) É ele que abastece”. Observo que o autor utiliza a palavra distribuir, não esclarecendo se o “matuto” apenas entrega ou se ele também é proprietário da droga, porque, na avaliação dos participantes desta pesquisa, conforme se verá mais adiante, o distribuidor é um fornecedor, um traficante que movimenta grandes quantidades de droga. Já

ZALUAR (1998, p. 210) anota que o “matuto” “*é aquele que traz a droga de outros estados ou países e que as vendem em grandes quantidades (‘a peso’ e não em papélotes)*”, especificando que ele vende e não apenas entrega. De qualquer modo, se a função do “matuto” for apenas entregar, ele se assemelha ao “transportador” ou “mula” mencionado neste estudo.

Outro traço interessante, verificado nas concepções dos participantes, é o de que o “transportador”, muitas vezes, é uma pessoa que “não tem ligação com o tráfico”, segundo as palavras do E1:

*“... é o transporte
 A: o cara...e o cara que traz normalmente ele só tem essa função de trazer
 E1: só tem essa função de trazer
 A: ou ele faz parte ou ele é uma pessoa avulsa ou ele
 E1: muitas vezes são pessoas avulsas...não têm ligações ao tráfico”
 (E1 – 31 anos)*

A fala contundente do E7 traz à tona que:

*“os verdadeiros transportadores os mula verdadeiros os verdadeiros transportadores são as pessoas lícitas que não têm passagem... por isso têm facilidade de passar pelas fronteiras sem maiores problemas
 A: é::?
 E7: tudo quem traz vem do lícito vem do Dito honesto daquele que tá fingindo na sociedade e nós damos a cara a tapa nós somos escarro nós somos catarro nós somos barro... tudo vem através de vocês mesmos” (E7 – 39 anos)*

Percebo que a fala dele revela uma face do fenômeno do tráfico de drogas pouco mencionada e sobretudo questionada. Sugere uma revolta por parte do entrevistado, bem como certa hipocrisia por parte da sociedade. Eu me questiono até que ponto “tudo vem através do lícito, do dito honesto, daquele que está fingindo na sociedade”? Não são poucos os casos apontados, na imprensa, de pessoas presas em tal situação. Apenas para citar, em julho de 2004, um militar foi preso, transportando

cerca de trezentos quilos de maconha em um carro com emblema do Exército¹. O caso já mencionado dos irmãos do Deputado Federal à época, Jabes Rabelo, que, no momento da apreensão, portavam identidades falsas de funcionários da Câmara dos Deputados, e, também, a prisão de um Tenente-Coronel, aviador, chefe do Centro de Operações da Aeronáutica na Amazônia, acusado de utilizar avião da Força Aérea Brasileira para enviar drogas para o Exterior².

Segundo ARBEX (1993, p. 63), “a maior parte da droga consumida pela elite brasileira é levada por portadores de passaportes diplomáticos e credenciais dos poderes Legislativo e Executivo”.

Para outro entrevistado:

“A: então ele vai lá e busca e vende.. esse cara qui qui ele é? é um Mula?”

E3: não(...) num tem nada de mula

A: ele é um vendedor

E3: mexeu é um vendedor é traficante” (E3 – 27 anos)

7.3.2 - Transportando a droga

Segundo os participantes, não há regra pré-estabelecida quanto à forma de transportar a droga, eles tanto podem utilizar avião como veículos terrestres para transportá-la. No ponto de vista do E1, “depende muito da forma como a Polícia está operando”:

“A: e eles trazem ...

E1: de caminhão de ônibus no estômago (...) é verdade isso depende do...do que se....

A: mas tem alguma coisa específica então por exemplo o cara traz aí ele só mexe com avião por exemplo ou um dia ele traz num avião outro dia ele traz num caminhão outro dia ele traz no navio?”

¹ Folha de S. Paulo, Cotidiano, Militar é preso, carregando maconha em carro com emblema do Exército, p. 20, 07 de julho de 2004.

² Revista Veja, ano 32, nº 17, Tráfico Aéreo – Oficiais da Aeronáutica usam aviões da FAB para transportar drogas para o exterior, p. 48/49, 28 de abril de 1999.

E1: então isso depende muito isso daí depende muito da forma que a polícia tá operando entendeu? se tá...se tá propício prá sair de avião sai de avião se tá difícil de saí de avião sai por baixo se não tiver como sair por baixo tem gente que (...) sai até no estômago ((riso))” (E1 – 31 anos)

Observo que essa droga a que o E1 se refere é aquela quantidade maior, que vem de outros Países para Ribeirão Preto. O participante E6, que exercia a atividade de transportar droga, menciona, em seu relato, que se segue, que costumava transportar de uma a duas toneladas de maconha por viagem:

A: e quando o senhor ia buscá o senhor trazia de bastante quantidade então?

E6: ah é porque trazê de pouco num compensava né? era mil quilo mil e quinhentos quilo dois mil quilo

A: de:::

E6: só maconha (...)

A: [e transportava em caminhã:::ou em ca:::rro?

E6: caminhão a maior parte das vez em caminhão...quando era assim de de de quantia menor às vezes vinha de camionete de perua Kombi...depende da quantidade né? se era muito() caminhão() segurança” (E6 – 50 anos)

Segundo os entrevistados, existe toda uma preparação para o transporte dessa “carga” de droga. Às vezes, o vendedor que está do outro lado do País, é quem realiza essa tarefa; outras vezes, a própria pessoa que vai buscar é que prepara o veículo. Recolhi, em narrativa fortuita, a seguinte explicação: se o comprador quiser mais barato, quiser economizar, ele tem que preparar o “mocó”; se não, lá mesmo (Paraguai) eles preparam. Eles chamam de “**mocó**” o local em que escondem a droga a ser transportada. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“aí::...eu desci prá ver...e que já era prá trazer uma carga -- me alembro perfeitamente que eu fui numa:: numa camionete...numa camionete Ford ...lá prá baixo ((no Paraguai)) e chegou lá eles mesmo fizeram o “mocó” prá mim nessa camionete que eu tinha descido com ela (...)eles já tinham mais prática assim de fazê “mocó” porque eles tavam sempre na fronteira então nós aqui não tinha prática de fazer o “mocó” como eles tinham lá prá transportar as coisas então eles fizeram o “mocó” compreende?”

(E2 – 60 anos)

A narrativa seguinte, embora um pouco extensa, ilustra bem as estratégias de que se pode valer o traficante para burlar a fiscalização da Polícia:

*“A(..) é::...você mencionou que você:: começou a viajá:: a buscá droga entregá mercadoria:: i:::...você ia até o outro lado do país buscá a droga?
E5:(nome de uma cidade)) do Paraguai...atravessava São Paulo atravessava Mato Grosso e ia até lá (...) de carro...nunca fui de caminhão sempre fui de carro*

A: e dava pra trazê bastante::: mercadoria?

E5: ah::: na época eu viajava com uma Chevy 500 uma Chevy da::: da linha Chevrolet...e essa Chevy ela tem um compartimento na parte traseira que ela vem com/de natureza de fábrica então a gente levava geralmente uma chavinha deiz e uma chave (fixa) e desmontava e ali a gente::colocava...que eu me LEMbro a gente:: nós colocamo duzentos quilo de maconha dentro da chevinha desse compartimento traseiro que ficava no::: na parte de:: dali eu acho que era perto do tanque e nas laterais na parte ali do assoalho se tirava:: o tampão e nas laterais que eu me recordo...aí nós lotávamos lá com duzentos quilo só que obviamente que vai:: diferenciá um pouco a estrutura do carro então:: naondi que a gente teve qui::: fazê umas modificações que eu me recordo na época nós tiramo::tivemo que mexê principalmente na base da:: do amortecedor então nós tiramos os:: quatro amortecedor e as mola e colocamo di::: di qui na época era de D-20 porque co:::/quando a gente colocô duzentos quilo de maconha ele teve que ficá num nível normal porque a gente passava pela barreira tan/tanto da Polícia Federal que é muito usada lá no/na parte do Mato Grosso e na Polícia Estadual né aqui em São Paulo e a gente tinha que passá por eles naturalmente porque:: eles ficam pro lado de fora na pista e:: eles são treinados prá observá o nosso comportamento (...) mas a primeira coisa que nós...parava pra pensá “pô o cara vai vê que esse carro tá muito baixo...que num tem peso na carroceria então nós temo que fazê de uma forma com que caiba os duzentos quilo sem abaixá o modelo então nós levamos o carro numa oficina e vimos a altura dela do jeito que tava normal...trocamos o:: os amortecedores o sistema de suspensão e colocamos um::: umas pessoa que deu os duzentos quilo mais ou menos até num nível que pudesse ficá normal como se fosse a:: os amortecedor normal do:: do veículo...e foi o que fizemos...eu fiz várias viagem dessa forma e nunca fui preso”
(E5 – 31 anos)

Um dos entrevistados mencionou que, geralmente, antes de realizar a compra da mercadoria, a pessoa recebe uma **“amostra”** da droga para a escolha:

“porque:: geralmente -- é assim antes de você comprá a mercadoria você tem que saBÊ a::/as condições dela então geralmente a gente vai num certo local o pessoal dá uma amostra prá gente porque::: eles falam tipo de

plantação “ó essa plantaçãõ que tá aqui no momen:::to ela tá desse jeito cê qué levá se não você espera um poco prá vim outra de outro local” então você vai escolhendo as amostras” (E5 – 31 anos)

Esse mesmo entrevistado expôs que, nas transações, de modo geral, quando há a **entrega da “mercadoria”** (droga), sempre vem alguém por parte do vendedor, ou ele próprio, para supervisionar o peso e a qualidade da droga, o que pode não acontecer quando o vendedor e o comprador são da mesma família:

“E5: porque geralmente quem tá mandando a mercadoria ou ele vem prá supervisioná ou ele manda alguém pa tê certeza [então

A: [ah manda sempre alguém?

E5: ah tem que vim né dotora? tem que vim porque na hora que é pesado ele tem que tê certeza da mercadoria que ele tá entregando se tá::: prá num dizê aquilo “ó rapaiz cê me mandô quatrocentos quilo eu ti pedi quinhentos” “não mas eu mandei quinhentos” aí chega no cara que ficô de entregá fala “cê num entregô quinhentos?” “eu entreguei quinhentos alguma coisa tá acontecendo”

A: então o cara que tá comprando ele manda alguém...ou o que tá vendendo?

E5: o que tá vendendo

A: o que tá vendendo manda?

E5: manda tem que vir (...) tem...geralmente ele num vem junto com a mercadoria né...mas ele vem

A: mas ele vai até o local em que eles se encontram

E5: isso

A: pra fazê o negócio

E5: (...) agora só o só num manda quando::: quando a mercadoria já é da própria família quando tem alguém do/daqui que tá comandando lá (...) aí é diferente...aí eles lá já manda prá cá i::: num tem o porque o (família robá família) ...esse que é o problema

A: é ele tá lá e tem o irmão dele ou parente dele que tá aqui

E5: aí::: já num tem necessidade de alguém tê que supervisoná”

(E5 – 31 anos)

Nos relatos cedidos pelo E5, percebi certas estratégias de sobrevivência de que o traficante, muitas vezes, lança mão a fim de garantir o resultado final de seu negócio. A fala seguinte cita que as pessoas encarregadas de buscar e trazer a quantidade maior de droga procuram se apresentar como um trabalhador normal:

“a gente passava pela barreira tan/tanto da Polícia Federal que é muito usada lá no/na parte do Mato Grosso e na Polícia Estadual né aqui em São Paulo e a gente tinha que passá por eles naturalmente porque:: eles ficam pro lado de fora na pista e:: eles são treinados prá observá o nosso comportamento...e eu lembro que as pessoas sempre falavam pra mim ‘ó nunca vai de boné:: nem de óculos nem de corrente quanto mais natural estilo trabalhador cê pudé demonstrá é melhor’ ” (E5 – 31 anos)

O entrevistado também faz referência à estratégias para burlar a eventual prisão, por exemplo, no Estado do Mato Grosso e no Paraguai, atentando para o fato de que cada traficante pode agir a seu:

“ ó nosso siste/nosso sistema era diferente dotora o nosso sistema na época a gente num podia andá nem de corrente só que a gente geralmente andava em duas pessoas (...) então::: quando a polícia parava a gente (...) nem com documento a gente podia andá...isso geralmente lá no Mato Grosso e no Paraguai (...) porque ocorria assim é::: a gente procurava andá mais a noite e di dia ficávamos escondidos em algum lugar às vezes num rancho nas plantações ou na casa do pessoal...i::: quando nós acabávamos de chegá lá:: quando nós acabávamos de chegá lá o pessoal geralmente:: (...) geralmente nós chegávamos lá de carro i::: éramos por obrigação de escondê o carro porque placa de fo::ra de outra cidade então num podia ficá circulando e nem a gente também podia ficá circulando pá num dá na ca:::ra prá num si mostrá muito pro pessoal num tê problema di:: di olhá e falá assim é:: “ô aquele cara lá é fostare:::ro” né algum::/pessoa de fora...então ficávamos escondidos o nosso documento ficava em outro lugar né porque:: documento eles sabe de onde que a gente é e PUxa em qualquer lugar e por causa das passagem também dos antecedentes agora:: como o ((nome de um traficante)) e o ((nome de outro traficante)) me ensinô na época quando eu tinha lá meus dezenove ano nunca í de boné nem com roupa muito assim:: extravagante prá num chamá atençã::o quanto mais trabalhador que pudesse mostrá é melhor ainda porque a gente se mistura muito com o pessoal di lá num í com corrente anel pulseira e nem com relógio né...de butina evitá tênis” (E5 – 31 anos)

Relata, também, que, às vezes, eles levam **mulheres** para disfarçar da polícia:

*“A: e tem gente que leva mulher prá disfarçá?
E5: leva (...) quando eu viajava pro ((nome de um traficante)) lá pro Rio de Janeiro ele mesmo pode dizê isso eu já levei minha irmã:: já levei duas namoradas que eu tinha na época...geralmente a gente leva porque:: é uma forma de:: pelo menos aQUI em São PAULO você demonstrá que é um*

casal...então você tem que que geralmente pô dentro do carro certos tipo di::di materiais que vão mostrá pro policiamento que você tá indo pá::passeá::...que nem quando eu fui pro Ro de Janeiro eu lembro que uma certa VEz eu tava no::/tava num::: num opala...e eu fui parado pela fiscalização por excesso de velocidade e na época eu nem:: tinha me dado por fé...e eu fiquei com medo porque:: na época eu tava com uma mercadoria e::: a/num deu tempo da gente podê escondê o que a gente chama de mocó...i:: eu tive que pô na porta...eu/eu tirei a lateral da proteção e o vidro num descia e justamente a mercadoria ficô ali mas ela ficô bastante bem acondicionada porque ela num exalava cheiro...e o policial pegô na lateral aquela tarjinha aquela etiquetinha que fica ali:: de identificação do veículo e olhô...e ele perguntô prá mim porque que a maçaneta num descia...eu virei prá ele e respondi “não eu tive que dexá assim porque eu forCEI mas quando eu chegá lá na onde que eu vô --que era em Vassouras-- eu vô mandá arrumá” ele simplesmente pegô os dados me multô e me liberô (...) mas isso porque eu tava com essa minha namoRAda ela tava num traje di:: di passeio né por causa que a gente ia tava dizendo que íamos pro Rio de Janeiro tava cum/com bastante coisa ali no porta-mala de trás que geralmente eles pede prá abrí pra vê se o este::pe se essas coisa de:: de segurança do carro tá em dia e eles viu lá bastante coisa...mas na verdade era tudo um disfarce”

(E5 – 31 anos)

Ainda expõe o participante E5 a situação de transportar **dinheiro** para o caso de precisar de “negociar a liberdade com a Polícia”.

“eu lembro que na Chevy que eu tinha tinha um compartimento na parte do:: do porta-luvas...então a gente soltava aquele compartimento que era um fundo falso e a gente guardava bastante dinheiro lá...isso nós fazíamos mesmo só que quando a gente ia andá na cidade ou na/na/na/em lugar que tinha muito movimento geralmente nós tinha que andá em dois ou no máximo três um sempre um pouco mais afastado que o outro porque se caso acontecesse de a gente sê preso tinha um acordo nós negociávamos com a polícia i:: geralmente eles estipulavam um preço e nós chutávamos um pouco mais baixo porque se a gente andá com muito dinheiro eles pega tudo prá eles...(...) então geralmente:: o que faz eles imaginá se você é forte ou não é a maneira que você se encontra na hora...se você tá de a pé que nem a gente chegava lá e escondia os documen::to e os documento do carro eles fazem um preço baixo agora se eles pega você com o carro ou eles qué o carro ou eles qué o valor maio:::r...então eles analisam você pela situação que você se encontra porque num tem como eles mostrá se você é forte ou não porque geralmente eles pensam que a gente é mula o que na verdade eu era na época né eu só ia lá prá buscá a droga eu num era o dono praticamente da mercadoria então (...) eles pega lá eles pega aí é onde que rolava esse tipo de suborno..o pessoal punha o preço deles nós falávamos que a nossa capacidade era pá tanto e a gente acertava ali

A: mas então cês levavam dinheiro pra:: hipótese de sê surpreendido e fazê um acordo ali? fazê um suborno uma corrupção [(sei lá)

E5: [ó o di/o dinheiro é obrigatório porque:: por exemplo hoje em dia se mexe muito com banco hoje a facilidade é mais rápida do que naquela época né que afinal foi quase dez anos atrás foi im::: **noventa e um ou seja oitenta e se::te até noventa e um** (...) hoje tá tudo mais fácil só que mesmo assim o pessoal evita muito:: a transação por banco por causa di:: depósitos né u::/a:: aquela fichinha que geralmente o banco controla prá num tê:: comprometimento então geralmente o pessoal qué o dinheiro na hora o dinheiro vivo na hora por isso que mesmo o cara fazendo uma:: transação di:: di grande qua/di grande quanti::a ele é obrigada a levá pelo menos um pouco de dinheiro vivo...que ninguém qué sabê de esperá em banco”

(E5 – 31 anos) (grifo meu)

Algumas peculiaridades, no transporte da droga, foram narradas pelos entrevistados. Uma delas é a de que junto com o “transportador” ou “mula”, existe, também, a presença da pessoa que eles chamam de “**batedor**” ou “**segurança**”. Em suas percepções, eles mencionam que, para transportar a droga, formavam um tipo de um comboio, bem como, utilizavam alguns artifícios para a segurança do transporte . As falas seguintes exemplificam isso:

“então:: o batedor ele sempre vai na frente aí a gente pára eu vô -- num posso tê de forma nenhuma te acesso no posto de gasolina minha obrigação é só abastecê...agora o batedor não --o batedor ele com::pra alguma coisa...depois no meio da estrada a gente pára ele me dá um salgado alguma coisa... um refrigerante prá mim seguí caminhada i:::

A: mas nem no banheiro num pode í?

E5: tsc tsc é tudo no meio do mato (...) se você tivé que fazê necessidade é tudo no meio do mato..papel higiênico cê tem que levá tudo porque se tivé algum problema...tanto qui:: é sempre dois dotora...é dois ali no piloto é um dirigindo e o outro descansando depois reveza” (E5 – 31 anos)

“A: vai um na frente com rádio

E6: é e outro atrás também é o::/é dois batedor né...um na frente e outro na cobertura (...) .já sabia as rotas mais ou menos prá desviá da polícia

A: ia mais [ou menos em comBO::io

E6: [é:: já tinha uma trilha é...sempre com rádio na mão né prá/tipo assim um quilômetro na frente se tivesse algum imprevisto quem já tava com a mercadoria já dava um jeito de desviá né (...) era assim que funcionava”

(E6 - 50 anos)

Segundo os participantes, é comum, nesses comboios, levar carro roubado em troca da droga a ser comercializada, consoante as falas seguintes:

“A: e era comum:: í levando carro? pra pagá a droga?”

E6: tem muita gente que faz isso (...) mas na nossa época mesmo assim num era assim não (...) era mais no dinheiro mesmo (...) hoje já hoje eles leva até caminhão né? leva caminhão leva carreta leva carro...principalmente os carro importado (...) o Paraguai é...((riso)) Paraguai é uma fonte de carro brasileiro (...) mas é assim que funciona” (E6 – 50 anos)

“mas a gente ia de comboio (...) a última vez que eu viajei nós chegamo í acho que em sete ou seis carros...isso foi em mil novecentos e noventa e um

A: mas por que que ia de comboio?”

E5: porque a gente levava muito carro robado pra lá (...) a gente levava carro robado então ia uns na frente os dois primeiros carro era:: os batedor e se mantinha numa certa distância...e o:: último carro era um carro limpo também...né e os outros era tudo carro roubado” (E5 – 31 anos)

Percebo, então, que, antigamente, levar carro roubado em troca da “mercadoria”, droga, era incomum, ao contrário do que sucede na atualidade e denota o traço de transformação no tráfico de drogas. Sugere, também, uma dissimulação entremeada, pois, se uma dessas pessoas vier ser detida pela Polícia, provavelmente, será presa em flagrante por crime de receptação, ou seja, transportar coisa que sabe ser produto de crime – carro roubado, quando, na verdade e, acima de tudo, ela também está praticando o crime de tráfico de drogas ilícitas, misturando, então, o foco de atenção.

Na opinião do E5:

“é o batedor ele é essencial né porque se o mula fô preso o batedor ele é o::o qui na hora ele é obrigado a acioná o restante “ó o:: cara caiu...manda o advogado aí porque:: senão vai ficá ruim prá tudo mundo” porque quanto MAis tempo o cara passá na mão da polícia mais rápido ele solta tudo quanto é tipo de informação” (E5 – 31 anos)

Foi interessante observar, a partir dos relatos dos participantes, que, para as atividades de **transporte**, segurança ou, ainda, no momento de **receber e esconder** a droga, **é muito difícil a participação de adolescentes**. Os relatos, a seguir, exemplificam e explicam porque não há adolescente em tais atividades:

“ na época no nosso caso era escolhido a dedo né por isso que eu tava te falando que menor num participava...todo mundo já sabia quem que era quem

A: mas eu tava observando...hoje em dia eu acho que ainda...embora o menor esteja vendendo aí na boca na rua este tipo de serviço eles não fazem

E6: não (...) não não não...isso daí só serve prá periferia aqui só na cidade eles fica () na cidade...já por exemplo já envolveu uma carga aí pá distribuí pá descê avião ou pá buscá moleque menor num pode sê...muito difícil pelo menos eu num vi até hoje né...os cara que é os cabeça mesmo...ali ali ali geralmente tá /todo mundo anda armado muito bem armado né (...) é:: de repente se é uma carga de cocaína ou de pedra de mil quilo dois mil quilo o cara tem que tá preparado até prá morrer às vezes né...porque se dé um choque com a polícia num pode abandoná...e saí correndo vai tê vai/havê troca de tiro né (...) então o cara tem que tá bem preparado fisicamente e psicologicamente né...então os cara já sabem quem que é quem chama o pessoal de confiança que fala né sabe que num vai largá na mão...aconteça o que acontecê tá ali (...) tem que segurá a droga...então é escolhido a dedo...a maior parte era assim era escolhido a dedo é fulano beltrano cicrano”

(E6 – 50 anos)

“ em TTodo transporte de mercadoria é difícil usá um menor o menor ele só é usado prá tê o contato direto com a:: com os fregueses...ali na hora de guardá e de recepcioná a mercadoria é difícl mesmo...acho que é porque o pessoal trabalha muito cum:::pessoas maduras também né (...) e de muita confiança porque o moLE:::que ele é muito nervoso...né então ele é ele é muito nervoso muito::: é precipitado preocupado meio qui::: atemorizado e nessa hora precisa-se de que os nervos estejam tudo...no lugar então quando ele tá na bocada ele já tem o domínio cum o pessoal ali e que é fácil dele podê chegá na pessoa e entrá na mente dela agora já lá nesse lugar não...e (...) o problema da molecada hoje em dia eles falam deMAis...entã:::o o pessoal que é maduro quando eles vão guardá guardá a mercadoria eles tem que pô na cabeça deles que é só aquele local e só eles sabem...se aquilo vazá pra alguém eles vão sê cobrado...pode sê um mas todos vão pagá...e o moleque se ele fô geralmente ele chega no outro dia no companheirim dele ele fala “olha eu fui num lugar lá muito doido fui guardá a droga pro cara lá nossa nossa cê precisa vê que esquema loco que eles fizeram” então o moleque ele num guenta é por natureza até que já:: antiga o moleque ele nunca conseguiu guardá segredo né...acho qui::: se fô prá analisá por esse fator seria isso”

(E5 – 31 anos)

As percepções sobre os papéis desempenhados pelos adolescentes, no tráfico de drogas, serão analisadas mais adiante. No entanto, na cidade de Ribeirão Preto, relatam os entrevistados que, para transportar, receber e esconder a “carga”, é muito difícil a participação de adolescentes, pois, segundo o ponto de vista de dois dos entrevistados, são atividades que requerem muita responsabilidade e confiança, as pessoas precisam estar muito bem preparadas física e psicologicamente. Para o E5, o jovem é “nervoso, precipitado e atemorizado” e, ainda, o jovem, na necessidade de se auto-afirmar, de se destacar perante os seus pares, “fala demais”, não consegue guardar o segredo. Percebo que eles sugerem, com essas narrativas, a própria condição de ser do adolescente.

7.3.3 - Quando a droga chega à cidade

Mencionam os entrevistados que, quando a droga chega à cidade, existem outras pessoas esperando para ajudar a recepcionar e guardar – esconder aquela droga. Segundo eles, é uma atividade que requer rapidez:

“ é eu lembro que quando eu viajava (...) eu mal chegava em Ribeirão o pessoal já tava mi:: mi:::mi esperando “cê tá aonde?” “ah eu tô:: perto de tal lugar” que eu recordo eu acho que era tipo assim...a cada posto de gasolina que a gente parava prá abastecer(...)nós tínhamos que ligá pro pessoal (...) prá avisá prá eles que nós tava na estrada (...) se de repente a gente demorasse prá ligá alguma coisa aconteceu...né então:::(...) aí quando chega em Ribeirão é na onde que o pessoal já vai colocá o que tem que í PEsá guarda o pessoal vai embora descansá vem a outra equipe já pega e já leva prá o::tro lugar...isso é uma coisa assim qui:: num é brincadera não”
(E5 – 31 anos)

“A: i:::... .quando chega vai descarregá já tem outras pessoas aqui [prá::: (...)

E6: [() já tá esperando (...) é...é tudo esquematizado né? () o tempo também conta muito quanto mais rápido melhor...quanto mais rápido desfazer da droga melhor né” (E6 – 50 anos)

“A: e aí depois quando chegava aqui tinha que escondê

E5: tinha...tinha que escondê i::: esconderijo geralmente era dentro de tambores di::: esses tambores di::: acho que duzentos litro quinhentos litro de plástico e a gente enterrava na terra (...) então o:::/quando a gente ia viajá já ficava uma outra galera aqui pá::: fazendo o buraco prá podê já acondicioná que tinha que sê tudo uma coisa rápida...que a gente num ia podê chegá:: com mercadoria::: ficá no meio do ma:::to cavando bura:::co e guardá então tem que sê uma coisa super rápida que a polícia ela trabalha muito em cima assim di::: di momentos se deu uma brechinha um momento p'reles podê entrá eles vai mesmo...então tinha que sê uma coisa super rápida prá num levantá::: atenção...” (E5 – 31 anos)

Ainda, relataram os participantes que, quando aquela grande quantidade de droga chega, ela **não é exposta logo de início**:

“e aquela mercadoria ela num vai sê exposta logo de início ela precisa de um lugar prá sê acondicionada então tem que sê pessoas que tem plena consciência do que vai fazê” (E5 – 31 anos)

“então quando se chega aqui aí o::: a pessoa que recebeu aquela grande quantidade a primeira coisa vai esconder (...) esconde escondeu-se aquilo compreende? aí ele demora às vezes cinco dias ou mais prá avisá que já chegou que está com ele...isso é por que? nos dias de hoje todos passos compreende? a polícia sabe...então traficante nenhum hoje ou a pessoa que mexe com bastante droga a droga chega num dia no outro ele já tá distribuindo primeiro ele esconde depois de cinco dias ou mais então ele já já sabe as pessoas que querem é onde que ele começa devagarzinho e sempre à noite...né? à entregar e fazer os comércio compreende?” (E2 – 60 anos)

Percebo por estes relatos que os traficantes, em suas atividades, seguem certas normas de conduta, mas, não sei se as mesmas normas também são observadas por outros traficantes da cidade de Ribeirão Preto ou de outras cidades.

Outra conduta observada, segundo as percepções dos entrevistados, é a de que, além de esconder a droga, muitas vezes, eles a **fragmentam** em vários esconderijos, consoante exemplifica a fala a seguir:

“entendeu? então é naondi qui...o pessoal eles fragmentam né? a mercadoria acabô de chegá o que é teu cê já cata e já escondi::: o que é meu eu já pego e

escondo...só que ele num vai escondê num lu/num local (...) aquela mesma quantia ele vai usá uma certa quantia prá podê distribui uma outra que vai sê fácil dele podê manipulá mexê ali por perto dele agora o grosso mesmo ele vai deixa sempre escondido em outro lugar que só ele e pessoas de confiança dele sabe (...) agora o qui tá bem guardado tá em galpão subterrâneo tipo assim um buraco dentro desses tambor de plástico...e cada tambor dá pra escondê aí cem cento e cinqüenta duzentos quilo de maconha
A: e esconde em terreno de outras pessoas ou em terreno de pessoas conhecidas?

E5:...olha quanto::...mais fô no meio do mato melhor...floresta beira de ri::o geralmente eles alugam muita chácara terreno bem longe eles dá preferência pá:: pá distância porque:: o gasto é:: ele compensa por causa da segurança” (E5 – 31 anos)

Verifico que essa “segurança” a que se refere o E5 dá a entender que a fragmentação é necessária para a organização do negócio, em termos de praticidade, quanto aos locais em que a droga vai estar guardada, uma maneira de enganar a Polícia, numa eventual apreensão de droga e, também, um modo de evitar prejuízo na hipótese de uma das partes daquela droga se perder, ou por apreensão policial ou por furto. A fala do E7 reflete essa situação:

“é uma norma (...) é/é:: um “modus operandi” de algumas pessoas ir fragmentando tem condição de se perder um:: e se/se realçar com outro né...pra num perder tudo de uma vez né” (E7 – 39 anos)

Os entrevistados também relataram que, após recepcionar, guardar e fragmentar a droga, eles também **mudam de lugar** a droga que está escondida. Exemplo disso são as falas a seguir:

“ eu fui preso em xxxxxx ((nome de outra cidade)) perto de xxxxxx ((nome de outra cidade)) (...) mas aí eu num trava trazendo (...) nós já tinha...a mercadoria já tinha chegado nós já tinha repartido um pouco e um pouco ficô no meio do canavial ali...e os cortador de cana achô e chamô a polícia rodoviária que nós ia pegá à noite prá muda daquele local pra outro local (...) nesse dia era pouca ela/a:: a mercadoria era pouca era oitenta quilo nós tava só em quatro...porque só ia mudá tipo assim tirá daqui dum lugar aqui pô mais seis quilômetros prá frente...era coisa rápida...mais aí ninguém sabia que a polícia tava esperando né...foi um prato cheio” (E6 – 50 anos)

*“geralmente mudava...porque o certo do crime que eu sei é mudá direto”
(E5 – 31 anos)*

*“com certeza à medida que o lugar que estão (se torna) um tanto conhecido assim como qualquer outra coisa que seja:: ilegal há que ter uma mudança”
(E7 – 39 anos)*

Nessa forma de organização, observei, pelas explicações dos entrevistados que, a pessoa que está vendendo a droga na “bocada”, geralmente, não sabe onde que está escondido o grosso da droga. E, por sua vez, a pessoa que trouxe e/ou que escondeu aquela droga, muitas vezes, não tem acesso à “bocada”. E, também, pode acontecer de a pessoa que trouxe a droga, o “transportador” ou o “segurança”, não ter acesso ao local em que a droga está escondida, por não ter conhecimento. Veja as falas seguintes:

“A: e o cara qui:: (...) tá vendendo ali na boca ele num sabe onde que tá guardada a droga maior

E5: não (...)

A: e o que trouxe guardô e escondeu? ele tem acesso a bo::ca ou ele num::

*E5: não...muita das vezes não e se brincá ele num tem nem acesso na onde que a mercadoria fica guardada...que a:: mercadoria muita das vezes ela é escondida em vários lugares e só:: duas pessoas pode sabê que é o:: o que supervisiona ((gerente)) i o:: i o dono da bocada...então vamo dizê assim eu:: transporte trouxe aí cem quilo...vamo guardá? vamo...tá vamo deixá ali depois eu::: ponho em outro lugar(...)então é sempre assim...por que ele fala isso? não por causa é::: é:: de você mas é uma forma dele se:: se resguardá mantê a segurança porque:: infelizmente o traficante ele tem medo até da sombra ele desconfia de tudo e de todos...então ele fala aquilo que é prá podê disfarçá que ele num pode simplesmente falá pro cara “ó eu::: vô deixá ali mas depois eu vô guardá em outro lugar porque::: se de repente cê saí daí e rodá ((for pego pela polícia)) ali:::...se num vai podê sabe aonde que eu guardei”
(E5 – 31 anos)*

“pode-se dizer que geralmente a pessoa que vai buscar a droga deixada em determinado lugar essa pessoa não pode aparecer na bocadinha

A: por quê?

E1: ela ficaria conhecida entendeu?

A: conhecida de quem ?

E1: do traficante da polícia do criminoso do viciado...isso é perigoso prá ele...porque aí ele fica conhecido...se ele se locomove fica fácil prá polícia segui

A: ah entendi então aquele que vai lá busca a droga e dispersar ou levar pro local ele não é conhecido?

E1: não é conhecido...o que vai ficá conhecido é aquele que vai entregá recebê esse vai fica conhecido entendeu?” (E1 – 31 anos)

Confirmando as percepções desta análise, o estudo de BARBOSA (1998, p. 85) afirma que:

*“Quando a droga chega ao morro ou a uma favela, ela normalmente é estocada, em um lugar ignorado por praticamente todos os membros da quadrilha. Isto para evitar um **derrame**. Para garantir que a droga não se perca. Pois no caso de prisão de algum membro do grupo, este não saberia dizer onde ela está. (...) Somente um ou dois homens de total confiança e que comprovadamente agüentam o ‘pau’ (tortura policial) sabem da sua localização”.*

Um dos participantes mencionou que, quando uma mercadoria é pega, uma quantidade de droga é apreendida pela Polícia, é relativamente comum ela representar apenas uma parte do total da droga que veio para a cidade. Seu relato ilustra isso:

“por isso que quando cai a/uma mercadoria em tal lugar --teve até um::: um repórter agora na::: é na Bandeirantes ele até::: eu acho que é o Paulo Pucci ele fez um comentário que eu achei muito interessante que realmente esse comentário ele tava certo...-- quando si::: cai uma mercadoria ((é pega pela polícia)) por mais avulso que ela seja ela numa passa de apenas acho que um décimo da verdadeira que veio pode sê quinhentos qui:::lo pode sê cem qui:::lo mas ele num chega a um décimo do que chegô a mercadoria concreta na cidade (...) então muita das vez o pessoal eles permite caí uma certa mercadoRIA para que::: o grosso num venha a sê visado...que enquanto a polícia tá indo prá tal rumo eles tão do outro lado” (E5–31 anos)

O interessante foi perceber, pelos relatos, que essa grande quantidade de droga, que foi comercializada, geralmente procedente de outro País, foi transportada,

chegou à cidade, foi fragmentada, escondida e só então passa a ser distribuída para outros traficantes. **Quando ela chega às mãos do consumidor final, ela já passou pelas mãos de pelo menos mais de cinco pessoas.** A fala a seguir exemplifica isso:

“aquele que recebeu a grande quantidade ele vai vendê a grande quantidade para para pequenos para menores do que ele ...

A: e esses menores do que ele

E2: vai vendê pra outros menores do que aquele

A: ainda ?

E2: ainda

A: tem isso ?

E2: tem o:: Dra. ho::je a gente vê uma pessoa que vende droga compreende? a droga já passou na mão de:: de quase seis pessoas prá chega na mão dele é uma coisa impressionante...HOJE...prá chega na mão dele já passou por cinco seis pessoas ou às vezes até mais” (E2- 60 anos)

O relato anterior leva-nos a inferir acerca da intensidade do movimento que a atividade do tráfico de drogas produz. Conforme a droga vai sendo distribuída entre os diversos níveis dos atores sociais, ou seja, entre os vários traficantes, ela empreende um movimento difuso e fragmentado de tal sorte que, quando a droga chega às mãos do consumidor final, ela já passou pelas mãos de várias pessoas. Talvez, seja por isso que muitos extraem o sentido e a fala do senso comum, de estrutura e organização.

Explorando a questão das etapas do tráfico, num contexto econômico, Pierre Kopp, professor e pesquisador do laboratório de Economia Pública da Universidade de Panthéon-Sorbonne, especialista em estudos das leis relativas a atividades ilícitas e criminosas, desenvolve interessante análise econômica do consumo e do tráfico de drogas. O autor afirma que a organização das escalas do tráfico de drogas abrange três níveis: a produção, o tráfico internacional e a distribuição final. Descreve tal seleção, comparando-a a um “funil duplo”, *em cujo topo, (...) encontram-se centenas de milhares de agentes ocupados com a produção e a distribuição, enquanto que no meio do funil, o tráfico internacional está concentrado nas mãos de um número reduzido de agentes”* (KOPP, 1998, p. 102). Observo que essas categorias não foram objeto de investigação neste estudo qualitativo. Não obstante, vale mencioná-las, no intuito de melhor compreender o tráfico de drogas, atentando

para a existência desse tráfico no nível internacional. O economista, citando Michel Schiray, denomina, ainda, seis categorias de atores sociais, inseridas nas etapas do tráfico, quais sejam:

“uma multidão de pequenos cultivadores (...); algumas grandes organizações criminais, mais ou menos estruturadas; uma multidão de traficantes intermediários, organizados em pequena escala e mais ou menos independentes; numerosos fornecedores especializados em serviços auxiliares às duas categorias precedentes; um grande número de agentes públicos ou privados corrompidos pelas três categorias anteriores; uma infinidade de pequenos revendedores finais, autônomos ou controlados por grupos criminais” (Michel Schiray, apud KOOP, 1998, p. 103).

Embora essa citação esteja inserida numa análise econômica, nos recortes das categorias dos atores sociais, que trarei a seguir, encontrei algumas semelhanças com as categorias descritas acima, bem como, outras denominações de atores sociais, segundo o ponto de vista dos participantes deste estudo.

7.3.4 - O financiador - o grande fornecedor: “o homem da capa preta” - o “testa de ferro” - os plantadores

Na concepção dos entrevistados, o traficante que comprou considerável quantidade da droga que foi transportada e escondida e que será vendida na cidade de Ribeirão Preto, é o dono daquela droga. Mas, ele a comprou de outro traficante, um **traficante de grande escala**, usando as palavras dos participantes, e que é o **financiador**, aquele que financia os plantadores. Observei, por meio do relato a seguir, que, ao mesmo tempo em que o entrevistado usa a palavra financiador, também usa a palavra **intermediário**.

“A: e o:: o grande então...que que qual que é o papel dele?”

E7: o grande é o intermediário é aquele que:: financia os plantador é o que paga a comida deles durante o ano todo enquanto eles tão plantando até

recebê a droga pagamento que ele deu o custo que ele deu em droga compreendeu e já compra o resto...então esse(...)

A: e vende pros que vão ()

E7: exatamente esse acaba sendo o grande...entende?

A: e eles nem sempre ou sempre (são) do Paraguai ou de outras nacionalida::des?

E7: () do Paraguai tem brasileiro também lá...a maioria...a maioria é paraguaia”
(E7 – 39 anos)

O mesmo entrevistado expõe que o financiador é um **traficante de grande escala**, é aquele que negocia **tonelada**. Também esclarece onde, geralmente, a droga é plantada, a **“roça”**, e a situação do **plantador**.

“ aí acabei indo lá ((no Paraguai)) e eu indo lá prá recebê esse dinheiro eu acabei conhecendo...pessoas de lá (...) que eram traficantes lá também

A: mais que tipo?

E7: já de:: grande escala...traficante grande eles já

A: que que é um traficante de grande escala?

E7: um cara que mexe com tonelada né?

A: mas ele:: é o dono da::: [da plantaçã:::o

E7: [vendia não (prá compra) só intermediário...o plantaçãõ lá é o que menos recebe plantaçãõ é peão é como se o cara plantasse feijão aqui e ganhasse um pouco mais do que plantá feijão (...) ele com quase nada fica ele passa o tempo da vida quase toda plantando a não ser quando ele se atreve a ele mesmo também sê traficante ele não sai daquele ciclo cê entende? ele é plantador...ele é plantador

A: mas ele é o dono da terra?

E7: Nã:::O as terras na maioria são dos generais plantam nas terras porque/porque a maioria dos retentores de terra lá no Paraguai são generais pessoas do exército de...então aquela imensidão de terra os camponeses entram na fazenda deles que são enormes e fazem roça lá...num tem proprietário de terra:: o cara num vai plantá na terra dele é confiscada a terra dele

A: entendi então planta em terra de outro

E7: planta em terras/aquela imensidã::o a maioria de quem tem terra lá é general do exército né que é...a ditadura militar

A: mas é o general que é o dono da droga?

E7: Nã:::O Nã:::O ele nem sabe ELE vai lá::: nem sabe...ele/ele vai num pedacim da fazenda ondE que tem a é::/é aquela imensidão de terra”

(E7 – 39 anos)

Nas avaliações de KOPP (1998, p. 110-111), encontrei percepção convergente com a precedente em relação ao plantador de coca, nas economias peruana e

boliviana e ele destaca: “a pequena remuneração recebida pelos camponeses andinos...”.

Segundo o ponto de vista de um dos entrevistados, o financiador é o verdadeiro traficante; ele só tem lucro.

“(...) uma pessoa aqui entra em contato com alguém que está lá no Paraguai cultivando?”

E1: isso

A: esse também é considerado traficante não é? Esse que tá financiando?

E1: esse acho que ele na minha concepção Ele é o verdadeiro traficante

A: ele é o que tem o maior lucro?

E1: certeza (...) certeza certeza ele só tem lucro entendeu? porque o Paraguai que é um país que vive numa economia considerada miserável o custo que ele tem com uma roça e o que ele ganha de lucro com uma roça...mesmo que ele perca com uma ou duas ele tem dez” (E1 – 31 anos)

Na concepção de outro participante, o financiador, é o “**homem da capa preta**”, ninguém o conhece; normalmente, ele faz os negócios por intermédio de terceiros, de “**testas de ferro**”, ele nunca aparece. O relato a seguir exemplifica isso:

A: se tem gente acima deles o que é que esses caras fazem...qual é o papel deles?

E2: do cobrança mesmo ?

A: é do cobrança mesmo

E2: do cobrança mesmo...olha Dra. o do cobrança mesmo é ele ficá no lugarzinho dele ou às vezes ele pode até viajar prá compra uma plantação..eles compram plantação...então eles é o DONO...o::...vamos dizer assim na Bolívia no Paraguai né? os dois países mais perto aqui que tem a droga então existe lá a pessoa que vai plantá então ele precisa dum financiamento...ele não tem o dinheiro prá plantá ele tem a terra mais não tem o dinheiro...então ele fala prá UM até que CAI no ouvido do que TEM e esse que tem manda o gerente dele ir lá dá uma olhada...se interessou então ele financia...ou uma vez ou outra ele pega o Helicóptero dele o avião ele vai vê isso mas quando ele vai vê isso não tem ninguém ali prá sabê que ele é o:: o dono de tudo aquilo

A: e ele fornece também ?

E2: é:: ele fornece porque:: é tudo dele mas ele fornece por intermédio de terceiros...ele nunca vai aparecer ele é:: o homem da capa preta quem é ele ninguém sabe então por intermédio de terceiros ele vai vendê tudo aquilo que ele mandô :::

A: então o cara que vende a droga aqui em Ribeirão Preto que vai busca lá no Paraguai ele tá negociando com uma pessoa lá ?

E2: tá negociando com uma pessoa lá

A: e quem que é essa pessoa lá ?

E2: já não é o alto o grandão que financiou tudo aquela produção ele tá negociando com os teta de ferro...que os testa de ferro também TEM

A: que são traficantes também ?

E2: e que são traficantes também mais ah:: o bolo mesmo o grosso mesmo vai praquela pessoa que financiou TUDO tá tudo financiado” (E2 – 60 anos)

Nas palavras do E5, ele é reservado e não é conhecido nem mesmo de outros traficantes:

“A: qué dizê que a pessoa com quem você manteve contato lá num é o maioral ainda?”

E5: não numca é...numca é...porque:: na verdade o grande ele vai querê tá sempre envolvido com os grande...ele é reservado...ele é bastante reservado porque é aquele velho problema quanto (...) menos envolvimento ele tivê melhor...que daí:: vai tê lá é tipo um administrador de fazenda um dono de fazenda...ele vai tá ali acorda dorme deita faz o que ele qué que vai tá sempre um capataz tomando conta...né então ele vai tá tá sempre acesso cu::m/vamos dizê ele vai tê tempo prá podê se envolvê com a socieda:::de vai tê tempo prá se envolvê com:: com outras pessoas podero::sas porque ele nunca vai tê esse problema di tá:: ali” (E5 – 31 anos)

Para outro entrevistado, os financiadores são os verdadeiros investidores do crime e, geralmente, **são pessoas da sociedade**. Na sua concepção, por serem pessoas da sociedade, o dinheiro deles é limpo; o do entrevistado não é, mas o deles é limpo. A fala seguinte ilustra isso:

“A: existem esses empresários pessoas que

E1: muito

A: que estão na alta sociedade

E1: muito

A: e que estão envolvidas?

E1: muitos muitos

A: e eles são o que? fornecedores? o que que eles são ?

E1: são investidores do crime na minha opinião (...) esses daí esses daí pode colocá assim...na elite deles né? eu creio que...eles são pessoas de sociedade são pessoas que freqüentam boates caras restaurantes caros moram-se em bairros...bairros finos têm comércio entendeu? é onde se () o dinheiro dele é limpo...o meu não é limpo mas o dele é limpo ((risos)) a Sra. me entende? é sempre assim .. e:: ()

A: vocês sabem quem são essas pessoas?

E1: pouca gente sabe pouca gente porque geralmente cai na mão dum...dum intermediário...que vai chegá à nossa mão entendeu? (...) então ele coloca na mão dum a gente vai pegá daquele lá...porque ele só investi” (E1 – 31 anos)

Relato interessante ouvi de um participante que freqüentou o Paraguai desde jovem e ali travou muito conhecimento no ramo do tráfico de drogas. Ele menciona que alguns dos poderosos até investem na droga. Citou que o governo dos Estados Unidos da América financia plantação de maconha no Paraguai, para distribuir a seus soldados. Ele faz uma crítica ao governo norte-americano, pois diz que “eles viciam pessoas”. A sua fala exemplifica isso:

“isso é:: uma parcela/em pa/em:: em escala mundial um dos grandes culpados a gente sabe quem é:: é:: são os americano né? eles fazem isso eles viciam pessoas eles viciam...soldados --inclusive eles vêm todo ano eles colhem maconha no Paraguai prá leva pro exército americano né

A: eles fazem isso?

E7: ah:: colhem...sempre levam porque::omé que um::: um soldado americano vai lá pro exército lá pro deserto agora dá tiro em quem ele nunca viu? se o cara num tivé loco ele num atira em ninguém não então chega na hora da luta da tropa lá quem usa maconha usa quem é mais é:: prá cocaína vai quem vai prá heroína vai e os que voltam vivo acaba sendo um monte de seqüela de drogados de viciados né de neuróticos porque vai lá dá tiro em pessoas que nunca viu nem comprimentá então fica difícil né então ele também tem um interesse muito grande nesses tipo de droga...aí primeiro ele cria o monstro que ele que combatê?” (E7 – 39 anos)

A fala do E7 reflete e nos leva a pensar em quantos interesses poderiam estar envoltos no tráfico de drogas, turvando nossa visão, dificultando a construção do conhecimento científico a respeito do tráfico.

Na concepção de E7, “o grande”, no tráfico de drogas, seria o financiador, pois, no seu ponto de vista, ele detém o capital, o dinheiro, é ele quem fornece a condição de se produzir a droga. Então “ele acaba sendo um grande financista” e, por ser grande comprador, automaticamente, estaria posicionado no topo de qualquer escala do tráfico de drogas. Ressalta que o financiador sempre se esconde atrás de um “testa de ferro” que, em suas palavras, é quem vai “assumir as manchetes”; “o grande

financiador vai assumir somente a parte dos lucros, o resto vai assumir a manchete, o presídio, a cadeia, a violência e tudo o mais que gera o tráfico”.

O interessante é que esse participante constrói uma explicação a respeito do financiador e dos distribuidores de drogas, cotejando-os com fabricantes e distribuidores de bebidas. Veja o seu relato:

*“A: (...) quem que é o gran::de trafican::te... se for em grande escala
E7: se for levar em conta a/a/a/ escala de gran::des de gran::de só::: as
pessoas que:::...no caso o financiador seria o gran::de...porque sem o
dinheiro não tem nada...tem nada...não tem como assim como em qualquer
coisa do mundo capitalista (...) quem que é o grande do mundo das bebida?*

A: num sei ((riso))

*E7: seria a Brah::ma é::: a Skol que são os grande ué se num tivesse eles prá
fabricar a cerve::ja...entendeu então são os grandes...eles são os grandes
né...então uma ou outra pessoa um empresário falido ou uma pessoa que né
que tem um pouco dinheiro resolve partir prá esse lado né esse acaba sendo
um grande financista então por ele ser um grande comprador
automaticamente ele seria o topo (...)*

A: e depois dele...ele só financia...ou ele faz algo?

*E7: é no caso se ele financi::a ele fica atrás de alguém né depois dele é o
testa de ferro alguém que/que/que vai prá manchete prá ele que assume as
manchete porque::: o grande financiador ele vai assumir só a parte dos
lucros o resto vai assumir a a manchete o presídio a cadeia a violência tudo
que gera*

A: e embaixo dele?

*E7: aí colocaria::: a:::/o:::/ como se fosse falar assim aquele:: /o...se a gente
fosse definir assim como bebida no caso né:: então tem os grande financistas
as pessoas que dão condições de se fabricar as bebidas depois tem as
distribuidoras no caso né então são os distribuidores são as pessoas que
distribuem grandes quantidades de droga... né porque ele também tem o papel*

A: que tipo de distribuidores que tem?

*E7: no caso as bocada o/o/as localidade onde vendem muita droga que são as
pessoas que distribuem a droga as bebidas são distribuídas em bar e as
drogas em bocadas”*

(E7 – 39 anos)

7.3.5 - O distribuidor – o fornecedor – o dono – o cabeça - o intermediário

Considero a análise desta categoria com muita cautela, ante a mobilidade dos atores sociais e a relatividade apresentadas por meio das narrativas dos participantes que se seguirão.

Se fôssemos raciocinar em termos de hierarquia, poderíamos dizer que, abaixo do financiador, estaria o **distribuidor**. Segundo o ponto de vista dos participantes, essa pessoa, que comprou e recebeu a grande quantidade e que vende para outros menores do que ele, é o **fornecedor, o dono** da droga, e, na gíria, ele é o “**cabeça**”. Por sua vez, observei vários tipos de distribuidores. Para um dos participantes, existe aquele que possui uma **ramificação alta**: movimenta muita mercadoria e possui contatos com pessoas que estão do outro lado da fronteira.

“A: o que é ter uma ramificação alta? um traficante que tem uma ramificação alta?”

E2: olha Dra. a ramificação alta o traficante quando ele tem uma ramificação alta é que ele tá já::...ele já tem já o:: o contato dele do lado de lá /do lado de lá da fronteira...essa é a ramificação alta porque aí ele vai receber MUITA mercadoria...e ele recebendo muita mercadoria a maior parte de quem trabalha com mercadoria vai nele então ele se torna uma ramificação alta

A: e o que faz prá pessoa conseguir ter essa ramificação alta?

E2: dinheiro...se ele tiver dinheiro Dra.(...) só o dinheiro...então ele pode comprá numa suposição quinze tonelada de:: de maconha...ele traz quinze tonelada de maconha ele pode comprá mil quilo de cocaína ele traz mil quilo de cocaína é só ter o dinheiro Dra...se ele tiver o dinheiro ele não precisa mais / ele não precisa de amigo não precisa de nada ...

A: e ele tendo a droga aqui ele vende fácil?

E2: olha Dra. todo mundo vai procurá porque sabendo que a pessoa TEM qualqué traficante vai procurá ele ...” (E2 – 60 anos)

Alguns entrevistados apontaram que, dentre os distribuidores de grandes quantidades, existem aqueles, segundo suas palavras, “**nunca aparecem**”, **não são da periferia**. Os relatos a seguir, exemplificam isso:

“olha Dra. a Sra. vê que TEM mas essas pessoas nunca vão aparecer compreende? porque eles não são da periferia ...

A: mas que tipo de negócio que eles fazem então ?

E2: eh::

A: como que eles colocam se eles mexem vamos supor com mais de uma ...de uma...como é que o Sr. falou? mais de uma tonelada se eles mexem com mais de uma tonelada eles têm que despejar essa droga em algum lugar...onde que eles despejam?

E2: ô:: é o:: mais aí é que tá o negócio Dra. é:: o grande traficante esse traficante o Rabelo por exemplo a Sra lembra do caso do Rabelo a Sra viu o Rabelo por exemplo...compreende? o homem mandava JAMANTAS

jamantas de maconha e cocaína então ele mandava prá São Paulo mandava pro Rio mandava prá Belo Horizonte quer dizer saía o grande caminhão dele lá às vezes aí com trinta quarenta tonelada...compreende? mas DESCUBRIRAM compreende? e:: e foi uma das poucas pessoas que tem MUITO - - que hoje nós temos muitas pessoas de de grande escala de alto escalão no modo de dizer que mexem com altas quantidades mais essas pessoas...olha...seria ironia do destino o dia que eles forem pegos a Sra. vê surgiu uma CPI pegou quem? (...) não pegou ninguém...não pegou ninguém...pegou sim pegou testa de ferro de altos mandatários compreende? e que afinal de contas não virou em nada pegou um:: um otário lá um caminhoneiro que:: denunciou um Deputado compreende? mas isso tudo é prá entrá na mídia prá dizer que eles estão fazendo alguma coisa porque não fizeram nada porque EXISTE sim Dra. existe existe navios que que vem carregado que sai carregado compreende? existe muita jamanta existe de tudo...pro forte...mas esse Dra. ((seria como se fosse um inconformismo do entrevistado...querendo dizer que estes não são pegos))” (E2 – 60 anos)

“ os dono memo os que põe a droga dentro da cidade os que mexe com um montão ninguém conhece (...) conhece aí é quarto quinto já...esses que eles prende todo dia aí já é quarto quinto já” (E3 – 27 anos)

“ ah dotora o grande ele nunca aparece...o grande ele nunca aparece...(às vezes) eu num vô mentí prá sinhora não...NEM eu mesmo sei quem é um grande...isso num adianta eu falá prá sinhora que eu sei...às vezes a gente sabe de alGU::ns né mas:::

A: mas:: qual qui é::/o qui esse grande faiz?

E5: o gran::de (...) o verdadeiro é aquele qui:: tá::vamos dizê aí na sua empREsa num::: num local reservado no comércio e de repente ele tem um::: um acesso com alguém...e pede prá pessoa “ó eu tô precisando de TANTo” ele num vai aparecê nu:::nca /vai pô a cara dele ali...então ele aciona alguém e manda vim e vem (...) porque::ele só vai mexê com coisa GRANde mesmo coisa (avulsa)..aí ele vai distribuí prum outro que é o médio (...) que nem o patrão do xxxx ((nome de um traficante)) ele é:: é bastante forte ele é uma pessoa bem representativa...mas se você conhecê ele ele é um comerciante...tem três é:: comércio de xxxxxx fora algumas firmas que ele tem (...) e ninguém desconfia...” (E5 – 31 anos)

Na concepção do E2, essas **“são as pessoas de bem”**.

“(...) ele já ele já é forte mesmo...é forte mesmo

A: esses não vão preso?

E2: é mui::to difícil eu nunca ouvi dizer Dra. e também não conheço a Sra. tá me entendendo o que eu quero dizer também não conheço porque nunca

vou conhecer porque ESSE esse tá bem esse tá encostado tá tá com a capa dele memo não vai aparecê nunca e pode ser pessoas de bem...não são pessoas de periferia não essas são as pessoas de bem” (E2 – 60 anos)

Essa situação também é evidenciada por LEEDS (1998, p. 240) ao apontar que:

“Os grandes atacadistas do narcotráfico no Rio raramente são identificados (...) esses ‘tubarões’ anônimos raramente são tocados, enquanto os distribuidores de classe baixa são violentamente perseguidos. Dentro da estrutura de classe do narcotráfico, esses distribuidores constituem o segmento vulnerável e explorado”.

Observei, também, que os entrevistados categorizaram os distribuidores ou fornecedores de droga em duas modalidades: o grande ou forte e o médio. No ponto de vista de E2, o **distribuidor ou fornecedor médio**, é aquele que trabalha com até mil quilos (uma tonelada) de maconha ou até cem quilos de base de crack ou cem quilos de cocaína. Acima dessas quantidades, ele já é considerado um **distribuidor ou fornecedor grande, forte**.

“é médios fornecedores quando eu digo médios fornecedores é aquele fornecedor que vai mexê que mexê aí...até mil quilo vamos dizer compreende? mais do que isso eles não tão mexendo compreende? (...) mas esse já não é o:: o grandão não esse é aquele que que trabalha naquela média que eu disse prá Sra. às vezes até mil quilo ah:: cem quilo de base de crack ou cem quilo de cocaí::na são essas pessoas que trabalham nessa média...porque passá dessa média ele já ele já é forte mesmo...é forte mesmo” (E2 – 60 anos)

No entanto, para o participante E7, essa **classificação é relativa**, dependendo do tipo de droga que está sendo comercializada, da localidade e do poder de compra do traficante. Na sua opinião, **um grande traficante**, um grande fornecedor, é aquele que “mexe” com mais de uma tonelada de cocaína ou com mais de cinco toneladas de maconha, por exemplo:

A: e esse negócio vamo supor do fornecedor do:: grande e o médio?

E7: vai do poder de compra dele/vai do poder de compra dele (...) depen::de da localida::de depende/depende muito assim do tipo de droga que ele/que ele/que ele mexe eu acho que um traficante grande na minha opinião (...) é pesso::as que mexem com mais de uma tonelada de cocaína

A: é::: e maconha?

E7: ma::conha...é por mais que o cara mexa com uma tonelada o lucro que dá a maconha o que envolve a maconha/o ciclo que envolve a maconha é::: uma pessoa /ce vê hoje uma pessoa::: cum::: cinquenta/cem mil reais conseguiria comprar mais de uma tonelada né...entendeu...então a:: /ela é mais barata entã:::o o grande fornecedor de maconha é um cara que mexesse com cinco com dez quinze vinte toneladas” (E7 – 39 anos)

Percebo essa divergência como algo positivo e esclarecedor, à medida que se verifica certa relatividade, envolvendo as relações do comércio ilícito das drogas. O que seria um grande traficante, um grande fornecedor ou distribuidor? Para o E2, o fornecedor médio é aquele que trabalha com até mil quilos (uma tonelada) de maconha ou até cem quilos de base de crack ou cem quilos de cocaína. Acima dessas quantidades, ele já é considerado um grande, um forte. Já para o E7, o grande fornecedor é aquele que “mexe” com mais de uma tonelada de cocaína ou com mais de cinco toneladas de maconha; abaixo disso, seria um médio. Pode ser, também, que, na opinião de outro traficante, com residência em outra cidade, com população diversa da de Ribeirão Preto, os parâmetros do que ele considera como um grande traficante sejam outros.

O intermediário

Nos relatos cedidos pelos entrevistados percebi, ainda, outros tipos de traficantes. Segundo um dos participantes, ainda existe o **intermediário**, como exemplifica a fala a seguir:

“por exemplo chega uma carga aqui de três mil quilo (...) ai ai ai distribui esses três mil quilo distribui prá quem já é acostumado de rotina aí sobra um pouco...aí sobrô lá seiscentos setecentos quilos aí tem um outro curioso lá que tem um dinherinho guardado...ele vai pegá e aplicá aquele dinheiro no fumo aí chama-se intermediário né? qué dizê o cara num vai lá num faz nada

e pega a mercadoria () aí da mão dele passa prum outro e de repente passa na mão de cinco seis que nem eu tô te falando...até chegá mesmo na onde que é distribuído de pouquinho” (E6 – 50 anos)

Evidenciando a complexidade do processo de hierarquização nas redes de traficante, presume KOPP (1998, p. 244/245): “*que existe, entre os traficantes de droga, todos os tipos de modalidades de organização e de carreiras criminais*”. A percepção, quanto à existência do intermediário, está aí para apontar o quanto nebulosa é essa estrutura. Penso que o intermediário também pode se inserir na categoria de distribuidor.

Indaguei aos participantes quantos grandes fornecedores de droga existem na cidade de Ribeirão Preto. Não houve consenso nas respostas, como se verá pelas falas a seguir. Segundo o E1, na cidade de **Ribeirão Preto**, “*não tem mais que cinco forte*”.

“ ... mas o fornecedor geralmente

A: é do próprio bairro?

E1: não geralmente o fornecedor de Ribeirão Preto inteiro acaba sendo um ou dois três no máximo entendeu?

A: quantos fornecedores que você acha que tem em Ribeirão?

E1: em atividade? Hoje em dia?

A: é

E1: pouquíssimo /nossa cidade é muito mal falada -- hoje eu acho que não tem mais que cinco forte né? pessoas que tem condições de...que mexe com coisa de dez vinte” (E1 – 31 anos)

Observo que o entrevistado aponta de três a cinco fornecedores de droga e ele especifica esses distribuidores como distribuidores “fortes”, que para ele, seriam pessoas que trabalham com dez, vinte. No entanto, ele não esclarece a que tipo de droga está se referindo, quando ele diz “dez, vinte”. No momento da entrevista não me ative à necessidade de elucidar essa questão, mas, presumo que ele esteja se referindo à maconha. De seu relato, percebo oportuno destacar que ele menciona a existência de distribuidor forte. Na opinião do E2, não existe grande fornecedor de droga na cidade de Ribeirão Preto, apenas médios.

“A: quantos grandes fornecedores de droga tem hoje em Ribeirão Preto?
 E2: grandes fornecedores de droga ? olha Dra. mais nenhum
 A: não ?
 E2: não tsc tsc grandes fornecedores nenhum
 A: já teve grandes fornecedores ?
 E2: já - - não -- já tivemos já tivemos já tivemos já tivemos o Beto já
 tivemos Izabelino Morel...compreende? grandes fornecedores hoje nós não
 temos mais
 A: esses nomes que o Sr. falou eram pessoas que moravam na cidade?
 E2: moravam aqui na cidade
 A: então hoje nós temos o que? médios fornecedores?
 E2: é médios fornecedores quando eu digo médios fornecedores é aquele
 fornecedor que vai mexê que mexê aí...até mil quilo vamos dizer
 compreende? mais do que isso eles não tão mexendo compreende?
 A: e tem pessoas acima deles ?
 E2: olha Dra. a Sra. vê que TEM mas essas pessoas nunca vão aparecer
 compreende? porque eles não são da periferia” (E2 – 60 anos)

Pelo que percebi através da narrativa do E2, existe grande fornecedor, mas não são conhecidos, nem são da periferia. O relato fortuito, recolhido de um traficante confirma tal percepção. Ao fazer referência a um grande fornecedor de droga, na cidade de Ribeirão Preto, ele diz: “eles você nunca acha ... estão por detrás de grandes empresas”.

Na opinião do E7, não existe grande fornecedor de droga na cidade de Ribeirão Preto, pois eles, geralmente, são de outra localidade . Ele concorda com o ponto de vista de E2, quando diz que, na cidade, atualmente, existem apenas cinco fornecedores – **médios**. Seu relato exemplifica isso:

A: em Ribeirão Preto tem grandes forneceDOres...de maconha ou de cocaína?
 E7: os fornecedores geralmente são de fora ...os fornecedores eles/eles pesquisam as praça e depois põe pesso::as prá ir fazer contato com essas praça conforme o consumo conforme o a/a/a/o/o/fornecedor::: uma cidade que/que consome quinhentos quilos só por mês ela não po::de ter um fornecedor de mil...ela não precisa mais do que isso então aquela cidade eu acho que tenha grandes fornecedores prá uso da própria cidade porque se fosse levar em conta assim a gente tinha que ver que tinha muitos viciado no meio da nossa sociedade eu num creio que isso ocorre
 A: então (...) em Ribeirão Preto existem cerca de cinco fornecedores apenas... mé::dio
 E7: pode ser
 A: pode ser?

E7: po:::de ...pode ser sim

A: mas existe gran:::de

E7: grandes/grandes...nesses termos assim de mexê com mais de/de/de quinhentos quilos de cocaína de dez mil quilos de/de/de...eu não creio que isso ocorra não Ribeirão Preto fica com parte da droga que passa pela rota caipira o resto é distribuído nos grandes centros como::: São Paulo Belo Horizonte e Rio de Janeiro

A: por que que chama rota caipira?

E7: é porque passa pelo interior né uma rota que ela vem cruzando estradas do interior:: usando as malhas rodoviárias do interior então se torna uma rota caipira porque não passa den/por entre grandes centros né mas por pequenas cidades” (E7 – 39 anos)

O relato precedente sugere que o consumo, numa cidade, está relacionado ao tipo de distribuidor nela estabelecido; “uma cidade que consome quinhentos quilos por mês não pode ter um fornecedor de mil quilos”. No entanto, serão analisados, mais à frente, relatos que fazem referências à existência de grande fornecedor de droga, residente em uma cidade, mas que realiza tráfico em outra. Será visto, ainda, um caso de um traficante – fornecedor que comprou “uma roça no Paraguai”. Então, além de fornecedor, ele também era um financiador, o que denota a relatividade e a mobilidade do tráfico de drogas.

7.3.6 - Modos de traficar

Na percepção dos entrevistados, da mesma forma que há vários tipos de traficantes, há **várias maneiras de se realizar o tráfico**. Um dos entrevistados narra que trabalhava para um traficante de Ribeirão Preto e que ia buscar droga para ele no Paraguai. No entanto, relata que trazia a droga para **Ribeirão Preto** e também levava para **outras cidades, outros Estados**. Em outras palavras, o mesmo traficante que morava e vendia droga em Ribeirão Preto, vendia em outras cidades e em outros Estados. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“A: e você levava droga pro Rio de Janeiro também?

E5: já:: já levei pro Rio de Já/só nunca levei prá Santos mas já cheguei í prá Bahia com xxxx ((nome de um traficante))...já fui pro...muito pro Mato Grosso Goiás e Minas e::: Rio de Janeiro

A: *por exemplo quando você levava droga...por exemplo pro Rio de Janeiro...você::: a pessoa qui tava que era o dono da droga a/daQUI --qui cê trazia prá cá também--?*

E5: *isso (...) ...então o mesmo que eu ia buscá lá no Paraguai Mato Grosso prá trazê pra cá era o mesmo que eu levava prá otros lugar porque [a:: a:: (...)*

A: *[() o cara que vendia aqui também vende*

E5: *vende*

A: *vende em outros lugares?*

E5: *o xxx ((nome de um traficante de Ribeirão Preto)) ele tinha um::: um xxxx ((comércio lícito numa cidade no Estado do Rio de Janeiro)) e ele tinha acho que uns sócios então ele fornecia pro pessoal de lá...ele era bastante procurado lá lá naquelas áreas lá*

A: *então o cara não só...vende às vezes aqui mas também vende em outras cidades?*

E5: *ven:::de...tudo vai da mercadoria boa e barata...com::: como se diz é uma forma do pessoal tê aCesso(...)e se expande viu dotora?" (E5 – 31 anos)*

"A: e distribuía pra outras cidades?

E6: *ah::: com certeza (...) é...às vezes também já tinha deixava um pouco aqui outro pouco deixava -- por exemplo dois mil três mil quilo...dois mil ficava aqui mil seguia prá São Paulo mil quinhentos seguia pro Rio ou às vezes ficava tudo aqui mesmo dependia da transação que acontecia lá vai ficá quanto em Ribeirão? vai ficá tanto aqui e o resto seguia (...) prá Santos São Paulo Rio de Janeiro prá outro estado" (E6 – 50 anos)*

As falas dos entrevistados refletem que eles não só transportavam para outras cidades, outros Estados, como, também, **traficantes de outros lugares vinham** aqui, em Ribeirão Preto, **buscar droga**. Os relatos seguintes exemplificam isso:

" mais aí já começou aí eu tive um negócio muito grande já vinha pessoal de Minas já vinha pessoal de Goiás já vinha pessoal de todas cidades vizinhas aqui a Sra tá me entendendo? então..comecei a ficá no sossego...compreende? então:::eu só dominava ...eu só dominava"

(E2 – 60 anos)

A: *bom::: pelo que eu pude perceber existem vários modos de::: traficar né então por exemplo uma pessoa relata () que ia lá no Paraguai buscava maconha trazia aqui pra Ribeirão Preto distri/deixava um pouco aqui e ele prosseguia via:::gem por exemplo pro Rio de Jane:::iro pra Santos*

E7: *São Pa:::ulo pro litoral*

A: aí eu perguntei se aquela dro::ga era da mesma pesso::a ou não... ele falou que muitas vezes era

E7: com certeza

A: então uma pessoa que era traficante aqui em Ribeirão Preto compra::va lá no Paraguai e distribuía pra Ribeirão Pre::to San::tos...Rio de Jane::iro

E7: isso é uma regra que ocorre em:: geral tá...uma pessoa é de Santos também compra também no Paraguai e acaba distribuindo também em várias localidades entendeu?

A: como pessoas de outras cida::des também vinham comprar aqui

E7: com certeza...há essa migração...principalmente quando há falta da droga”
(E7 – 39 anos)

O participante E7 destaca, de seu ponto de vista, que se constitui uma regra, no tráfico de drogas, o fato de uma pessoa morar, por exemplo, em Ribeirão Preto e distribuir droga na própria cidade em que reside, como, também, em outras cidades, inclusive de outros Estados. Observa, ainda, como regra, a situação de um traficante, por exemplo, de outra cidade, vir até Ribeirão Preto para comprar droga, sobretudo, quando há falta dela. Aponta o entrevistado, em sua fala, o traço migratório, tanto da droga quanto do traficante.

Outra situação observada no transcorrer da pesquisa, e que, muitas vezes, embaralha a visão do estudioso, é que, às vezes, o traficante é **morador em uma cidade**, por exemplo, em Barretos, e **exerce o tráfico em outra**, Ribeirão Preto. As falas seguintes exemplificam isso:

“A: então às vezes pode ter um grande traficante aqui que ninguém sabe?

E2: ninguém sabe há poucos dias atrás apareceu aqui compreende? ((notícia na televisão – programa Clube Verdade)) dizem que era sócio ou que comandava ah:: favelas no rio eu nunca ouvi dizer - - a Sra. vê com tanto tempo de conhecimento que eu tenho nunca fiquei sabendo do nome desse rapaz que tinha xxxxxx ((tipo de comércio)) aqui em Ribeirão...que ele era forte....quer dizer ah já tão sendo inteligente eles não aparecem a Sra. vê que coisa impressionante é aquilo que eu disse prá Sra. às vezes dentro do:: do metiê deles da casa deles eles não vão mexê...a pessoa que tem muito eles vão mexê lá fora porque aqui eles é conceituado e assim pode acontecer vice-versa uma pessoa conceituada em Barretos em vez dele vendê a droga lá ele vem vendê aqui prá nós...porque na cidade dele ele não pode fazer isso”
(E2 – 60 anos)

“A: sabe que que me falaram que () muitas vezes uma pessoa é morador numa cidade (...) uma pessoa é morador aqui em Ribeirão

E7: se::i

A: e aqui ele não pode se expor

E7: isso

A: então ele começa fazer negócio]

[E7: com certe::za por i::sso o porquê da migração porque o tráfico é um comér::cio a pessoa num/num pega uma tonelada de/de cocaína ou de maconha e fica escondida com ela porque se ele ficar escondida ninguém souber que ele tem ela vai apodrecer o tráfico só é um comércio ilícito...”

(E7 – 39 anos)

Referem os participantes que, muitas vezes, os distribuidores de droga se reúnem e compram, em **consórcio**, certa quantidade grande de droga e que, também, às vezes, essa droga **não vem de uma vez só**:

“A: e essa quantidade era sempre de::/de uma pessoa só? um que comprava que tava bancando comprando(...)

E6: na maior parte das vezes era um dois sócio né? que tra/que::que por exemplo vem dois mil quilo dois mil e quinhentos quilo ((de maconha)) às vezes de repente era dois sócio aí chegava em Ribeirão era distribuído né? tanto pro Ipiranga tanto prá Vila Virgínia tanto prá Vila Carvalho [tanto prá outro bairro”

(E6 – 50 anos)

“ó geralmente vem em conjunto eu sei em conjunto porque:: é muita mercadoria prá uma pessoa só...prá ficá no prejuízo...então geralmente é em conjunto junta-se dois três “vamo comprá mercadoria? vamo então vamo alugá um caminhão” vem o caminhão e...manda (vim) (...)

A:...então normalmente se o cara pegô ((se a polícia)) apreendeu quinhentos quilo na verdade na cidade deve tê che/chego muito mais? aquilo representa dez por cento?

E5: é seria uma forma de fazê compreender esses dez por cento porque:: a senhora já deve tê visto bastante noticiário dotora qui::: numa semana caiu quinhentos na outra semana foi mais quinhentos na outra caiu mais tanto...qui nunca pára de vim droga”

(E5 – 31 anos)

“E7: um consórcio prá obter melhores preços assim como faz copia os outros mercados

A: e também às vezes ela não vende uma vez só ela vem

E7: também ...fracionado conforme tá sendo o combate lá na fronteira ué...”

(E7 – 39 anos)

As explicações cedidas nos relatos do E5 e do E7, para a reunião de traficantes, para a compra em conjunto de grande quantidade de droga, são derivadas das regras de mercado, qual seja, eles compram em consórcio, no interesse de obter um preço melhor na aquisição da mercadoria, no caso, a droga. Percebem que, na hipótese de perda da droga por apreensão policial, o prejuízo será menor para todos.

Essas falas levam-nos a pensar na complexidade que o tema, tráfico de drogas, comporta e nas dificuldades para sua compreensão. Por exemplo, em seu relato, o E6 menciona que transportou dois mil, dois mil e quinhentos quilos de droga. No entanto, essa droga poderia ser de dois ou mais traficantes. Ao inverso, o E5, cita quinhentos quilos. Entretanto, na realidade, essa droga não representa quinhentos quilos, é muito mais que isso; só que ela veio picada, um pouco de cada vez. Então, um fato isolado, na maioria das vezes, não representa a realidade do todo.

7.3.7 – Traficante médio e traficante pequeno

Na concepção de dois entrevistados, o traficante médio pode ser aquela pessoa que “sustenta a bocada, que leva a droga que é vendida nas bocadas menores”. De modo geral, ele realiza suas atividades na cidade, mas, havendo necessidade, ele vai em busca da droga em outras cidades, outros Estados ou até fora do País. Ressalto que o traficante médio não há que ser confundido com o fornecedor de médio porte, já analisado anteriormente. O traficante pequeno é aquele que trabalha na bocada; o espaço dele é determinada rua, determinado quarteirão. As falas que se seguem ilustram isso:

“A: bom então tem o pequeno...que trabalha na boca

E5: isso

A: o médio o qui qui o médio faiz? tem esse médio?

E5: ah o médio geralmente ele:: é meio misturado eu classifico assim tipo::

A: como qui cê classifica? essa estrutura essa hierarquia

E5: ah:: o médio é aquele que:: só compra i:::...i revende...né ele num tem aquela estrutura prá podê:: bancá ele mesmo o auto-sustento tipo assim de chegá e numa residência e olhá po prum certo cômodo da casa e vê que ali tá reservado uma certa quantidade grande di/di di droga que é dele que ele pagô à vista tá ali é dele...esse é o grande...o médio não o médio ele tá sempre naquela situação de dependência “ó eu tô precisando::: di::: vamos

dizê aí dez quilos cê tem prá me vendê?” “tenho” então aqui o dinheiro...os dez quilo eu ponho na minha bocada e vendo...porque o grande ele nunca vai tê bocada...o grande não...o grande ((penso que ele se refere ao distribuidor)) ele vende prá:: prá várias pessoas de várias cida::des de várias localidades agora o médio não o médio ele tá só estruturado pr’aquela cidade...ele num tem o campo grande..só ali...às vezes muita das vezes só no bairro e aí o pequeno é aquele qui::: qui fica incumbido de vendê ali (pro pessoalzim) o espaço dele num sai também dali daquele quarteirão daquela rua...esse que é o problema” (E5 – 31 anos)

“E7: o médio você poderia/se você fosse colocá aí de uma forma seria aquele que leva a/que sustenta a bocada que leva a droga que é vendida nas bocada menor compreendeu? mais ele não/ele pode sair da cidade porque às vezes quando ocorre dele não ter condições ele vai em busca uai ele vai/ele pode sair até do país...porque lá:: não:: se vende só prá quem compra de muita quantidade de maconha vende prá tudo quanto é

]

A: mais de uma forma geral ele costuma fazer os negócios só

E7: vende por ali de uma forma geral mais não é via de regra que ele não possa sair compreendeu? ele sai (...) ele sai sim se não tiver na falta desta cada um vai buscar...é como vocês se não tiver uma tinta da sua impressora...você vai comprar onde tiver...faz parte” (E7 – 39 anos)

Para outro entrevistado, o traficante **médio** é aquele que **vende** só em **quilo** e o traficante **pequeno** é aquele que vende em **grama**.

“e tem o traficante::: agora o traficante tem/tem vários tipo de traficante tem o traficante de médio porte que é aquele que vende só de quilo...tá é o que vai fornecer prá prá que as pessoas que vendem de grama de papel que era o meu caso que vendia de papel é:: e funciona mais ou menos desse jeito né

A; então esse cara que te vendia ele já num era o traficante de grande porte ou era ?

E4: de médio porte (...) de médio porte

A: qué dize que ele já ia buscá do outro

E4: de um outro...exato::então qué dizê:: é...acima de mim tinha um e acima dele tinha outro e assim por diante né (...) sempre::: é meio::: círculo é meio vicioso e grande::: num é pequeno não” (E4 – 29 anos)

Na percepção do E4, **há vários tipos de pequenos traficantes**. Sua fala também levanta a possibilidade de existir vários tipos de traficantes médios.

“eu tinha::: dezanove anos e::: né eu fui:: conhecendo mais as pessoas até onde eu conheci o beco (...) ali na baxada...((refere-se a um local na baixada do centro da cidade)) conhecendo o beco conheci uma pessoa lá dentro do beco que ela vendia droga --uma mulher-- comecei a a tê amizade com ela comecei a vendê prá ela uns papelzinho [fui pegando (...)]

A: e qui que cê combinava com ela? uma porcenta::gem qui que cê combinava?

E4: bom como ela era uma uma traficante di di di di pequeno porte também é::: o meu lucro era muito poco né eu ganhava::: tipo de deiz papel eu ganhava dois...cada dez que eu vendia (...) ou seja cada deiz papéis dava cem reais eu ganhava deiz” (E4 – 29 anos)

Interessante notar que o participante E4, que se considerava um traficante de pequeno porte, vendia para uma pessoa que era de pequeno porte também. Ela, por sua vez, comprava de outro, que poderia ser um traficante médio. Esse outro, por sua vez, poderia comprar de outro ainda. Vê-se que **os atores sociais se multiplicam**, formando uma rede muito grande. O ANEXO L apresenta Organograma da Estrutura Organizacional do tráfico de drogas, segundo a concepção dos participantes do estudo. A linha tracejada representa o tráfico de drogas, no varejo e a linha contínua, o tráfico de drogas, no atacado. Outro exemplo dessa multiplicação vem da fala do E5. Ele cita que eram quatro sócios e cada um tinha seus empregados que trabalhavam para eles:

“nós éramos em quatro i:: a gente só fazia algo de acordo com a opinião de cada um...se os quatro concordava naquilo aí era daquele jeito e cada um tinha:: umas pessoas que trabalhavam prá si então qué dizê que daqueles quatro aumentava prá mais uma média aí duns dezesseis mais ou menos”

(E5 – 31 anos)

7.4 - Trajetórias

7.4.1 - Quase todos começam com pouco

Como esses atores sociais, distribuidor, traficante médio, traficante pequeno, se movimentam no tempo e no espaço? Qual a trajetória de suas vidas? Na opinião dos

entrevistados, **quase todos** os traficantes **começam com pouco**, ou seja, os entrevistados mencionaram que começaram sua trajetória no tráfico, vendendo pouca quantidade. As falas seguintes exemplificam isso:

“E4: aí::: ele me deu deiz gramas é::: é poco...mas prá mim já era um começo né...aí eu peguei essas deiz gramas fiz o dinheiro em em em duas horas mais ou menos [duas treis horas]” (E4 – 29 anos)

“ eu vou ser bem lógico pra Sra. eu vou contá o que aconteceu no meu caso para a Sra. ver se entende se... no meu caso o que aconteceu

A: você foi lá na ((local conhecido como ponto de droga na cidade)) ?

E1: fui lá catei comecei a vende...no começo (...) eu catava poquinho (...) eu ia lá e buscava cinco dez graminha aí eu picava tudo em papelzinho e ia vendê

A: você mesmo que embalava você mesmo que fazia?

E1: isso eu mesmo que embalava eu mesmo que ia vendê eu mesmo que juntava o dinheiro” (E1 – 31 anos)

“e assim que eu comecei até um dia eu peguei/peguei e (vendi) com ela ((refere-se a uma traficante)) peguei e falei "ó eu vou levá assim (aquilo ali) vô vendê lá pros menino lá depois eu te dô o dinheiro" ela falô "ah tá bom" aí eu levei (meio quilo) eu já sabia as porções que era que colocava o tanto que era quanto fazia (...) eu embrulhei uma metade e eu falei ((refere-se ao sócio dele)) "vamo embrulhá uma metade e vamos guardá metade...né...prá gente vê como é que vai sê" (...) aí a gente já/eu comecei a fazê as paranga vendi aquele meio quilo mais ali prá'quele pessoal da vila aqueles mais próximo né e eu:: tinha um negócio eu era assim::: eu sô até (hoje) honesto se o cara paga x ele leva x então eu fazia as coisa muito certinha as troxinha bem certinha caprichada tudo correto tal e agente foi ganhã::do freguesia né daquele meio quilo eu vendi outros meio quilos e:: e outros quilos e aí::...fui traficando traficando traficando até::” (E7 – 39 anos)

Segundo outro entrevistado, **ninguém começa patrão.**

“não depois ele já fala assim não eu fiz isso daí / aí vai indo / não/ tudo/ não tem ESSE que falou que começou já é:::...patrão...todos foi usado...já peguei muita droga de graça já olhei droga pros outro de graça já trafiquei de graça mais::: já fiz tudo isso/ mais o que que eu fiz? / só que aí é o que eu falo nós () verdadeiro exemplo...disso eu fui tirando experiência...fui tirando experiência.. aí no dia a dia conforme a sua inteligência se vai envolvendo se vai passando a se patrão se mudando de cargo” (E3–27 anos)

Pelos relatos cedidos pelos participantes, percebi, como regra, que a maioria dos traficantes iniciam suas atividades, comercializando pequenas quantidade de droga. No entanto, foi-me referido que há exceções, ou seja, pessoas que principiam, no tráfico, movimentando quantidade maior de droga.

“E7: ISSO:: pode ocorrer também não é/não é uma coisa assim tem as exceções... pode ser que uma pessoa que venha de um outro ramo ou dum ramo do assalto ou dum ramo do cento e oitenta¹ ou até mesmo dum ramo da sociedade um cara que dá um:: um tombo numa arara numa firma e queira enveredar pro rumo do tráfico ele já começa num patamar um tanto melhor do que aquele que não tem dinheiro né? porque o vil metal gira o mundo não tem como”
(E7 – 39 anos)

Os entrevistados mencionaram que, nas trajetórias, o traficante vai **conquistando espaço**. Segundo as palavras do E3, “a tendência é se graduar”, de empregado, o traficante chega a patrão.

“E3: é a mesma coisa é a mesma coisa...eu tô envolvido numa boca lá...ela tá acostumada a vender...papelote() eu cheguei ali (...) eu tô acostumado a ver (aquela minoria) que chega na boca...aí o traficante fala agora (a hora que chegá) você que vai...tomá conta aqui prá mim (...) toda vez que chegá você que vai guardá você que vai soltá os menino agora...e assim vai indo...vai chegá num certo ponto você fala não...se eu faço isso tudo prá ele (melhor) eu fazer prá mim...vai indo o seu espaço mesmo você conquista...aí dentro disso tudo eu trabalhando prá ele só que eu já tô armando o meu campo...() aí eu começo a abri o meu campo

A: e o seu patrão não acha ruim?

E3: lógico que não a tendência é:: eles qué vê a gente igual (...) é vê igual eles todos(...) a tendência a tendência é se graduá(...) a tendência é de todos é:: todo mundo já começa no intuito / é a mesma coisa eu vou falar assim eu vou ser advogado mais não tem que começá estudando primeiro no primário aí colegial faculdade ?”
(E3 – 27 anos)

¹ Cento e oitenta: artigo do Código Penal que tipifica a Receptação: "Art. 180. Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte: Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa”.

“só crack e::: aí comecei a vende os papel prá ela mais mais naquela intenção de conhecê quem forneCIA prá ela (...) a minha intenção num era vendê prá ela a minha intenção era conhecê quem fornecia então qué dize eu já tava ali vendendo prá ela mais com segundas intenções já tava querendo sabe quem que era pra mim PODÊ entrá também...i::: foi o que aconteceu [conheci:]” (E4 – 29 anos)

O participante E3 também observa que **nem todos conseguem independência**. Segundo ele, muitos traficantes são usados. Ele traz uma narrativa curiosa, pois traça um paralelo do tráfico com a profissão de advogado. Ele diz “existem muitos advogados, mas só alguns conseguem chegar a um padrão melhor”.

“é assim...a mesma coisa num tem que nem a Sra. advogado nós tem de monte mais tem uns tem uns que já se dá bem:: melhor que os /uns se dá bem melhor que os outros/não que não existe ninguém melhor que os outros/existe pessoas mais capacitadas que as outras...tem pessoas que tem facilidade prá aprender as coisas mais rápido que as outras (...) é por isso que eu falo vai da capacidade da inteligência de cada um...não é todo mundo que tem a mesma mente...se for inteligente souber planejar se dá bem...a Sra. vê que tem muita gente que tá envolvida até hoje aí que não arrumou nada...só sendo usado sendo usado” (E3 – 27 anos)

Na concepção de outro entrevistado, muitos traficantes não se arriscam a crescer.

“que toda a maior parte desse pessoal...não chegava mercadoria...assim prá esse pessoal

A: por que que não chegava prá eles?

E2: porque eles não tinha::...aquele contato...então chegava prá mim e eu vendia prá eles principalmente aqui na xxxxxx ((nome de um bairro))

A: mais por que que eles não tinham contato?

E2: porque eles sempre foram pessoas que:: sempre procurou comprá...dos outros --acho que a Sra. entende? cinco quilo dez quilo...aqueles negocinho...nunca foram peitudos pá...compreende? pá mandá vim camiNHÃO...essas coisas né? e:: então eles vinham e compravam de mim aqui dez quilo quinze quilo tinha os menino aqui da xxxxxx ((nome de outro bairro)) compreende? que:: de dez em dez minuto tavam aqui buscando um quilo dois quilo prá...soltá frequê...é::” (E2 – 60 anos)

7.4.2 - “Crescendo o movimento”

Foi interessante observar que, conforme os participantes respondiam às perguntas formuladas em função dos temas contemplados nos objetivos do estudo, eles iam revelando certas passagens de suas vidas, o que me possibilitou compor algumas condições estruturais do tráfico de drogas. Narraram, através de suas perspectivas pessoais, como eles foram desenvolvendo suas estratégias e atividades no tráfico de drogas, e como alguns deles “cresceram” o seu movimento: de traficante pequeno a traficante médio, etc. As falas seguintes exemplificam isso:

“A: o Sr. pessoalmente que vendia ?

E2: era eu pessoalmente que vendia a Sra. vê eu era o tipo de de mula eu era um mula eu vendia eu vendia como eu ia entregá como eu ia buscá na mão da pessoa que tinha (...) eu mesmo vendia eu mesmo entregava eu fazia tudo foi onde que eu comecei

A: e o Sr. tinha uma bocada então ?

E2: eu tinha uma bocada...aqui na xxxxxxxxxxx ((nome de um bairro))

A: uma só ou mais de uma ?

E2: não:: é:: quando eu comecei era uma só aí depois começou aquele velho negócio que eu acabei de explicar prá Sra. aí eu comecei a ter o suficiente para passar para outras pessoas aí comecei a passar para outras pessoas aí eu não me preocupava muito...em vender eu vendia sim mas já vendia quantidade já não vendia mais né? de:: bolsinha ou papelote aí já vendia de quantidade”
(E2 – 60 anos)

“i:: a gente na na na época nós vendíamos só maconha (...) então qi qui nós fizemos na época? a gente num:: objetivava muito assim o lucro a gente gostava mesmo era de tê o suficiente prá gente podê gastá diferente do que é hoje...entã::o começamo vendê o papelzinho juntava o dinheiro ia prá discoTEca gasTava i::: no outro dia como a gente tinha bastante influência co::: pessoal que gostava da gente voltávamos e pegávamos a mesma quantia e num saía daquilo...então o qui qui a gente fazia? era geralmente um tipo di:: trouxinhas de maconha que era vamo se dizê assim::: se a di uma pessoa era de dez grama a nossa era de QUInze (...) o que vendia de dez vendia e num::: e num achava ruim da gente vendê de quinze...porque ele sabia que a gente só vendia o suficiente pra podê:::...curti a gente não tinha ambições...mas quando o pessoal viu qui:::a gente tava tendo uma freguesia bo:::a que o pessoal que gostava da gente que a gente tratava eles super bem o pessoal então foi e cunversô falô “poxa porque in veiz de cêis fazê isso cêis num pega uma quantia e dá pros outro vendê prá vocês? cêis vai continuá tirando o dinheiro de vocês e cada um vai tê seu lucro” aí a gente se reuniu pensamo “ai então vão fazê isso uai a gente fica de FOra e deixa o pessoal trabalhando prá nós” foi o que fizemo...compramo então

cinco quilo e dava pros outro vendê...inclusive até esse pessoal qui na época vendia a:::s paranguinha dele as troxinha de maconha de dez grama começô a::: a/a trabalhá pegando a nossa própria mercadoria...então que dizê a gente começô a vendê só no atacado i foi naondi qui:::começô até a rendê um poco

A: mas aí cês aumentaram a quantidade né? ao invés de vendê cinco quilos cês passaram a vendê mais?

E5: olha até então a gente ainda não tinha:::a ambição de crescê...mas é uma coisa que acontece naturalmente porque::: sem querê a gente começô a percebê que távamos agradando::: o:::/o:::o próprio pessoal do vício os viciado”
(E5 – 31 anos)

Segundo o participante E1, houve época em que ele trabalhava “vinte e quatro horas por dia”. E que o crescimento do movimento é natural, mas “com o crescimento do movimento a polícia começa a conhecer seu nome, e ele vai se sujando com a Polícia”:

“não geralmente começa-se -- no meu caso comecei eu cê entendeu? aí você vai aumentando o seu movimento você vai se sujando com a polícia já chega um momento que não tem como você permanecer você permanecer lá aí vem outro até você querendo...ser ganhá o que você tá ganhando aí pede prá trabalhá prá você ou procura de

A: aí ele é seu empregado?

E1: aí ele é seu empregado aí parte do que você ganha () entendeu como que funciona?

A: ele ajuda a prepará?

E1: ajuda a prepará...ele que faz a parte da comercialização no seu lugar a partir do momento que você já não pode ficar mais...chega-se a esse momento (...) seu nome começa a ser falado todo mundo vai passando a te conhecer...automaticamente seu nome rola na boca de viciado e tem muitos viciados que fala o seu nome prá polícia a polícia começa natural (...) existe também o crescimento do movimento que é natural dali a pouco você -- quando eu comecei cheguei uma época que não tinha mais tempo prá dormir trabalhava vinte e quatro horas por dia” (E1 – 31 anos)

Essa mesma situação foi evidenciada por Paulo Lins, em seu “romance etnográfico”, *Cidade de Deus*, ao mencionar os personagens Damião e Cunha, que comandavam o tráfico numa determinada área de Cidade de Deus: “O movimento da boca era espantoso, a freguesia crescera tanto quanto era possível crescer. Os dois

sabiam que mais dia, menos dia a boca seria descoberta pela polícia” (LINS, 1997, p. 124).

Em seguida, o participante E1 narra que chegou a ter **“treze bocadas”**:

“eu tinha a bocadinha de papelzinho eu já não podia ficar mais nela então eu abri os olhos e comecei a fazer o que todo mundo faz eu deixei um trabalhando no meu lugar ce entendeu? comecei a pegá uma droga e :: não abrindo novas bocadas porque () mas eu tava com uma droga boa comecei a repartir a minha droga com () eu ganhava menos do que eu ganhava ali ce entendeu? só que eu ganhava ganhava um real em cada graminha mas ganhava entendeu? colocava ali cem graminha ali duzentas graminha ali vinte graminha ali

A: quantas bocada você tinha?

E1: cheguei a tê treze (...) cheguei a tê treze hoje...() corria duma prá outra era uma locura mais eu ia” (E1 – 31 anos)

Percebo que, na realidade, as treze “bocadas” não eram do entrevistado, pois, em seguida, ele mesmo menciona que **“de uma certa forma aquelas bocadas eram minhas”**.

“por exemplo eu direcionava meu movimento da semana então eu catava uma quantidade eu sabia que eu tinha que acertar ela dali a sete dias entendeu? então eu chegava eu espalhava ela ce entendeu? quebrava tal colocava na minha bocadinha colocava nas outras que eu abri ce entendeu? porque elas não eram minha mas a pessoa catava droga de mim prá colocá nelas porque sabia que a droga era boa então...de uma certa forma elas passaram a ser minhas também porque eles catavam de mim então eu colocava lá eu tinha sete dias prá paga então um dia sim um dia não eu passava recolhendo o dinheiro entendeu?” (E1 – 31 anos)

A interpretação do participante E1 de que “de certa forma aquelas treze bocadas eram dele” despertou a minha curiosidade, pois, leva a pensar que as “bocadas” não eram dele, ele apenas vendia a droga para aquelas “bocadas”. Como tive dúvida na análise, indaguei a outro participante a respeito da situação, uma vez que o significado dessa fala se relaciona com outro tema: “o comando”, que será analisado mais adiante. Eis a explicação de outro entrevistado para o fato:

E7: não é como se a coca-cola entendesse que todo bairro que vendesse coca-cola fosse dela

A: ah:: a não ser que o dono daquela bocada fosse empregado dele... aí sim

E7: mais prá ele ser dono de todas as bocadas ele tinha que ser o:: o/além de ser o cara que fornecesse todo mundo vendesse só prá ele...aí ele seria o dono (...) todo mundo que vendesse vendesse só a droga dele nessas treze bocada aí pode se dizer que ele seria o dono

A: eu penso assim não sei se está correto o meu pensamento quando ele diz aquelas treze bocadas eram minhas...isso é uma coisa simbólica (...)

E7: isso:: é:: isso é...aí...tem vários entendimentos...ah no caso...ele pode entender que por ele fornecer praquelas treze bocadas elas seriam dele compreendeu? mais é entendimento dele mais eu digo prá elas serem dele elas só teriam que vender droga exclusivamente que passasse pela mão dele aí ele seria o dono daquelas treze bocadas

A: que passasse pela mão dele

E7: pela mão dele ele tinha que sê o exclusivo o fornecimento exclusivo...é como se um bar vendesse só refrigerante de marca coca-cola aí esse bar sim é representante da coca-cola porque ele é exclusivo ele não vende guaraná ele vende nada...bom pode ser força de expressão também”

(E7 – 39 anos)

A narrativa seguinte traz a descrição de parte da **trajetória** de E2, no período de 1.969 para a frente. O trecho, embora longo, ilustra o envolvimento do entrevistado no tráfico e a sua trajetória de traficante, quando ele cresce e chega a ser um fornecedor. Segundo suas palavras, ele “não põe mais a mão na droga, ele só distribui”.

“A: e aí o sr. começou de poquinho como que o Sr. foi::

E2: é daquele pouquinho...comecei com meio quilo --de maconha porque naquela época era maconha que nós vendia comecei com meio quilo de maconha (...) aí já comprei um quilo de um quilo já foi cada vez aumentando mais então eu nessa região aqui...eu:: eu servia...eu servia muita gente compreende? e/e aí eu comecei...a í pro lado de lá já buscar Dra. ((lado de lá ele quer dizer do outro lado do país do Brasil no Paraguai))

A: o Sr. que ia buscar?

E2: é eu ia buscar...eu ia junto mais sempre ia dois ou três carros que:: a gente sempre trazia no denominado “mocó” ((esconderijo)) (...)

A: como que o Sr. resolveu ir (...) como que foi isso?

E2: era o seguinte vinha os “malero” que nessa época vinha muitos Paraguaio trazer...(...) chegavam aqui prá vendê então:: eu comecei eu tive amizade com um Paraguaio com nome de xxxx então::(...) ele veio conversar comigo aí nós começamo a conversá e aí no nosso papo (...) eu achei que era interessante ele tava com trinta e cinco quilo...de:: de da “cannabis” da maconha pá vender (...) eu já fiz negócio com ele (...)comprei

a primeira mala dele da primeira mala dele não demorou quatro dias ele já voltou com duas mala...que foi um pedido meu...que aquilo quando ele já chegou bem dizer já tava tudo vendido aí ele já veio AÍ...foi aonde que ele chegou e falou prá mim “vamos descer JUNTOS e vamos comprar uma roça”

A: que que isso quer dizer?

E2: a roça Dra. é o:...é os plantador --seria uma roça de arroz uma roça de milho (...) mas era uma roça de maconha...que a família ou alguém ia...plantá (...) e aí como eu tô dizendo prá Sra. ele convidou eu prá ir pro Paraguai (...) eu fui Dra...isso foi:...() é...de sessenta e nove prá frente...eu fui...chegamo lá conversamo...co:: com uma senhora...() ela ia fazer uma roça ou tinha já uma roça mais tava precisando de recursos prá sobreviver aí eu com esse xxxx ((nome do malero))conversando...eu comprei a roça da mulher e o xxxx ficou responsável pela colheita pela prensa e por tudo o mais (...) aí corremos a roça primeiro --eu não conhecia porque eu só comprava aqui --aí que eu comecei a conhecê a roça aí...esse xxxxx ((nome do malero))conhecedor compreende? ele que veio e falou prá mim “compra que aqui vai dá coisa boa” e naquela época era “cabeça de nego” era maconhas boas mesmo Dra. eram coisas excelente mesmo e:: e aí eu comprei a roça da mulher (...) aí fizemo o negócio...esperou dois meses mais eu não fiquei sem mercadoria porque esse xxxx ((nome do malero)) arrumava mercadoria e trazia...ainda...de outros lugares(...) bom e aí Dra. quando passou sessenta e poucos dias começou o corte lá...aí::...eu desci prá ver...e que já era prá trazer uma carga -- me alembro perfeitamente que eu fui numa::...() numa camionete Ford...lá prá baixo e chegou lá eles mesmo fizeram o “mocó” prá mim nessa camionete(...)e::...eu vim...e nesse carregamento eu trouxe cento e vinte quilo Dra....e:: e essa roça total total deu seiscentos e oitenta quilo...era quilo prá burro naquela época (...) e:: e aí quando eu cheguei com essa camionete em Ribeirão Preto compreende? eu já avisei os amigo...a mercadoria que tinha trazido--nossa quando eles experimentou a mercadoria...então aquilo lá --acabei de chegá com a camionete numa suposição de manhã cedo à tarde não tinha mais nada...não tinha mais nada...eu esperei (...) mais dois dias aí desci já com dois carros que naquela época:: era o Opala Opalão antigos e com a camionete e aí sucessivamente (...) aí fomo carregamo e aí Dra. é aquele velho negócio comprei a primeira deu certo já comprei a segunda já comprei a terceira já veio e aí Dra .. eu cresci (...) mais/ mesmo depois que eu dominava quem vendia também era eu...mais eu não PUNHA a mão...eu já tinha as pessoas que iam pesar (...) aí eu só vendia mesmo...de quilos” (E2 – 60 anos)

Verifico, por meio do relato, que o participante E2, além de desempenhar o papel de distribuidor, no tráfico de drogas, também passa a ser um financiador à medida que ele financia a plantação de uma “roça” de maconha. A referência é interessante, pois retrata um ator social, participando de atividade de natureza, em princípio, diversa.

7.4.3 - “Agir certo”: o bom atendimento ao consumidor

Nas trajetórias das vidas dos participantes, percebi que **a forma como a droga é acondicionada** conta muito para o crescimento do comércio. Como eles dizem, na gíria, é **agir certo**. As falas seguintes exemplificam isso:

“e eu:: tinha um negócio eu era assim:: eu sô até (hoje) honesto se o cara paga x ele leva x então eu fazia as coisa muito certinha as troxinha bem certinha caprichada tudo correto tal e agente foi ganhan::do freguesia né”
(E7 – 39 anos)

“se um freguês pedisse um quilo era um quilo não era novecentas gramas...era sempre um e cinqüenta por causa dos papéis e tudo...e:: eu agi certo...(isso) se diz na gíria agi certo porque às vezes o freguês pode vim comprá a gente entrega um pacote prá ele dizendo que é um quilo ele vai numa balança vai pesá dá oitocentas gramas...MUITOS fazem isso parece que fazem isso até hoje...isso não acontecia comigo Dra. porque eu tava em cima no peso ...”
(E2 – 60 anos)

“uma trouxinha de droga boa gor::da e que tivesse acesso pros viciado podê adquirí e que a gente tivesse um lucro bom” (E5 – 31 anos)

Na concepção de um dos entrevistados, “o viciado” vai atrás da droga boa e barata. O relato a seguir exemplifica isso:

“ah...eu falo prá sinhora que isso daí é infelizmente ele/o tráfico ele imita muito o comércio demais não é à toa que é um comércio de droga i:: a gente na na na época nós vendíamos só maconha e era assim...o viciado ele vai muito atrás de droga BOA e barata e que dá pra ele compensá aquilo que ele tá gastando então qí qui nós fizemos na época? (...) era geralmente um tipo di:: trouxinhas de maconha que era vamo se dizê assim:: se a di uma pessoa era de dez grama a nossa era de QUINZE” (E5 – 31 anos)

Tal situação também é evidenciada por ALVITO (2001, p. 116), ao observar que “A qualidade do produto é um item fundamental”. Talvez por isso, em suas palavras, o entrevistado E5 refere que “o tráfico imita muito o comércio”.

Segundo a fala de outro participante, **agir certo** é como “**vender uma dose de pinga caprichada**”. Agir certo é, também, a **maneira de servir**; a maneira de tratar o viciado, “**não chutar o viciado**”.

“começamos aqui na vila mesmo né prá essas pessoas ali mais próxima mesmo né e depois a gente acabô ganhando notoriedade né pe/pela maneira de agí por agí certo né por::

A: como que era a maneira de agir?

E7: num chutá né os outros você:: tem uma farmácia se você/um bar que seja se você serve uma dose de pinga caprichada é lógico que as pessoas vão querê tomá dose de pinga lá no seu bar né? e por/da maneira de você tratá também o viciado né as pessoas querem sê bem tratada né...você tem que procurá --o tráfico é um comércio se você num tivé o dom de venda você num vai sê traficante...num é? ninguém vai comprá na marra o viciado num tem pátria ele vai aonde serve ele melhor e trata ele melhor...ele não tem pátria compreendeu? ele não tem norte ele já É um viciado ele já tá dependente então ele tem a dependência do que? daquele que o trata melhor e dá aquilo que prá ele no caso é remédio né? no caso prá ele é um remédio né então ele qué...e onde o dinheiro dele tenha um maior valor um respeito e o tratamento dele também seja bom” (E7 – 39 anos)

Na percepção de E7, “o viciado não tem pátria”; ele compra a droga daquele que o servir melhor, que o tratar com respeito e que o seu dinheiro seja valorizado. Observo, também, a necessidade de breve interrupção na análise, para tecer alguns comentários a respeito do consumidor da droga. Notei que em quase todas as falas dos entrevistados neste estudo, eles geralmente, referem-se ao comprador da droga, utilizando o termo “viciado”. Verifico uma representação ambígua feita pelos traficantes em relação a tal personagem. Ao mesmo tempo que eles dependem do consumidor da droga para a sua sobrevivência econômica, pois, segundo os participantes, o traficante existe porque existe o consumidor da droga, eles mostram um menosprezo pela pessoa que consideram “viciados”.

Observa ALVITO o desprezo e a hostilidade dos moradores de Acari pelos viciados. Para os moradores, “Viciado é todo aquele que vem ‘de fora’ comprar droga, seja ele consumidor contumaz ou eventual...”. (ALVITO, 2001, p. 246). Enfatiza o autor que o “viciado” não é respeitado nem mesmo pelas pessoas que lhes vendem a droga. Ele é visto, tanto pelos moradores como pelos traficantes da favela,

como um irresponsável, incapaz de cumprir os papéis familiares de provedor dos bens essenciais de sua família: eles “tiram” coisas de casa, ao invés de “colocar”. Exemplifica sua percepção, mencionando histórias ouvidas de “viciado” que gastou todo o salário em droga ou ainda, “...do casal de viciados que esconde a droga na fralda do bebê recém-nascido ou, numa variação, a mãe que passa a noite cheirando com a filha no colo” (ALVITO, p. 249).

Percebi, ainda, que, sob o ponto de vista dos entrevistados, os traficantes mais antigos preocupavam-se muito em agir certo: tomando cuidado com a boa qualidade e quantidade correta da droga e, à maneira de servir o consumidor. Atualmente, parece que já não é mais assim. Os relatos, a seguir, exemplificam isso. O participante E5 fala de certo traficante que vendeu esterco de cavalo no lugar de maconha e depois, o comprador foi reclamar e ainda apanhou.

*“o pessoal ia muito atrás da gente porque a gente tratava bem na educação::o (...) é:: num tratava de forma a menoprezá:: a gente procurava é::: agradá..(..) era o nosso jeito mesmo na época nós éramos estu*DAN:::te (...) então a gente tinha esse esse:: essa forma a gente respeitava todo mundo mas só queríamos ganhá nossa parte...então a gente fazia o tipo dum tráfico meio que inocente sem maldade..não assim:: sabíamos que tava fazendo uma coisa errada mas a gente num tinha maldade de batê::: de xingá::: de escurrachá o ca:::ra i::: tomá o dinheiro de::le...isso num tinha

A: por que tem gente qui faz isso?

E5: antigamente eram pouco era raro mais hoje em dia é::: muito normal isso daí

A: o próprio traficante::: bate no consumidor escorraça o usuário

E5: é se ele dá trabalho ele apANha...eu conheci pessoas qui::: chegô cum::: uma quantidade avulsa de dinheiro prá comprá certa quantidade de mercadoria --nesses dias agora-- o pessoal venDEU é esterco de cavalo prá ele né porque quando ele catô ele apalpô a sacolinha achô que era mesmo a mercadoria que ele tinha comprado depois de uma certa distância ele voltô...né depois de uma certa distância ele averigüô viu qui num era aquilo voltô prá cobrá o::: dinheiro dele de volta o pessoal num quis entregá...aí batero nele qué dizê era o o qui na nossa época num acontecia (...) e hoje em dia não hoje em dia se tem muita desconfiança o cara vai comprá mercadoria mas ele só entrega o dinheiro depois que ele tivé certeza que a mercadoria É boa(...)eu já cheguei comprá::: é::: mercadoria que veio com chum/é crack mesmo que veio com chumbo...eu acho que devia pesá uns dez ou quinze grama de chumbo dentro do quilo” (E5 – 31 anos)

“A: antigamente as pessoas se preocupavam muito com isso e hoje? alguns entrevistados falaram que hoje já não tem tanto isso::

E7: não tem muita preocupação porque é o seguinte infelizmente com a violência e o domínio que o que o que a violência tomou dentro da da da proporção do tráfico que que acontece? ho::je o cara compra um barato ele não tem o direito nem de vê o barato praticamente compreendeu? antigamente era negócio de índio ele vi::a ele tinha até condições de experimentar conforme a quantidade que ele vendia...então era uma coisa mais romântica uma coisa assim:: mais -- se é que se pode chamá (aquilo) de () no submundo mais ética uma coisa mais de vergonha na cara de proceder né? hoje dificilmente se ele vai numa bocada quando ele volta lá não é os mesmo moleque se ele for falar alguma coisa ele toma um punhado de tiro ainda né? ((risos)) então é:: é:: um tanto diferente” (E7 – 39 anos)

Outra característica do tráfico de drogas, notada através da fala dos entrevistados, foi a de que, antigamente, se o usuário estivesse **devendo** para o traficante e fosse novamente comprar droga e não tivesse dinheiro, o traficante vendia novamente. O relato seguinte exemplifica isso:

“há tempos atrás o traficante ele vendia se o usuário ficasse devendo o traficante ou a pessoa que vendia era a primeira que vendia de NOVO prá ele...quer dizer ele tava devendo mas ele podia i lá que a pessoa ainda vendia prá ele hoje é diferente...” (E2 – 60 anos)

O participante E4 relata que um dos motivos pelos quais cresceu o seu movimento, aumentou a sua freguesia; foi porque muitas vezes, vendia droga mais barata, ao contrário de outros traficantes que “escurraçavam” o consumidor. Vendendo mais barato, quando aquela pessoa voltasse na bocada ela iria comprar droga dele que o havia tratado bem.

*“A: então cê foi é vendeu poucas gramas em duas horas aí você pediu mais ele:: ((o traficante que fornecia droga para o E4 vender)) [se surpreendeu
E4: [me trouxe...exato...ele trouxe::: (...) no outro dia ele me trouxe trinta gramas...trinta gramas também foi em questão di:: di horas também foi tipo umas se::is sete horas mais ou menos no muito e::: o pessoal nesse quintal no beco eles pegavam no máximo cinqüenta gramas e ven/e:: vendia essas cinqüenta gramas com o prazo de uma semana prá pagá é::: como eu peguei trinta grama e vendi em pocas horas então qué dizê prá ele era uma surpresa ele num tinha visto isso ali dentro do quintal
A: mas por que que eles num vendiam e você vendeu? qui qui aconteceu?*

E4: ah::: bom é que é o seguinte tinha muita gente qui::: às vezes o moleque chegava lá cum::: a pedra era cinco o moleque chegava com três reais e cinqüenta a pessoa num vendia escurraçava o menino (...) então que/eu eu acho que são pessoas di di di di vista curta não enxerga ao ao longo...então quer dizê é::: o moleque vem com três e cinqüenta você vai falá prá ele "ó a pedra é cinco eu vô te vendê agora mas da próxima vez que cê vim já sabe que é cinco" mas por que? porque ele usando aquela/aquele papel vai dá uma instiga nele prá usa otra e dando a instiga ele vai robá...ele roubando ele vai voltá em você que serviu a ele não à pessoa que escorraçô e foi o que aconteceu comigo então quer dizê eu fui pegando freguesia freguesia freguesia por causa disso porque eu eu VIA essa/eu tinha essa visão de vê isso de vê que::: pô se o moleque usá agora por três e cinqüenta daqui a pouco ele vai me dá um lucro de cem duzentos e é o que acontecia (...) porque::: enquanto eles pegavam cinqüenta grama e vendia numa semana eu pegava cem grama e vendia de uma noite prá outra" (E4 – 29 anos)

7.4.4 – “Investindo na droga”

Além do “agir certo”, emergiu dos relatos cedidos pelos entrevistados, a percepção do que eles chamaram de “investindo na droga”. Como consideram o tráfico de drogas um tipo de comércio, muitas vezes, eles estabelecem, em suas atividades, relações típicas do mercado e também investem na mercadoria comercializada. As falas seguintes evidenciam este contexto.

“E1: ele é ((refere-se a um traficante de drogas)) ele é um fornecedor assim...ele :: vem prá ele tem o preço e repassa

A: então ele começou com aquela bocada?

E1: isso começou com aquela bocadinha aí ele...usou a inteligência porque é poucos que usam né? guardou o dinheiro e investia ()se compra mais barato no dinheiro e repassava mais caro ce entendeu?” (E1 – 31 anos)

“é esse mesmo pessoal...eles eram forte...também...e muito mais/muito mais forte do que eu né Dra?...muito mais forte do que eu...porque foram muito inteligente investiram bastante Dra. (...)

A: como assim investia?

E2: investia em comprá mercadoria Dra. (...) investia mesmo...compreende? eles podia te:::...mil quilo que se aparecesse mais duzentos eles comprava mais duzentos...então eles investiam...e foi aonde que:::...que cresceu também né Dra.? foi aonde que cresceu muito também” (E2 – 60 anos)

O participante E7 relata uma situação interessante, que vivenciou e que lhe permitiu expandir o seu negócio ilícito, no início de sua carreira, quando realizou investimento na droga. Conta que, no começo de suas atividades no tráfico, comprou trinta e oito quilos de maconha, de excelente qualidade, e, na época, *“ninguém tinha o fumo na cidade tava tudo seco seco seco”*. Com a venda dessa droga, ganhou um pouco mais de dinheiro e de notoriedade também. Foi vendendo a droga e sempre aplicando o dinheiro recebido, exclusivamente, no seu negócio ilícito. Um dia, juntou todo o dinheiro que tinha e colocou nas mãos de um “malero”, que viajava para o Paraguai, para lhe trazer mais droga. Menciona que, com a importância, daria para comprar cerca de noventa quilos de maconha.

Passaram-se meses e o “malero” não voltava com a droga. Até que, um dia, o “malero” apareceu e explicou que não tinha trazido a droga, porque havia chovido muito e as estradas estavam fechadas, não passava caminhão. O entrevistado não acreditou, achava que estava sendo enganado. Nisso, o “malero” o desafiou, dizendo: *“se você não acredita que a droga está lá, eu o convido para ir comigo até o Paraguai e ver tudo com seus próprios olhos”*. O entrevistado aceitou o convite e, lá chegando, acabou conhecendo pessoas do local, traficantes de grande escala, inclusive o traficante que lhe havia vendido os noventa quilos de maconha. No transcorrer da negociação, esse traficante chegou para o entrevistado e perguntou: *“Se eu lhe oferecer um pouco mais de droga, você paga? Se eu lhe fornecer trezentos quilos de maconha, você tem como distribuir?”* Era uma quantidade muito grande para a época. O entrevistado aceitou, mesmo se arriscando a demorar para vender toda a quantidade e não tendo o dinheiro para pagar os trezentos quilos. Diz ele que teve sorte mais uma vez, porque só ele tinha a droga, ao chegar a Ribeirão Preto. E relata como fez para vender toda a mercadoria adquirida:

*“...aí demo outra sorte também no destino chegamos aqui num tinha...((droga)) ninguém tinha...aí começamos a distribuí os trezentos...aí a gente falô "num podemos falá que nós tem os trezentos porque senão chama a atenção o povo num qué pagá o preço né meu...então nós fala que nós trouxe só os cem e nós vendemo os cem três vezes entendeu? prá não perdê o preço e também prá não chamá a atenção dos outros” porque prá nós naquele tempo era tudo muito temeroso nós não sabia o que era aquilo
A: não sabia*

E7: LÓgico que não...nós tava dando:: arriscando mas a gente não tinha noção do que era de mexê com aquela quantidade de pessoas que a gente ia se relacioná e já começamos a se relacioná com pessoas que vendiam né”
(E7 – 39 anos)

Verifico que a situação relatada contribui e ajudou o E7 a vender os trezentos quilos de maconha, e a causa foi o que, na gíria, eles chamam de **seca**. Percebi que, em alguns momentos das vidas de traficantes, a “seca” contribuiu como um fator importante, para a expansão do comércio de drogas. O relato a seguir também exemplifica isso:

“ah tem bastante fatores né quando você:: tem espaço prá você expandí você vai catando seu espaço e o xxx ((nome de um traficante)) se eu me recordo foi numa época qui:: só ele e mais dois pessoal qui tavam em Ribeirão e que tinham mercadoria porque o resto tinha tudo sido preso então foi numa época qui::favoreceu bastante ele porque::só ele tinha mercadoria então só ele poderia por exemplo assim lá na região dele no xxx ((nome de um bairro)) porque o outro era da xxx((nome de outro bairro)) e o outro era perto do xxx ((outro bairro)) e pelo que eu saiba parece que foi dessa forma secô como se diz Ribeirão Preto tava sem mercadoria e tava vindo uma mercadoria prá ele...então todo mundo tava sabendo que ia vim...i:: começô então todo mundo corrê atrás dele “ó tô sabendo que vai vim mercadoria prá você...tem jeito de você me separá tanto?” (...) aí você me separa tanto...uma certa quantidade (...) i:: como se diz é:: o pessoal que trabalhava pá otros teve que trabalhá prá ele porque:: se eu sô acostumado a comprá sempre deiz quilo de alguém eu vô tá sempre comprando dele porque ele me satisfez fez prá mim uma mercadoria boa e um preço bõ...agora:: o qui que acontece? eu que tô forneCendo vô passá a fornecê mais...prá isso eu tenho que aumentá a minha quantidade e é nondi qui:: ele ligô pros contato dele e o pessoal começô a mandá mais prá ele foi mandando”
(E5 – 31 anos)

7.5 - “O cabeça” – “O comando”

Segundo o ponto de vista dos entrevistados, de modo geral, hoje, em qualquer lugar da cidade de Ribeirão Preto, tem “bocada”. Mas, ressaltam eles, que a forma como se dá o comércio de drogas, na cidade, varia de bairro para bairro. “Cada local é uma forma de tráfico”. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“A: isso que eu quero saber porque a impressão que a gente tem é que boca tem na cidade inteira?”

*E2: na cidade inteira no centro da cidade em qualquer lugar tem boca”
(E2 – 60 anos)*

“ existe existe vários lugares por exemplo -- isso varia de local para local cada local é uma forma de tráfico...o comércio do Quintino II é diferente do da favela o comércio da Sambra é diferente do Quintino (...) No Quintino se a Sra. andá lá e percebê a Sra. vai vê um aglomerado de jovens (...) em cada esquina se a Sra. passá lá agora a Sra. vai percebe geralmente eles estão de boné camiseta bermuda branca isso de bermudão e tênis no pé...então cada esquina daquilo lá é uma bocada entendeu? e cada boca pertence a uma pessoa diferente

A: não é uma pessoa só?

E1: não...são pessoas diferente e esses dono de bocada ele compra o material prá fornecer na sua bocada de acordo com o que ele veja melhor melhor qualidade melhor (E1 – 31 anos)

Um dos entrevistados conta que tinha uma boca de crack no **centro** da cidade, especificamente num local conhecido por **beco**, isso, por volta do ano de 1993, e faz uma comparação entre quantidade de droga do “papel” que era vendido no centro com a do que era vendido em outros bairros.

“ ele ficou entusiasmado né com a margem de lucro que a que a pedra dava

A: cê contou prá ele a margem?

E4: conte:::i porque ele tava especulando pegou falou “ah cê ganha quanto em cada cada pedra” então eu peguei falei ó (...) contei falei oh é/é eu fiz/peguei um cálculo por baixo né prá ele peguei falei “ó cê pega uma grama cê faz três papéis...é a grama tá cinco reais de três papéis cê paga dois cê ganha dois”

A: faz de uma grama três papéis?

E4: ali na baixada faz...num...em outros bairros num faz

A: qui qui isso qué dizê que a qualidade da droga num é assim...

E4: não...a droga é::: de de qualidade boa é a quantidade qui é:::

A: ah... é pequenininha

E4: é exato...mas como é ali na baixada ali no centro então ali é:::...só fica mais aquelas molecada travesti::: é::: então ali é mais

A: porque em outros lugar a droga tem que ser maior?

E4: tem qui ser maior né...né nem qui tem qui ser maior é qui::: acho que a concorrência é maior nos outros locais né e::: por pela concorrência ser maior então geralmente eles faz o papel com quase meia grama...cada papel...é::: aí no caso eles trabalha de de um por um né...e eu trabalhava em dois por um eu ganhava dois e pagava um...fazia três papéis eu tirava

cinco reais que era de uma grama de pedra e ganhava dois em cima...e já no bairro não no bairro o cara pega um papel e paga o outro...já é um tipo de ameia prá pessoa”
(E4 – 29 anos)

Percebo, pelo relato, que, muitas vezes, é a concorrência que determina a quantidade de droga que deve ser posta em cada “papelote”, em cada unidade. Esse mesmo participante narra uma situação interessante, que ocorria no tráfico de drogas, no centro da cidade, entre 1994 e 1995:

“eu vendia...eu vendia no Centro...eu vendia no Centro mas ali o:: o beco já era um local qui já tinha um nome (...)ele já era procurado pelos viciado e os viciado que tinha ali...eram aqueles moleque que saiam da da periferia e descia pro centro prá roubá ali na Rodoviá::ria (...)prá roubá ali na Praça XV...então prá eles saírem ali da Praça XV com dinheiro na mão e í busca lá:: na periferia...então prá eles já era mais cômodo tá ali mesmo no Centro...então onde tinha mais...é::...mais movimento...tanto é qui agora depois que fechou a a...o beco ali qui derrubaram o be::co acabaram com com alguns pontos ali da baixada ali...caiu totalmente num se vê nem moleque na rua ali mais...vê mas é bem pouco em vista do que era antes né...prá quem conheceu o Centro ali na época de noventa cinco noventa e quatro...e vê hoje sabe que mudou muito...a::: principalmente a Visconde do Rio Branco¹ ali né porque ali era...moleque prá tudo quanto é lado ali...que era bem de frente o beco e eles pegavam e fumavam ali mesmo né (...) eles ficava ali na calçada mesmo...entava ali”
(E4 – 29 anos)

As falas anteriores demonstram a diversidade que compõe o todo do tráfico de drogas: pequenos retalhos de uma colcha multicolorida, costurada em diferentes relações, que vão se estabelecendo e se rompendo ao sabor dos mais diversos motivos. Pois bem, sendo assim, quais as relações que envolvem os distribuidores, atacadistas, traficantes médios e traficantes pequenos? Como esses fornecedores desempenham suas atividades? Como fazer para que a grande quantidade de droga comprada seja distribuída na cidade de Ribeirão Preto?

Segundo o participante E2, a **relação** que se estabelece entre o fornecedor e os outros traficantes menores, geralmente, ocorre de duas formas: ou ele trabalha por

¹ Visconde do Rio Branco: nome de uma rua na cidade de Ribeirão Preto, no centro da cidade.

conta própria, de forma **independente**; ou ele é um **empregado** e recebe, em média, uma percentagem mínima de 30% sobre a droga comercializada.

“ah:: é aquele velho negócio o:: o traficante ele tem...então a pessoa ia lá compreende? comprava dez quilo dele ele dava tantos dias prá pessoa pagá...ou se não a pessoa chegava e falava “eu quero trabalhá prá você eu vou vende prá você” en::tão ele ganhava trinta por cento da droga que era comercializada

A: então existe essas duas formas ?

E2: existe essas duas formas ou a pessoa pede um prazo prá trabalhar por conta própria a qual o traficante que ele tem a droga ele nunca diz não ele sempre serve...e como existe a outra forma também da pessoa querer trabalhar prá pessoa que tem a droga a média um mínimo é trinta por cento..o máximo não existe mais o mínimo é trinta por cento”(E2 – 60 anos)

CRUZ NETO *et. al.* (2001, p. 133-134), levando em consideração as características típicas de cada papel desempenhado, atribuições e distribuição de tarefas, apresenta sua compreensão da hierarquia do varejo das drogas num quadro, onde relaciona atores, funções e ganhos, entre outros. Menciona valores fixos, como, por exemplo, o olheiro percebe “entre R\$ 100 e R\$ 200 por semana”. O vapor “ganha entre R\$ 50 e R\$ 100 por carga vendida”. Caco Barcellos descreve, da seguinte maneira, a relação de alguns atores do tráfico de drogas, os papéis desempenhados e a divisão do dinheiro, em seu livro *Abusado*:

“... Du, virou olheiro (...) Juliano (...) já era avião da boca (...). O avião logo virou vapor de Cabeludo (...). A divisão do dinheiro obedecia a uma hierarquia: 10 por cento ficava com o vapor, 30 por cento com o gerente e a maior parte, 60 por cento, com os donos da boca, Zaca e Cabeludo. Os dois se encarregavam de pagar pelos serviços dos soldados, dos olheiros e dos fogueteiros e por eventuais propinas e ajuda aos moradores”.
(BARCELLOS, 2003, p. 85-86).

Já ZALUAR (1994, p. 76-77) expõe de maneira diferente da de Barcellos. Verifica que o traficante divide com o “vapor” ou gerente de boca “os lucros de todo o movimento da boca pela metade, ficando o traficante com uma das partes e o

vapor com 30% da outra. Os demais ‘aviões’, que trabalham para ele, ganham pouco ou apenas um punhado de tóxico para consumo próprio.”

Percebo que, à primeira vista, poderia parecer que os autores anteriormente citados estejam trazendo exposições contrárias sobre determinada questão do tráfico de drogas. Mas, na realidade, apresentam dinâmicas diversas, em épocas e contextos variados. Em outras palavras, as avaliações refletem o modo como o tráfico de drogas organiza-se em diferentes momentos e contextos.

A explicação do participante E7, a seguir transcrita, é elucidativa na compreensão dessa questão, no contexto da cidade de Ribeirão Preto. Sob seu ponto de vista, a relação entre empregado e patrão, no tráfico de drogas, tem ocorrido de forma negociada, não obedecendo regras fixas. Observa, que a situação é relativa, sendo influenciada pela situação econômica que o País estiver atravessando. Dependendo da situação, pessoas se sacrificam a trabalhar, ganhando menos no tráfico:

“isso tudo é combina::r assim como ocorre em qualquer outo/outo/outo contrato lícito entre/entre empregador e emprega::do tudo é combinado/tudo é combinado

A: porque eu li num trabalho que no Rio a divisão do dinheiro obedece uma hierarquia dez por cento pro vapor::: trinta por cento pro gerente/trinta por cento com o gerente e a maior parte () pro dono então aqui é diferente ou segue mais ou menos?

E7: relativamen:::te... praticamen:::te::: relativamen:::te igual confor:::me a condição que tiver::: de situação no país se o país atravessa uma/uma/uma fase terrí:::vel que nem tava há pouco que agora a gente tem esperança que melhore o que que acontece vai ter pessoas que vão se sacrificar::: porque num tem outra maneira num tem outro trabalho vão trabalhar mais baRAto conforme tiver o::: o custo de vida tudo é relaTIvo” (E7 – 39 anos)

Na relação empregado – patrão, surge uma situação interessante, que fluiu da fala do E2 a seguir. Ao se referir ao patrão, ele diz “ele era **o cabeça** . E **todos sabiam que a droga era dele**; ele abastecia”. Então, o “cabeça” pode ser interpretado como aquele que abastece os revendedores. Eis o relato:

“ é aí é que é o negócio outras pessoas vendiam também mais eles eram cabeça...a Sra. me entendeu agora o que eu quero dizer Dra ?(...)ele era o

cabeça...é o que tinha mais quantidade é o que dava também então prá abastecer quer dizer ele dava um pouco aqui um pouco ali (...)

A: então por exemplo o Sr. tava falando do ((nome de um traficante)) ele vendia no Ipiranga ((bairro da cidade de Ribeirão Preto))?

E2: é ele vendia no Ipiranga

A: quem quisesse comprar droga no Ipiranga tinha que comprar dele?

E2: não podia comprar de outro que ele tinha muito então ele dava...não é que comprar dele que ele não vendia ele dava prá para as pessoas passarem prá ele mas todos nós sabemos que a droga ERA dele ele abastecia...o Ipiranga (...) ele abastecia

A: e ele passava prá outras pessoas venderem prá ele?

E2: passava prá outras pessoas venderem prá ele (...) então como ele tinha droga ele conseguiu dominar Vila Tibério Vila Virgínia ((bairros da cidade de Ribeirão Preto)) e Ipiranga...porque ele tinha muita então o pessoal:: da Vila Tibério que já faz uma divisa com o Ipiranga compreende? já começou e Vila Virgínia que fazia uma divisa com Vila Tibério então:: ele conseguiu segurá esses três” (E2 – 60 anos)

BARBOSA (1998, p. 88/89) observa que deve se proceder com certo cuidado para situar “o cabeça”, “o dono do morro”, “o homem” , pois, segundo ele:

“...esse tipo de autoridade é móvel. Já me disseram que existem morros com vários donos: ‘Vai muito da organização da comunidade’. Mas a maior parte das opiniões aponta para a unicidade: ‘Na real não existem vários donos, existem homens de confiança do cara. Esses que o patrão dá uma boca para ele se manter. O cabeça praticamente é um só’. O dono do morro pode estar preso e outro suceder a ele, mas este deve àquele que o precedeu assistência e lealdade, na forma do cumprimento das ordens vindas de dentro da cadeia.”

Ao examinar as representações da comunidade acerca das quadrilhas de traficantes, aponta ALVITO que a importância do chefe local do tráfico, “o cara”, “o dono da favela”, ou, simplesmente, “o dono”: “*não deriva apenas do poder que ele detém, por vezes superestimado, mas daquilo que sintetiza, que simboliza. Por vezes, é chamado de o cabeça, expressão que designa chefes em geral, ‘aquele que toma a frente da coisa’”*. (ALVITO, 2001, p. 219).

Percebo que a questão destacada por Alvito, na análise anterior relaciona-se a um tema que me foi de difícil compreensão. Refiro-me ao símbolo contido neste ator social: “**o cabeça**”. O estudo deste remeteu-me a outra expressão, **o comando**. O que significa esse “comando”? Ouve-se muito a frase “fulano comanda tal bairro ou tal região” ou “fulano domina tal bairro”, referindo-se a um traficante de drogas. Mas, o que tudo isso quer dizer? Lembro-me da fala do participante E1, anteriormente transcrita, “cheguei a ter treze ‘bocadas’”, e da interpretação do E7, de que o entendimento do E1 era simbólico. Na opinião do E7, para que aquelas treze “bocadas” fossem dele (E1), elas somente poderiam vender droga exclusiva dele (E1), ele teria que ser o fornecedor exclusivo daquelas treze bocadas.

Surge, aí, a indagação: aquele seria o “comando” a que tantos se referem? Ainda, se ele comanda, se ele domina determinado bairro, determinada região, os traficantes menores, donos de “bocada”, são obrigados a comprar a droga somente dele? Vejamos as percepções dos entrevistados acerca deste tema.

“A: mas então por que as pessoas falam assim fulano de tal controla todo o bairro tal? como que ele controla?”

E1: porque ele cresce naquele bairro ele...vende naquele bairro então torna-se negócio dele ali as pessoas vêm ali o viciado vem procurar ele entendeu? então fica assim sendo dele se outro vem vendê ali no lugar Dele aí não é certo”
(E1 – 31 anos)

“A: e como que existe/ como que é esse negócio de coMANdo? fulano de tal comanda tal região...porque ele tem dro::ga pra/pva ven::der pras pessoas

E7: é isso aí vai se crian::do é que nem como se fala assim qual/tó/ tal praça que que vende mais lá Pepsi ou Coca-Cola? não a Coca-Cola domina a área a Brahma domina a área não lá é a Skol que domina a área por que? porque aquelas pessoas têm aquela/aquela/aquela relatividade com aquele tipo de distribuidor da Skol então ele vai criando ele vai criando um campo ele vai ampliando seu comando ampliando a sua área e vai ampliando o que? as pessoas as quais ele precisa conhecer... aí ele acaba comandando entre aspas o comando né por que é uma coisa simbólica...porque não é que ele coMAN::da ele/ele/ como é que eu vou falar pra você (...) é um comando simbó::lico”
(E7 – 39 anos)

Interpreto esse “comando” como um domínio mercadológico à medida que a pessoa, estabelecida em determinado bairro, ali nascida, que sempre morou ali, passa

a vender drogas, expandindo o seu comércio, ela incorpora o mercado da venda de drogas naquela região ou bairro. A fala a seguir exemplifica isso:

“num é isso domina faz de conta o seguinte no/no caso a favela das mangueiras quem que tá comprando droga quem que tá pondo lá? é esse que tá dominando lá nos outros lugar também é a mesma coisa...(...) to::dos os lugares...assim como você cita a mangueira vamos citá o Zara vamos citá a Vila Elisa que é a Sambra o Simioni o Avelino o Ipiranga¹...cada qual (...) qual tem o seu domínio...compreendeu? cada qual tem o seu domínio certo?”
(E7 – 39 anos)

Parece que, no funcionamento do tráfico, na cidade de Ribeirão Preto, o domínio do “pedaço” é do distribuidor. Percebo ainda, que esse domínio é também territorial. Se um traficante quiser instalar nova “bocada”, onde já há um comando, um domínio, é necessário que ele respeite aquele que domina a distribuição na região. O novo traficante se vê na obrigação de comprar a droga do distribuidor que ali domina, o que se pode observar na fala do E2:

“A: isso que eu quero saber porque a impressão que a gente tem é que boca tem na cidade inteira?”

E2: na cidade inteira no centro da cidade em qualquer lugar tem boca

A: então se eu quiser monta uma boca quatro quarteirões daqui eu posso?

E2: pode::

A: mais aí o que tá dominando aqui não vai acha ruim?

E2: não não vai achar ruim porque a Sra. vai ser obrigada a comprar dele...prá ele é interessante

E2: mas e se eu quiser comprar lá no outro bairro?

E2: aí já fica chato Dra.

A: fica chato?

E2: aí já fica chato...esse que é um dos grande problema aí já começa a existir a guerra.... “pô a pessoa tá aqui no meu pedaço numa suposição no meu pedaço tá sabendo que eu tenho vai comprá do fulano lá na...lá no Sumaré lá no Ipiranga lá na Vila Virgínia pô que que é isso? vou conversar com essa pessoa” é o que acontece Dra. --boca você pode se fazer em qualquer lugar respeitando-se...ao lado respeitando-se ao lado/boca pode fazer em qualquer lugar...num num existe esse negócio de:: de:: ignorância vamos dizer só não pode tirar aquela pessoa que serve aquele lugar aquela região ele ser tirado porque aí fica chato como de fato fica chato mesmo”

(E2 – 60 anos)

¹ Favela das Mangueiras, Jardim Zara, Vila Elisa, Sambra, Simioni, Avelino e Ipiranga: bairros ou localidades da cidade de Ribeirão Preto.

Esses dados sugerem que, com o crescimento do tráfico de drogas, é necessário que se delimitem o espaço de domínio de cada fornecedor, assim como, o cumprimento de regras, principalmente, o respeito ao traficante que já está estabelecido em determinada área. Percebo, também, que é do descumprimento dessa norma que surgem os conflitos e as guerras por mercado e por espaço. Além disso, verifico que, aquele que quiser ter um ponto de vendas, terá que saber ganhar o espaço, como se observa pelo trecho a seguir transcrito:

“A: bom aí eu pergunto assim...ah:: seu eu quiser abrir uma bocada num bairro xxxx e nesse bairro já tem uma pessoa que costuma vender prá outras (...)

E7: tem que trocar uma idéia

A: mais aí eu pergunto o que tá dominando não vai achar ruim? eu vou ser obrigada a comprar dele

E7: bom:: isso daí (...) eh isso aí...faz de conta se ele for lá prá sê um cara menor do que aquele agora se ele for lá prá dividi mercado ele vai tê que trocá uma idéia com quem já tá...não é? prá evitá briga porque tá numa época de paz...não é? então proibi de matá por causa disso tá proibido se matá por certas coisas tá evitando se matá ao máximo então nessa época de paz é natural que OU ele venda pro cara compreendeu? ou ele vai trocá uma idéia se o cara dé uma permissão prá ele/trocá uma idéia aceitá compreendeu? tudo é relativamente ao diálogo a gente caminha a passos lentos mais tá que nem vocês prá tentá resolvê as coisas no diálogo compreendeu?

A: mais já teve ocasiões em que teve

]

[E7: teve outras ocasiões que ele () de tomá o espaço ou de morrê pelo espaço né? que é outra ocasião da época da guerra (...)antigamente surgia a guerra do tráfico -- o que que é? as pessoas vinham se instalavam e se matavam...pela esquina pelas bocada (...)

A: porquê um outro entrevistado ele vai contando alguma coisa da vida dele...ele era um traficante pequeno (...) e ele trabalhava no beco numa bocada então ele contava que ele comprava de várias pessoas

E7: com certeza...não existe:: um:: um patriotismo () ele visa o lucro entendeu? qualidade e o que dá mais lucro prá ele e o preço menor prá ele né? não tem uma fidelidade assim... entendeu?” (E7 – 39 anos)

Do seguimento anterior, depreende-se que, atualmente há uma opinião compartilhada entre os participantes do tráfico na cidade, relativa à resolução de possíveis conflitos pelo diálogo. O entrevistado ainda afirma que nem sempre foi assim. Os conflitos pelos espaços eram, até algum tempo atrás, freqüentemente

resolvidos pela violência. O assunto será melhor analisado no tema da violência. O entrevistado também resalta que mesmo o comando e as normas a ele ligadas não são absolutos, são relativos ao lucro visado pelo tráfico. A fala a seguir ilustra isso:

*“A: então de uma certa forma tem um domínio
E7: (...) é lógico tem né
A: tem um comando e de uma certa forma tem um domínio
E7: de uma certa forma tem
A: porque ele vai querer que eu compro dele
E7: ou que não venda lá porque lá é a (praça) dele né? ...ou você dá lucro prá ele/num num/ tudo se (visa) em lucro faz de conta que ele não tenha ((a droga)) (...)se ele teve necessitando dela (...)que ele tenha uma droga ruim você chega com uma boa...ele tá/prá mantê a freguesia dele num ótimo estado vai vendê bem você dá um percentual de lucro prá ele ele vai vende prá você também...tudo é questão do lucro...a qualidade e o lucro e aquele que dá o lucro mais rápido...tudo é questão disso daí certo?” (E7 – 39 anos)*

7.6 - Como funciona uma “bocada”

7.6.1 - Há vários tipos de “bocada”, segundo o ponto de vista dos participantes. O relato seguinte ilustra isso:

*“A: e tem vamos supor assim:: eu vou em tal lugar porque eu sei que lá tem tal droga ou a pessoa vende de tudo?
E1: tem por exemplo tem lugar que se vende só cocaína outros vende só “crack” outros vende só maconha tem bocadas que vende-se os três isso varia muito do pessoal que vende do local que é” (E1 – 31 anos)*

Cada “bocada” tem sua forma própria de trabalhar, com qualidade e quantidade de droga diferente. Na percepção do entrevistado E1, “depende do poder aquisitivo do traficante – dono da ‘bocada’”.

*“A: quer dizer que se eu quiser comprar uma droga lá no meu bairro eu posso ir em alguma casa alguma esquina que vai te gente vendendo?
E1: lá no Jardim Irajá¹ eu tenho certeza que tem*

¹ Bairro da cidade de Ribeirão Preto considerado de classe média alta.

A: no Alto do Sumaré¹ tem?

E1: tem

A: mas o cara que ta lá ele é pequeno?

E1: isso daí é aquilo que eu falei prá Sra. vai de acordo com a carência de cada pessoa entendeu? cada bocada trabalha-se com quantidade diferente...tem pessoas que tem medo de pegá muito (...) tem porque ele tem que pagá tem pessoas que não tem poder aquisitivo prá pagá muito entendeu?”
(E1 – 31 anos)

O mesmo ponto de vista é compartilhado pelo participante E5:

“então qué dizê a gente vê que:::prá cada bocada tem um estilo de trabalho...então aquela que é a mais inteligente é a que mais cresce...é a que mais acaba adquirindo:::um campo maior uma estrutura maior”
(E5 – 31 anos)

Dos relatos cedidos pelos entrevistados, percebi também que o dono da bocada é quem impõe o estilo de trabalho e a forma de organizar-se no tráfico de drogas.

7.6.2 - Ao narrar o funcionamento, o dia-a-dia no tráfico, relatou o participante E2 que **a mercadoria tem que ficar longe da casa do traficante – porque é uma “correria”**:

“aí já não vem na casa dele que tem que ser fora prá mercadoria não chegar na casa dele...não pode...a mercadoria tem que chegar muito longe da onde que o traficante mora nunca pode chegá perto do local onde que ele reside porque:: é como se diz mesmo é uma:::uma “correria” prá se guardar prá se tirar prá fazer acontecer então vira uma correria e aí pode:: né? numa hora errada acontecer o pior”
(E2 – 60 anos)

Entendi, por esse relato, que a mercadoria referida pelo E2 é aquela quantidade maior e não a pequena que está sendo comercializada na “bocada”. Na sua concepção, na residência do traficante, não deve ter droga, ela precisa ser preservada de uma eventual revista por parte da Polícia. As falas seguintes mencionam que **a**

¹ Bairro da cidade de Ribeirão Preto considerado de classe média alta.

droga é acondicionada longe da “bocada”. A explicação para essa norma, tal como a anterior, é a de que a confecção é um processo demorado, como uma linha de montagem para o acondicionamento das porções individuais, daí o traficante estar sempre dissimulando, para evitar a apreensão da droga e, conseqüentemente, sua prisão, caso a Polícia apareça:

“porque o local na onde qui eu::: confecciono nunca pode sê perto da bocada nunca pode sê bocada porque::: como vai sê::: é um lance::: que vai levá TEMpo e vai tá::: vamos dizê assim cem por cento com o produto ali bem perto da gente tem que sê um local be:::m afastado...agora quando é prá vendê aí é sem problema...vendê é::: é rapidim...porque::: quando eu::: eu confeccionava era uma coisa muito demorada você leva tempo prá podê cortá o::: os plástico você leva tempo prá podê cortá as fita¹ porque cê num vai simplesmente pegando e pondo na fita e já coisando...tinha época que a genti::: imendava uma mesa de seis cadeira i::: ao redor dela era toda cheia di::: di fita crepe já cortada certinho...e o outro rapaz ele ia cortando os saquinhos...então tinha um que pegava a colher já colocava no saquinho pesa:::va...e o outro já pegava ali já ia enrolando e o outro já punha a fita crepe então era uma coisa assim rápida demais qué dizê já tinha uma certa prática né o problema é qui::: quando::: a polícia vai em cima é difícil di cê dispensá di tudo isso...o que vai levá tempo di cê passá a mão na mesa tirá as fita cre:::pe pegá os saqui:::nhos tê que jogá fora (...) então tem que tê um cuidado muito grande” (E5 – 31 anos)

“A: ah::: então você comprava a pedra e você que embalava

E4: exato

A: cê que fazia o papelzinho

E4: exato...eu comprava as cem gramas ela vinha numa pedra solta né? (...) ela num vinha uma...embalada já

A: aí você qui... quebrava como que cê fazia cê quebrava a pe:::dra?

E4: é a gente quebra com::: um::: costuma-se dize castelos né...a gente quebra alguns pedaço fica tipo uma pedrinha mesmo de brita de rua só que quebra aí uma uma certa proporção na minha proporção era::: a cada uma grama eu fazia três papéis...eu dividia uma grama e fazia três papéis mais ou menos...é::: i::: fazê/fazia esses papéis não dentro do quintal né porque o quintal já era um quintal viSAdo né então fazia no hotel...num fazia ali dentro alugava um quarto no hotel ia lá fazia os papel depois trazia prá dentro do quintal” (E4 – 29 anos)

¹ Fita crepe ou fita adesiva, geralmente utilizada para acondicionar a droga.

7.6.3 - Relata o participantes E5 que, **antigamente**, o comprador da droga ou esperava ou ia junto até a casa do traficante, para que este confeccionasse a porção pedida. **Hoje**, é tudo muito **rápido**, para segurança do próprio traficante. Os relatos a seguir ilustram isso:

“o traficante ele::ele tem que fazê de tudo prá podê:::sê rápido porque na verdade a bocada ela tem que sê rápida...antigamente você comprava droga você tinha que esperá o traficante í na casa dele elaborá::a quantia tinha vez que ele levava você junto com ele pesava na tua frente e tudo -- hoje não...hoje o traficante ele faz assim ele pega lá um quilo ((de maconha)) aí separa em dois tablete de meio...um tablete ele vai separá de cinqüenta e cem grama o outro tablete ele vai separá de ce:::m cento e cinqüenta duzentos algumas coisinhas assim mais ou menos que eu recordo...então se você chegá ni mim e falá "ó eu quero cem grama" eu já sei /já tá pesadinho então rapidinho eu vô lá cato e já venho com a balancinha uma balancinha de peso que eu acho que deve tá::: acho que deve sê mais ou menos assim do tamanho da palma da minha mão é fácil de escondê na mão e até de jogá fora se fô o caso né...tem umas aí que já é eletrô::nica mas essa aí já::: já é difícil prá podê tê que dispensá ela porque ela é bem::: bem grande aquelas...medí de pesinho eletrônico di pilha...então::: muita das vezes o pessoal já traz na hora e é feito assim já pesa na sua frente um saquinho transparente cê tá vendo ali o jeito que é a mercadoria ela::: a forma como que ela se encontra já põe no pesim já pesa na sua frente cê já dá o dinheiro e já vai embora” (E5 – 31 anos)

“antigamente cê pegava qualqué um pegava até mesmo vicia::do eu mesmo já vi caso de pessoas pegá até::: mulheres (...) prá podê confeccioná:: o produto num parava...o:::s moleque ia vendendo na rua i as muié ia confeccionando né na época eu tinha lá meus dezesseis dezessete ano dezoito...na década de oitenta...num tinha::: problema cê podia vendê à vontade porque se a polícia pegasse e todo mundo í preso no outro dia já tava tudo na rua di novo...agora hoje não/ hoje quanto mais segurança o traficante pudé tê é até melhor” (E5 – 31 anos)

Segundo um dos participantes, no funcionamento da “bocada”, geralmente, fica mais de uma pessoa vendendo a droga e essas pessoas vão se revezando na venda. Como regra, relata que os vendedores ficam com poucos “papelotes” na mão, deixam o resto em outro local e sempre vão mudando a droga de lugar. Nas suas palavras, é uma **rotatividade**. Se quem vai comprar quiser quantidade maior, então, o vendedor

aciona outra pessoa, a qual, normalmente, não aparece, no caso, o gerente, e este providencia a quantidade maior.

7.6.4 - Vendendo de quilo

Na percepção do E5, existem “bocadas” que vendem de quilo e o procedimento de comercialização é diverso do da venda em grama. A fala seguinte exemplifica isso:

“A: e a pessoa esconde o grosso mais ou menos perto ou longe?”

E5:...ah:: tem um esquema esquisito aí qui...é sempre tem que tê uma quantia BOa mas pequena perto...porque geralmente tem bocada que o pessoal vende de quilo...aí esse daí é um::: uma coisa que é::: inimaginável do jeito que o pessoal faz

A: como que eles fazem?

E5: ah::: aí já é...feito mais assim por por por concordância di:: por telefone vamo dizê assim...vamo dizê qui a senhora chega ni mim e qué compra dez quilo di di di cocaína...obviamente que eu num vô:: tê dez quilo na minha mão ali na hora então eu falo prá senhora "cê confia ni mim?" "confio" "então vamos fazer o seguinte ó tal hora em tal lugar"...só eu e a senhora que sabe...só qui eu num vô eu vô manda alGUÉM...e a senhora também num vai a num ser que a senhora vai mas vai com outra pessoa do lado então tem qui sê num lugar BEM isolado mesmo longe...a pessoa marca o horário com você e o dinheiro tem que tá na mão...primeiramente passa alguém e pega o dinheiro aí passa o outro e deixa a mercadoria...que se tivé alguma polícia de longe o/observando num vai::: tê aquele perigo di::: como se diz...di::: tê o flagrante em cima o bote né porque::: eu só vô ti entregá a mercadoria quando o dinheiro tivé a salvo...que é a garantia do traficante sempre tê o dinheiro então tem que tê uma relação aí de confiança porque se eu pegá o dinheiro e num ti dé a mercadoria é bem certeza qui cê vai vim atrás de mim prá cobrá di mim alguma coisa..." (E5 – 31 anos)

Nas estratégias cotidianas da “bocada”, menciona o participante E5 que **aquele que vende de papel não pode saber onde está escondido o grosso da droga**. Segundo sua explicação, essa regra existe, pois, na hipótese de a Polícia prender o vendedor, o dono da droga só perde a quantidade estiver na mão dele, e, como ele não sabe em que local está a quantidade maior, mesmo que a Polícia venha a coagi-lo, a quantidade maior não será apreendida:

A: bom então:: vamo só voltá pra eu podê entende bem...ficam uns dois ou três ou quatro ali na boca pra vendê

E5: isso

A: e sempre fica um atrás tomando conta...pra hipótese de chegá o...o caso de uma pessoa que que um pouco mais de quantidade

E5: isso

A: e aí ele sempre tem uma quantidade maior guardada mais ou menos perto?

E5: porque na verDAde o que vende de papel(...) ele nunca pode sabê onde que tá o grosso (...) porque...ele num pode porque se caso a poli/se ele vendê prum cara que é polícia (...) e a polícia chegá e catá ele ele vai apanhá vai sofrê mas o qui ele rodá vai sê só aquilo por exemplo se ele fô preso e fô prá cadeia fô pá delegacia vamo dizê assim...se ele fô preso com dez papel é só aquilo...agora se de repente ele sabê ondi que tá o grosso é na onde que a polícia faz aquela coação "não cê fala prá nós onde qui tá o grosso fala di quem qui é nós ti libera" né então hoje em dia tem esse:: esse risco qui:: no caso a polícia...eles fazem é na onde que o pessoal eles têm que sabê é:: como se diz/burlá a polícia...então EU sei onde qui tá o grosso mas o qui tá vendendo di papel num pode sabê...i se ele fô preso...ele vai apanhá vai apanhá e vai falá "ah num sei ondi que tá o grosso" mas é nondi que corre o risco dele tê qui () falá...só que aí prá polícia VIM até ni mim já levô tempo eu já fiquei sabendo que o rapaz foi preso i...virei fumaça" (E5 – 31 anos)

Observei que é comum o traficante preservar seu negócio, principalmente da ação policial, utilizando outra estratégia de sobrevivência no seu cotidiano, qual seja, **o dono, de preferência, deve ficar distante**, como exemplifica a fala seguinte:

A: e o dono da boca sempre fica ali por perto?

E5: bom na verdade ele tem que tá distante...mas ele sempre deixa alguém ali de:: de::...de confiança prá podê dominá...que é alguém que ele tirô de uma vida difícil i:: viu que o rapaiz tinha uma cabeça forte prá podê tê um espírito de liderança e pois ali prá ele...agora se num tivé ninguém ele é obrigado a tá () próximo" (E5 – 31 anos)

7.6.5 - Dificultando o acesso e o trabalho da Polícia

Percebi, pelos relatos que, quando o assunto gira em torno da Polícia, o traficante procura cercar-se de maiores cuidados para garantir o seu negócio ilícito. A fala a seguir exemplifica isso:

“entã::o o que que acontece? tem essas regras se é um::: uma viciada mulher tem que tratá com mais respeito ainda prá num tê aquele problema porque se for uma mulher que a gente não conhece é polícia porque::: a::: o verdadeiro policial ele num vai lá fardado ou ele num vai fortão bonito lá ele sempre vai escondido atrás da pele de um cordeiro...então nisso o cara tem que ficá esperto “olha cê tem que vê muito bem prá quem que cê tá vendendo...nunca dexa pode sê mulhe:::r pode sê homem se fizê pergunta demais sai fora...tipo assim “ou é::: me vê uma droguinha?” “ah tudo bem” “ah cê vai pegá aonde?” “ha mai/por que?” “não não quanto tempo cê vai demorá?” num existe isso daí...viciado ele num pode perguntá prá você que::: à partir do momento que ele vai na tua bocada quem vai colocá a regra ali é você você pode falá espera um poquinho aí mas nunca vai dá um tempo porque::: se você falá daqui dez minuto eu VEnho o que que vai acontecê? se fô polícia “ó espera que daqui dez minuto ele tá...”e você nunca sabe o tipo de::: de::: de circunstância que você vai se encontrá -- de repente você tá indo passa uma viatura da polícia você tem que dá uma disfarçada então isso daí vai fazê demorá um pouco mais a mercadoria”

(E5 – 31 anos)

No ponto de vista do participante E2, uma das estratégias cotidianas de sobrevivência no tráfico é sempre observar quem está entrando e quem está saindo da área da “bocada”. Segundo ele, o traficante, de modo geral, distingue quando é a Polícia e quando é o “viciado”. Eis o relato dele:

“então é uma estratégia de sobrevivência do traficante ele já acordá cedo prá saber como que tá a área...e::: durante o dia inteiro ele se preocupar e observar quem tá entrando ou quem tá chegando ou quem tá saindo aquele ca:::rrro (...) ou que tem coisa suspeita na área então a estratégia dele qual que é? é sair fora da área ...quando ele vê

A: o que que seria essa coisa suspeita por exemplo?

E2: é::: um carro suspeito um carro suspeito pode ser polícia

A: e o que que seria um carro suspeito?

E2: um carro suspeito é aquele carro que não é conhecido na área com condutores também não conhecido

A: mas se o viciado vai lá comprá às vezes ele não é conhecido

E2: mais a::: ali Dra. o o poblema da pessoa que é viciado que ele chega na área o::: ...é percebido que é um viciado (...) é

A: como que percebe?

E2: percebe pela maneira...porque parece uma coisa impressionante a polícia ela age da maneira compreende? que dá prá saber “aquele lá é polícia” e o viciado não

A: como que a polícia age?

E2: a polícia:::...prá começar ela já age olhando para os lado ...

A: e o viciado não?

E2: o viciado não/ o viciado sabe que:: a boca é ali então ele segue é reto é sem olhar pra lado e a polícia compreende? até na maneira de anda é tudo diferente --polícia é polícia...(...) eu com essa minha idade compreende? eu reconheço um polícia só no olhar...eu sei que ele é polícia ou PM ou civil mais eu sei que ele é ele muda a maneira dele de ser porque ele é polícia...é uma coisa impressionante conheço e o viciado não já é diferente”

(E2 – 60 anos)

Ao descrever a favela de Acari, no Rio de Janeiro, suas peculiaridades, seus moradores e consumidores de droga, relata ALVITO (2001, p. 25) que “O movimento de ‘viciados’ era intenso e nervoso: dava perfeitamente para distingui-los pelo olhar preocupado e o passo apertado”.

Outra estratégia apontada pelos participantes e utilizada pelo traficante é não deixar a pessoa que vai comprar a droga ficar muito tempo na “bocada”. O funcionamento deve ser rápido, sem aglomeração. Na gíria, eles dizem **função**. A fala a seguir exemplifica isso:

“o que o pessoal fala o dono da bocada é que nunca pode tê é:: uma palavra que a gente fala na gíria (...) é função aglomeração porque aglomeração ela deixa você assim meio que atrapalhado...então quanto menos movimento tivé é melhor prá você podê administra “pô quanto que você qué?” “ah eu quero dois papel” solta ele rapidim aí num dexa ele aglomerá não prá num ficá embaçando...chega outro “ah eu quero um” vai vai libera ele rapidinho...chega outro “aí eu quero dez” pera um poquinho aí mas...num fica aí embaçando em cima não espera num ponto aí prá num:: ficá sujo”

(E5 –31 anos)

Percebo que, para o bom funcionamento da “bocada”, a rapidez e a discrição são almejadas pelos traficantes: “...para não dar na pinta”, segundo as palavras de LINS (1997, p. 207), não chamar a atenção da Polícia. Essa particularidade também é referida por BARBOSA (1998, p. 91) ao observar que “(...) tem movimento que eles manda pegar e sair fora para não ficar muito comercial. Pouco movimento e aí não desperta a polícia de ficar o tempo todo em cima...”.

Uma situação interessante foi mencionada pelo participante E2, ao exemplificar como deve ser feita a venda de droga para **carro que possui chapa de outra cidade**:

“estratégia dele é não trazer polícia prá área de jeito nenhum às vezes a polícia pode entrar ali mais de rotina entra passa e sai mas não prá ficar ali dentro da área prá qualquer tipo de ocorrência em segundo lugar “tá tudo guardado?” ...a estratégia ...tá tudo guardado? “tá tudo guardado” e “é fácil prá?” “é fácil” é a segunda estratégia compreende? as coisa tá mais fácil compreende? prá pessoa que às vezes que vai comprá não demorá muito na área também (...) não demore muito...ele já chega e já sai porque às vezes vem um carro de fora...vem um carro de fora compreende? então se ele ficá cinco minutos ali ou dez minutos compreende? é o máximo porque é uma chapa de fora a polícia pode passá é uma chapa de fora prá abordar...então:: então tá? então vem esses tipo de pessoa então já fala “ó vai prá tal lugar que já tá indo lá” porque já tá na mão então não se demora prá aquela pessoa não ficá ou dando volta ou não ficá dando volta ou não vim prá cidade e voltá compreende? porque um dos receio também do traficante é esse porque às vezes pode vim uma pessoa de fora vai prum lado da cidade ou pro centro da cidade chega lá procura fazer uma besteira...ou faz uma besteira “o que que você veio fazer aqui?” “ah vim comprar droga” “de quem?” “de fulano” (...) pode acontecer então é onde que eles procuram fazer isso porque se eles tivessem a droga dentro do carro eles não vão fazer besteira eles vão embora..” (E2 – 60 anos)

7.6.6 - Na concepção de um dos entrevistados, o traficante tem que **administrar** não só o acondicionamento da droga, mas, também, a venda, a segurança da “bocada” e a do comprador, além de resguardar a mercadoria. Ele deve estar sempre dificultando “o acesso e o trabalho da Polícia”. A fala seguinte exemplifica isso:

“ é uma coisa que...é meio que::: sei lá num tem nem palavras como/a forma como ele consegue administrá tudo isso...ele administra não só na parte de seguran::ça como na parte de ve::nda como na parte de a/de acondicionamento...e prá isso ele tem que tê uma cabeça mu::ito forte qué dizê não exige estudo né num exige ele tê uma educação de escola di:: di:: di universidade só que ele tem que tê esse/esse conceito de::: se ele num fizê direito ele vai dançá...então ele:: tem que trabalhá de uma forma com que ele vai tá sempre é:: dificultando o acesso e o trabalho da polícia e prá isso ele também tem que trabalhá a mente do viciado (...) você tem que oferecê pro viciado a segurança...na nossa ética nós é::: fazíamos assim "quanto que você qué? tanto? então fica esperando aqui no bar” oferecia segurança o

cara ficava lá jogando uma sinuca um vídeo-game comendo alguma coisa conversando fiado com os outros clientes...aí pegávamos a mercadoria leVávamos a mercadoria até um certo ponto po:: po:: po cliente e falávamos prá ele "ó cê pode í que cê vai encontrá o pessoal lá e tá lá" qué dizê nu/nunca ia tê condições da polícia é::: por exemplo se aquele viciado tem ligação com a polícia não vai te jeito dele podê::: como se diz...catá a gente porque -- uma a mercadoria não vai tá ali...segundo...MEsmo ele indo na frente nós vamos escoltando de uma certa distância prá sabê se na hora que ele catá a mercadoria com aquele rapaz a polícia num vai tá lá porque se tivé nos acionamos a:: o advogado e aí a bocada tem que evaporá tudo tem que sumi porque se roda um já é prejuízo imagina dois três e quatro com mercadoria então...então era o que nós fazíamos na época nós procurávamos fazer um jeito de de de tê segurança" (E5 – 31 anos)

A esse respeito, assinala BARCELLOS (2003a) que os assaltantes não se adaptavam à vida de chefe no tráfico de drogas. Para eles, o traficante era, essencialmente, um comerciante que não pagava imposto e utilizava arma para garantir o seu negócio. Os traficantes

"Precisavam entender de contabilidade, a atividade exigia liquidez, ter sempre dinheiro à mão para comprar matéria-prima. E ainda tinham que administrar a contratação e demissão dos vendedores. E a mais importante das tarefas, providenciar pagamento diário ou semanal dos olheiros, aviões e sentinelas; a mesada dos parentes dos parceiros que estivessem presos; a manutenção e renovação do armamento da quadrilha; a oferta de propinas atraentes aos policiais desonestos. O traficante ainda assumia os papéis de conselheiro, padre, delegado, carrasco e juiz das questões mais corriqueiras da comunidade.

Os assaltantes não gostavam de tanta 'responsabilidade'. Preferiam a vida incerta, no comando de quadrilhas formadas de improviso, de acordo com a necessidade da ação, e desfeitas logo depois da divisão do dinheiro faturado no crime" (BARCELLOS, 2003a, p. 77/78).

Segundo os entrevistados, **o traficante, geralmente, não usa droga; quando muito faz uso da maconha.** Ele não se sustenta nesse comércio se for "viciado",

porque o traficante, **tem uma responsabilidade muito grande**. Para o E5, o único vício que ele tinha era vender. Os relatos que se seguem exemplificam isso:

“ô Dra. uma coisa impressionante quem VENDE a pessoa que fala que é traficante ele vende às vezes ele pode fazer uso DA MACONHA...da maconha ele pode até fazer um uso mais é a coisa mais DIFÍCIL será a coisa mais difícil uma pessoa que é traficante ele sê um viciado é a coisa mais difícil que existe

A: por que que é difícil ?

E2: olha Dra. porque ali ele tem uma responsabilidade ele tem uma responsabilidade e a responsabilidade dele é muito GRANDE então ele não pode ser um viciado” (E2 – 60 anos)

“eu mesmo fui uma pessoa que eu nunca ofereci droga pros meus amigo eu mesmo não -- até porque eu também nunca usei o meu vício mesmo era de vendê” (E5 – 31 anos)

Tal situação também é evidenciada por BARBOSA (1998, p. 89) que coloca que: *“Quanto ao consumo de drogas, segundo algumas pessoas com quem conversei, eles não costumam se servir delas: ‘Os cabeças mesmo, ninguém usa. Se não perde o controle do negócio’ ”*. Ao contar sua vida ao jornalista Zuenir Ventura, Flávio Negão, à época, chefe do tráfico de drogas em Vigário Geral, Rio de Janeiro, diz que *“não cheira”*, mas, *“fumar a gente fuma, vamo dizer, pra dar uma fome. A gente não sente fome. Se a gente fumar uma maconha, dá fome. Mas não é todo dia não”*. (VENTURA, 1994, p. 208).

7.6.7 - Como fica a “bocada”, quando o traficante vai preso? Na concepção dos entrevistados, com relação a este tema, há que se analisar a perspectiva do dono, a do empregado e a da própria “bocada”. Muitas situações são relativas e, segundo os seus relatos, na eventualidade de o **empregado** ser preso, a circunstância dependerá do que foi combinado anteriormente.

“ó geralmente o que se tem é o seguinte aí varia também de pessoa prá pessoa né? a bocada a pessoa que é dona da bocada é dona da bocada então aí ou ele faz...praticamente seria mais ou menos como um contrato verbal

você assume um compromisso né? então a partir do momento que a pessoa tá trabalhando prá você numa bocada aí você...pode ter um compromisso com ela ou pode não ter...isso depende do que você combina com ela entendeu? tem pessoas que trabalham prá você ce fala não “se cai ((se for preso)) é comigo mesmo entendeu? eu vou me responsabilizar prá ajudá sua família prá te ajudá” então e tem também aquele que você fala “o que você tem prá mim aqui é você vai trabalhá comigo aí o que você fizé é seu o que você fizé prá mim é meu a responsabilidade é tudo com você mesmo se você vier a ter um desacerto é com você mesmo” entendeu? então varia muito de pessoa prá pessoa” (E1 – 31 anos)

Sob o ponto de vista do participante E1, as circunstâncias que podem surgir na hipótese de o empregado vir a ser preso ficam adstritas ao que foi combinado, anteriormente, entre empregado e patrão. Aponta duas situações, ou o patrão assume o compromisso de manter o preso e sua família durante o período de prisão, ou a responsabilidade é do próprio empregado.

Relata o E2 que, normalmente, o dono, o patrão “mantém” o empregado na cadeia e ainda ajuda sua família. Entendo que, quando eles dizem “manter” o preso, devem estar se referindo ao pagamento de um advogado para o preso, e ao suprimento das necessidades dele dentro da cadeia, tais como sabonete, pasta de dente, alimentação, cigarro, etc.

“ mais aí acontece às vezes quando a pessoa é empregada (...) ele foi preso (...) o patrão é obrigado a mantê ele lá dentro da Cadeia como a família que tá de fora o qual eu já fiz muito isso também (às vezes um) empregado que tava trabalhando comigo foi preso eu tanto cuidava dele dentro da Cadeia como cuidava da família dele até ele sair” (E2 – 60 anos)

Observa o participante E1 que, embora haja a possibilidade de o dono da **bocada** ser preso e ela ficar abandonada, geralmente, aquele que está subordinado imediatamente ao dono, no caso, o gerente, é quem fica tomando conta da “bocada”.

*“A: e se o próprio dono da bocada vai preso?
E1: geralmen::te...fica-se né? no caso seria taxado tipo como gerente aquele que vem depois do dono fica tomando conta mas há casos também que a bocada é abandonada e vem outra pessoa e coloca...aí é onde geralmente que fica () onde se dá as discussões as grandes divergências né? porque a*

peessoa vem...tá vendendo onde é do cara não ajuda o cara...muita muitas MUITAS guerras aconteceram por causa disso” (E1 – 31 anos)

Segundo os participantes, pude perceber que, na maioria das vezes, quando o traficante, **o dono**, vai preso, um de sua confiança assume e, no período, ajuda o que está preso. Mas, quando o “dono” sair da cadeia, o ponto é dele novamente. O relato a seguir exemplifica isso:

“A: por exemplo o cara tá traficando ali aí ele vai preso

E2: isso ele sempre tem uma pessoa que é de confiança dele que vai assumir (...) quando ele sair novamente ele vai continuar sendo dono novamente e aquela pessoa que assumiu ou tá naquele ponto jamais pode esquecer que ele está preso e a pessoa tando presa ele vai ser necessitado ele vai necessitar de muita coisa como a família também vai tá porque ele não tá mais presente então aquela pessoa que está naquele local...assim no lugar dele então ela nunca pode esquecer A família e a pessoa que estava e que está preso

A: e ele sustenta então?

E2: é:: vamos dizer que num é um sustento ele dá uma boa ajuda ele dá sempre uma boa ajuda porque a pessoa quando -- se ele é um traficante que ele tá traficando ele nunca vai deixá a família dele numa pior ele sempre se preocupa é com a família em primeiro lugar então o outro vai ao menos:: colaborar com algo compreende? em sinal de respeito que tá na boca do outro (...) o respeito pelo dono (...) quando ele sai ele é o dono da área é o dono da boca

A: ninguém tira aquela área dele?

E2: é muito difícil Dra. uma que ele já faz parte ali e o pessoal a comunidade já conhece ele NAQUELE setor quer dizer se ele tivé preso a pessoa vai aprendê a conviver com aquele outro mas quando ele sair a pessoa já aprendeu a conviver com ELE que tá saindo novamente e é ele que vai ser aceito ali” (E2 – 60 anos)

Nessas relações, aponta BARBOSA que, quando o dono é preso, alguém assume seu lugar, seus homens, seus contatos e suas armas. Observa que aquele que assume, deve obediência às ordens daquele que está preso.

“Afiml, ‘dono’ é um cargo vitalício. Obediência esta, vale ressaltar, dada na relação de ‘amizade’. Deve também remeter uma parte dos lucros – uma parte significativamente menor, sem dúvida, do que aquela que fica com quem está do lado de fora e à frente dos negócios – dar assistência à esposa

e família dos que estão presos, mandar algum ‘agrado’ para dentro da cadeia – ‘drogas’, por exemplo”. (BARBOSA, 1998, P. 146).

Buscando analisar um pouco mais a fundo a questão, percebi outro aspecto. De um modo geral, quando o traficante, o “dono”, vai preso, em termos econômicos, ele perde tudo, como exemplifica a fala a seguir:

*“ a primeira vez que eu fui preso Dra....tudo o que eu ganhei eu perdi tudo(...) e eu perdi tudo...(…) então acabou com tudo porque quando eu saí ...eu saí numa miséria total”
(E2 – 60 anos)*

Menciona ainda o participante E2 que, quando o “dono” vai preso, o negócio dele pode até continuar, ou seja, na suposição de ele ter uma ramificação alta, mesmo preso ele pode continuar exercendo o tráfico de drogas. Mas, segundo o entrevistado, com a prisão, é relativamente comum ele não continuar, o negócio dele acabar ali. Em sua percepção, o “dono” pode continuar traficando de dentro da cadeia, mas aponta que ele, o traficante, está perdendo, porque **“os olhos do dono é que engorda o porco”**. Em sua explicação, verifica o entrevistado que o dono não está mais presente, e se a pessoa ou as pessoas que estão do lado de fora da cadeia não agirem corretamente, é ele, o dono, que assumirá os prejuízos. Então, segundo o E2, não é comum o traficante, em sendo preso, continuar seu negócio. Atente para o relato:

“A: quando ele vai preso então por exemplo ele tem o tráfico ele é forte na rua aí ele vai preso

E2: sim Sra.

A: de lá de dentro ((dentro da cadeia)) ele continua traficando?

E2: olha Dra. ele sempre tem a ramificação dele...sempre tem Dra.

A: ele não corre o risco duma outra pessoa pegar o lugar dele?

E2: olha Dra. anteriormente nós já dizemos...pode até pegar mais tem o respeito que se essa pessoa avisar “sai”((ela)) sai e se essa pessoa sair da Cadeia aquela pessoa vai ser retirada

A: em termos econômicos ele perde ...ou não?

E2: quando está preso? (...) ele perde TUDO Dra. perde tudo

A: como ele perde se ele continua traficando?

E2: o Dra. mais aí que tá tudo o tal negócio ele perde Dra. ele tá perdendo tudo porque os olhos do dono é que engorda o porco Dra...é os olhos do dono que engorda o porco se ele não está presente então tudo é corrido daquele jeito então se ele ainda é o líder ele vai pagar aquilo que veio ele é

obrigado a pagar porque a responsabilidade é dele mas aquele pessoal que às vezes tá pro lado de fora ((da cadeia)) trabalhando prá ele não agiu certo então o que ele tem às vezes ele vai te que tirar prá pagá...acho que a Sra. tá me entendendo o que eu quero dizer chegou uma carga

A: eu sei aquilo ele perdeu

E2: ele perdeu

A: mas tirando essa carga que ele perdeu quando ele foi preso (...) o negócio dele continua?

E2: pode até continuar Dra. às vezes não continua às veiz quando vai preso acabou aquilo lá mesmo mas às vezes quando a pessoa é:: ele tem uma ramificação meia alta compreende? que ele tá na rua ele sabe dominá aquela ramificação e sabê trabalhar com aquela ramificação que ele tem se ele vai preso a ramificação pode continuar o LÍDER continua sendo ele então vai chegar alguma coisa mas não vai chegar no nome daquelas pessoas que estão trabalhando prá ele --a ramificação-- vai chegar prá ele...então essas pessoas que estão trabalhando na rua nunca vão trabalhar certo porque ele não está presente...é onde eu disse prá Sra. pode ter o prejuízo e esse prejuízo quem vai pagar vai ter que ser ele porque veio no nome dele é onde eu disse prá Sra. PERDE” (E2 – 60 anos)

No ponto de vista do entrevistado E7, essa situação é **relativa**. Se o traficante tem, sob o seu comando, a “tutela” do abastecimento, ele tem como manipular a “bocada”, caso contrário, pode ocorrer de o negócio dele não se sustentar e acabar.

“A: um entrevistado mencionou que quando o dono vai preso um de confiança assume mas ele também disse que o traficante perde tudo porque os olhos do dono é que engorda o porco

E7: também é relativo (...) ele pode tê dito o que ocorre na maioria das vezes...ele disse o que ocorre no mundo/na maioria das vezes porque você deixa alguém um vice-presidente deixa um:: um presidente deixa um vice-presidente por muito tempo com a batuta ele não quer devolver a batuta...isso ocorre mesmo

A: ele disse uma coisa “a droga vem no nome dele” do que foi preso (...) não vem no nome do gerente então se acontecer alguma coisa errada quem vai ser o responsável não vai ser o gerente vai ser ele

E7: mas quando o cara tem sob a mão a tutela do abastecimento ele tem como manipulá a bocada porque queira ou não queira passa pela mão dele agora quando ele não tem mais a tutela ele vive só de corretagem a corretagem vai diminuindo diminuindo diminuindo até acabá...pode ocorrer

A: outro disse assim a não ser que ele tenha uma estrutura muito bem montada...(...) prá ajudar a tomar conta

E7: com certeza” (E7 – 39 anos)

Em seguida, pergunto a esse entrevistado se o traficante, uma vez preso, pode continuar exercendo o tráfico de dentro da cadeia. Veja a observação dele:

“A: mas o cara de dentro da cadeia pode continuar traficando

E7: ele po::de ele pode continuar traficando ele tem

]

A: mais pelo que eu percebi são raríssimos

E7: é:: um::

A: porque a maioria quando vai preso foi preso acabô ali

E7: detona o cara...detona porque (ele vê que) aquele que tá obedecendo quem tá preso ele não tá ali perto certo? ...nós tamo/cê tá lidando com uma camada de pessoas/cê tá lidando com que? com doutores? com nobres? alguém da rosa cruz? não você tá lidando com o submundo então você vai encontrar caráter aonde? é bem difícil alguém dar uma continuidade então são raríssimas exceções de alGUÉM que consiga pessoas realmente de confiança que faça com que os braços dele continue forte...o mais forte vai ser traído a qualquer momento também e terminando com os braços cortados...é um mundo que não se pode confiar

A: então confirma o que eu percebi...ele vai preso ele até pode raríssimas exceções porque a mídia tenta passá como regra na verdade porque às vezes a mídia mostra um cara com celular dando ordens e vendendo droga

E7: veja bem existe cento e setenta mil presos se eu não me engano só entre cadeia pública e o sistema penitenciário paulista certo? e eles mostram meia dúzia...e a maioria que tá carente de tudo que tá carente (...) e ninguém tá vendo isso...(...) e ninguém vê isso...(...) é um absurdo então não adianta/pode pesquisar à vontade (...)

A: então são as exceções são raras

E7: são raros são raros você pode ver que eles mostram meia dúzia...mais a maioria tá sofrendo a maioria é::: tst” (E7 – 39 anos)

Percebo que o participante E7 compartilha do ponto de vista do E2. Para ele, a prisão “detona” o traficante, ele pode continuar exercendo o tráfico de dentro da prisão, mas ressalta ele que o traficante, o “dono”, não está por perto daquele que lhe obedece. Como, as pessoas envolvidas nessas relações estão inseridas no submundo, é muito difícil encontrar fidelidade, é raro haver pessoas de confiança “que faça com que os braços do dono continue forte”. E mesmo o mais forte pode ser traído a qualquer momento. Na sua experiência, existem cerca de cento e setenta mil presos¹

¹ Segundo dados do Ministério da Justiça, do Departamento Penitenciário Nacional, em dezembro de 2003, o Estado de São Paulo contava com 133.074 presos homens no regime fechado e 64.849 presos provisórios.

e a mídia¹ mostra meia dúzia praticando o tráfico; a maioria dos presos estão sofrendo.

Noto que o entrevistado possui uma percepção adequada do perfil da população carcerária ao apontar que a maioria dos presos estão em situação aflitiva, o que ninguém vê. No universo prisional, a mídia só consegue mostrar meia dúzia de traficantes presos ainda exercendo o comércio ilícito da droga.

O E7 ainda apresenta um argumento plausível para a existência dessa situação: a mídia, mostrando “meia dúzia”, transmite a impressão de que todos os traficantes, mesmo presos, continuam praticando o tráfico de drogas de dentro da cadeia. É como se ela estivesse desvirtuando a realidade.

Outra transformação pela qual pode passar a “bocada” e que foi apontada por um dos entrevistados, é a hipótese de uma pessoa **herdar uma bocada**.

“A: ou então se ele já herda tem esses casos que a pessoa herda?”

E1: tem

A: quando que a pessoa herda?

E1: no caso é o seguinte por exemplo eu montei meu () eu tenho montado até hoje -- então a hora que eu passá a não existir naturalmente passa-se pro meus irmão se eles passá a não existir vai passá pros filho dele pros filho meus ou parente primo ou...mesmo aqueles que estão ligados a nós trabalhando na bocadinha” (E1 – 31 anos)

“A: então tem aquele cara qui vende ali na boca...é o cara que tá lá na porta vendendo...tem um outro que já fica supervisionando o serviço desse (...) supervisionando... e atrás desse tem um que é o dono da boca

E5: isso... porque::: si o dono da boca morrê (...) o que supervisiona vai passá a sê o dono.. então tem tudo um::: uma questão de hierarquia né”

(E5 – 31 anos)

¹ Mídia: nome da imprensa, de um modo geral, depois do advento da televisão.

7.7 - Transformações do tráfego na cidade de Ribeirão Preto

Perguntei aos entrevistados se o tráfego mudou de antigamente para hoje. Nos relatos cedidos pelos entrevistados, fluíram as seguintes narrativas. Para o E7, **o tráfego teve um determinado arrojo devido à concorrência desenfreada.**

*“A: e o tráfego daquela época prá cá...mudô?
E7: ele teve um:: um:: uma determinada mudan::ça um arrojo né devido ao que? devido a:: a:: a concorrência desenfreada né concorrência desenfreada trouxe um determinado arROjo ao tráfego” (E7 – 39 anos)*

No ponto de vista do participante E6, na cidade de Ribeirão Preto, **antigamente** o tráfego era mais discreto, em suas palavras, “bem mais moderado, mais camuflado”, **hoje**, em cada esquina da cidade “você acha uma bocadinha de bagulho”, inclusive nas classes média e alta. Para ele, o tráfego “rola solto”; “o comércio é proibido, mas dá a impressão que não é” .

*“A: o que que mudou?
E6: uai a forma de traficá principalmente...uns tempo atrás não era tipo assim/hoje cada esquina você acha uma bocada de crack principalmente nos bairros mais pobre né? e também na na/na classe média alta você vai em boate aí se você vê:: se presta bem atenção você vê também o tráfego rola solto...uns tempo atrás não era nada disso tinha o tráfego mas era bem mais moderado tipo mais ou menos assim mais ou menos/não era bem escondido mais era BEM mais camuflado...hoje aqui na cidade nas grandes cidades em si não só em Ribeirão cada esquina você acha uma bocadinha de bagulho..alastrô né uns anos atrás você contava nos dedos quem que era era fulano beltrano cicrano...ah Ribeirão só tem tantos...hoje você anda em qualquer bairro aí você moleque com quatorze quinze anos com o bolso cheio de droga...o comércio é proibido mais dá a impressão que não é proibido da forma que eles trabalham né?” (E6 – 50 anos)*

Percebo que, segundo os entrevistados, houve aumento no número de pessoas envolvidas, tanto por parte de usuários quanto por parte de traficantes. Houve, também, e está havendo, repressão muito forte por parte da Lei e da Polícia. No entanto, observo que com a repressão, os traficantes vão se utilizando cada vez mais de estratégias diferentes para burlar a Lei. Nessas estratégias, os traficantes acabam

inserindo um número maior de pessoas na atividade do tráfico, como, também, a tecnologia. Talvez seja por esse motivo que algumas pessoas dizem que **o tráfico se sofisticou**. Não sei se ele se sofisticou ou se ele apenas está se apropriando dos meios modernos da tecnologia e utilizando-os em sua atividade ilícita. Não estaria acontecendo, com a repressão, de a atividade comercial, que antigamente se equiparava a uma atividade “artesanal”, um “negócio de índio”, “uma coisa mais romântica”, segundo as palavras de E7, passar a ser uma atividade comercial mais complexa? A fala a seguir exemplifica isso:

“ hoje uma droga numa suposição uma maconha se a pessoa que é dono dela mora num setor ele vai esconder ela muito longe então existe a pessoa que tá guardando existe o mula que vai buscar e existe o gerente que vai ordenar...então:: a pessoa chega prá fazer um negócio com aquele que...é o dono então:: o dono pá combina o preço combinam tudo parou por aí --com o dono ele só vai receber o dinheiro aí o dono já passa pro gerente...aí o gerente é a única pessoa que chegou nele conversando aí o gerente já vai pegar o celular já vai ligá pro camarada que tá guardando que é prá separar tantos quilos coisa e tal (...) então já é um pouco de sofisticação que de primeiro compreende? “oh busca tal lá” ((o entrevistado gesticula como se uma pessoa estivesse falando com outra pessoa próxima)) então a pessoa já saía correndo já buscava já era então hoje já envolve carro envolve motocicleta

A: como é que era de primeiro ((sorriso)) ?

E2: ((sorriso)) é:: é :: “oh vai buscar” então era fácil a pessoa já saia correndo dali um pouquinho já vinha mas hoje não hoje o negócio precisa tá muito bem escondido compreende?” (E2 – 60 anos)

O relato de Flávio Negão, à época, chefe do tráfico em Vigário Geral, na cidade do Rio de Janeiro, na entrevista concedida a Zuenir Ventura, por intermédio de Caio Ferraz, exemplifica com primor essa questão.

“Os fogos agora é eletrônicos (...). É só apertar, detona na hora. Porque antigamente tinha um montão de fogueteiros. Os policiais entrava e os fogueteiros chapado não sabia se acendia ou se corria. Isso aí atrasava a gente. Agora não: ‘Os home deixou a passarela, os home tá entrando¹’, aí

¹ Entrando na favela

eles já vai no botão e detona na hora (...) isso foi a gente que inventamo.”
(VENTURA, 1994, p. 209)

7.7.1 - O Jovem e a Lei dos Crimes Hediondos

Outra situação que observei, a partir da fala dos participantes, foi a inserção do **JOVEM** no tráfico de drogas. Percebi que com o jovem, houve uma transformação muito grande nessa atividade ilícita. Segundo os participantes, antigamente, o tráfico era feito de amizade e o traficante respeitava a “bocada” ao lado, o traficante do bairro vizinho. Na opinião dos entrevistados, antigamente, até 1.990, o traficante ia preso mas, logo em seguida, estava novamente em liberdade. A fala seguinte ilustra isso:

“na época eu tinha lá meus dezesseis dezessete ano dezoito...na década de oitenta...num tinha:: problema cê podia vendê à vontade porque se a polícia pegasse e todo mundo í preso no outro dia já tava tudo na rua di novo..agora hoje não/ hoje quanto mais segurança o traficante pudé tê é até melhor”
(E5 – 31 anos)

Quando começou a mudar a estrutura e a organização do tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto? Por quê?

Com a edição da Lei nº 8.072/90, Lei dos Crimes Hediondos, passou a ocorrer uma repressão muito forte com relação ao tráfico de drogas, penas mais altas para o traficante, escassez de benefícios, cumprimento da pena em regime integralmente fechado, sendo que o único benefício previsto é o livramento condicional após o cumprimento de dois terços da pena.

Segundo o participante E2, antes da Lei dos Crimes Hediondos, somente pessoas “maduras” se envolviam no tráfico de drogas. Ressalta, também, que, de modo geral, era o próprio traficante quem ia preso, e não o empregado. Quando a citada lei começou a vigorar e os primeiros traficantes foram presos e a eles foram impostas penas bem mais altas, sem direito a benefício, alguns traficantes começaram a envolver adolescentes no tráfico, com o intuito de escapar da repressão,

pois o adolescente, de acordo com a Lei, é inimputável. Em outras palavras, para a Lei Penal, o adolescente pratica um crime, mas não sofre punição, a ele é aplicada medida sócio educativa. Ele pode ter a sua liberdade restringida, por exemplo, ser encaminhado para uma instituição, no caso, no Estado de São Paulo, a FEBEM, mas ele não recebe pena.

Ainda observa o entrevistado que, a partir do momento em que o adolescente passa a ser inserido no tráfico de drogas, ele passa, paulatinamente, a não restringir mais suas atividades às funções de empregado do traficante, esse jovem começou também, a comprar, a se expandir suas atividades no tráfico. Ou seja, o jovem começou a “crescer” e, também, inseriu no tráfico, pessoas ainda mais jovens que ele. Os relatos a seguir ilustram isso:

“A: uma coisa que eu gostaria de entendê que o Sr. fala muito que até uma época o tráfico era de amizades

E2: era de amizade

A: quando que deixou de ser de amizade e por que? o Sr. já falou quando..foi em noventa ?

E2: é foi em noventa ...

A: por que?

E2: por causa da repressão policial e do crime hediondo Dra....ô o Dra. a lei do crime hediondo (veio) o seguinte...antes de noventa quem mexia com o tráfico eram sujeito maduros...eram pessoas conscientes que tinham família...quando aconteceu o crime hediondo Dra...que o primeiro traficante começou a ser preso e não Tinha aquele direito de liberdade que a antiga lei dois oito meia um negócio assim dois oito zero não me recordo hoje compreende? duzentos e oitenta --era duzentos e oitenta não era? (...) é...um negócio assim...ela dava vamos supor naquele/na --antes de noventa era de um ano a três anos...pro traficante...e quem entrava ((era preso)) era o traficante mesmo...não entrava empregado entrava traficante mesmo...e:: então ele puxava um ano ((ficava preso))...ele vinha prá rua Dra....muitos pararam

A: mais e aí...eh:: não consigo entender como que deixou de ser de amizade?

*E2: então é aonde que eu vou chegá agora...então Dra. quando aconteceu que veio a lei do crime hedion::do...que os primeiro traficante no modo de dizer --muitos traficantes foram presos e já veio (..) começou a vir penas MAIO::res do que aquilo sem benefício sem uma coisa sem outra...muitos traficante...muitos traficante vamos supor eu fui preso...veio um outro pro meu lugar **prá ele não ir preso ele já começou a pegá...crianças...o qual ele não se apresentava aí já começou a menoridade...os menino trabalharem...porque pros menino não tem crime hediondo então prá***

peessoa que vai mexê com o artigo doze¹ compreende? jamais ele ia querer cair no crime hediondo então...esse descaso /já vamo abrir...(...)bravo do do Governo para com a nossa juventude para com a nossa infância²...e os menino tudo parado...os traficante começou a pegá os menino...prá trabalhar que se os menino entra vai ((preso)) prá FEBEM sai ...e prá polícia pegá o traficante mesmo... tava difícil como é difícil até hoje Dra....pegá o cabeça mesmo

A: por que que é difícil?

E2: porque o cabeça hoje só mexe com a criança Dra. (..) no modo de dizer só mexe com essas pessoas que não tem::...como se diz mesmo?...que não tem o que perder na vida Dra. vamos supor...não tem estudo não tem um trabalho não tem um:: uma profissão não tem um nada...caí nisso daí esses menino de treze ano quatorze ano...eles vão trabalhar prá essa pessoa (...) foi aonde que os menino começaram a comprar também...começaram a crescer...compreende? começaram a pegá mais jovens ainda compreende? e:: e começou aquele tipo de negócio de rivalidade eh:: uma boca aqui com a outra boca ali com a outra boca acolá então::...mais isso foram os jovens (...)...o xxxxx ((nome de um traficante jovem)) quíria boca em tal lugar compreende? chegava lá mandava matá ...

A: e pegava a boca?

E2: pegava Dra....e pegava a boca punha gente dele depois prá trabalhá lá...foi aonde que começou tudo novamente Dra...mas a Sra. --foram pessoas Dra. que::...cresceram ...e sem saber que seria melhor usá de amizade entre todos do que tê guerra mas a guerra mais é por causa da dessa meninada que eu chamo eles de “cabeça de bagre” Dra...(...) eu acho...eu acho até hoje ...que o tráfico...se não existisse...o crime hediondo não chegaria ao que chegou ao que tá chegando no dia de hoje Dra....a Sra. entendeu o que eu quis dizer? por causa do crime hedion-do...o qual uma pessoa com mais de dezoito anos poderia sofrer uma punição severa ele se escondia começou a pô.. a::...uns adolescentes treze quatorze anos” (E2 – 60 anos) (grifo meu)

O E2 prossegue:

“antigamente quando existia o tráfico da amiZADE ah o bandidismo por amiZADE que um respeitava o OUTRO compreende? eram de dentro de casa vamos dizer que eram...nós éramos até compadres antigamente...depois foi mudando mudando mundando aí veio o CRIME HEDIONDO que veio só prá atrapalhá foi aonde que começou essa mulecada a entrá porque o::...a pessoa o traficante ou a pessoa que quíria mexê com qualquer coisa errada sabia que se ele entra a pena é alta então vamo pô a mulecada porque se por

¹ Artigo que define as condutas e as penas do tráfico de drogas, inscrito na Lei nº 6.368/76, que dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

² Refere-se ao descaso do Governo com a infância e a juventude.

muleque fica seis sete meses um ano dois anos na FEBEM e não dá nada...mais prá ele ia dá” (E2 – 60 anos)

O mesmo ponto de vista é compartilhado pelo participante E5. A fala a seguir, exemplifica isso:

“em hum mil novecentos e noventa foi implantada uma lei do crime hediondo (...) é então o traficante maior de idade ((antes)) era diferente ele ia prá cadeia pagava um advo/um:::: uma fiança e saía...voltava prá cadeia pagava outra fiança e saía quer dizer prá ele/ele tinha o controle tudo na mão dele então ele sabia controlá a coisa quando surgiu outra lei hedionda então ele disse “pôxa então agora eu num posso í prá cadeia porque agora se eu fô eu vou ficá preso”...e quem vai controlá prá mim então preciso pensá nisso tão foi aonde ele olhou e falou “peraí o de menor o menor num vai pá cadeia então vou” (...) quando o grande traficante foi preso o jovem ele se sentiu então NOVO mas responsável...pelo ponto de droga...então como ele num tinha a capacidade de racir/é de pensá e raciociná que que ele fez ? levou pelo poder...” (E5 – 31 anos)

Percebo, por meio desses relatos, que a lei que veio para reprimir e que, para muitos, seria a solução para o tráfico de drogas, acabou, implicitamente, transformando o “movimento”; o traficante maior de idade inseriu o jovem no mercado ilícito do tráfico de drogas, embaraçando ainda mais o fenômeno do tráfico. Efeito perverso, ocasionado por lei que poderia ser chamada de hedionda. Essa questão da **Lei dos Crimes Hediondos** será analisada adiante, com mais profundidade, no tema da violência. Mas, entendi oportuno mencioná-la neste ponto do trabalho, pois parece que ela foi um divisor de águas no tráfico de drogas e na violência, na cidade de Ribeirão Preto. Segundo a percepção dos entrevistados, foi a partir dela que o jovem passou a participar do tráfico de drogas e a violência relativa ao mesmo começou a aumentar.

Esses relatos também nos levam a refletir sobre quais os efeitos que a repressão excessiva ao tráfico de drogas vem causando à sociedade. Penso ser necessário reprimir a criminalidade, mas, aumentar penas para alguns tipos de crime, no caso, o tráfico de drogas, está resolvendo o problema?

7.7.2 - O jovem: como ele está atuando no tráfico de drogas?

Indaguei aos participantes, como o jovem está fazendo o tráfico? De seus relatos emergiram várias situações. Na percepção dos entrevistados, o jovem **não viaja**; ou seja, eles fazem o tráfico de drogas dentro da cidade; eles não saem do País para negociar a compra ou venda da droga. A fala seguinte exemplifica isso:

“essa menina eles fazem o tráfico compreende? mais dentro da cidade eles não viajam Dra. (...) então essa menina HOJE compreende? ele eles tão compreende? naquilo de fazer dentro aonde que eles moram mesmo e é o que eu disse prá Sra eles não sabem...eles não sabem compreende?:...trabalhá com a droga (...)

A: e eles não viajam então?

E2: NÃO:: essa menina hoje recebem tudo aqui Dra. recebem tudo aqui...

A: eles sabem às vezes com quem que eles estão negociando lá?

E2: não não sabem nada (...).não sabem nada Dra. eles sabem que:: um fulano aqui recebeu:: tantos quilo..” (E2 – 60 anos)

Além dessa percepção do E2, na sua opinião, alguns jovens entram no tráfico de drogas, para sustentar o “vício”. Em suas palavras, **“o tráfico prá eles é vendê e por causa de três real matá ...”**, como se pode observar a seguir:

“entre eles existe é o que eu acabei de dizer esses traficantes novos aí eles não sabem o que é o tráfico...o tráfico prá eles é vendê e por causa de três real matá e ((procurarem se drogar)) se drogarem porque são jovens que vem que vem:: já sendo --é viciado/ então eles não tem meio...então eles não tendo meio eles sendo chefe/ às vezes duma gangue dessa aí é onde que eles começam a traficar prá eles poderem CONSUMIR como de fato eu sei eu sei de muitos jovens que comprô coisas de outras pessoas prá traficá acabaram consumindo e não pagaram aquela dívida e nem por causa disso eles morreram” (E2-60 anos)

O entrevistado acrescenta ainda que **“quando eles vão pegar a droga para vender, eles já estão pegando do sexto”**; ou seja, anteriormente, a droga já passou pelas mãos de seis pessoas:

“mais aí que é o pobrema Dra. não é aquela pessoa /a pessoa certa não vende prá eles a Sra. vê que essa mulecada de hoje é mulecada de pegá cinco

duas cinco dez grama de alguma coisa prá vende mais aí ele já pego do SEXTO...ele já pego do sexto...eu eu se eu voltasse ou se eu tornasse a traficá novamente jamais eu venderia prá eles também nenhum dos que TÊM que tem cabeça que tá nesse mundo vende prá eles...quando eles vão comprá eles já vão comprá do sexto” (E2 – 60 anos)

Ainda, segundo o ponto de vista do E2, muitos são “**passadores**” de droga. Se o jovem não tiver uma “bocada”, um lugar fixo para vender a droga, se preciso, ele vai andar com ela para vender e então **ele fica até “girando”** com a droga, como exemplifica em seu relato:

“A: hoje atravessa?

E2: hoje atravessa é onde que:: cada um (...) quer quer fazer mais do que o outro (...) é aqueles que passam ou às vezes que pedem o prazo ou trinta por cento então:: eles moram:: numa suposição aqui na xxxxx((nome de um bairro)) compreende? eles sabem que o comércio aqui tá forte prá ele compreende? ele vai :: no Ipiranga ele vai na Vila Virgínia ele vai no Jardim Zara ele vai no Iguatemi então ele vai andá com a droga EM CIMA compreende? prá vende então ele fica até girando se preciso for andando de moto ou de bicicleta de qualquer jeito com a droga em cima vendendo a droga ele sa::be vamos supor a pessoa compreende? o:: o viciado então ele vai no viciado mais não o traficante o passador” (E2 – 60 anos)

Verifico por essas falas, o jovem como traço difusor do tráfico de drogas. Destaco da narrativa a situação em que, às vezes, quando o jovem vai vender a droga, esta já passou pelas mãos de seis pessoas. Ou então, se precisar, ele fica até “girando”, andando com a droga até vender. Os relatos também sugerem a dificuldade na implementação de um esquema sobre a estrutura e organização do tráfico de drogas. Os atores sociais nele envolvidos se multiplicam, apresentando, sempre, diversidade no modo de exercer suas funções. Pude observar que eles montam estratégias de sobrevivência em função dos movimentos realizados pela repressão policial e legal. O que é o tráfico de drogas, hoje, já não será amanhã; a cada momento, ele se transforma, criando novos mecanismos de funcionamento. Não é à toa que seus membros o denominam “movimento”. São vários tipos de traficante e várias maneiras de se fazer o tráfico. Um dos participantes narra que tinha uma

“bocada” de droga em Ribeirão Preto, mas, um dia, foi para a cidade de Campinas, vender droga, como mostra o segmento a seguir:

“ até tem um/um uma vez eu fui prá prá Campinas (...) i:: levei uma droga minha daqui prá vendê lá (...) aí eu me instalei num hotelzinho perto da Rodoviária o nome do hotel é Minha Deusa (...) ih::: uma noite eu tava...no hotel inclusive eu tava amigado com essa com essa garota e ela tinha saído junto com uma amiga dela prá comprá pizza (...) e::: eu...tinha um vaso de flor de frente o hotel e peguei pus dez papéis ali de frente ali e fiquei do outro lado fiquei do outro lado esperando né esperando que ela que ela voltasse né e esperando os freguês também” (E4 – 29 anos)

Os participantes também evidenciaram que, hoje, muitos **jovens**, adolescentes, **estão no “comando”** do tráfico, em alguns pontos da cidade. Na fala dos entrevistados, ao contrário de antigamente, hoje “*não tá existindo pessoas com mais de vinte e cinco anos cuidando do tráfico*”. Adolescentes, com quatorze, quinze anos, já são donos de “bocada”, ao contrário de antigamente. Os relatos seguintes exemplificam isso:

“porque não existe um TRABALHO compreende? que POSSA tirá da cabeça dessas criançada hoje --porque hoje se nós for falar em tráfico Dra. nós vamos falá só na adolescência porque se a Sra. vê bem no papel certo num tá existindo pessoas com mais de vinte e cinco anos cuidando do tráfico (...) não está mais Dra. (...) é só é só é só mulecada (...) e COMANDAM Dra. infelizmente hoje eles estão comandando mais isso também Dra. é o tal negócio ISSO o que puxô..o que puxo essa rapaziada nova a:: a::...a se auto-promoverem no tráfico foi o próprio Governo” (E2 – 60 anos)

“até mesmo porque::: é é é a grande maioria é molecada né qui tá vendendo hoje em dia não vê tanto assim...pessoas né né né da da da anTIga como se diz vendendo/ vê mais é molecada mesmo vendendo/ tem molequinho de catorze quinze ano::: e já tá mandando na boca já é dono de uma bocada...né antes num via uma coisa dessa::: acho que era o fim do mundo [na época né deveria de ser (...) porque () era só pessoa com seus...vinte seis...vinte cinco...prá se dizê "não o cara tá já tem bocada de::le já tá estabilizado no crime e tal” ah hoje tem molecada dono de droga dono de boca dono de armas” (E4 – 29 anos)

“A: alguns entrevistados disseram assim o jovem hoje no tráfico a maioria não viaja ((para comprar drogas))

E7: não

A: muitos são passadores

E7: hum hum

A: mais muitos estão no comando e tão colocando pessoas mais jovens ainda no comando

E7: todo comando deles é (...) porque a mão-de-obra ficou tão barata que você viu é fácil você viciar as pessoas ué...a mão-de-obra é tão barata/ o desemprego é tamanho que a pessoa não tem opção às vezes ela se sujeita até ser comandado por um outro que não tem noção nenhuma também...prá ficá ali parado numa bocada com um monte de trouxinha de droga esperando o dinheiro ou a algema¹” (E7 – 39 anos)

Relata o participante E2 que, além de os jovens estarem no comando do tráfico, por sua vez, eles estão inserindo, no tráfico, pessoas mais jovens ainda do que eles. Em suas palavras, “estão lançando crianças”:

“-- bom já vou dizer prá Sra. o seguinte...eu hoje estou vendo muitos e muitos meninos ENTRANDO Dra. infelizmente...eu não gostaria e dou conselho prá muitos “não façam isso” compreende? que eles tão entrando...no tráfico de droga tão trabalhando pá pessoas que não têm idade mais já são de maioridade mais eles não podem se apresentar então tão lançando..CRIanças Dra. mais a Sra. sabe o que é tão lançando crianças Dra.?...porque essas crianças Dra. num tá tendo posições...então prá elas ir prá FEBEM ou prá qualquer lugar...eles não tão nem aí...já tão de cabeça feita sabendo o que vai acontecer...CULPO o Governo nisso daí Dra.”

(E2 – 60 anos)

Na avaliação do entrevistado E2, os jovens, que estão no “comando” do tráfico, são inteligentes e burros ao mesmo tempo. Inteligentes, pois, segundo o participante, **eles não põem a mão na droga e estão sempre cercados** por oito, dez meninos até quatorze anos, o que é um subterfúgio para escapar da ação da Polícia e de uma eventual prisão. A “burrice” do jovem, para o entrevistado, reside na sede pelo dinheiro e pela ostentação, sugerindo que o traficante antigo, ao contrário, era mais reservado. Veja o seu relato:

¹ Algema: o entrevistado está se referindo à prisão pela polícia.

“eles têm o cheiro de tudo que eles querem ter hoje eu vejo um traficantezinho novo começando...com uma Pajero...então ah:: prá eles...jamais eles querem parar é onde que eu disse prá Sra. eles são inteligente e acabam se tornando BURROS no modo de agirem...eles são inteligente sim...então:: a primeira coisa que eles fazem...eles tão sempre cercado por oito dez menino até quatorze anos...então ele tem a droga ele não vai na droga ele não enterra a droga ele não pesa a droga ele não faz nada esses traficante de hoje Dra....parece uma coisa impressionante mais infelizmente a SEDE dele do dinheiro é o que tão levando...a esse negócio”
(E2 – 60 anos)

Na opinião do E2, embora os jovens estejam no comando do tráfico, eles não estão sabendo trabalhar, como se trabalhava antigamente.

Em narrativas fortuitas, recolhi de uma pessoa que trabalha como educador, a fala que, **antigamente**, a droga que mais se comercializava era a **maconha**. E a maconha, no seu ponto de vista, é uma droga em que **o retorno do lucro é mais demorado**, é uma droga que demora mais para ganhar dinheiro. **Hoje, o jovem** quer ganhar dinheiro muito rápido, ele **não quer esperar o lucro**. A mesma opinião é compartilhada por um dos entrevistados para quem, muitos jovens, **não têm paciência para esperar o lucro**.

“agora::: eu creio que também a maioria da galera que eles entram eles num qué sabê de esperá...o LUCRO vim com o tempo eles qué tê o lucro ali na hora eles qué tê a casa o dinheiro porque adolescência eles tem muito disso aí eles sonha muito alto...e a gente vê muito aí a educação hoje caindo muito”
(E5 – 31 anos)

Na concepção do E4, os jovens “não estão nem aí com nada”; então, **eles atravessam** a “bocada” ao lado, coisa que, antigamente, era respeitada:

“tão...tão completamente...é::: tráfico antigamente se se havia um um um certo respeito né com com por exemplo com a bocada "X" e a bocada "Y" tinha aquele respeito "não aqui eu vendo é:: e:: lá é sua área” então ninguém atravessava um a área do outro né e:: agora hoje em dia não tá mui::to:: sabe tá mui::to:: sei lá mui::to:: a molecada num pen::sa eles num num tão nem aí com na::da num:: acho qui num tem medo de morrê num tem medo de matá...então eles são audo/audaciosos né e:: no meu modo de vê eu sei lá tá tá demais a molecada tá mui::to:: violENta demais "eu num tô nem

aí se a bocada é sua se é do fulano se é do sicrano” eles num querem sabê de nada ...”
(E4 – 29 anos)

Os relatos antes expostos, parecem particularmente preocupantes pela violência resultante do ato de atravessar ou invadir os territórios delimitados por outros vendedores de drogas, mais velhos ou não. Mencionam os entrevistados que o jovem, na atualidade, exercendo a atividade de empregado, em uma “bocada”, às vezes, faz tudo para derrubar o dono da bocada, ou uma outra bocada. É o que eles chamam de **traição**: um traficante denuncia outro para a Polícia, para ficar com a “bocada” dele. O relato a seguir exemplifica isso:

“e falando ó eu também parei porque aqui em Ribeirão Preto tá diferente hoje em dia você pega alguém prá trabalhá prá você quando o cara vê que a:::: tua bocada TÁ FORTE ele qué aquela estrutura prá ele é na onde que ele faz de tudo prá ti dirrubá...é o que acontece infelizmente é o que acontece....”
(E5 – 31 anos)

O papel desempenhado pelo jovem no tráfico de drogas, as disputas por ponto, pelas “bocadas” e as guerras serão analisados a seguir quando o tema tratado for a violência.

7.7.3 - O tráfico e o PCC

“*Afinal, os ‘comandos’ existem ou não? E se existem, qual é a sua parcela no arcabouço organizacional do crime?*”, indaga BARBOSA (1998, p. 120), ao analisar as facções criminosas e suas relações com o tráfico de drogas. Através de uma revisão da literatura, observei que, se, nos estudos feitos no Estado do Rio de Janeiro sobre o tráfico de drogas, a presença de facções, como Comando Vermelho, Terceiro Comando, é tema constante, aqui, no Estado de São Paulo, atualmente, o tema das facções também é empregado com frequência nas falas dos entrevistados, na mídia, nas narrativas fortuitas de pessoas inseridas na Polícia e nas instituições carcerárias.

Percebi que, no Estado de São Paulo, existem várias facções criminosas, sendo que a mais citada é o PCC – Primeiro Comando da Capital. Verifiquei, também, através dos relatos cedidos pelos entrevistados deste estudo, que o PCC constituiu-se num novo elemento e que trouxe modificações no tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto. Tecerei algumas observações a partir da fala dos entrevistados entrelaçando-as com referência da literatura.

Segundo LEEDS (1998), a facção Comando Vermelho surgiu em meados da década de setenta. À época da Ditadura Militar, autoridades colocaram presos políticos no Presídio Ilha Grande, com a intenção de integrá-los à massa dos demais detentos, a fim de diluir sua força e organização. Ocorreu o contrário. O pequeno grupo de presos políticos acabou organizando os demais detentos, fortalecendo o poder coletivo da população carcerária.

Mas, “*afinal, o que são essas facções CV e TC?*” indaga Marcos Alvito. Segundo o autor, “*Trata-se, sobretudo, de uma rede de relacionamentos pessoais*”. ALVITO (2001, P. 82). Para BARBOSA (1998, p. 139), “*Os comandos nascem dentro das prisões. Mas não enquanto organização; nascem enquanto comportamento*”. Nas palavras de William da Silva Lima, o “professor”, um dos fundadores do comando vermelho:

“ O que eles chamavam de ‘comando vermelho’ não poderia ser destruído facilmente: não era uma organização, mas, antes de tudo, um comportamento, uma forma de sobreviver na adversidade. O que nos mantinha vivos e unidos não era nem uma hierarquia, nem uma estrutura material, mas sim a afetividade que desenvolvemos uns com os outros nos períodos mais duros de nossas vidas. Como fazer nossos carcereiros (ou mesmo a sociedade) acreditarem nisso? (...) Ao largo de tudo isso, a imprensa vendendo jornais. [...] preso desfruta a desgraça de sempre ser rotulado”. (LIMA, 2001, p. 96-97)

Percebi necessárias as citações, já que as relações de aliança, que surgem dentro da cadeia, são levadas para fora e a elas aderem componentes do tráfico de drogas. Os fatos ocorridos na década de setenta, no Estado de Rio de Janeiro,

reproduziram-se, de modo relativamente semelhante, no Estado de São Paulo. Segundo um dos entrevistados, o PCC surgiu no Centro de Readaptação Penitenciária (CRP), o Anexo de Segurança Máxima da Casa de Custódia de Taubaté, em virtude do desumano sistema ali imposto. Até o ano de 1999, sua existência era, sistematicamente, negada pelo Governo¹. Quando, no dia 18 de fevereiro de 2001, a facção promoveu a maior rebelião da história penitenciária, brasileira, atingindo 25 presídios, 2 cadeias públicas e 2 distritos policiais, localizados em 22 cidades do Estado de São Paulo, o movimento deixou pelo menos, 15 presos mortos.²

Um dos entrevistados afirma que o próprio Governo, a própria repressão acabou impulsionando o crescimento da facção. Embora o entrevistado não faça menção específica a datas, é interessante observar o tema sob a perspectiva da **repressão**, o modo como as autoridades responsáveis tratam a criminalidade. Percebo que a repressão, ao invés de coibir, de certa forma, acaba estimulando o aumento da criminalidade. Os relatos do E 2, exemplificam o que foi exposto acima:

“A: a impressão que eu tinha era de que::...esse partido surgiu com UMA proposta que o primeiro item deles né? que eles falam que eles surgiram em decorrência das injustiças que foram feitas lá em Taubaté

E2: isto (...) e que eu CULPO...eu...que sou um ninguém culpo o Governo por esse acontecimento todo porque tudo isso daí foi a culpa do Governo de deixá ELES dominarem como eles dominaram

A: mas como que o Governo poderia fazer prá não deixar eles dominarem?

E2: o/o o:: Dra...é tudo aquele velho negócio HOJE a gente vê um Juiz um Promotor e fulano de tal e sicrano e::...e falando de leis...falando de leis falando de leis...compreende? que tem que aumentar que tem fazer e acontecer quando eles iniciaram o PCC que já tavam sabendo...não deram ouvido...acho que a Sra. tá me entendendo o que eu quero dizer? acharam que aquilo ali não ia avante...não ia lado nenhum...quer dizer eles não acreDITAM (...) então Dra. se o Governo...no início quisesse acabar com o PCC ele teria acabado mais pro Governo não é interessante também Dra...pro Governo é interessante tá isso que tá porque quando o PCC começou a primeira coisa que o Governo fez /qual que foi Dra?...mandá os cabeça...ah:: como se fala de:: de “bonde” ((bonde é uma gíria que quer dizer que o preso foi transferido foi removido de um Estabelecimento Penal para outro... foi de bonde...foi transferido)) então pegou-se um cabeça

¹ O Estado de S. Paulo, Cidades, Facções dominam penitenciárias de SP, p. C6, 11 de junho de 2000.

² O Estado de S. Paulo, Cidades, Governo isola líderes do PCC e muda visitas, p. C1, 20 de fevereiro de 2001.

mandou:: pá Presidente Wenceslau...mas a cabeça dele tava lá em Taubaté...então ele já levou a idéia prá Presidente Wenceslau pegou outro mandou prá Avaré pegou outro e mandou prá (coisa) então:: Dra.: foi aí que o POLVO COMEÇOU A ENGOLI...deu prá Sra. entendê o que eu quero dizer Dra.?(...)

A: o feitiço virou contra o feiticeiro porque eles disseminaram uma idéia

E2: uma idéia (...) que foi aceita por outros presos (...) mais eles trabalharam tão bem Dra.

A: a cabeça dos outros presos

E2: começou a trabalhar a cabeça dos outros presos coisa e tal isso e aquilo que aceitaram...a idéia...começou a aparecer na mídia aí Dra. compreende?” (E2 – 60 anos)

“é o nosso querido Governo não fizesse:: a besteira que fez compreende? que lá era uma perna só Dra...compreende? então o que que fizeram? mandaram prá Wenceslau mandaram prá Araraquara pensando...que::...acabava...o tentáculo de um virou tentáculo de polvo memo aí abraçou tudo Dra. porque a Sra. vê pode prestá atenção Dra. qualquer Penitenciária nova que foi inaugurada compreende o PCC vai tá lá dentro comandando por causa do nosso querido Governo” (E2 – 60 anos)

Pelos relatos cedidos pelos entrevistados, verifiquei que, na cidade de Ribeirão Preto, pessoas que comercializam droga, traficantes, fazem parte do PCC. Entretanto, vale destacar que, das falas dos entrevistados, emergiram opiniões diversas. Referências ao PCC, segundo os participantes:

“chegou tomou conta invadiu (...) ...como foi citado agora mesmo...o crime de São Paulo não é organizado AINDA está se começando a organizar agora entendeu?” (E1- 31 anos)

“A:tá...vamo falá de outra coisa? vô:: fazê a pergunta...o PCC tá dominando o tráfico na cidade? (...)

E3:é::: é o o PCC tem o domínio total né do tráfico

A: tem já?

E3: tem já

A: [porque::: no::

E3: [só num tem o controle da policia” (E3 – 27 anos)

“A: a droga não é da facção?

E7: não são as pessoas que às vezes comercializam a droga é que fazem parte...mas não tem isso e nem é imposto também” (E7 – 39 anos)

Na fala fortuita de um Investigador de Polícia, “o PCC domina o tráfico na cidade de Ribeirão Preto”. No entanto, as opiniões de alguns entrevistados, colhidas em narrativas fortuitas, parecem divergir. Para o E5, o PCC domina cerca de 30% do tráfico na cidade. Indaguei ao E7 qual seria o domínio do PCC no tráfico da cidade de Ribeirão Preto. Ele respondeu: “*é pequeno...cerca de 30%*”

Em meados de 2.004, durante uma visita à Penitenciária de Ribeirão Preto, indaguei a um funcionário quantos presos pertenciam realmente ao PCC. Ele respondeu que, naquele dia, o presídio tinha uma população carcerária de mil presos, aproximadamente; destes, apenas vinte ou trinta eram realmente “batizados”, “filiados”, ao PCC. Restou-me, então, a pergunta: o que faz com que 70% se submetam às ordens e ao comando dos 20 ou 30%? Creio que as respostas para tal questão exigiriam outro estudo.

Para finalizar o tema, acrescento ponderações realizadas por Marcos Alvito. A primeira delas diz respeito à mídia: “*(...) podemos dizer que CV e TC são reforçados como possíveis vínculos identitários, (...) mas que é enormemente ampliada e legitimada pela veiculação proporcionada pelos meios de comunicação*” (ALVITO, 2001, p. 92-93). A outra, aos órgãos de Segurança Pública: “*Em outras palavras, grupos dispersos e desorganizados ao serem ‘imaginados’ pelo aparelho de segurança pública como parte de organizações ou facções e compondo verdadeiros exércitos, começam a portar-se como tal*” (ALVITO, 2001, p. 90-91).

Tudo quanto foi mencionado, analisado e interpretado leva-nos a pensar que, entre a realidade e o imaginário, deve existir uma distância considerável: há os aspectos encobertos pelos órgãos de Segurança Pública; há as sombras das imagens que os meios de comunicação produzem em nossas visões e há a dificuldade de acesso aos próprios traficantes, pertencentes a facções que buscam preservar seus segredos.

Segundo o participante E7, existem certas idéias, que são discutidas e que se tornam “ordens” ou são indicativas de condutas a serem seguidas pelos traficantes de droga. Uma delas seria a idéia de **afastar as bocadas das escolas** e que não se abordassem crianças. Seu relato exemplifica isso:

“E7: não:: to::dos os lugares...assim como você cita a mangueira vamos citá o Zara vamos citá a Vila Elisa que é a Sambra o Simioni o Avelino o Ipiranga...cada qual seguindo essas normas que você mesmo traçou aí ela é tão correta de tempo de antiguidade de quem pode de quem não pode se cometeu erros se não cometeu erros cada qual tem o seu domínio...compreendeu? cada qual tem o seu domínio certo? só que (...) -- a gente faz por Onde que as coisas melhorem que procurem (seguir-las) então tá tendo que se trocá uma idéia (...) é o que tem se tentado prá fazê prá/só que a idéia agora no caso que a gente qué é que se afaste as bocada das escolas compreendeu? que as bocada seja afastada no mínimo trezentos metros se possível quinhentos...e que não funcione em horário e não aborde crianças compreendeu? que ninguém qué que aborde criança...é ou não é? você não qué pro seu filho eu não quer pro meu...que a gente qué que a pessoa tenha uma opção de de querê ou não usá droga ilícita porque as lícita elas são empurrada pela garganta né? sabe-se lá que preço... mas quando ela tivé uma certa já/um poder de discernimento maior dezesseis dezoito anos prá lá”
(E7 – 39 anos)

Outras dessas “idéias” acordadas e comandadas seria a “ordem” para reduzir as mortes, os homicídios, a violência decorrente de disputas por pontos de venda de droga e, ainda, a tentativa de erradicar a venda do crack na cidade de Ribeirão Preto. Tais assuntos serão tratados e analisados com maior profundidade, quando falarmos da violência. Parece que essas e outras ordens acordadas passam a existir, para diminuir as pressões populares por maiores medidas repressivas por parte da Polícia, o que viria a prejudicar os lucros do tráfico.

7.8 - Polícia e repressão

O assunto, “**Polícia**” e repressão, será analisado, neste estudo, como fonte de subsídios para políticas públicas e não sob o enfoque de denúncia, até porque o assunto tem sido bastante estudado, como afirma Cruz Neto: “(...) não é de hoje a

relação de organizações criminosas com setores ‘legais’, por intermédio de troca de favores, subornos e violência descabida, criando um verdadeiro mercado paralelo que realimenta cada vez mais a atividade ilícita”. (CRUZ NETO et al., 2001, p. 127). Basta ler os jornais ou assistir aos noticiários da televisão, para tomarmos conhecimento do assunto.

Por outro lado, vale ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida segundo uma abordagem qualitativa, sob uma perspectiva compreensivista, que privilegia o ponto de vista dos atores sociais envolvidos. A preocupação é a compreensão das experiências vividas pelos entrevistados. Em outras palavras, os relatos cedidos pelos entrevistados, bem como as interpretações colhidas na literatura, envolvendo a Polícia, não devem ser generalizados.

Percebi ser necessário abordar este tema, pois, segundo os participantes, muitos policiais **“são viciados”** em droga e, como usuários, de uma forma ou de outra, contribuem para o tráfico à medida que “compram” a mercadoria vendida pelo traficante. As falas seguintes exemplificam isso:

“Dra ...a polícia é uma das coisas mais engra/Dra. a polícia é uns caso engraçado tanto a PM como a polícia Civil eles falam quando eles querem combate droga que o negócio de droga mas o que eu CONHEÇO de Polícia Militar e Polícia Civil...viciados não é ESCRI::TO eles são VICIADOS MESMO são VICIADOS MESMO às veiz até na apreensão que eles fazem muito cuidado que:: eles tão tirando uma carinha prá eles é verdade seja dito”
(E2 – 60 anos)

“ a militar tem os viciado que vão nas bocada buscá droga prá uso próprio enquadra lá fala “ó faz um caroçinho de maconha”
A: e tem muito viciado?
E1: com certeza polícia () usuário de “craque” usuário de cocaína usuário de maconha entendeu? eles vão...pega o caroçinho de maconha naquela bocada fala “ó deixa dez papelzinho às cinco hora naquele posto lá que eu vou buscá” isso tem muito”
(E1 – 31 anos)

“ quem cobrava propina ali era um:: /um/um policial militar (...) só que não de mim né cobrava de uma outra mulher lá da:: do beco (...) num::nunca entendi né porque era a única pessoa que ele cobrava inclusive ele entrava fardado ele parava o fusquinha qui ele tinha um fusquinha branco (...) entrava fardado no quintal e assim que ele pnhava o pé no quintal ele já

começava a gritar (...) “ô vim busca”/ele cheirava cocaína também né? (...)ele é outro usuário também...ele é louquíssimo no pó ele cheira parece um aspirador de pó (...) “vim buscá o meu cadê ? tá separa::do?” ela era a única pessoa qui pagava propina prá ele ali / eu nunca fui a favor de pagá propina prá polícia jamais...achava qui...prá mim num dá” (E4 – 29 anos)

“é o problema que eu falo daquele carro que tem quatro PM dentro que é o carro mais perigoso que existe em qualquer cidade Dra. que são todos viciados...pega eles de madrugada na hora certa leva eles prá fazer um exame prá ver como que eles estão Dra. e olha dentro do carro deles se não tiver droga Dra. me corta o pescoço é uma coisa impressionante (...) mais é quando eu digo aquele carro que trabalha à noite com quatro é o maior perigo...é o maior perigo Dra. porque se um dia eles receberem uma blitz...de outra polícia...não duma polícia civil ou às vezes pode até ser de uma polícia civil mais de uma polícia FEDERAL ou do exército vai encontrar coisa dentro desses carro sim Sra. pode acreditar no que eu tô dizendo prá Sra. Dra. esses quatro PM que trabalham naqueles carro eles são PERIGOSOS” (E2 – 60 anos)

Para os entrevistados, além de existir policiais “viciados” em droga, existem policiais envolvidos com o tráfico, extorquindo e traficando. **Alguns** deles são “olheiros”, **avisam** que vai haver “batidas”; outros **recebem dinheiro** e **há os que pegam a droga do traficante e vendem** para outros, como se pode observar nos relatos a seguir:

“agora comigo já aconteceu várias vezes isso daí d'eu sê paRAdo o pessoal me revistá num achá droga comigo num achá nada e me dá uns tapa e catá meu dinheiro que eles sabem que o dinheiro é de droga...eles sabem que o dinheiro é de droga...pergunta “tá trabalhando?” “tá? no que?” cê vai falá o que? num tem como...então é naonde que eles pega o dinheiro prá eles...comigo já aconteceu várias vez isso daí” (E5 – 31 anos)

*“e envolvimento sempre tem um ou dois que sempre tem como tiveram comigo que me avisavam “cuidado que vai tê uma batida” cuidado que vai tê isso prá mim podê chegá com eles...e QUANTos e quantos já não tiveram de ter na mão¹ compreende? e levá pra traficante vender prá eles
A: então eles avisam
E2: é::*

¹ Ter na mão: ter a droga na mão.

A: *tem uns que avisam*

E2: *tem uns que avisam*

A: *e eles recebem?*

E2: *recebem Dra. ... recebem*

A: *aí tanto faz civil ou militar*

E2: *tanto faz civil como militar” (E2 – 60 anos)*

“tem mui::to dotora policial que faz tráfico muito policial viciado tem os corrupto

A: *como qui esses que fazem tráfico qui que eles fazem?*

E3: *qui que eles fazem? (...) eles vendem (...) tem malandro tem polícia envolvida com malandro né (...) tem polícia envolvido::: pode vê que nem a maioria das empreensão os cara é pego aí com dez quinze quilo de crack aí aparece quinze quilo mas tinha vinte eles pega cinco dez quilo às veis é trinta aparece vinte é assim*

A: *e qui que eles fazem com isso que eles pegam?*

E3: *eles tem já () tem polícia envolvida com malandro que faz apreensão e já tem prá quem que eles vende (...) põe um preço bem mais barato (...) tem tudo (...) tem bastante que são tudo envorvido” (E3 – 27 anos)*

Nas impressões de Zuenir Ventura que, durante dez meses, freqüentou a favela de Vigário Geral, “... *A polícia fazia parte do crime que deveria combater.*” (VENTURA, 1994, p. 66). Ao narrar acontecimentos que fizeram parte da Chacina da Candelária, ocorrida no dia 28 de agosto de 1993, no Rio de Janeiro, envolvendo alguns policiais, a eles se refere da seguinte maneira:

“... Compunham um dos vários grupos de policiais especializados em extorsão de traficantes. Eles usavam dois métodos: prendiam os bandidos para soltá-los mediante pagamento e exigiam sociedade na venda de tóxicos. Esta última modalidade, chamada mineira, se difundira tanto nas favelas que os traficantes já incluíam, na relação custo/benefício, a parte da polícia.” (VENTURA, 1994, p. 67)

Menciona BARBOSA (1998, p. 115/116) que “os traficantes quando são detidos, em alguns casos, negociam a sua liberdade com a polícia. Negociação que envolve preços, mediadores e algumas outras variáveis (...).A polícia geralmente é

comprada”. Ainda aponta o antropólogo que: “*Tem polícia que tem um certo convívio com os caras, fornece armas, informação, fornece contato ...*”.

O participante E2, em seus relatos, faz referência a dois fatos, envolvendo o DENARC (Departamento de Narcóticos) da Polícia Civil da Capital, um deles, ocorrido em Ribeirão Preto:

“Dra. se nós for falar em polícia há poucos dias atrás a Sra. viu na televisão? o que eles faziam...lá lá:: com:: o pessoal da Cracolândia em São Paulo a Sra. viu o que eles fazem?¹ não /Dra. eles são mais bandido do que os próprios bandido e eles são mais traficantes do que os outros traficantes Dra....isso é/ e eles falam polícia depois vem um Governador vem um Secretário da Segurança Pública e coisa e tal falam besteiras...falam besteiras

A: que é caso isolado

E2: não é caso isolado não Dra. (...) olha Dra. a Sra. sabe o que aconteceu há pouco tempo atrás aqui em Ribeirão Preto² (...)Dra.um policial da DENARC sai de dentro da DENARC prá entrar dentro de uma suposta pessoa que dizia que era traficante...eles vieram comprar...prá poder dar uma prisão eu não entendi prá mim eles vieram foi VENDER...eles não vieram comprar eles vieram vender...o que eu tô sabendo hoje eles vieram foi vender mais polícia é polícia...eles passaram por herói o rapaz que morreu é bandido os que foram preso é bandido mais aonde que chegou essa história toda? ninguém sabe ainda só sabe que são heróis mais eles saírem de São Paulo prá vim aqui em Ribeirão numa pessoa que nem era conhecida como traficante fazia o tráfico dele piquinininho compreende? eles saíram de São Paulo prá vim comprá um quilo de cocaína aqui? é piada né Dra.?”

(E2 – 60 anos)

Outro aspecto que observei a partir da fala de um dos entrevistados, foi a de que a **repressão policial**, às vezes, acaba por se tornar, também, um fator multiplicador no tráfico de drogas. Segundo o participante E2, as famílias de camadas populares são, geralmente, compostas de vários filhos. A Polícia, ao levar

¹ Cinco investigadores do Departamento de Narcóticos – Denarc – da Polícia Civil do Estado de São Paulo foram filmados pelo Ministério Público Estadual, enquanto coordenavam a venda de drogas na região da Cracolândia, no bairro de Santa Efigênia, no centro de São Paulo. O filme foi divulgado pela Rede Globo, em rede nacional, no dia 12 de dezembro de 2001.

² Segundo notícia publicada no jornal “Verdade”, do dia 5 de maio de 2001, p. 08/09, conforme versão apresentada pela Polícia, numa misteriosa operação, quatro investigadores do DENARC teriam chegado a Ribeirão Preto, utilizando um carro Mercedes e, fazendo-se passar por consumidores de droga, teriam marcado encontro com um provável traficante, no intuito de dismantelar uma quadrilha de traficantes. Durante a negociação, teria havido uma discussão e conseqüente troca de tiros; um policial e um suposto traficante foram mortos.

preso um pai de família, **“tira de circulação”** um traficante, mas acaba colocando em circulação três ou quatro, porque os filhos, não tendo como sustentar a família, acabam ingressando no tráfico de drogas. O relato a seguir exemplifica isso:

“então aí que vem tudo / aquele velho negó::cio Dra. eles não tão pegando ninguém ali eles tão pegando um coitado que às vezes ficou sem o serviço sem o trabalho entrou nessa vida prá pode:: comprar um quilo de arroz dentro de casa (...) então:: a polícia em si em si ela é um órgão compreende? que ela devia repreender de uma maneira DIFERENTE eu conheço casos de Delegado que já chegou em muitos lugar --esses são os Delegados “sanguês bons” compreende? que:: é que ((como se fosse o Delegado falando)) “óh se vai leva uns tapa na cara sai disso aí porque você é otário” então a pessoa se liga que aquilo lá não é prá ele nessa repressão da polícia até sair fora mais às vez...o Delegado “sangue ruim” ou que só quer prender né? só quer prender só quer metê doze¹ onde que não existe doze ele que pô um doze compreende? aí que eles acabam atrapalhando mais as coisas eles põem mais pessoas oh:: é aquela suposição uma pessoa pai de família ele tem filho de quatorze doze dez anos ele que tá cuidando ele que tá cuidando da família compreende? e acontece com ele quem vai fazer as coisas por ele? vai ser os filho...então ele tirou um de circulação e pois três prá circular..se o Delegado ele fosse inteligente ele levava esse pai prá dentro de casa dava uma sessão de moral prá esse pai na frente dos filhos então ele tirava quatro...da vida do crime mais ele tira UM e coloca TRÊS porque geralmente -- eu não sei se a Sra. já percebeu a Sra. que tá sempre cuidando né? das pessoas mais carente compreende? a família sempre tem três ou quatro (...) às vezes começa pelo pai no que eu acabei de dizer prá Sra. se é um Delegado consciente consciente da sócio/socialogia que eles falam hoje né/você é um Delegado social ele pegou aquele homem...aquele homem mora ali então ele vê a mulher do homem chorando ele vê os filho chorando (...) se é um Delegado social então (...)se ele for inteligente compreende? (...) então esse homem não indo preso dum jeito ou de outro ele vai procurar qualquer meio de vida o meio de vida vai ser catá papelão mais ele não vai liga prá isso porque ele não foi preso eles vão passar necessidade então é onde que vai corre atrás de uma cesta básica numa creche compreende? mais eles não foram preso prá eles normal mais quando se humilha tira-se um põe-se quatro” (E2 – 60 anos)

Este entrevistado também faz críticas à repressão policial e à repressão da lei.

“e:: e a questão da repressão deles Dra. a repressão deles é uma repressão:: por sinal até infantil porque quando:: o:: Delegado vai dar entrevista ou o

¹ Doze é o número do artigo da Lei nº 6.368/76, Lei Antitóxica, referente ao tráfico de drogas.

Tenente ou Sargento né? que eles vão dá entrevista ((na televisão)) sobre aquele traficante que eles pegaram que não é traficante que são “bolsinhas” quando eles pegam uma pessoa que tem às vezes quilo na casa dele eles chegam a soltar até fogos são bobos...são bobos é...compreende? porque o que eles pegam é miudeza (...) eles pegam MUITOS...(...) mais eles pegam é o passador”
(E2 – 60 anos)

Na percepção de E2, **antigamente não era assim**. Sua fala ilustra isso:

*“A: antigamente eles eram assim ou não eram?
E2: não:: antigamente era guarda civil da guarda civil que passou prá PM
A: mas eles agiam de forma mais correta?
E2: não/sempe agiram de modo correto/ HOJE que é essa patifaria viu Dra.
A: que que o Sr.acha que viraram essa patifaria?
E2: que são PATIFES (...)hoje...infelizmente (...)uma PM compreende ela muda e modifica até a dignidade daquela pessoa que vai por a farda...aquela pessoa que pos a farda compreende? ela muda radicalmente de uma maneira tão diferente que ela passa ela passa a :: não se reconhecê a não reconhecer às vezes amigos de infância...a farda modifica o homem...uma farda modifica o homem”*
(E2 – 60 anos)

Percebo que as relações envolvendo a Polícia e os traficantes de drogas refletem processos complexos, que foram se desenvolvendo no decorrer da história política, econômica e social de nosso País. No entanto, faço duas considerações que observo importantes para a análise e a compreensão do tema.

Uma vem da narrativa fortuita, registrada no Diário de Campo e cedida pelo entrevistado E7; revela um outro lado: *“se a polícia vende droga, é porque algum traficante compra dela. Então, nós também não agimos certo, porque compramos droga deles, policiais”*.

A outra é o ponto de vista de HÉLIO LUZ, então chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, recolhido em um dos trechos de sua participação no Documentário “Notícias de uma Guerra Particular” (SALLES, 1999). Ele diz que a sociedade tem a Polícia que quer ter e explica sua assertiva, narrando a experiência que viveu em um município do Rio de Janeiro. Relata o Delegado de Polícia que ele e sua equipe haviam sido designados para aquela cidade com a finalidade de moralizar a segurança pública, pois havia denúncias de que um carcereiro da cidade se apoderara da boca-de-fumo local. Ali chegando, o delegado realizou um excelente trabalho.

Depois disso, ele e sua equipe passaram a ser convidados especiais em jantares festivos, quando eram aplaudidos pelos munícipes. Dois meses após, o segurança de um supermercado estapeou um jovem que estava furtando no supermercado. Os dois foram autuados em flagrante: o jovem, por furto e o segurança, por lesão corporal. O dono do supermercado protestou em favor do segurança: “Mas, Doutor, era um ladrão...”. O delegado começou a ser malvisto pela população e, daquele momento em diante, os convites para jantar escassearam. Outro fato veio a somar-se a este. Um fazendeiro da cidade teria matado um rapaz que teria subtraído o toca-fitas de seu carro. “Aí, pronto”, diz Luz. “O que era bom deixou de ser”. Não se suportou a incriminação do fazendeiro. Não se agüentava mais tanta moralidade. Ele e sua equipe quase foram expulsos da cidade. Luz defende que a Polícia é corrupta, porque convém à sociedade. Deseja-se uma Polícia honesta? Então, o que vale para a favela tem que valer para a elite.

No ponto de vista de um dos entrevistados, mesmo com a **repressão, a droga vem de qualquer jeito**. Sua fala ilustra isso:

“porque:: a polícia cerca de um lado de uma maneira e acontece outros tipos de maneira avião:: ou qualqué outra coisa até “counteiner” ou qualqué outra coisa...droga de todo jeito vem” (E2 – 60 anos)

Para o E5, na cidade de Ribeirão Preto, **não tem escassez porque é rota caipira**.

“aqui em Ribeirão já num tem isso...aqui em Ribeirão já:: eu acho que é porque também por sê uma Rota Caipira¹ tem droga direto né então é difícil tê escassez i::: aqui em Ribeirão é assim dessa forma” (E5 – 31 anos)

¹ Segundo o relato de um dos entrevistados, o nome rota caipira, é “porque passa pelo interior né uma rota que ela vem cruzando estradas do interior:: usando as malhas rodoviárias do interior então se torna uma rota caipira porque não passa den/por entre grandes centros né mas por pequenas cidades” (E7 – 39 anos)

Na percepção desses entrevistados, a repressão não consegue inibir o tráfico de drogas, pois a droga vem de qualquer jeito e não tem escassez na cidade de Ribeirão Preto, porque é rota caipira.

No livro “Abusado”, BARCELLOS (2003, p. 288-293) narra uma interessante história, relacionando o tráfico de drogas, a repressão policial e seus efeitos sobre o tráfico e a criminalidade. Os fatos transcorreram entre junho e dezembro de 1994.

À época, “Orlando Jogador”, faccionado ao CV, Comando Vermelho, era o traficante mais poderoso da cidade do Rio de Janeiro, controlava 29 favelas no Complexo do Alemão, chegando a dominar uma área com 200 mil moradores. Segundo o relato, Orlando Jogador foi vítima do maior caso de traição da história do tráfico do Rio de Janeiro.

Ernaldo Pinto de Medeiro, mais conhecido por “Uê”, era o principal líder do Terceiro Comando “*e o segundo traficante mais forte do Rio de Janeiro; ex braço direito do famoso traficante José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha. Depois da prisão de Escadinha, assumiu a condição de frente do morro do Adeus*” (Op.cit., p. 290). Dizendo que havia sido seqüestrado por soldados do Batalhão de Operações Especiais da PM, que estavam exigindo 60 mil dólares em troca de sua liberdade, procurou ajuda com Orlando Jogador, através de seus “homens”. No entanto, tratava-se de uma cilada que matou Orlando Jogador e toda a cúpula de seu império: “*o irmão tesoureiro, o chefe dos matadores da quadrilha, os principais gerentes, os 12 de Ouro, além de dois soldados da PM acusados de prestarem serviço de segurança à boca*” (Op.cit., p. 291).

Com a reação do Comando Vermelho, desencadeou-se uma guerra que perdurou por três meses: “*A repercussão da violência na imprensa, agravada pela onda de seqüestros de empresários cariocas, contribuiu para uma intervenção federal armada contra as favelas da cidade*” (Op.cit., p. 292) no mês de novembro de 1994. Menciona o autor que a operação envolveu vinte helicópteros, dezenas de tanques e veículos militares, 11 mil policiais civis e federais, 28 mil PMs e 17 mil soldados da Infantaria do Exército. E, “*como a expectativa era realizar prisões em massa de traficantes, navios da marinha foram preparados para receber os prisioneiros*” (Op.cit., p. 292). O Alto Comando do Exército anunciou que até o Natal os cariocas seriam libertados para sempre da opressão dos traficantes e dos

contrabandistas de armas. No entanto, pondera o autor que, na prática, durante 30 dias a operação não passou de uma grande *blitz* contra 2,5 milhões de pessoas pobres, dos morros, que moravam nas mais de 400 favelas existentes no Rio em 1994.

Com a operação, durante aquele mês, *“os militares conseguiram reduzir em 20 por cento o movimento das maiores bocas de cocaína. Os números da violência contra o patrimônio também caíram, mas nenhum traficante conhecido foi preso”* (Op.cit., p. 292). O interessante de toda a história é que, *“apesar do alto custo da operação para os cofres públicos, 50 milhões de dólares”* (Op.cit., p. 292), o resultado final da repressão foi o seguinte: *“Uma semana antes do Natal, quando os militares desocuparam os morros, o movimento das vendas de pó e de maconha voltou ao volume do passado. A violência também”* (Op.cit., p. 293).

Por sua vez, aponta BARBOSA (1998, p. 73) que:

“São ineficazes o desmantelamento das redes e rotas do tráfico, a prisão de um traficante de grande envergadura, a destruição de plantações, o desvelamento das ligações da máfia do pó com os aparelhos de Estado latino-americanos (principalmente Bolívia, Peru e Colômbia). Pois, inventam-se novos modos de passar a droga, novos locais para plantá-la, novos atores tomam o poder, tão ou mais comprometidos com os lucros exorbitantes advindos dela”.

Ainda indaga o autor, se a questão do tráfico e da droga, enquanto problema sanitário e penal, não seria parte de um todo maior, no contexto do sistema capitalista mundial. Nas suas palavras, *“até onde um ‘mercado negro’ das drogas é desejado? É produzido pelo próprio mercado, é uma contraparte necessária ao seu funcionamento?”* (BARBOSA, 1998, p. 74). Poderíamos, então, parafraseando Hélio Luz, também indagar: até que ponto convém à sociedade e ao Governo esse estado de coisas?

8 - A VIOLÊNCIA E O TRÁFICO DE DROGAS

Explorando a questão da violência, deparei-me com a existência de várias teorias e tendências para sua explicação. A violência contempla vários conceitos e várias formas de manifestação. Dela faz uso o ser humano como um recurso para atingir determinada finalidade. O homem, algumas vezes, pratica a violência material, tendo a vida como o seu grau extremo. Mais intelectualizado, ele exerce, também, outro tipo de violência, *“muito mais eficiente, que é a violência mental, violência essa que tem muitos nomes entre os homens; uns lhe chamam astúcia; outros sagacidade, outros ainda política, diplomacia, exploração, etc”* (ROHDEN, 2002, p. 35).

A violência sempre esteve presente na História da Humanidade desde os tempos primitivos, quando os povos saíam ao campo de batalha armados de clava de pau ou de pedra, ou de arco e flecha, passando por vários estágios de evolução, até a era atômica. Podemos citar as conquistas violentas de Alexandre Magno, de Júlio César, de Gengis-Khan, de Napoleão, de Hitler, Mussolini (ROHDEN, *Op.cit.*); guerras foram travadas tendo, como objetivo, a disputa de território; com desculpas moralistas, invadem-se países: Violência - Território – Poder.

No contexto urbano, social, brasileiro, a violência, invariavelmente, vem associada ao tráfico de drogas. No Estado de São Paulo, embora pouco se saiba a respeito da extensão do tráfico de drogas na composição deste tipo de violência, sua influência se faz notar no acelerado crescimento dos homicídios:

*“autoridades afirmam com freqüência e veemência que as chacinas (...) estão associadas à cobrança por dívidas contraídas no comércio de drogas (...)
Garantem também que esses conflitos teriam sido acirrados por força da*

entrada e rápida difusão do crack entre as classes populares. Trata-se de conflitos pelo controle do território – requisito vital para o controle dos ‘pontos’ da venda da droga -, cujos desfechos convergiriam para soluções fatais. Impossível saber no momento quanto das mortes podem ser atribuídas a esse tipo de motivo” (ADORNO & CARDIA, 1999, p. 71-72).

Afirma ALVITO (2001, p. 89-90) que:

“Imprensa e autoridades de segurança pública constroem a imagem de um inimigo unificado, bem treinado e com propósitos subversivos. (...) Nesse ‘ethos’ guerreiro é preciso identificar claramente o inimigo, e o general não deixou dúvidas também quanto a isso: ‘o tráfico é a causa de tudo’ e nosso principal objetivo é enfrentar os traficantes, pois toda a violência é gerada pelo tráfico” .

As citações anteriores trazem representações da violência relacionada ao tráfico de drogas, vistas de “fora” (ZALUAR, 1994). A seguir, apresentarei as apreciações sobre a violência relacionada ao tráfico de drogas e, em particular, à participação do adolescente no contexto, vistas de “dentro”, a partir do ponto de vista das experiências dos sujeitos entrevistados neste estudo.

8.1 - “Antigamente o tráfico era feito de amizade, tinha-se o respeito”

Quando o tema era a violência e o jovem, quase todos os entrevistados, em seus relatos, compararam o tráfico de “antigamente” ao de hoje. Narram que, antigamente, o tráfico era feito de amigos e que havia o respeito. Vários segmentos das entrevistas anteriormente apresentadas dão exemplos de como os participantes consideram que o tráfico tinha uma dinâmica mais tranqüila que a que tem atualmente. Ressalto, ainda, alguns outros segmentos a seguir:

“a minha geração é uma geração que vem respeitando os mais velhos sabe o... grau de erar: (...) hierarquia/ a geração que surge depois da minha não vê nada disso a minha geração que vem” (E1 – 31 anos)

“então tinha-se o respeito “pô aquele cara tem um passado qui:: tem que ser respeitado” hoje em dia num existe mais isso” (E5 – 31 anos)

Assim, como já mencionado no tema Estrutura e Organização do Tráfico de Drogas, percebo que, quando os entrevistados dizem que, antigamente, o tráfico era feito de amizade e que havia respeito, eles estão querendo dizer que, antigamente, o tráfico era permeado por relações de amizade entre os traficantes e que um respeitava o território do outro, ou seja, o traficante não invadia o espaço alheio.

No ponto de vista de um dos entrevistados, **antes**, na década de oitenta, **não tinha tanta maldade**:

“ó dotora quando eu conheci o tráfico na década de oiTENta ele não tinha tanta maldade tantas coisas ruins...né como se tem hoje” (E5 – 31 anos)

Para esse participante, antes, **era mais para ganhar dinheiro**.

*“A: mas antigamente o tráfico não era desse jeito?
E5: ah o tráfico ele era feito mais prá ganhá dinheiro...” (E5 – 31 anos)*

Essa fala sugere que, antigamente, para o traficante, o tráfico significava um modo de obter lucro, “ganhar dinheiro”. Hoje, diferentemente, o tráfico transcende o lucro e simboliza dinheiro, poder, fama, reconhecimento, enfim, tudo o que a sociedade esteja valorizando no momento.

8.2 – Os **costumes** também mudaram

Segundo os entrevistados, antigamente, os costumes eram outros; **fumava-se escondido**. O participante E6 nota que, até para fumar um cigarro de maconha, era necessário esconder-se no meio do mato. Hoje, as pessoas usam a droga no banheiro e até no meio dos salões de baile. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“nem fumá perto de menor naquele tempo perto de criança que nem hoje cê vê prá rua aí num tinha isso não...até prá fumá era escondido era no meio do mato (...) ou num lugar reservado...hoje é alastrado né? hoje cê vai num salão de baile aí cê vê neguinho cherando no banheiro o outro cherando em cima da mesa fumando no meio do salão...na nossa época num era bem assim não era bem diferente...final dos tempo também né? Ah com certeza” (E6 – 50 anos)

“as coisa eram mais disCREta a gente:: também num:: num ficava fumando baseado na frente do outro um moleque que num era::: um menino de menor que chegava perto da gente num:: num ia fuma né...falava "vai prá lá sai pra lá” (hoje parece que) um::: num seria falá assim uma forma de pudor assim cê tá entendendo parece que invadiu a coisa então junto com isso aí vieram mais problemas né ...” (E7 – 39 anos)

A mesma observação é apontada por Alvito: “ninguém fumava maconha na rua”, acrescentando que, segundo relato de um morador da favela de Acari “...os bandidos mais velhos ainda evitam fumar ou cheirar diante das pessoas, ao contrário dos mais jovens” (ALVITO, 1996, p. 155). Em outro trabalho, mencionando a fala de um morador de Acari, o autor enfatiza que, antes:

“o cara comprava a droga dele e ia usar mais pra lá, perto do campo. Então quer dizer que as pessoas respeitavam... Naquela época, o cara usar droga perto de um adulto, de uma pessoa mais idosa, era a mesma coisa que chegar e tirar o membro para fora e urinar. A vergonha era a mesma.” (ALVITO, 2001, p. 230).

Os entrevistados relatam, ainda, que, **no crime eles não deixavam menor perto de adulto:**

“e na nossa época () pra começá menor num ficava junto com nós né? (...) nã::o ...tinha aquele negócio de ó onde vai home só vai home ((riso)) só tinha sujeito home hoje qualqué moleque de catorze ano de quinze ano tá andando com revolve na cintura” (E6 – 50 anos)

A fala de E7 traz um ponto de vista interessante, pois, na sua opinião, no tráfico de drogas, antigamente, os **costumes** eram outros, o tráfico **era mais discreto**, menos

violento, nas suas palavras, **a gente fazia aquilo não parecer uma bocada – hoje é explícito - hoje fazem que aquilo seja notado como uma bocada**, parece que o jovem tem a necessidade de mostrar que é traficante.

“A: quando você começou [como que era

E7: seten::ta e sete...sessenta e três...catorze quinze...catorze pra quinze anos

A: e como é que era naquela época?

E7: vamo se dizê assim:: sem saudosismo sempre a época da gente parece que sempre tem alguma coisa de melhor né::...era menos violento mais discreto mais discreto né mais discreto não era tão:: tão:: tão escarrado que nem é hoje né tão explícito hoje é muito explícito né antigamente a gente fazia com que:: aquilo...não aparecesse uma bocada né hoje é o contrário né parece que eles fazem com que aquilo seja notado como bocada né e num era as coisa eram mais disCREta (...) um:: num seria falá assim uma forma de pudor assim cê tá entendendo parece que invadiu a coisa (...) não era tão explícita que nem é hoje hoje parece que eles têm a necessidade de falá que são aquilo¹ talvEIz até que porque hoje as pessoas dão mais notoriedade né divulgam-se mais eles né do que naquela época...eu às vezes num entendo esse:: esse:: esse fator né desse::...vamo se dizê se é um/que é um desrespeito assim mais...tá muito escancarado cê entende? não é que nem no nosso tempo.. num é que nem no nosso tempo...você procurava evitá com que as pessoas né soubessem ou ostentassem aquilo né? se fazia um () pedia um fuminho de quebradinha né mais tranqüilo mais sereno” (E7 – 39 anos)

Tal análise é compartilhada por Alvito, ao colocar que, antigamente, “a coisa era vendida escondido, os caras tinham vergonha de vender maconha, de ser traficante” (ALVITO, 2001, p. 256). Ainda, segundo o autor:

“Um deles [líder comunitário] dizia ter saudade de uma época em que, segundo ele, as coisas funcionavam bem, pois os traficantes eram mais discretos; evitavam portar armas e, quando da visita de algum político à comunidade, a boca-de-fumo era transferida para uma rua mais escondida ou até fechada, para que o presidente ((da associação de moradores)) pudesse guiar sem embaraço o ilustre visitante” (ALVITO, 2001, p. 159).

¹ Que são traficantes.

Esses relatos nos levam a pensar que as relações estabelecidas no tráfico de drogas, como as estabelecidas na sociedade em modo geral, sofreram transformações ao longo do tempo. Vimos, com ALVITO (2001), que os traficantes eram mais discretos e tinham “vergonha” de ser traficantes. Segundo o ponto de vista do E7, “no nosso tempo você procurava evitar com que as pessoas soubessem ou ostentassem aquilo” (noto que ele não diz a palavra tráfico ou uso de drogas, ele diz aquilo), havia “pudor”. Hoje, ao contrário, diz ele, há “desrespeito”, o tráfico está muito explícito. Lembro-me de que, no cinema, antigamente, as cenas de sexo eram discretas, havia “pudor”; hoje, são comuns as cenas de sexo explícito. Houve mudanças nos costumes da sociedade, de modo geral, como também no tráfico de drogas.

8.3 - O tráfico de drogas no contexto da criminalidade

Segundo o ponto de vista do E7, no contexto da criminalidade, **antigamente, o traficante de drogas não era respeitado como criminoso**. Em outras palavras, o traficante não era considerado bandido; ele era um comerciante de droga. No entanto, de acordo com sua narrativa, a seguir transcrita, muitos assaltantes se viciaram em droga; e **para ter o seu comércio respeitado, o traficante passou a usar de violência**; começou a matar. Porque senão, nas suas palavras, o assaltante pegava a droga não pagava ou até tomava a bocado do traficante. Como o traficante começou a utilizar a violência, criou-se um respeito no traficante entre a criminalidade.

“ele¹ passô a absorvê determinado:: comando sobre a:: sobre a criminalidade entendeu? então ele passo a a exercê um determinado::: influência sobre a criminalidade que num era assim porque no começo do tráfico o tráfico num era tão respeitado né

A: o traficante [era visto

E7: [não não mais era o assaltante o assaltante passava era bandoleiro assaltante que (pá) se os traficante num fosse (mesmo) os cara tomava até bocado pegava droga comprava sem pagá:: (...) leva::va...é...aí o traficante...prá/prá crescê prá tê o seu comércio respeitado né passô a sê um tanto mais violento matô começo a matá né e aí::: é ondi que criô determinadas é::: determinadas é::: divisão ao mesmo tempo que:: que que

¹ O traficante

dividiu algumas coisas criou também um respeito em torno do tráfico e o tráfico pass/passô a tê uma:: uma notoriedade e um respeito maior dentro da própria criminalidade

A: por causa do dinheiro então que ele começou a gerá:: e pela forma como que as pessoas começaram a se impor?

E7: exatamente...exatamente...exatamente

A: mas o qui qui dividiu que cê falou? eu num:: entendi

E7: é:: divide...veja bem...antigamente você tinha um determinado respeito só pra uma:: uma parcela da criminalidade né (...) então assaltante é:: é vamo se dizê ladrão (bom) ladrão seqüestradores né? esses tinham a notoriedade e o respeito máximo da/da/da:: da criminalidade né com o surgimento:: com o crescimento do tráfico é:: de primeiro eles não respeitavam muito o traficante (...) não né...o traficante era um cara:: né um:: um cara que ficava sentado num lugar lá né esperando o dinheiro vim na:: num é... na:: na porta de casa.. (...) ...mas como muitos assaltante também se viciaro acabava (...) então cê você for ver sempre dos dois lado vai tá essa divisão de poder um tipo de poder de notoriedade de respeito pela criminalidade né sempre vai tê um ponta do assalto seqüestro e outra uma ponta do tráfico mas antigamente só tinha a notoriedade do assalto e do seqüestro o tráfico não tinha tanta...dimensão tanta força dentro da criminalidade compreendeu? ele era um comerciante de droga”(E7-39 anos)

8.4 - O “fiado” – antigamente e hoje

Percebi, pelo relato anterior do entrevistado E7 que, para garantir o seu comércio o traficante passou a usar de violência. Nesta categoria, desponta a questão do “**fiado**”. Segundo conversa registrada em narrativa fortuita, com certo traficante de drogas, “*um dos grandes problemas do tráfico é o fiado*”. Para melhor compreensão do significado de “fiado”, no tráfico de drogas, transcrevo, a seguir, a fala de um preso, tirada da obra “Estação Carandiru”:

“...acontece devido que entre nós não tem departamento de cobrança, onde que gera muita polêmica. Doutor, se eu vendo uma pedra de crack e o elemento não me paga, não posso chegar no juiz para reclamar do sucedido e nem tenho promissória para protestar. Agora, se eu deixar despercebido, fico com fama de vacilão, ninguém mais me paga e o meu fornecedor não quer saber. É uma corrente, a dívida de um provoca consequência no outro” (VARELLA, 1999, p. 123).

Como o traficante não pode dirigir-se ao Juiz para reclamar a dívida não paga, é relativamente comum ele usar a violência, para receber o pagamento da mercadoria vendida. Observa ZALUAR (1994, p. 114) que: “ *A impossibilidade de se valer de instituições jurídicas legais na negociação de conflitos por conta da criminalização do tráfico e do consumo de drogas*”, sempre tende “*ao uso da violência para resolver os conflitos constantes*”.

De acordo com o que foi mencionado pelos entrevistados e pelas referências colhidas na literatura (VARELLA, 1999), a violência vai de agressões físicas, como “surra”, ou jogar água fervendo até a violência máxima, a morte. Percebi, também, pelos relatos a seguir transcritos, que, para o traficante mais antigo, tirar a vida de uma pessoa era o último recurso a ser utilizado, ou, às vezes, não era praticado, ao contrário do que acontece entre os jovens traficantes, nos dias de hoje.

“...porque o comércio das droga antigamente eram feito de amizades existia sim o traficante e o viciado mas entre traficante e viciado tinha amizade o:: viciado antigamente se ele ficasse devendo como vamos dizer numa boca o próprio traficante servia ele OUTRAS vezes sem usar de violência coisa que hoje em dia infelizmente está tudo ao contrário” (E2 – 60 anos)

“mas é onde ocorre também que/ a Sra. falou agora e se não paga? tem-se prejuízo então da geração dele da minha já é mais tranqüilona se fica fica devendo opinava mais por não não tirar a vida da pessoa a geração que vem depois da gente se fica devendo cinco real prá eles que mata (...) mata entendeu? eles mata” (E1 – 31 anos)

“o problema é/é o seguinte a pessoa tá ti devendo mas tá tendo dinheiro prá gastá com outra pessoa então aquilo:: a pessoa num vai aceitando então o que acontece a pessoa me deve prá mim aí eu tô vendo ele í na boca do lado comprá droga...e num mi paga...eu chego no cara "ou e o meu dinheiro fio? num vem?" aí o cara "nã:::o" sempre aquela desculpinha certo...então qué dizê nisso ele tá:: tirando¹ a minha pessoa né tá mi mi mi tipo menosprezando né? i:: eu já num vô aceitá isso num vô deixá o cara ficá aí de boa né me devendo e gastando com outro e só me dando desculpinha desculpinha então realmente acontece morte por causa disso” (E4 – 29 anos)

¹ tirar: afrontar, menosprezar, fazer “gozações”.

"então o jovem hoje uma suposição é o que eu expliquei muito antes há tempos atrás o traficante ele vendia se o usuário ficasse devendo o traficante ou a pessoa que vendia era a primeira que vendia de NOVO prá ele...quer dizer ele tava devendo mas ele podia i lá que a pessoa ainda vendia prá ele hoje é diferente...os menino de hoje com essa violência que não é as droga que trouxe a violência é a violência que existe no meio de comunicação e eles vendo AQUILO e eles tão naquele meio eles acham que eles são tirados ..."
(E2 – 60 anos)

Verifico, no relato acima, que o participante E2 enfatiza que “há tempos atrás” se o usuário ficasse devendo, o traficante vendia novamente. Embora ele não faça menção à prática atual de tirar a vida de alguém por causa de dívidas, não interpretei a fala dele como mentirosa ou como um discurso demagógico, pois, ouvi de outros dois participantes, em referência espontânea a traficantes antigos, que este nunca mataram ou mandaram matar.

“ o xxxxx ((nome de um traficante antigo)) a senhora sabe que infelizmente (...)...ele foi uma pessoa como se diz é o traficante bobo...infelizmente ele nunca matou/ nunca bateu em ninguém e hoje a galera eles qué uma pessoa com poder de respeito...”
(E5 – 31 anos)

“e ele ((refere-se a um traficante antigo que tinha uma boca grande e rentável)) tinha uns moleque que trabalhava prá ele...vendendo droga prá ele...e:: os moleque vendia droga prá ele e acertava o (dele) no/i/ e muita gente por aí também...e ele não ele só na (ginga) dele de vendê a droga e tal nunca matou ninguém...”
(E4 – 29 anos)

É interessante notar que os participantes que estão na faixa dos 30 anos, oscilam em suas opiniões: ora elogiam o comportamento dos traficantes antigos, que não executavam as pessoas que a eles deviam, ora adjetivam de bobo o traficante que assim agia. Completam ainda: “infelizmente ele nunca matou, nunca bateu em ninguém...”. Finalizam sua argumentação, dizendo que quem não usa esses meios violentos não tem poder no cenário atual do tráfico de drogas.

Em narrativas fortuitas, colhi o depoimento de um educador que trabalha com jovens envolvidos na criminalidade. Disse-me ele que o traficante antigo não matava, mas, sim, castigava. Os corretivos, assim falavam os antigos, aplicados pelos

traficantes, eram necessários, para divulgar as conseqüências do não pagamento da droga adquirida.

Explorando o tema da violência, a partir das relações entre os traficantes antigos e os usuários de droga, aponta BARBOSA (1998, p. 143) o seguinte relato:

“A galera antiga era mais passiva. O volume de venda era menor, os caras não tinham o pensamento radical de hoje. Os coroas cascudos tinham o respeito da amizade....Aliás, bota aí no teu trabalho que tem uma boca no Rio que ninguém usa arma, não tem inimigo, é só coroa cascudo....[...] Mas é isso, a amizade era mais leal, os donos de favela ficavam muitos anos”.

Em uma análise acerca das representações da comunidade sobre as quadrilhas de traficantes, refere ALVITO (2001, p. 221), a respeito de um antigo chefe do tráfico: *“Os moradores enfatizam que ele não gostava de matar, ‘o negócio dele era dar coça’.*”. Menciona, ainda, que o traficante não hesitou em castigar duramente o próprio sobrinho, que havia sido pego roubando.

É interessante observar que a “disciplina” exercida pelos traficantes não dizia respeito somente às dívidas de drogas. As medidas disciplinares, com o uso de violência, eram e são aplicadas ainda, em algumas comunidades, em relação a comportamentos considerados não aceitáveis pela comunidade.

Percebi também que, associada à questão do “fiado” está a imagem do próprio traficante, que, no sistema de valores do seu universo, não pode ficar com fama de “vacilão”. A fala de um dos participantes ilustra as duas situações: o “fiado” e o “vacilão”:

“ é porque o tr/o traficante bonzinho hoje ele num é traficante

A: não ((risos)) qui qui ele é?

E5: na verdade ele é um:: um bobo porque (uma suposição) se eu conhecê um traficante que ele faz favor prá gente a troco de nada (...) é fácil d'eu comprá uma mercadoria dele i num pagá...agora o traficante qui ele::: faz por interesse que ele tem um poder né de aqui ah:: é:: de a:::/um poder aquisitivo não em dinheiro mas de podê mostrá pra/quela pessoa sem palavras mas só na própria personalidade dele que ele é RUim vai fazê a pessoa entendê que se mexê com ele...vai sê cobrado um preço muito alto

A: e antigamente eles podiam fazê isso qui num tinha essa...essa cobrança dele sê mau

E5: não antigamente num tinha essa maldade né dotora eu creio qui::: pelo meno na década de oitenta quando eu:: eu eu eu tinha lá meus do::ze treze ano de idade...”
(E5 – 31 anos)

Observo que a representação da imagem do traficante é permeada pela violência, pela imposição, talvez, como reflexo da impossibilidade de cobrança da eventual dívida não paga, pelos meios legais. Os relatos sugerem uma reflexão e uma indagação: se o tráfico não fosse criminalizado e o vendedor pudesse ter acesso ao sistema judiciário, para reivindicar o pagamento de dívida contraída, haveria tamanha violência?

8.5 - A violência como forma de resolução de conflitos - “Infelizmente as pessoas respeitam mais quem mata do que quem salva vidas”

Observa LIMA (2000, p. 11) que: “a violência criminal é um ponto extremamente revelador da forma como a sociedade brasileira lida e soluciona alguns de seus conflitos”. Partindo desse princípio, percebi que, para os moradores da periferia, a violência é uma via usual na resolução de seus conflitos. O relato a seguir ilustra isso:

“ah:: matá/ah: a periferia é:::ela:: que acontece? às vez ela fornece::: determina/ela .. você se depara com determinada situação onde que:::...é sê ou não sê ou você mata ou você morre compreendeu? porque:: ali param pessoas de tudo quanto é lugar pessoas que são fugitivas de outros lugar e as pessoas tem uma maneira meia diferente de resolve o problema né? e::: e eu tava num bar tomando guaraná e:: e:: esses rapaz que tava na favela que tinha aparecido (trecherios) pessoas que andam...e entrô duas menina que é:: uma é até cunhada minha até hoje e pediu prá tomá uma guaraná e eles foram...deselegante ao extremo e eu acabei tendo que matá um

A: mas então não teve nada vê com o tráfico?

E7: não num::: num teve nada num foi desavença assim no tocante ao tráfico assim foi:::...vamos assim dizer...como se um cara tivesse num bar e num respeitasse alguém que é dali::que merecesse respeito que:::né”(E7–39 anos)

Percebo, pelo relato anterior que o Estado, praticamente, está ausente na periferia. Quando o entrevistado diz que na “periferia as pessoas têm uma maneira diferente de resolver seus problemas” e que, em algumas vezes, “ou você mata ou você morre”, sugere ausência de recursos e de mecanismos de acesso à Segurança e à Justiça. MONTES considera: *“as representações da violência encontradas na cultura das classes populares como algo episódico, incidental, decorrência do desentendimento passageiro na ordem das relações interpessoais”*. No entanto, observa ainda que, para entendê-las, é necessário não olvidar da *“violência primeira da exclusão social...”*, *“daqueles a quem é negado o direito de participação numa sociedade de indivíduos iguais e livres que a lei reconhece como cidadãos”* (MONTES, 1996, p. 228-229). Essa violência é reproduzida também no tráfico de drogas, na resolução de conflitos que dele advêm.

Parece, ainda, que esse tipo de violência, refletida no tráfico de drogas, proporciona ao traficante um meio de garantia de respeito ao seu negócio ilícito. Neste tipo de enfoque, salienta BARBOSA (1998, p.101) que: *“o retrato da morte, é o aspecto primordial por meio do qual este poder ((o tráfico)) constrói sua visibilidade”*. E, ainda, nas palavras do E7, *“infelizmente, as pessoas respeitam mais quem mata do que quem salva”* vidas.

“começamos a:: a vendê aí já fomos...ganhando um pouco mais de dinheiro né de de notoriedade também (...) e aí acontece de um tê que matá um/ o outro tê que matá outro porque senão você num::/as pessoas passam por cima né num te respeitam.. né (...) porque queira ou num queira as pessoas respeitam mais quem mata do que quem salva né infelizmente é assim então um mata (outro) e os outros fala “num mexe com os menino não num mexe com os menino não que é problema né” aí aquele respeito aquela coisa a gente...”
(E7 – 39 anos)

Do mesmo ponto de vista compartilham os demais entrevistado. O relato do E1 exemplifica isso:

“as pessoas infelizmente prá acreditar em outras pessoas ela tem que temê...prá respeitá tem que temê se não tivé o temor eles não acreditam ...não sei se a Sra. me entende?”
A: *é como uma coisa assim de pai e filho*

E1: isso...tem que temê se perde o respeito...quando o filho perde o respeito do pai ele qué batê no pai/matá o pai / o traficante também é a mesma coisa...se ele deixa perde o respeito ele...vai sê tirado ele vai sê::...e de repente até aquele que era cria dele vai mandando até nele entendeu? passa-se por cima”
(E1 – 31 anos)

Na percepção do entrevistado E5, para a pessoa praticar o tráfico de drogas, ela deve observar três regras, dentre elas, manter **a imagem** que o traficante deve apresentar. Segundo este participante, o traficante que vende droga não pode admitir falhas e, para isso, ele tem que ser **durão**. Uma outra regra, é não permitir invasão em seu ponto de venda de droga. Prosseguindo sua narrativa, menciona que o traficante que teve seu ponto de droga ameaçado de ser tomado à força, tem que ir matar o invasor, porque, senão, ninguém irá vender droga para ele, **ele passa a ser um covarde no meio do crime**, só lhe resta roubar. Eis o relato:

“você só tem que ter tomar cuidado com três fatores (...) qual que é o primeiro fator? a polícia....(...) segundo cê tem que ter sempre a/a/aquela pose de::: como se diz como que eu poderia dizer:::...a senhora assistiu aquele/aquele filme o chefão? (...) da máfia? então a pessoa tem que influ/impô a posição dele ele vai vendê droga e num admite falha num admite erro e prá isso ele tem que ser durão ele tem que ser durão...e::: esse é o segundo fator o terceiro é a guerra se um cara qué toma o teu ponto de droga cê tem que í matá ele porque se ele expulsá você dali:: quem vai vendê droga prá você? ninguém porque você passou a ser um covarde no meio do crime você num pode mais mexe com droga só te resta uma coisa é roubá” (E5–31 anos)

As regras mencionadas aparecem nos relatos de todos os entrevistados. A disputa por ponto de venda de droga será analisada posteriormente, mas, aqui está inserida, percebo, face a postura que é exigida do traficante. Como afirma ZALUAR (1994, p. 55), “... *O bandido precisa ser mau para se auto-afirmar: não pode hesitar diante das ações mais condenadas sob pena de ser considerado um homem emasculado, sentimental, fraco*”.

Por meio dos relatos, observo que, em função de vários fatores, o tráfico ilícito de drogas gera violência. Na fala de E5, a seguir exemplificando, ele diz: “**porque afinal de conta o próprio tráfico já gera violência**”.

“e o tráfico ele dá esse poder de você sê agressivo/sê violento e ninguém vai te restringi por causa disso porque afinal de conta o próprio tráfico já gera violência então:” (E5 – 31 anos)

Observo, ainda, que a violência anteriormente mencionada, decorrente de desentendimentos passageiros nas relações interpessoais, e incidental, é rompida por um novo tipo de violência que: *“começa a impregnar a experiência cotidiana de vida das classes populares, quando a desordem do crime organizado se transforma em modo de vida”* (MONTES, 1996, p. 229).

Até porque, na concepção de um dos entrevistados, o tráfico dá o poder de você não ter que dar satisfação para ninguém. O tráfico dá o **poder** de ter coisas e pessoas sob seu comando, e ele acha que isso mexe com a cabeça do jovem. Além disso, o tráfico pode dar a respeitabilidade que o jovem não está encontrando em outros espaços de seu convívio social. Os relatos a seguir ilustram isso:

“estudávamos só qui:: eu acho que a influência do tráfico ele é muito forte ele te dá uma::...uma predominância a qual você não dá satisfações prá ninguém eu mesmo eu cursei na época três veiz a quinta série então eu e ia...ficava na sala de aula sentado na cadeira (...) ficava meio que iner::te num conseguia prestá atenção no que a professora estava dizendo ficava ali tipo um morto vivo...fazia preSEEnça mas ao mesmo tempo só qui:: materialmente não no que a professora estava explicando...aí o::: o meu pai tava preso minha mãe presa num tinha ninguém prá podê:: me dominá qui qui eu fazia? eu num devo satisfação prá eles vô saí fora...tenho meu dinheiro tenho é como sobrevivê eu num dependo disso é nondi qui:: a gente acabô saindo fora dos estudos” (E5 – 31 anos)

“num vô menti prá sinhora no início eu gostei gostei porque:: eu pude tê muita coisa que eu não dava satisfação prá ningué::m num obedecia ningué::m não respeitava ningué::m e ao contrário as pessoas me davam satisfação é:: por mais que não era:: aquelas coisas grandiosas que nem Pablo Escobar que nem muitas pessoas que a gente vê aí mas era gostoso você tê pelo menos três ou quatro qui:: ti respeitava e te obedecia” (E5 – 31 anos)

A impressão que se tem, das falas até então analisadas, é a de que o tráfico e a violência andam juntos. No entanto, ouvi de um dos entrevistados, relato de que,

embora tenha ficado vendendo drogas durante cerca de dois anos, não viu violência “de perto”:

“é::: eu fiquei vendendo prá ele ((refere-se a outro traficante)) acho que uns::: dois anos mais ou menos...é uns dois anos...aí depois eu comecei::: na parte crítica né aí comecei a usá a droga (...) já:: me viciiei logo de/da primeira noite e::: aí fui perdendo tudo fui perdendo a confia:::ença...quem me fornecia já ficô com pé atrás já ficava com me::do "ah porque cê é usuário cê vai usá tudo [num vai dá certo”

A: [ele percebeu que cê tava usando?

E4: percebeu percebeu porque::: é igual eu falei eu vendia duma noite prá otra né então sempre fazia o dinheiro dele...então ele começô a buscá o dinheiro e num tinha...Tudo o dinheiro tinha sempre faltando alguma coisa i::: ele já começô a ficá com o pé atrás o pessoal do quintal já foi e falô prá ele falô "ó o E4 tá usando...ele tá:: viciado no crack" aí ele chegô prá mim uma noite eu já tava devendo prá ele uma mercadoria ele parô de fornecê...aí ele chegô de noite o quintal lá era escuro ele pegô rancô um revólver prá mim apontô o revólver falô "ó só num ti mato porque eu ti considero como irmão” e aquilo lá prá mim foi:::...foi tipo um choque né falei "nossa...num morri por Deus" né... [por poco ()

A: [até então cê num tinha isto nenhuma violên:::cia nada assim?

E4: uhn:: não não... já tinha visto assim violência mas assim não de perto nem comigo né...(...) a::: assim vê violência mesmo acho qui:::...nunca vi só den/da cadeia mesmo na rua não (...) violência violência foi só den/da cadeia assim...mais drástica foi dentro da cadeia mesmo” (E4 – 29 anos)

8.6 - Tráfico de drogas - homicídios - violência

No início das análises desta categoria citei que, para a mídia e para as autoridades de Segurança Pública, “o tráfico é a causa de tudo”, toda a violência é gerada por ele. Explorando um pouco mais a questão, também encontrei, na literatura, estudos realizados no Rio de Janeiro que atribuem ou vinculam o uso e o tráfico de drogas como fator explicativo da multiplicação dos homicídios e da violência que vêm ocorrendo a partir da década de oitenta. Alguns estudos afirmam que:

“Os especialistas da matéria, seja por ofício ou por estudo, são unânimes em apontar um único fator novo capaz de explicar a multiplicação dos

homicídios na década de oitenta: o comércio ilegal de drogas (...), a disputa endêmica pelos pontos de venda” (FERNANDES & PIQUET CARNEIRO, 1995, p. 10-11).

CRUZ NETO *et al.* (2001, p. 167) evidencia que o tráfico de drogas está intrinsecamente ligado ao crescimento da violência criminal no Rio de Janeiro e que: “*realmente existem vínculos entre a ascensão do tráfico de drogas no Rio de Janeiro e o crescimento dos homicídios entre os jovens*”.

Com base nesses estudos, é possível afirmar que, no Rio de Janeiro, o tráfico de drogas tenha, realmente, vínculos com o crescimento da violência e dos homicídios. No entanto, vale salientar que, no Estado de São Paulo, face à escassez de estudos similares aos realizados na cidade do Rio de Janeiro, pouco se pode afirmar a respeito da extensão e peso do tráfico de drogas na composição da violência criminal, urbana e, em especial, de sua influência nas taxas crescentes dos homicídios (ADORNO & CARDIA, 1999).

Por outro lado, percebo que afirmações simples de causalidade direta, evidentemente, não dão conta de explicar a complexidade dos processos que a violência e o homicídio envolvem. Pois, como observa LIMA (2000, p. 11-12), a compreensão mais particularizada do processo de transformação do homicídio em um problema social relevante “*passa, também, pelo reconhecimento de que este tipo de crime é resultado de processos sociais múltiplos, cujos motivos não estariam compreendidos em uma única causa social e encerrados numa única categoria jurídica*”.

Recentemente, com o apoio da Secretaria Nacional Antidrogas, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID - Departamento de Psicobiologia da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo - EPM – Escola Paulista de Medicina - realizou o **I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil**, pesquisa envolvendo as 107 maiores cidades do País, realizada em 2001.

Os resultados obtidos com o levantamento revelam a realidade do Brasil em relação ao consumo de drogas. Dentre os resultados relevantes, pode ser mencionado que a região Sudeste, na comparação entre as cinco regiões brasileiras, apresentou a

estimativa mais baixa de dependentes de maconha, no Brasil (0,7%). A **região Sul** foi a campeã em porcentagens de dependentes de maconha (1,6%) e também registrou as maiores porcentagens, no Brasil, com relação ao uso na vida de: maconha (8,4%), cocaína (3,6%) e crack (0,5%). (CARLINI *et al.*, 2002, p. 116, 154, 192, 228, 270 e p. 326). O gráfico anexo apresenta o quadro dos achados no estudo mencionado, envolvendo as cinco regiões do Brasil (ANEXO M).

Ainda que o estudo citado trabalhe com relato, os dados sugerem que, se a região Sul registrou a maior porcentagem de dependentes de maconha e também os maiores percentuais de uso na vida de maconha, cocaína e crack, o tráfico de drogas, nesta região, talvez, seja mais intenso. Onde há mais compra, dá a entender que há mais tráfico; a circulação da mercadoria pode ser maior. Os resultados sugerem também, vários questionamentos, pois, se o tráfico ilícito de drogas fosse a causa única da multiplicação da violência e dos homicídios, a região Sul, seria mencionada como a região com maiores índices de violência do Brasil, e, parece que não o é. A região sequer desponta nos noticiários como violenta, ao contrário do que ocorre com a região Sudeste e seus Estados: São Paulo e Rio de Janeiro.

É possível que o tráfico de drogas, por seu próprio funcionamento interno, tenha contribuído para a intensificação da violência. Mas, daí a elegê-lo como causa única e explicativa do quadro atual de violência, constitui afirmação simplista e temerária.

Em sua Dissertação de Mestrado, intitulada “Conflitos Sociais e Criminalidade Urbana: Uma análise dos Homicídios Cometidos no município de São Paulo”, Renato Sérgio de Lima parte de uma pergunta inicial: qual a contribuição do tráfico de drogas para a explicação dos homicídios cometidos no Município de São Paulo, no ano de 1995? Destaca o pesquisador que:

“significativa parcela da sociedade constrói uma visão (...) em que a quase totalidade dos crimes violentos cometidos no país cai na vala comum do tráfico de drogas, ou seja, quando não possuem relação direta com o tráfico, os crimes são cometidos por razões que os ligam a ele”. (LIMA, 2000, p. 37).

Ao empreender a análise sociológica dos fenômenos diretamente ligados aos homicídios adotando procedimentos metodológicos de controle e de filtragens,

reconstruindo situações a partir dos registros policiais, mediante, inclusive, da identificação e descrição do contexto social no qual os crimes acontecem, pôde o pesquisador mensurar quantos homicídios foram cometidos devido ao envolvimento, tanto de vítimas quanto de agressores, com o tráfico de drogas.

Destaca que *“a conclusão obtida contraria o senso comum e revela que o tráfico de drogas não é o principal responsável pelos homicídios cometidos em São Paulo”*. Nota o autor que a multiplicidade de motivos para o cometimento do homicídio insere-se em uma *“lógica urbana mais ampla que fragmenta valores tidos como chave no processo de socialização”* (LIMA, 2000, p. 13). Afirma ainda que *“os conflitos sociais presentes na lógica urbana têm importante contribuição na compreensão dos homicídios”*. E, ao analisar quais os mecanismos operantes nesta realidade, verifica que *“o crime emerge como um elemento a mais num contexto de profundas carências estruturais e de ilegalismos”*. *O Estado não está simplesmente ausente, mas sua presença pode dar-se de forma ambígua e arbitrária*, ocasionando, na convivência da população, o que se denominou de *“falência gerencial da cidade - a inexistência de mecanismos e políticas públicas dos governos Municipais, Estadual e Federal, no sentido da falta de ações globais de incentivos e construção da cidadania e, ainda, de políticas de pacificação social”* (LIMA, 2000, p. 14).

Percebo, pelas análises e interpretações dos estudos encontrados na literatura sobre o tema, que o tráfico de drogas seria apenas um fator a mais a contribuir para a existência do fenômeno da violência e dos homicídios.

8.7 - A natureza e o uso das drogas em relação à violência: a maconha; a cocaína e o crack, “a droga do diabo”

Dentre as falas cedidas pelos entrevistados, colhi interessante ponto de vista do participante E7. Mencionei a ele que, alguns estudos trazem a assertiva de que, a partir da década de oitenta, a entrada da cocaína, no mercado brasileiro, impulsionou a violência. Na sua percepção, *“é certo que a cocaína teve o seu percentual, mas, não foi somente ela”*. Segundo ele, existe uma situação que não pode ser olvidada, e que

pode ser considerada como um fator agregador: “naquele tempo ((antigamente)) as pessoas tinham mais equilíbrio, menos **necessidade de se socorrer da droga...**”.

Veja o seu relato:

“A: então [naquela

E7: [de criança

A: época já tinha cocaína?

E7: ah::: nas grandes rodas né:: os bacana já cheravam já

A: o que algumas pessoas falam é que a partir da década de oitenta (...) a cocaína entrou no mercado e ocasionou a violência...alguns estudiosos...eles falam que a entrada da cocaína tem uma ligação direta com a explosão de violência

*E7: a cocaína::: ela sempre:: é:: ela sempre teve presente na:::...desde há muito tempo a cocaína sempre:: teve presente é que num era assim:: tão difundida tão divu/tão divulgada também...eu acho que até as pessoas se você fô compará uma realidade brasileira levando em conta qualquer classe eu acho que até as pessoas naquela época tinham um:::...sei lá mais equilíbrio menos necessidade de de:: de:: se socorrê da droga...isso é que eu acho que é interessante porque:: independente das pessoas serem ricas ou pobres cê vê que as pessoas...né sempre se socorrem da droga eu acho que naquele tempo o país tava:::/atravessava um:: um período...né mais tranqüilo:: eu num tenho muito conhecimento monetário assim mas a situação devia ser boa porque um pai só trabalhava tratava de dez filhos...hoje os dez os onze trabalhando passam necessidade né? então não sei se tem alguma coisa relativa ao salário mas as pessoas eram mais tranqüilas num tinha menas/menos stress menas neurose né? pode ver que até os os consultórios psicológicos não eram tão cheio psicologia não eram tão cheio que nem é hoje né? (...) é lógico que:: por ser uma droga que vicia também com facilidade ela tenha tido o seu percentual mas eu creio que não seja SOMENTE ela ou tão tão somente ela que tenha trazido essa tê dado essa alavancada na: na violência em si”
(E7 – 39 anos)*

Verifico pelo relato, que o participante menciona que as pessoas, antigamente, eram mais tranqüilas e tinham mais equilíbrio. É interessante analisar a relação que este entrevistado faz entre a questão de equilíbrio pessoal e a busca pelo tratamento psicológico e o consumo de drogas psicoativas. E, ainda, como ele comenta sobre as alterações dos contextos sociocultural e econômico, que influenciam as questões do equilíbrio pessoal. Além da necessidade de se socorrer da droga, este entrevistado fala também em **mau uso** das drogas, os usos sociais que se fazem da droga. Ele menciona a falta de dinheiro, o capitalismo e como esses problemas acarretam o mau

uso da droga, principalmente, porque as pessoas querem fugir da realidade. A fala a seguir ilustra isso:

“agora::: eu acho que a:: a::: a:: a droga é:: é:: um é::: um grave? a droga é um grave problema é lógico que ela é principalmente:: quando ela é experimentada por pessoas que não não estão preparadas prá experimentá né? porque::: quando a pessoa ela::/ela tem já um norte ela tem um determinado preparo ela pode usá e ela vai sair daquilo/ ela pode usá por curiosidade ela podé usá por um motivo ou por outro é:: e ela vai saí mas...como a maioria das pessoas né e com:: com o aumento brutal do:: do capitalismo da falta de dinheiro as pessoas VÃO ter problemas queira ou não queira então esse problema vai acarretando o mau uso da droga também porque a pessoa qué fugi dessa realidade que se você fô vê a realidade:: ela choca mesmo né...de fato ela choca” (E7 – 39 anos)

Para GONÇALVES (1991), a droga ocupa um lugar numa sociedade que apresenta certas características. São dimensões que não estão isoladas, mas agregadas. Segundo a autora, “... a sociedade atual, em geral, se empenha na valorização dos objetos e na estimulação contínua de seu consumo. O único valor estável é o ideal do progresso”. Afirma que, no processo de desenvolvimento das sociedades urbanas industriais, o processo de aquisição e formação da identidade “...foi profundamente afetado pelo caminho adotado pela civilização ocidental na sua trajetória histórica”. Por sua vez, atualmente, os meios de comunicação “...ocupam um lugar privilegiado no processo de socialização, veiculando certas práticas, como, por exemplo, consumismo exagerado, culto ao corpo etc.” (GONÇALVES, 1991, p. 64). Menciona, ainda, a autora a racionalização e a automação, como integrantes do percurso histórico das sociedades industriais, onde o homem é mais um na multidão e o ser humano ocupa um lugar irrelevante. Neste contexto de transformações aceleradas, fragilidade de laços familiares na formação de identidade pessoal e social, os jovens, sem “...espaço para o desenvolvimento de seu potencial sócio-afetivo” nem “tempo para assimilar de forma produtiva as transformações vertiginosas, resvalaram para um estado de torpor e vazio”. (GONÇALVES, 1991, P. 65).

O que a autora afirma viria a influenciar nos chamados usos indevidos ou abusos de drogas. Ainda, segundo a autora:

“Uma sociedade onde há escassez de modelos de identificação, onde permeiam mensagens paradoxais e onde os jovens são colocados à margem das decisões e da construção mesmo de um futuro, não pode oferecer respostas à demanda de sistemas referenciais mais autênticos e coesos.

(...)

Dessa forma, dizer que a droga é causa de deteriorização social nos parece uma verdadeira inversão de valores que escamoteia a compreensão das autênticas causas da atual crise em que vivemos. Na verdade, é o próprio sistema social que configura o terreno social que predispõe à proliferação das toxicomanias. É o próprio sistema que favorece o recurso mágico – onipotente para que seus membros possam resolver suas angústias e frustrações” (GONÇALVES, 1991, p. 65).

GONÇALVES (1991) aponta para uma outra face do fenômeno das drogas. Considera a autora que, na sociedade atual, o consumo de determinadas drogas, ditas “socializadas”, tais como álcool, fumo e psicofármacos, é incentivado e induzido pela propaganda. Ao mesmo tempo, verifica que a legitimação de seu consumo mostra claramente a ambigüidade e a contradição da sociedade nessa questão, pois essas drogas não poderiam ser tidas como inócuas; já que, ao contrário, são responsáveis por graves problemas sociais e de saúde.

BARBOSA (1998, p. 60) afirma que “*não existe o usuário desta ou daquela substância. E, também, não existe esta ou aquela substância...*”, uma vez que as coisas e o leque que se abre se confundem. Ainda ressalta que “*não é possível pensar em um mundo das drogas. Não existem atitudes ou comportamentos homogêneos, uso e padrões de consumo uniformizados, significados comumente distribuídos*” (BARBOSA, 1998, p. 28-29), pois, usa-se, fala-se a respeito das drogas de modo diferente aqui e ali.

Entretanto, observei que os participantes deste estudo categorizaram os tipos de drogas e os respectivos usuários. Para eles, a **natureza da droga** pode, ou não, gerar violência, de acordo com os tipos de droga ou o uso social que se faz da droga.

No ponto de vista do E7, a **maconha** é uma droga mais leve. “*Quem fuma um baseado num qué chutá o cachorro/ num qué brigá com a sogra né? qué ouvi música, qué jogá água no jardim*”. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“então junto com isso aí vieram mais problemas né...no todo no tocante é::: sem levá em conta também a:: a:: a::: a natureza das droga e a:: e a/ e a/ e a força violenta com/principalmente com que o crack vicia hoje e escraviza né é::: --nós traficávamos eu propriamente sô traficante mais de maconha-- então uma coisa mais leve mais branda né porque:: quem fuma um baseado num qué chutá o cachorro nem qué brigá com a sogra né? qué ouvi uma mú::sica qué jogá água no jardim::: ou qué í pro trabalho entendeu? então::: é uma coisa mais leve mais branda e mais discreta também” (E7 – 39 anos)

“a maconha já é mais praquela sossegadinho tal” (E5 – 31 anos)

Segundo um dos entrevistados, a maconha, em si, não faz mal; ela só não pode ser usada com outra droga, misturada. Para ele, “*a pinga é a verdadeira droga*”.

“...a maconha deveria ser fumada em casa assim no termo de dizer...ela é menos prejudicial do que qualquer COISA DRA ...a maconha em si...em si / porque tem pessoa Dra. que:: a maconha...a pessoa se ela fumá ela não pode beber uma pinga Dra....mas é a pinga que tá:: causando os maléficis na pessoa a pinga o conhaque qualquer coisa...” (E2 – 60 anos)

A esse respeito, observa SCHEERER (1993, p. 144) que “*os especialistas tiveram que admitir que os danos orgânicos e psíquicos de algumas drogas ilegais são muito menores do que os danos provocados por algumas substâncias de uso lícito, como o álcool e o tabaco*”.

Outra situação também mencionada pelos entrevistados foi a de que, de um modo geral, a **cocaína** é droga “fina, droga de rico: médicos, advogados, juízes”. Os segmentos seguintes exemplificam isso:

“ ...então qué dizê a cocaína vamo dizê assim tem o seu /o seu cliente é social aquele de terninho e gravata e tal que num levanta a é::: é sombra de dúvida ((sobre ele)) (...) agora o crack ele já leva bastan:::te pessoas atrás ...” (E5 – 31 anos)

“porque:: os ricaço essa pessoa eu eu conheço mé::dicos conheço advoga::do qui eles usa droga...que nem a cocaína é muito usada nesse meio de advogado juiz isso aí é mui::to usado que é a droga fina é droga de rico isso aí num é droga de pobre...aí é o seguinte só que eles tem um nome a zelá né? eles num pode de forma nenhum se visto por ninguém numa bocada”
(E3 – 27 anos)

“é ...somente os rico chera o que é bom né os rico chera um (blue star)¹ porque eles tem como pagá né...sempre teve um:: uma equivalência folclórica de uma/de uma grama de cocaína prá uma grama de ouro --quanto tá uma grama de ouro hoje uns vinte e cinco reais?...deve tá nessa faixa então a grama de cocaína também seria vinte e cinco reais né então dificilmente uma pessoa que não seja de classe média ou de classe alta teria condição de usa né?”
(E7 – 39 anos)

Segundo os entrevistados, o **crack**, outra droga vendida em Ribeirão Preto, foi inserida no mercado da cidade entre os anos de 1992 e 1994. Veja os relatos a seguir:

“ o crack tá () no Estado de São Paulo Dra. veio de Minas pro Estado de São Paulo olha que coisa impressionante...veio de Minas pro Estado de São Paulo (...) veio de Minas...em noventa e dois” (E2 – 60 anos)

“porque a a pedra na na época de noventa e três era novidade::: a pedra veio se firmar em noventa e três prá noventa e quatro...até alguns anos atrás muita gente fazia casquinha² que é a mesma pedra então o pessoal chamava de casquinha porque eles pegavam a cocaína bicarbonato transformava aquilo (...)só que num tinha o conhecimento né ninguém...eram poucas pessoas que sabia daquilo era mais as pessoas viciada em baque³ que às vezes num:: num:: num fazia efeito o baque a cocaína na/na respirado pela narina eles fazia casquinha prá usa” (E4 – 29 anos)

De acordo com UCHÔA (1996, p. 53), por volta do ano de 1988, nas ruas dos bairros pobres da periferia da cidade de São Paulo, os paulistanos começaram a perceber pessoas com comportamento estranho após “fumar num cachimbo pequenas pedras porosas, de um branco sujo, cinza, amarelado, com aparência de

¹ Blue Star: cocaína pura

² Casquinha: crack

³ Baque: cocaína diluída e aplicada na veia.

sabão ou cera. Tremiam e andavam rápido com os olhos vidrados. Eram as primeiras cenas dos viciados em pedras nas ruas”. Ainda, segundo o autor, “na forma de pequenos cristais, as pedras estalam em contato com o fogo, por isso receberam o nome crack, de quebrar em inglês”.

Para os entrevistados o **crack** trouxe muita **violência**. Um dos participantes menciona que a droga é usada mais pelo “pobre”, ao contrário da cocaína, que é utilizada por “médicos e advogados”, ou seja, pessoas das camadas médias. Ainda acrescenta que o crack é a **“droga do diabo”**. As falas a seguir exemplificam isso:

“A: é:: algumas pessoas falam que a::...a cocaína trouxe muita violência

E6: a PEdra trouxe muita violência (...)

A: por que que a pedra trouxe violência?

E6: ah ela::: ela::: ela...o cara fica dependente muito rápido né? muito rápido demais i::: eles falam que a pedra tem um linguajar diz que é a droga do diabo...que a cocaína hoje se cê pegá aí cê vai no hospital tem médico que chera...advogado chera é:: estudante de universidade chera...agora é muito difícil você vê uma pessoa de classe média memo assim vicia:::da na pedra cê vai vê a classe mais pobre (...) a pedra memo mais é pá pobre...por isso que eles fala que é coisa do diabo porque acaba com a pessoa...() uma pessoa viciada nisso daí eu já vi acabá casamento de quinze vinte ano...casamento de quinze vinte ano foi por causa de pedra viciô a mulher e viciô o cara (...) acabô ca família...pai/aí é o negócio filho roba mãe roba pai roba prá podê comprá e a cocaína é uma droga pesada também mas o usuário dela num chega tan::to tem também alguns né tem exceção mas num é em proporção tanto assim como usuário de pedra...pedra é o fim do mundo...prá droga () (rezá) e a:: a maior parte é tudo adolescente né de vinte cinco ano prá baixo que usa ...agora a cocaína já tem a classe média alta ri::ca mais ou menos já usa também...”

(E6 – 50 anos)

“é:::é o crack é uma droga muito fácil de viciá né a pessoa usou uma duas vezes já tá viciado...é muito difícil a pessoa que usa duas ou três vezes i:: e consegue falá “não eu não tô viciado não vou usá e não uso” muito difícil o crack eli::: ele peNEtra no organismo a gente costuma dizê até que é a droga do diabo né...porque::: ele tem esse poder de viciá a pessoa rápido demais...eu acho qui/eu diria até que o crack é uma droga mais mortal do que a cocaína...que o baque a cocaína”

(E4 – 29 anos)

“A(...) no seu modo de vê a violência entre os jovens nos bairros aumentô?

E5: aumentô

A: por que que você acha que teve essa um/por que que aumento?

E5: bom te/teve o::: teve o fator do crack (...) o crack ele foi um:::a droga que teve um acesso mUItto forte e explosivo no meio da sociedade o alto poder di di vício dele foi forte então::: quando foi lá na década de noventa início o crack foi bastante conhecido aqui no Brasil (...) i::: i então foi uma droga que lá foi muito barata como é até hoje em vista da cocaína e o poder di::: di viciá dela foi muito grande.. então a pessoa com poco dinheiro comprava o crack mas o após dela é pior...que a cocaína até que depois que cê usa ela dá uma certa fissura no sentido assim duma::: duma tensão mas o crack ele dá uma ansiedade pior ainda (...) e é aí::: é na onde que a pessoa é::: prá podê sustentá o vício entrava dentro/de casa começô a robá dentro/de casa quando viu que já em casa num tinha mais nada de valor começô a í prá ru:::a i::: como o::: o crack começô a bate muito forte na cabeça” (E5 – 31 anos)

“ é o crack...a Sra. vê...é::: o crack / que nem o viciado né? o nóia ele:::..a Sra. vê faz coisas ele rouba a mãe ele rouba até a filha o filho é::: ele não tem o controle da droga de nada..uma droga incontrolável então () se ele vê eu guardando um negócio aqui na hora que ele tivé aqui ((o entrevistado gesticula)) () na vontade dele () ele me roba...o impulso da droga é maior...a dependência” (E3 – 27 anos)

Indaguei ao participante E3: **se eles sabem que o crack gera toda essa violência, por que eles vendem?** Veja a explicação dele:

*“A: mas o cara tá vendendo crack ele sabe disso tudo ele vende assim mesmo?
E3: num é qui ele vende é porque as pessoa procura...num adianta chegá e pô outra droga lá que ninguém vai lá...” (E3 – 27 anos)*

Outro participante mencionou que o crack tem um **retorno** financeiro mais **rápido** e que, quando saiu da cadeia, em 1.996, ele pegou três tipos de droga para vender; o crack teve mais saída do que as outras drogas. Nas suas palavras, “o crack foi a arma, mas uma arma, ela não vai atirá sozinha, ela precisa de alguém para puxar o gatilho”:

*“.agora o crack ele já leva bastan:::te pessoas atrás então qué dizê o rapaz ele olha o quê ? pôxa eu vou vendê o crack que o crack ele tem o retorno mais rápido(...)
A: e você acha então que o crack que fa/que fez virá toda essa violência?*

E5: olha ele foi a arma (...) é mas uma arma ela num vai atirá sozinha ela precisa de alguém prá puxá o gatilho/o crack ele foi um::: um ponto de partida cruci:::al por que foi uma droga que teve uma saída mu:::ito forte...então qué dizê um traficante vendia três quilo de crack prá um quilo di di di di cocaína e:: prá tanto di di maconha e e o retorno o lucro dele era totalmente forte eu quando saí da cadeia em hum mil novecentos e noventa e seis eu peguei trezentos quilo de maconha um quilo de cocaína e quatro quilo de crack...eu tive mais saída do crack do que da cocaína e da maconha...eu precisei comprá mais crack enquanto eu ainda tinha a maconha e a cocaína ainda...qué dizê a procura foi mui:::to forte né” (E5 – 31 anos)

Essas falas nos levam a refletir acerca da responsabilidade e participação da sociedade na violência, como afirma VENTURA (1994, p. 142), pois “*toda a cidade paga o preço e é responsável, até porque consome o produto que anima todo o conflito*”.

Em narrativas fortuitas, no dia 08 de abril de 2.002, recolhi fala interessante do E7. Ele dizia que, como o crack trouxe muita violência, ele estava semeando a idéia de erradicar a venda do mesmo em Ribeirão Preto. Primeiro, os traficantes iriam disciplinar a venda; o crack seria vendido somente em um lugar, ou em poucos locais, para depois diminuir a venda até erradicar, não mais ser vendido e envolveria a participação de integrantes do PCC. No mesmo sentido, o relato do participante E3, a seguir transcrito, onde ele fala que é igual um **projeto**, só que é **na criminalidade**.

“infelizmente é o seguinte depoi/depois do crack acabô...() é o crack...com certeza a sinhora vê qui nós já tamo nessa corrida aí que eu (creio) uns dois ano no Estado de São Paulo num tem mais isso não...nóis/nóis tamo correndo (nisso e nóis num qué isso) (...) vixi Maria ((riso)) só qui ele gera tudo isso aí...a pessoa perde a auto estima/ a pessoa perde a dignidade a moral.. ela não tem mais/perde o amor de todo mundo (...) agora se nós num fizê um trabalho qui nem...o modelo desse aí qui a sinhora tá fazendo de consciência de sentá assim nós tudo...qui nem hoje nós tem o acesso de quem pô:::e e quem ti:::ra daqui di den/da cidade

A: hoje vocês têm?

*E3: hoji nós te:::m...que/hoji nós tem hoji se nós quisé sentá e falá () co fulano ciclano bertrano "à partir de hoje aqui nesse Estado **nói/num qué/nóis vamo manerá isso aqui...até tal mês desse ano tem que tá zerado isso daí**”*

A: eu ouvi dizê... né... qui parece qui:::.. vão querê fazê um movimento pra::: o crack sê vendido aqui em Ribeirão só num lugar/num lugar tipo assim é um movimento pra:::.. í aos poucos... [pará de vendê o crack

E3: [então ISSO ti/ti...tipo assim ó é...igual um projeto...só qui é no crime nós tem nosso projeto tem os cabeça qui senta e conversa/nós vamo precisá fazê i::sso tá dema::is tá chamando atenção...]” (E3 – 27 anos) grifo meu

O crack dá retorno financeiro maior ao traficante, pois a matéria-prima é mais barata e o custo da droga é mais acessível. É uma droga que o usuário, compra mais freqüentemente, por conta da compulsão que ela causa. Apesar disso, o crack e suas conseqüências na comunidade acabam atrapalhando os pontos de venda e o tráfico de drogas em geral.

Além disso, do ponto de vista do tráfico de drogas, o usuário de crack, chamado popularmente de “nóia” (gíria que substitui a palavra paranóia), tem “vida útil” curta para o tráfico. Pela compulsividade e abusos no uso do crack, o usuário, freqüentemente é ferido, morto ou envolve-se em ocorrências policiais. Esse usuário também perturba a ordem e a discrição, necessárias às “bocadas”.

No dia 21 de maio de 2.003, registrei, em narrativas fortuitas, uma opinião do E3: “hoje, na maioria das penitenciárias do Estado de São Paulo já não tem mais crack e mais prá frente também não vai ter na rua”. Conversando com E7, no dia 02 de julho de 2.004., ele comentou que “está havendo resistência para diminuir a venda do crack, é difícil, porque o crack é uma droga barata, é droga de pobre. Num sentido de que o pobre não vai ter outra droga para usar.

8.8 - “Peças de uma engrenagem”: crack - lei dos crimes hediondos - a inserção do jovem no tráfico de drogas

No ponto de vista do participante E5, na questão da violência, segundo suas palavras, o crack foi uma das **peças de uma engrenagem**, a outra, a entrada da juventude no tráfico de drogas. Para ele, “juntou-se o quebra-cabeça, chegou-se na questão”.

“então o crack ele deu um poder muito grande a menoridade influenciou bastante porque teve muitos jovens que se seduziram e foram é::: outra parcela viciado e:::...foi uma peça cada um foi uma engrenagem rotativa uma da outra juntou-se o quebra cabeça chegou-se na questão” (E5-31 anos)

Percebo que a fala do E5 pontua bem a questão social do **crack**. Segundo os participantes, a venda de crack firmou-se, na cidade de Ribeirão Preto, entre os anos de 1.992 e 1.993. Junto com a violência gerada pelo crack, à mesma época, a violência, de modo geral, aumentou, o que acabou gerando a **Lei dos Crimes Hediondos**. Esta, por sua vez incentivou, ainda mais, o ingresso do **jovem no tráfico de drogas**. Segundo os participantes deste estudo, a lei que “veio para reprimir o tráfico” acabou gerando mais violência e também um tráfico mais violento.

Como já comentado no tema, estrutura e organização do tráfico de drogas, mencionaram os entrevistados que os traficantes antigos, maiores de idade, antes dessa lei, iam para a cadeia; pagavam uma fiança e saíam. Com a Lei dos Crimes Hediondos, eles começaram ser presos e as sentenças condenatórias passaram a impor penas altas para os traficantes, quase sem benefícios; somente poderiam receber o livramento condicional após o cumprimento de dois terços de suas penas, isso apenas uma vez. Numa segunda condenação, o cumprimento da pena é integral, sem benefícios. Então, eles começaram a inserir o adolescente no tráfico de drogas, porque o adolescente não vai para a cadeia. E o jovem, veremos a seguir, modificou em muito o tráfico de drogas, transformando essa atividade ilícita, ocasionando mais violência ainda. A fala seguinte ilustra isso:

“A: por que antigamente::nte vendia-se droga né e num tinha tanta violência...e agora tem

E5: bom::: vamô::: leva aí num::: no índice o tráfico ou melhor o crack ele veio pro Brasil ou praticamente aqui prá Ribeirão em meados de::: noven:::ta e dois prá noventa e três até então se tinha-se uma ou duas até no máximo até dez mortes por ano em Ribeirão logo após essa explosão é::: é do trá/do crack né...houve-se então essa::: mortandade cruel

A: eu num eu se desculpa eu tá::: falando mas eu num eu num tô entendendo como qui o crack leva a tê tanta morte..por que o vici/ahn o vici é o viciado que tá matando? num é::: sabe assim é:::deu po cê

E5: o po/um pouco é o retorno que ele dá...vamo afastá um pouquinho mais (...) em hum mil novecentos e noventa foi implantada uma lei do crime hediondo (...) é então o traficante maior de idade /era diferente ele ia prá cadeia pagava um advo/um::: uma fiança e saía...voltava prá cadeia pagava outra fiança e saía quer dizer prá ele/ele tinha o controle tudo na mão dele então ele sabia controlá a coisa quando surgiu outra lei hedionda então ele disse “pôxa então agora eu num posso í prá cadeia porque agora se eu fô eu vou ficá preso”...e quem vai controlá prá mim então preciso pensá nisso tão foi aonde ele olhou e falou “peraí o de menor/ o menor num vai pá cadeia

então vou” (...) quando o grande traficante foi preso o jovem ele se sentiu então NOVO mas responsável...pelo ponto de droga...então como ele num tinha a capacidade de racir/((raciocinar)) é de pensá e raciociná que que ele fez ? levou pelo poder...(...) né então foi na onde que aconteceu houve-se então essa::: essa queda do/da moral muito grande e o jovem é::: (...) assim é o tráfico o rapaz po/punha uma arma na cintura mostrava pá todo mundo e::: se alguém tirava ele /ele dava um tiro na cabeça da/da/da pessoa”

(E5 – 31 anos)

Percebo o efeito perverso da Lei de Crimes Hediondos, ligada ao tráfico de drogas. De acordo com a política criminal brasileira e, na opinião de alguns segmentos da sociedade, das áreas jurídica e legislativa, principalmente entre Delegados de Polícia e Promotores de Justiça, essa lei seria a solução de todos os problemas da violência. “Vamos aumentar as penas, vamos punir com rigor e iremos resolver todos os problemas da sociedade”. Ou melhor, vamos resolver os problemas dos “homens de bem”. Ao contrário, ocasionou mais violência. Vários segmentos de entrevistas, anteriormente apresentados, expõem as percepções dos entrevistados relativas à transformação do tráfico, de amizades para a violência, e a explicação para isso.

Os relatos sugerem que o crack e a Lei dos Crimes Hediondos, de certa forma, intervieram no fluxo da violência, representando um momento de exacerbação desta no contexto urbano e, também, no tráfico de drogas. As falas trazem subsídios para melhor compreensão do fenômeno.

Segundo o participante E5, além de o jovem não ir para a cadeia, **ele também não custa caro para o traficante.**

“ô dotora é complexo porque existe/existem vários fatores...mas o pior deles é quando o verdadeiro traficante ele num qué tê envolvimento com ninguém...ele num qué então ele tem que encontrá uma pessoa em quem ele pode confiá...então é naondi que geralmente ele vai no menor...o menor que tem uma::: uma estrutura que ele não vai pagá caro e num vai custá caro pro traficante ele num vai pagá caro porque ele é inteligente é novo i::: se fô prá Cadeia ele vai pruma FEBEM três dois mês/ quatro mês que seja ele tá na rua di novo e num vai custá caro pro traficante porque se acontecê dele í prá FEBEM num vai precisá do traficante tê que pô um advoga:::do::: é tê que es/mantê uma estrutura prá família aqui fora --que uma pessoa que trabalha prá outra se ela fô presa o traficante ele tem a obrigação de mantê a família aqui aqui fora BEM...então se a muLHER o filho os pais tivê

*precisando de qualquer coisa o traficante tem que í porque é uma dívida né que fica...mesmo que **ele num faça isso ele é::: é mal visto no meio do pessoal*** (E5 – 31 anos) (grifos meus)

É interessante observar que os jovens que saem de circulação, por morte ou internação na FEBEM, podem ser substituídos facilmente por outros. Colocar o jovem na linha de frente da venda de drogas tem, pelo menos, duas vantagens para o traficante. A primeira é que o jovem assume o crime no lugar dele, livrando-o de penas altas e da Lei dos Crimes Hediondos. A segunda, seria econômica, porque segundo as normas locais, o traficante tem que arcar com o sustento do adolescente e de sua família, enquanto ele permanecer internado. Como o adolescente permanece internado menos tempo que o adulto e como, geralmente, ainda não constituiu família, o dispêndio econômico do traficante é bem menor.

Além disso, para cada jovem que sai de “circulação”, é possível arrumar facilmente outros para colocar em seu lugar. Porém, como mencionam os participantes, ocorreu que **o jovem** não restringiu sua atividade, não ficou apenas “na linha de frente” do tráfico, na “bocada”, vendendo droga. Ele também **começou a comprar e cresceu no tráfico**. Os jovens, que eram funcionários, viraram patrão. E, **inseriram pessoas mais jovens ainda** nessa atividade.

“ então qui aconteceu? eles eram funcionário agora tão passando a patrão”
(E4 – 29 anos)

“...foi aonde que os menino começaram a comprar também...começaram a crescer...compreende? começaram a pegá mais jovens ainda compreende?”
(E2 – 60 anos)

E os jovens, hoje, **estão no “comando”**:

“porque hoje se nós for falar em tráfico Dra. nós vamos falá só na adolescência porque se a Sra. vê bem no papel certo num tá existindo pessoas com mais de vinte e cinco anos cuidando do tráfico (...) não está mais Dra. (...) é só é só é só mulecada (...) e COMANDAM Dra. infelizmente hoje eles estão comandando”
(E2 – 60 anos)

No ponto de vista do participante E2, a violência não vem da droga. Para ele, a **repressão** é que fez surgir mais traficantes, mais jovens. Assim, com os mais jovens no comando do tráfico e seus modos mais agressivos de controlá-lo, ocorre mais violência.

Na opinião do E6, o tráfico mudou da água para o vinho. No tráfico, **“agora é o modo deles”**, dos jovens. As falas a seguir exemplificam isso:

“e hoje o que predomina mais é a adolescência né? os cara fica de longe e põe a rapaziada prá se matá né? prá se gladiá né? porque põe prá se mata? porque a maior parte deles não passa de vinte e cinco anos/ que tá envolvido mesmo não chega nos vinte e cinco anos/ muito difícil/ pode vê as morte aí dezoito dezenove vinte vinte e dois dezoito dezessete quatorze e:: os cara mesmo fica de longe né? quem tem o dinheiro fica de longe...(...) mudou muito mudou da água pro vinho prá eles quanto mais loco o barulho melhor...eles gostam de adrenalina aventura...é outro modo de traficar é o modo deles agora”
(E6 – 50 anos)

“ e eles éh:: rapaziada nova eles já se acha/ põe um óculos preto na cara um boné uma bermuda revólver na cintura e acha que é dono do mundo e vai podê ((riso)) e tá essa desordem que tá aí...nem o Estado consegue dá conta”
(E6 – 50 anos)

8.9 - O jovem - o tráfico de drogas – a violência

Parece que, com o ingresso do jovem, do adolescente, no tráfico de drogas, ocorreu uma transformação muito grande na forma desse comércio ilícito. Pois bem, indaguei aos entrevistados, **como o jovem está fazendo o tráfico?** A seguir, trarei o ponto de vista dos participantes sobre a questão. Nas análises que se seguem, estarão permeadas considerações sobre o jovem em si.

Na percepção dos entrevistados, o jovem foi educado vendo a violência, vendo a criminalidade e, muitos deles, os que vão para o tráfico de drogas, **não têm conceito**. Ou seja, não seguem nenhum conjunto de normas de conduta Há, ainda, a percepção de que a mídia é de grande importância na socialização desses jovens, levando-os a “querer aparecer” e se auto-afirmar pela imposição. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“A: agora então existe uma relação entre o tráfico e a violência?”

E5: em termos sim...em termos sim...porque..porque na realidade a violência ela vai se enquadrar porque a maioria do pessoal que vai pro tráfico muito deles num tem conceito de:::: vamos dizê::: opinião pró:::pria não tem inteligên:::cia num tem::: estudo são pessoas que nasceu na:::/vendo a criminalidade e tão se tornando cada vez mais agressiva” (E5 – 31 anos)

*“e junto::: a isso vem a::: a falta de::: de amparo familiar porque de uns tempos prá cá os pais precisaram sair de casa prá trabalhar --os dois quando não os maiores também se tivé gente maior e num ficaram prá educá então quem educô as criança? é os desenho...e os desenhos da Rede Globo né que é a maioria que passam (a maioria) violentos então leva a criança prá que? leva o jovem o adolescente? ele qué::: aquela coisa violenta ele qué::: ele qué a/andá em alta velociada:::de ele::: **então ele qué apareCÊ** e ele foi educado por quem? **ele foi educado pelo instrumento que se chama televisão** porque os pais na necessidade de alimentar os filho precisaram se ausentar da casa e deixaram o serviço de educação em cargo da televisão é o vídeo-game e é tudo isso daí...então isso daí” (E7 – 39 anos) (grifo meu)*

“porque infelizmente essa meninada não tem juízo...prá trabalhar né? do outro lado do lado do crime eles não tem juízo...prá eles o maior barato deles é falar que entra na Cadeia falá ((como se estivesse falando)) “ah matei quatro matei cinco...é porque::: o fulano lá me devia cinco real ele pensou que tava me tirando ele não me tirou não eu fui lá e mandei matá ou eu matei” é isso que tá acontecendo hoje Dra. ...” (E2 – 60 anos)

Segundo o participante E4, o jovem, “**não tem mente prá tá no crime**”. Por causa de cinco reais, ele mata.

“ i:::: é até triste vÊ esses menino aí porque eles num tem nem mente...prá tá no crime eles num tem nem caBEça prá tá no crime que a maioria das morte - -qualqué pessoa pode assisti no noticiário vai vê-- é um é um menor que tá envolvido é um menor que tá matando (...) que eles num tem/eles num tem uma mente assim...prá segura/ às vezes por causa de cinco reais eles vai e mata...eles num sabe vê que "pô o cara me deu prejuízo de cinco reais aqui tudo bem” bate...cê vê eu já cheguei a batê [num/ nunca precisei matá (...) já cheguei a batê sim...dei muita calibrada nos otro por aí...mas eu achava que era melhor batê do que matá...tirá uma vida porque eu acho que uma vida tem MU:::::ito valor” (E4 – 29 anos)

Na fala do E4, que também podemos considerar jovem, é interessante notar que o que ele considera não ter “mente para o crime”, é não ter paciência ou ser muito impulsivo. Para ele, primeiramente, o jovem poderia ou deveria aplicar uma outra medida disciplinar ao sujeito que está devendo, antes de matá-lo. Poderia, por exemplo, bater para disciplinar ou dar algumas “calibradas” nas pessoas que não estão agindo corretamente. É interessante notar, também, que este participante relata que nunca precisou de matar ninguém. Disciplinou seus devedores somente batendo, porque ele acha que uma vida “tem muito valor”.

Para o E7, o jovem, por não cumprir os compromissos, não manter a “palavra”¹, acaba criando **confusão no crime**, acabam criando “espinhos”², na gíria.

“e eles acabam o que? até que por não ter a mesma aptidão né e a ideologia e não serem natos né não serem pessoa que ti/tem aquilo eles acabam atrapalhando e criando confusão no meio (...) criando problemas arrumado espinho que nem eles falam aí(...)

A: acabam estragando o crime?

E7: com certeza de certa maneira de certa maneira se dizendo sim e essas confusão por eles não ter vamo se dizer assim um:: um:: aquela coisa não ser nata deles num sê saco roxo num sê um cara firmeza num sê um cara di/di/di cumprí com os compromissos de tê palavra de mantê a palavra ele acaba se chocando e criando choques também no meio que também anda muito desgastado que cê vê a gente SÓ tem a palavra e ela tá num desgaste terrível que nem essa ultimamente a maioria do/do/do...do::/da::do/ das pessoas que tão envolvida num tem fazido valê e quando alguém faiz ela valê choca”

(E7 – 39 anos)

Outra particularidade trazida pelos entrevistados foi a de que **o jovem quer experimentar tocando**. Os relatos a seguir ilustram isso:

“isso mas:: é diferente da prática eu sabia na teoria mas eu queria me envolve quiria í até o fundo quiria tê podê tê o meu carro sabê que era meu sabê...eu via meu pai (...) mas era diferente eu via ele podê assim como se diz é::: vê a pessoa tocá e você num pode mexê então eu queria eu podê vê come que era...fui”

(E5 – 31 anos)

¹ Palavra: são acordos verbais que são extremamente valorizados no mundo do crime. É a palavra dada. Eles dizem: “a única coisa que nós temos é a palavra; um malandro, um bandido não assina documento, ele simplesmente fala ‘é isso’ e aquilo ele tem que fazer valer.

² Espinhos: inimigos.

“as pessoas não entendem que a:: ao abrí --o Brasil é como você pegá uma pessoa uma/uma/uma criança que foi criada num:: num interior de Goiás num é? ele tem uma cabeça e você pegá uma criança que foi criada na capital de São Paulo ou até mesmo na capital de Goiás né...então:: às vezes é:: uma propaganda fora de hora eu não digo que ela/que ela seja má intencionada...mas uma propaganda que uma pessoa que ainda não esteja não esteja preparada prá raciociná com com com suas próprias diretrizes ela pode...provocá um estrago tamanho na sociedade...porque o jovem ele qué conhecê né mas mas ele qué conhecê:: né...como se diz mais tocando mais experimentando do que estudando né? ele não qué vê:: a/né aquilo lá então (...) porque infelizmente o jovem ele:: ele recebe as/as mesmas informações certo só que com um preparo diferente e aquilo às vezes acaba causando um tumulto nele --nós num podemos esquecê que nós ainda somos tupiniquim compreendeu? nós num podemos esquecê que nós ainda tamo nesse lugar certo? num:: num/em fase de crescimento né e de repente você bombardia um jovem que tá em busca de:: de::: né de mil e uma coisa com determinadas notícias dessas ainda mais americana” (E7 – 39 anos)

Na opinião do E2, ninguém sabe para veio a **Lei dos Crimes Hediondos**, pois, ela veio mostrar que não resolveu nada, não melhorou em nada, ela piorou. Ele também diz que o jovem quer experimentar tocando: **“crime hediondo? o que é isso? vou procurar ver como é essa lei”**. Ele diz: hoje, tudo que é ruim o jovem quer experimentar. Veja o seu relato:

“ olha Dra. até mil novecen::tos e noventa...oitenta e nove noventa ANTES de vir a lei do crime hediondo se produzia menos assassinato...do que é feito hoje menos crimes bárbaros...do que existe hoje a Sra. pode pegá uma estatística de noventa prá baixo de setenta noventa sessenta noventa de noventa prá traz ..num existia tantos crimes bárbaros tantas barbaridades como se existe hoje mais foi o que eu acabei de citá...tudo que é RUIIM...hoje...a pessoa qué experimentá Dra....veio a lei do crime hediondo não pode é:: se matar...“oh como que é essa lei eu vou procurar ver como que é essa lei” pá ((como se fosse a pessoa dando um tiro)) mata a pessoa...existiam os assaltos antigamente existia mas a pessoa ficava amarrada...não se matava Dra....amarravam a pessoa entravam dentro da casa ou em qualquer lugar...assaltavam mas amarravam a pessoa mas não MATAVAM Dra....hoje a lei do crime hediondo veio mostrar que ela não resolveu nada ela piorou a situação...por que crime hediondo?...ô eu tô assaltando...se eu matá é crime hediondo então eu vou matá...(quer) saber porque essa lei Dra....e por que existiu essa lei?...deu prá entender o que eu quero dizer né Dra.? antigamente a lei do assalto se eu não me engano era de um...ou de um ou de seis meses...a dois anos e pouco sei lá um negócio assim de prisão...aumentaram-se a pena Dra....melhorou?...não...piorou então a lei do::: do crime hediondo ninguém sabe prá que que ela veio...” (E2–60 anos)

Percebo que essas falas demonstram percepções de pessoas com um pouco mais de idade e com experiência no tráfico de drogas. É o modo como eles vêem o jovem. Essas percepções não podem ser desprezadas, pois trazem um colorido diverso da visão até então apresentada para explicações e compreensões do jovem no contexto do tráfico de drogas. Pois, como dito anteriormente por um dos entrevistados, eles acabam atrapalhando e criando confusão na criminalidade. Mas, esse modo de agir, essa maneira, não se restringe ao tráfico de drogas, aparece também, na sociedade, como um todo, criando uma perspectiva desanimadora do futuro tanto para a juventude como para o País.

Menciona o E5, que **o jovem usa a violência para chamar a atenção das meninas**. Leia o seu relato:

*“A: e::: o que que você acha qui::: tá ocasionando esse aumento dessa violência? nós já falamos um pouco sobre isso né
E5: doutora eu estudo e tô fazendo o segundo grau...tô com trinta e um anos de idade a senhora desculpa chegá assim falá mais ou menos dessa forma (...) tem...tem uns menino que estudam comigo que chegam a sê até dez ano mais novo do que eu...num sabe lê num sabe escrevê direito...eu conheci alguns meninos lá da escola que tão usando droga dentro da escola porque::: é uma forma deles podê::: fazê tipo assim::: uma gra:::ça querê se aparecê prá meninas então tem outros menino que SÃO de família nobre --pelo menos ali dentro de nós-- qui tem assim uma democratização melhor sabe conversá::: sabe dialogá:::...”* (E5 – 31 anos)

Observo que as questões de gênero, ligadas a auto-afirmação pela masculinidade estão muito presentes nos relatos cedidos pelos entrevistados. Eles mencionam que os jovens se afirmam pela violência, principalmente, no tráfico de drogas. Para os entrevistados, os jovens são **“teleguiados”** e **se espelham** no adulto. **Se o adulto matou um, eles vão querer matar três, quatro, para criar nome**. Os relatos seguintes exemplificam isso:

“não prá começá jovem nessa idade di::: dezesseis quinze ano aí né doutora eles num pensa nada...eles só se espelham (...) é :::(...) num pensa doutora...eles num pensa eles é mais é teleguiado” (E3 – 27 anos)

“então:: se eu sô um cara velho..né tive um passado::: pesado mas é::/o::: conseqüência do destino fiquei mais maduro e deixei muita agressividade de lado já o novo que tá vindo eu num vô pode freia ele que ele vai se espelha ni mim...se eu matei um ele vai querê matá treis pra criá nome...se eu assaltei treis quatro banco ele vai tê que fazê o dobro né então infelizmente...a galera eles tem essa::: essa vontade de quere sê mais do que o outro é aquela historia de o filho quere sê mais que o pai... então é assim que acontece agora o termo de hoje a violência ela gera bastante isso daí que a mulecadinha de hoje eles gosta mesmo né de violência” (E5 – 31 anos)

“hoje uma pessoa uma criança de onze anos ele tem acesso a arma entendeu? e é aquilo que eu falei prá Sra. agora mesmo a pessoa CATA aquela arma na mão e se sente ele acha que ele tem o poder --é ILUSÓRIO também então :: ele qué mata ele qué fazê ele qué mostra que ele PODE também entendeu? muitas vezes ele até admira aquele cara “puta aquele cara lá fez isso isso isso eu quero fazê também” então é aonde MUITOS envolvido pela empolgação entendeu? cometem várias barbaridades que a gente cansou de ver” (E1 – 31 anos)

É interessante observar que os três segmentos acima a respeito dos jovens são de adultos jovens, que estão na faixa dos 30 anos.

Nas histórias narradas em seu livro “Abusado”, relata BARCELLOS (2003, p. 220) que o personagem Raimundinho, talvez, na necessidade de provar o seu poder de perversidade, ou para impressionar os amigos do morro vizinho, ao tomar conhecimento de que o corpo de uma moça havia sido “esquartejado em trinta pedaços, postos dentro uma mala e desovado em um caminho no meio da floresta,(...)chegou a executar uma mulher de 50 anos, em vez de trinta esquartejou em cinqüenta pedaços e mandou jogar a mala na mesma trilha da floresta”.

Segundo um participante, **a violência não vem do tráfico, vem do jovem.**

“Dra. essas mortes estúpidas que hoje estão existindo aí compreende? que às vezes eles falam até que é problema de tráfico...é problema de boca ou é problema de qualquer coisa mais não é/é problema dessa juventude compreende? que a polícia não sabe trabalhar em cima dessa juventude nossa de hoje compreende? é onde que eles tão trabalhando da maneira completamente diferente” (E2 – 60 anos)

Dois entrevistados citaram um caso em que um **antigo** dono de “bocada” foi “**deposto**” por seus empregados, **jovens**, e afirmam que um dos motivos foi ele não ser agressivo, evitar a violência. Os relatos a seguir exemplificam isso:

“até:: teve um um/um/um/uma... alguns alguns tempos atrás (...) teve um rapaz lá do xxxxxxxx ((nome de um bairro)) o X ((nome do traficante)) ele::: era um cara bem conceituado no crime...é um cara que vendia droga que...já tava tipo assim um patrão né (...)e o X não o X só na (ginga) dele de vendê a droga e tal nunca matou ninguém (...) e ele tinha uns moleque que trabalhava prá ele...vendendo droga prá ele...e::: (...) e aí o que aconteceu?...é:::...esses moleque que trabalhava prá ele eles próprio tomaram a::: o ponto di di tráfico do do X (...) os próprios funcionários dele tomô e os funcionário era quem? são moleques de menor...(...) tomaram a bocada dele pôs ele prá...a gente diz pôs prá andá né...tirô ele de lá da bocada e pôs ele prá corre de lá né

A: como?

E4: bom...geralmente é::: com revólver né

A: nã:::mas por que qui tiraram ele de lá (...)

E4: porque chegô nele falô prá ele "pô cê é um bunda mole você num::: num tem peito num tem atitude você num reage" (...) então qué dizê os cara/os moleque tomô a a a::: boca dele por ELE num matá e num mandá os moleque mata”

(E4 – 29 anos)

“porque:: que ele o X ((nome da pessoa)) era antigo como é até hoje (...) e ele comandava uma região enorme só que paralela àquela região (...) tinha uma outra pessoa que também comandava...só que essa pessoa ela PUnha respeito ela PUnha personalidade e teve um dia que a galera DEssa pessoa forte virou prá essa outra pessoa do X e falou assim "que qui cês tão querendo? cês num é de nada cês num bate cês num briga cês num faz nada com ninguém o patrão de vocês é um bundão” com toda/ perdão da palavra (...) né “ele é um bundão dum/dum/dum” bom rebaixou ele até no último...a galera do X foi nele e falou e esperou dele uma reação vamo comprá um armamento í lá e metê bala nesse povo o X virou falou “não deixa prá lá vamo ganhar nosso dinheiro aqui/polícia num sabe de nós direito num tem nada problema se fizer essa guerra aí que eles vão vim matando em cima da gente” então houve esses choque (...) porque o pessoal já queria...já queria tirá ele porque ele era uma pessoa que ele num brigava que ele num discuTI::a ele era uma pessoa qui::: como se diz to/tudo mundo gostava só qui num tinha uma personalidade assim agressiva qué dizê tinha lá algumas vezes mas num era sempre que a:::/ os moleque/ que os moleque queria os moleque queria que ele punha revólver na cintu:::ra saia fazendo gra:::ça dadno cavalo de pau acelerando a::: o carro (...) qué dizê eles gostavam di tê uma::: di se mostrá...e o X não/o X era cauteloso ele era uma pessoa qui::: é difícil vê isso hoje em dia...né? (...)os moleque DEle do X virou prá ele e disse "você num serve prá ser nosso patrão...porque você não é agressivo você num corre atrás você num

CObra...você simplesmente deixa as pessoas pisarem em você e:: num faz nada” e aí depuseram ele do trono...infelizmente essa história foi mais ou menos e foi mais (...) então é o que acontece hoje no mundo do crime né o jovem num tem experiência é incentivado por outro jovens...e acaba deixando de seguir o conselho do/do:: experiente por que? porque o conselho do experiente É “deixá prá lá...não vai atrás disso não” o outro não “não o que? você vai deixá aí o nego vai olhá prá sua cara e vai falá que cê é um bunda mole/cê é um idiota e quando cê menos pensa que não o cara te mata ou ele põe você prá corre”...e é o que acontece...infelizmente-- então o caso do X foi real foi mais ou menos assim” (E5 – 31 anos)

Segundo os participantes, **antigamente**, havia respeito entre as “bocadas”. **Hoje, o jovem**, “não está nem aí com nada”; ele **atravessa a área do outro**. A fala a seguir exemplificam isso:

“tão...tão completamente...é::: tráfico antigamente se se havia um um um certo respeito né com com por exemplo com a bocada “X” e a bocada “Y” tinha aquele respeito “não aqui eu vendo é::: e::: lá é sua área” então ninguém atravessava um a área do outro né e::: agora hoje (...) a molecada num pen:::sa eles num num tão nem aí com na:::da num::: acho qui num tem medo de morrê num tem medo de matá...então eles são audo/audaciosos né e::: no meu modo de vê eu sei lá tá tá demais a molecada tá mui:::to::: violENta demais “eu num tô nem aí se a bocada é sua se é do fulano se é do sicrano” eles num querem sabê de nada” (E4 – 29 anos)

Os relatos acima transcritos sugerem que, antigamente, o traficante respeitava o comércio de outro traficante, ao contrário do que vem sucedendo na atualidade. O jovem, para manter ou expandir o seu negócio ilícito, utiliza-se da violência, sobretudo praticando homicídios. Trazem, também, um questionamento sobre os papéis desempenhados por esses atores sociais no tráfico de drogas: afinal, existe violência por ponto de droga?

8.10 - Violência por ponto de droga: “a guerra” - Violência entre grupos de bairros diferentes: “guerra de gangue”

Segundo os participantes, hoje, no comércio ilícito da droga, além de o jovem atravessar a “bocada” ao lado, relatam os entrevistados que existe **violência por ponto de droga**, o que eles chamam de **guerra**. Mata-se para ocupar a “bocada” de outro traficante. Mas isso, segundo os entrevistados, ocorre entre os jovens.

O participante E4 explica, na sua linguagem, o que é “**tomar uma bocada**”.

“o que é tomá uma bocada? (...) bom...bocada é um ponto né é um local onde você vende a droga (...) ali é uma bocada é:::...quando a gente diz tomá uma bocada seria por exemplo...suponhamos vamo pô nomes fantasia assim é::: suponhamos que tenha um Eduardo na vida (...) tomaram a bocada dele pôs ele prá...a gente diz pôs prá andá né...tirô ele de lá da bocada e pôs ele prá corre de lá né

A: como?

E4: bom... geralmente é::: com revólver né” (E4 – 29 anos)

Percebo que, na fala anteriormente transcrita, o E4 não menciona a palavra morte. No entanto, em outro relato, o mesmo entrevistado refere que, muitas vezes, na apropriação de território, de “bocada”, existe o que eles chamam de “**guerra**” quando há até a violência extrema que é a morte. Ele ainda compara um ponto de venda de drogas, uma “bocada”, a um poço de petróleo; menciona a guerra do Kuwait. “Aonde dá dinheiro, é um local visado”. Eis os relatos:

“A: me diga uma coisa então nessa guerra tanto pode acontece vamo supor de um empregado depô o patrão porque vamos supor se a gente for analisá coisa assim de histó:::ria de política de nações de guerra de... é a mesma coisa

E4: é

A: né...o povo depõe o rei

E4: exatamente

A: corta a cabeça do rei ((riso))

E4: ((riso)) exatamente...é assim que funciona...é assim que funciona mesmo (...) exatamente (...) é igual a guerra do Kuwait lá que o pessoal queria aquela aquela partezinha onde tava cheio de petróleo tá a mesma coisa né...ali é on/é como se fosse um poço di um um/um um poço de petróleo né...é::: o petróleo dá dinheiro e o crack dá dinheiro...então local onde vende bem...é visado (...) é visado”

(E4 – 29 anos)

“é::: é as guerras né que surgem na na/no tráfico que...assim um um um local tem uma proporção di di di dá uma quantidade de dinheiro por mês por

exemplo uns trinta mil suponhamos --às vezes chega até mais-- por mês então é um é um local que é::: atrai né a:: a pessoa ali...tá em busca di ganhá dinheiro e vê que o local ali ganha vê que as pessoas que tão lá num tem::: é é::: como que se diz memo num tem como...guerriá com ele vamo se dizê assim ele sabe que ele tem mais poder que o cara em questão de armamento em questão de pessoas prá prá prá tá tomando aquele lugar ele vai tomá mesmo né...seriam:: quase que gri/grileiros né” (E4 – 29 anos)

Afirma BARBOSA (1998, p. 80) que “as guerras no Rio de Janeiro, entre quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas, são guerras territoriais. Seu objetivo é o domínio de um território. Neste sentido, reproduzem o modelo estatal da guerra – uma Geopolítica”. Essa situação também é evidenciada por ALVITO (2001), ao apontar que a guerra por território é característica do tráfico de drogas.

Entretanto, parece que essa característica do tráfico de drogas, observada no Rio de Janeiro, atualmente, não está ocorrendo de modo tão acentuado na cidade de Ribeirão Preto. Não estou querendo dizer com isso que, na cidade de Ribeirão Preto, não exista guerra por ponto de venda de drogas; ela existiu e ainda existe. Mas, segundo o ponto de vista de um dos entrevistados, “*não é costume do paulistano ((paulista)) tomar bocada, pois quem toma bocada na maioria das vezes morre, esse costume não é de encontro não é de cultura do paulista e nem do paulistano como ocorre no Rio de Janeiro então já não faz parte da cultura*” (E7 – 39 anos). Vários segmentos de entrevistas, apresentados anteriormente, evidenciam como pensam os participantes deste estudo.

A respeito dessa “guerra” pelas “bocadas”, afirma ainda o E7 que, na atualidade, “está proibido ter essas mortes” e que, hoje, a ordem é o diálogo. Situação essa que será percebida mais adiante, com a observação de que, entre os traficantes, criminosos e o PCC, houve um pacto de se acabar com os homicídios na cidade.

A outra percepção dos dados ora analisados é a de que é relativamente comum, no tráfico de drogas, situações nebulosas, até mesmo entre os criminosos. É necessário salientar que o entrevistado E4 já há algum tempo não se encontra inserido na criminalidade e está trabalhando de modo lícito. No entanto, na sua visão, traficantes da favela das Mangueiras invadiram o bairro Branca Sales e, desde então, quem domina o tráfico de drogas no Branca Sales seriam os traficantes da favela das Mangueiras. Já, no ponto de vista de E7, os fatos transcorreram de maneira um pouco

diversa. Jovens da favela das Mangueira teriam ido até o bairro Branca Sales para “espantar” uma pessoa que estaria abusando dos moradores locais. Na empolgação, eles escreveram na parede: FDM – favela das Mangueiras, ressaltando, em sua fala, que “pode ser que tenha passado pela cabeça de um ou outro jovem, é nosso”.

Não se sabe se houve ou não invasão. O fato é que existe mesmo, na parede ou nas paredes, a inscrição FDM. Situação semelhante é evidenciada por ALVITO, ao observar, em seus estudos em Acari, que muitos locais e as principais entradas da comunidade “*estavam todas marcadas com as iniciais ‘TC’*”¹. Menciona, inclusive, que, após a ocupação da favela pela Polícia Militar e também em Vigário Geral esta também demarcou o território “*próximo à principal boca-de-fumo*”, inscreveram ‘PM’. Segundo o pesquisador: “*Essa prática de pintar inscrições corresponde à colocação da bandeira após a tomada do território inimigo, configurando-se num desafio que põe em xeque a honra do grupo rival*” (ALVITO, 2001, p. 94).

Segundo os participantes, então existe a guerra por ponto de droga. No entanto, eles também mencionam que nem toda a violência, nem todas as mortes são por causa do tráfico. Existem as mortes, a violência por causa de **bairro**, o que eles chamam de “**guerra de gangue**”. Segundo o E2, “*é guerrinha de punk de rap*” de bairro. Na percepção do E2, o bairro, para o jovem: “**então:: eles acha que aquele:: aquele lugar prá eles alí é sagrado como outro do outro bairro também vão dizer que é sagrado**”. Seu relato exemplifica isso:

“essa guerra/essas guerra de gangue o que eles falam também a guerra de gangue Dra. mudando um pouco o assunto (...) não é sobre droga NÃO (...) não não é mentira...essa guerra vamos supor que existia Simioni com Avelino com Quintino² coisa e tal NÃO:: é é guerrinha de punk de rap é guerrinha de o:: o camarada é oito amigo então ele forma uma turminha o outro tem dez amigo é uma outra turminha então um não vai com a cara do outro é onde que acontecia aquelas guerra aquelas guerrinha boba não é tráfico não é droga não Dra. e os BOBO entraram nessa que eram droga que nem tem muitas mães da paz³ que eu vejo dá entrevista aí entrevista completamente errada ...se ela sabia que o filho dela tava naquele mundo de droga coisa e tal isso aquilo porque ela não procurou tirá?...é uma grande mentira esse negócio de mãe de paz também ...compreende? são as coisas que a mídia hoje

¹ TC: facção criminosa do Rio de Janeiro – Terceiro Comando.

² Simioni, Avelino e Quintino: bairros da cidade de Ribeirão Preto.

³ “Mães pela paz”: movimento existente na época, que relatava ter como objetivo acabar com a “guerra” entre grupos de jovens de bairros periféricos da cidade de Ribeirão Preto.

tão fazendo/então a guerrinha deles é essa Dra. ah:: oito dez doze uma turminha cada um tem uma turminha então um não vai com a cara do outro -- tudo bem -- (...)

A: então essa guerra de bairros não tem nada a ver com o tráfico?

E2: não:: não tem nada a ver co/é tudo mentira

A: uma coisa que eu não entendo eles brigam por causa de ponto

E2: é:: é ponto mais não é

A: por que que eles brigam por causa de ponto porque eu penso não sei se eu penso errado ponto tem em tudo quanto é lugar cada um que faz o seu ponto

E2: mais o ponto (...) então mais é aí que nós precisamos Dra. esclarecer até isso daí o negócio quando eles falam ponto naquela briga que eles tinham que eles falam ponto é o não era ponto de droga não é o PON::TO DE ENCON::TRO daquela turminha daquela gangue deles quer dizer a outra gangue não podia chegar ali vamo:: diversificar até um pouquinho as coisas vamo até pensar LÁ nos Estados Unidos...lá uma gangue ela manda numa rua ou num bairro uma gangue...como uma outra gangue manda em outro setor ou em outra rua quando aquelas gangue se encontravam que a gente cansou de ver isso então era “paulera” então os jovem daqui (...) é:: pegaram essa idéia também...esse que foi o grande problema a Sra. vê Dra.” (E2 – 60 anos)

“e eles fica aí..e aí é onde acontece esse negócio também de novo da::: das brigas né uma gangue aqui outra gangue ali começa uma guerrinha aqui outra guerrinha ali de repente tem hora que fica bairro contra bairro gangue contra gangue (...) tudo molecada pode vê a faxa etária” (E6 – 50 anos)

Esse participante ainda ressalta que: “hoje, dificilmente se vê um jovem sozinho num salão de baile com a namorada; eles estão sempre em turma”. Veja o seu relato:

“começô com esses negócio né de menor tudo de gangue bairro diferente Simioni contra Ipiranga Ipiranga contra Avelino [Vila Virgínia (...)] começa gera tudo em torno/tem esse negócio de tráfico né da/da molecada sê menor e salão de baile é uma birrinha de salão de baile da onde que é a turma? da a:::/essa juventude de hoje dificilmente a senhora vê um só num salão de baile sozinho com uma namoradinha num vai (...) num vai eles só vai em turma...é de dez doze prá riba (...) ôpa...num pode entrá armado? num pode entrá armado tudo bem...mais eles dão um jeito conseguem entrá...ou quando não fica dois três pro lado de fora com as armas...escondido e aí é desse jeito a hora que eles vê que é (ah da onde que é a turma?) a turma a turma é lá do Ipiranga aí vai pegá lá aí a turma do Ipiranga vai revidá aí de repente a hora que vê alastro que nem alastrô dessa vez né? (...)...mas é assim essa molecada de hoje é assim...” (E6 – 50 anos)

Prosseguindo em sua fala, o participante E6, inclusive, questiona: “não sei se é um tipo de auto-afirmação” do jovem. Verifica, ainda, que os jovens de bairros diferentes encontram-se em festas e, daí, surgem as brigas, a violência, a morte.

“a rapaziada de hoje eu não:: eu não/por exemplo assim eu não sei se é um tipo assim de auto-afirmação eles fazem essas turminha aí com uma turma de cá outra turma de lá um qué sê mais que o outro tipo assim né? por exemplo você passa aí nos bairros você vê escrito assim “Simioni não paga” eh:: aí vai no Ipiranga tá escrito lá “Aqui é o bicho” então cada bairro tem um slogan que eles usam tipo assim se um escreve um negócio de cá o outro escreve de lá também tipo uma resposta então fica essa rivalidade né? daí é onde que sai essas guerrinha aí sem pé sem cabeça um monte de morte aí”

(E6 – 50 anos)

Referem os entrevistados, nas últimas falas, o significado e o comportamento assumidos pelos jovens na atualidade: eles normalmente, “andam em turma”, trazem, também, a importância que o bairro tem para o jovem. Quando ele escreve seu *slogan* em uma parede, ao mesmo tempo em que delimita seu espaço, provoca a reação do jovem de outro bairro. Essas rivalidades, muitas vezes, ficam circunscritas a questões não atinentes ao tráfico de drogas; outras vezes, mascaram outros interesses, sendo o tráfico de drogas um deles, consoante exemplifica o relato a seguir:

“o que/o que ocorre é que aqui também:: a gente no começo () tem muita briga que às vezes começava por um baile mas no fundo o cara tinha interesse de brigar com aquela pessoa porque:: tinha uma bocada na esquina de baixo também ocorreu muito...no Ipiranga na periferia né? agora com o novo pensamento de diálogo de paz né? de procurar se acertar as coisas então isso tem diminuído...”

(E7 – 39 anos)

8.11 - A inveja-a traição-a arrogância- a ignorância-a falsidade -o poder

Outros motivos muito mencionados pelos entrevistados, como fatores geradores de violência, foram a **inveja** e a **traição**. Segundo o E5, “*se eu for um traficante safado, eu vou vender a tua alma; eu ligo prá polícia prá ela podê ti cata*

...é um adversário a menos”. Misturado a tudo isso, vem ainda, o **poder**. Os relatos a seguir ilustram isso:

“geralmente tem as pessoas também que a hora que vê que você tá ganhando dinheiro que você fez um ponto um comércio eles querem o que é seu então é aí onde surgem as divergências, entendeu?” (E1 – 31 anos)

“é aquele caso da inveja se a tua boca tá vendendo mais do que a minha...ou se eu for um vamo dizê assim um traficante safado eu vou vendê a tua alma...eu ligo prá polícia passo dados prá polícia como que é prá podê ti catá a polícia vai te cata e:: é um adversário qui:: num precisa mais” (E5 – 31 anos)

*“ muitas veiz é qui nem é na onde qui vem as apreensão a maioria das veiz é inveja pode vê que a polícia chega nos telefonema anônimo..(...) ó aqui tem tráfico...mas si alguém num falá prá eles na ondi qui é eles num vai...eles num pode enquadrá a cidade intera (...) entende? é através disso tudo
A: e tem também:: dentro do próprio tráfico tem as pessoas que fazem essas traições?
E3: te::m te::m (...) é na ondi qui vem as mo::rte as traição e tudo... mo::rre
A: e tem mesmo?
E3: tem mu::ita disso” (E3 – 27 anos)*

Os relatos anteriores sugerem que, muitas vezes, o motivo percebido pelos entrevistados como desencadeador de violência, incluindo mortes, não é a disputa por “bocada”, mas sim, a inveja e a traição; atributos do homem e não do tráfico. A inveja, ou o fato de não poder ver a “bocada” ao lado rendendo mais que a sua; a traição, representada pela denúncia à Polícia, ocasionando violência e morte.

Os entrevistados também apontaram a **arrogância e a ignorância** como motivos de violência. Segundo o E1, “a guerra não vem da droga, ela deriva da pessoa que está vendendo a droga, que é arrogante, é ignorante, e às vezes mata por banalidade. Depois, não sabe nem explicar porquê matou”. As falas a seguir exemplificam isso:

“por exemplo tem pessoas que ele...ele começa a vendê um bagulhinho um papelzinho na esquina então ele acha ele acha que ele é SUPERIOR ele acha que é MAIS do que o que tá comprando entendeu? então lhe falta humildade né “meu” ele já nasceu sem humildade a verdade é uma só(...)existem muitas pessoas arrogantes nesse mundo devido também à ignorância então o que que acontece? muitas coisas acontecem por/por banalidade muitas dessas guerras que aconteceu foi por banalidade por pessoas que não sabem falar o porquê (...)mas essas guerras não vem derivada a droga vem derivada a PESSOA entendeu? porque tem pessoas...elas NASCEM arrogante elas SÃO ARROGANTE então quando ela tem um poderzinho uma coisinha peQUENA mas ela se acha grande ISSO é que dificulta () porque aquela pessoa ali vai lá qualquer motivo de repente a pessoa a outra a outra bocada não tem NADA contra ela o outro cara que seja ladrão não tem nada contra ele mas ele fica ali...prá querê criá divergência prá querê criar briga entendeu? infelizmente Ribeirão tem muito disso esses menino que vem agora eles vieram sem comando sem estruturação cê entendeu? então onde que eles se perderam...”
(E1 – 31 anos)

“porque é a arrogância...arrogância tem uns que sobe pra mente também (...) tem uns que sobe prá mente (...) arrogância...tem uns que deixa subí prá mente também...começa a humilhá os o:::tro... num tem humildade num tem nada arruma um dinherim compra uma moto acabô...senhora num vê que tem muitos que morre aí no tráfico? é isso aí...começa já querê sê mais que os outros num tem/num pode tê desigualdade () inve:::ja essas coisa nesse meio...cê vê só tem inveja si ó/si tivé inveja subiu vai tê morte...tem qui sê:::/tem qui sê um pelo otro memo tem que todo mundo querê vê todo mundo bem...si um já querê sê mais que o outro é aonde que sai morte” (E3–27 anos)

Para o entrevistado E4, os jovens, estão fazendo o crime na base da **falsidade**:

“o:::lha acho qui eles tão fazendo o crime muito na na falsidade...sabe a/a/antes tinha uma certa cumplicidade as pessoas que tavam envolvida com o crime eh::: havia um certo respeito né as pessoa se respeitavam (...) agora hoje em dia não hoje em dia tá muito na falsidade sabe o cara tá te sorrindo prá você agora cê virou as costas tá te enfiando bala tá te matando e:::...eu sei lá eu acho que essa juventude agora tá mu:::ito...tá perdida viu vamos se dizê assim tá bem perdida...até em questão de criminalidade mesmo...eles num tem uma mente...firme prá/prá pra podê tá no crime” (E4 – 29 anos)

Na opinião do entrevistado E1, são situações naturais ao ser humano e, no mundo do tráfico, não é diferente.

“muitas vezes acontece é natural do ser humano...querê tê mais do que pode querê se mais do ele realmente é o egoísmo é natural da gente...e no mundo do tráfico não é diferente não” (E1 – 31 anos)

Compartilhando tais concepções, aponta BARBOSA (1998, p. 143) que o “‘olho grande’, é apontado como o motivo principal das guerras entre quadrilhas ligadas ao tráfico, na cidade do Rio de Janeiro. O ‘olho que cresce’ – desejo de poder, desejo de expandir os ‘negócios’”.

Relatam os entrevistados que, além da inveja, do “olho grande”, o **poder** e o acesso aos **bens de consumo**, sobrepujam o comércio ilícito da droga e acabam gerando violência.

“porque hoje compreende? o traficante esses menino / o que eu considero eles como bobo a primeira coisa quando eles tão começando a ganhá dinheiro eles querem por ou-ro no pescoço ou-ro no pulso e andá de carro do a::no mostrando que tá dando dinheiro então:: cresce os olhos¹ (...)os jovens começaram a entrar foi AONDE compreende que os velhos começaram a sair e esses jovens que eu denomino eles como “cabeça de bagres” porque num:: num souberam é se sentiram com o poder de ter um pouco de dinheiro no bolso podê comprá uma moto comprá um carro coisa e tal então:: a vida do próximo não tá valendo mais nada --não era aquelas CABEÇA que pensava como pensavam antigamente...que cada um podia tê o que bem entendesse sem tê morte mais hoje infelizmente com essa meninada que nós temo hoje compreende? e a nossa Justiça que não sabe trabalhá em cima dela só sabe falá em segurança e uma segurança que não existe é onde que cada vez mais nós tamo sendo prejudicados...(...) compreende? foi a coisa pior que aconteceu...no nosso país hoje no Brasil o:: o tal do tráfico Dra....o tal do tráfico...pegou pegou pessoas compreende? que querem o poder...pegaram uns cabeças de bagre...que se sentiram...e hoje o tráfico é uma porcaria” (E2 – 60 anos)

“mais jo::vem podi vê qui pode vê qui às vezes um cara que faz isso que tem essa mente desse jeito aí num tem uma mente aBER::ta de solidariedade de ajudá ninguém nada às veiz o interesse dele é assim ó tem uns cara que põe na mente o seguinte "vixi eu vô comprá uma BMW uma mansão e acabô" ele num qué sabê se ele vai tê que matá e:::u a senho:::ra mais gente...eles faz isso...faz isso...” ((E3 – 27 anos)

¹ Crescer o olho: desejar algo por inveja ou ambição.

Menciona o participante E5, o caso de um jovem que, embora traficante, foi assassinado por outro motivo que não o tráfico:

“esse foi o caso que ele entrou por aventura gostou...mas ele deixou o poder tomá conta da mente dele ele num soube controlá ele deixou aquilo influenciá a num nível que ele se julgava um::: super-homem peito de aço à prova de bala tudo...tanto que::: ele morre:::u...e/a como que eu poderia dizê ele num tinha envolvimento...com o rapaz que matou ele...simplesmente a briga o problema num era com ele mas ele achou que ele poderia í lá e falá po cara “cê num vai fazê nada com ninguém”...o cara olhou na cara dele falou “pôxa eu te conheci você não era assim agora ce acha que é o dono de tudo” simplesmente teve esse choque o rapaz ra/sacou de uma arma deu um tiro no peito dele...foi o que eu fiquei sabendo o problema não era com ele...mas ele achou que só porque ele tava fazendo aquele movimento ((tráfico de drogas)) ele achou que é poderia mandá em tudo e em todos e quebrou a cara...morreu...né” (E5 – 31 anos)

8.12 - Na opinião do E2, hoje, a primeira coisa que a pessoa que vai mexer com droga faz é **ter, ao lado, pessoas dispostas**: *“se ele tiver ameaçado ele prefere matar primeiro”*.

“ uma pessoa com mais de dezoito anos (...)se escondia começou a pô...a:::uns adolescentes (...)aí esse moleque começou a conhecê arma cabecinha de bagre de tudo que ah a outra pessoa também jovem não incutia nele...outra coisa a não ser ((como se fosse a outra pessoa falando)) “ah qualquer negócio mete bala”...eles punha aquilo na cabeça e agradecendo a nossa querida mídia hoje...a televisão o:: o:: aquele outro jogo (...) o vídeo game...essa molecada vendo tudo aquilo partiram prá isso --Dra. no Brasil não existe GANGUE mais hoje existe TURMA...gangue esses menino aprenderam assistindo televisão e no vídeo game...foi aonde que hoje o:: o comércio ilícito de entorpecente virou essa coisa feia que:: nois tamo nela Dra ...por causa dessa lei do crime hediondo...acabou...acabou...acabou-se a amizade...porque em primeiro lugar quando o traficante ou a pessoa que vai mexer com a droga a primeira coisa que ele tem que tê do lado é três quatro moleque sangue/sangue bom...ou sangue ruim...sangue bom e sangue ruim a Sra. entendeu né? pessoa disposta...se ele tiver ameaçado ele prefere matar primeiro...” (E2 – 60 anos)

Observa o entrevistado E5 que **antigamente**, para o traficante matar, ele tinha que ter certeza do que estava cometendo. Hoje, não. Ainda diz que o “antigo quer viver; para o jovem, tanto faz”. Os relatos a seguir ilustram isso:

“mas os antigo eles num são que nem os moleque de hoje em dia prá matá eles tem que tê a certeza e quando eles tem a certeza eles mata e ninguém sabe...agora os moleque não os moleque é tipo assim "pô aquele cara mostrou a língua prá você" "ah é? pum" (...) hoje:: se se tem um problema a pessoa simplesmente põe uma arma na cintura vai lá i i:: como se diz mata primeiro e depois pergunta o por quê” (E5 – 31 anos)

“ele qué vivê ((adulto)) já o outro ((jovem)) não -- prá ele tanto faz eles têm aquela aquela mania de dizer assim "é eu vô morrê memo um dia então tanto faz se fô agora ou se num fô” ” (E5 – 31 anos)

“então o jovem já num pensa nisso...ele já qué matá e matá e matá se eles pudé vivê prá eles eles pensa assim “ah eu num vou vivê muito tempo memo então por mim se eu matá se eu morrê tanto faz” eles banaliza a vida mas quando tá na frente da arma eu já vi muitos pedí até pelo amor de Deus” (E5 – 31 anos)

“sabe é meio estranho até é:::: eles tem uma mentalidade que prá mim é eu digo assim é uma mentalida::de pequena...porque eles num tão nem aí com a vida dos outros muito menos com a deles...então eles e/a o que eles pensam é assim “ah prá mim tanto faz matá ou morrê”” (E4 – 29 anos)

Percebo que esses relatos denunciam a situação de absoluta ausência de perspectiva, vivida pelos jovens, a ponto de a vida não ter valor para eles. A baixa expectativa de vida, muita violência e a agressividade exacerbada também foram apontadas por CRUZ NETO *et al.* (2001) em seus estudos frente à realidade sem perspectivas com a qual se depara o jovem . Na opinião do E2, o jovem não está nem aí com nada. O trecho final da transcrição de sua fala está em negrito, para destacar a percepção do traficante antigo em relação ao jovem.

“os jovens compreende? que eu fico até chateado quando eu falo no na nossa juventude hoje que não tá tendo futuro a Sra. vê eu tô no sessenta anos e essa meninada que hoje entra no tráfico não tá passando do vinte Dra. nós tamo acabando com a nossa juventude por causa dessa política PEQUENA que existe para os jovens que não existe nada que eles possam fazer / em noventa

*e três quando essa meninada que começa/que tão no tráfico ou que começaram no tráfico não tiveram o que eles queriam ter não tem um trabalho não tem um lazer não tem uma educação não tem nada então é aonde que eles parte praquela lado errado prá eles tê dinheiro mesmo eles não tão nem aí...então de uma maneira ou de outra eles querem dominá eles querem fazer e acontecer e a meninada de hoje tem a cabeça completamente diferente da cabeça de uma pessoa mais idosa eles não pensam **hoje eu vejo entrevista de menino de doze anos que diz que a vida prá ele não é nada -- ele nem começou a vivê ainda e já fala que a vida prá ele não é nada - - é uma piada...isso prá mim é uma piada ele tá nascendo hoje doze anos de idade dizer “não tô nem aí eu mato memo porque eu posso morrer mais vou morrer como homem” que homem? que um menino de doze anos é? num é ainda”***
(E2 – 60 anos)

8.13 - A Mídia

Menciona ainda o participante E2 que, hoje, o jovem se insere num contexto de ausência de perspectivas, **a perspectiva do jovem é violência**. Na opinião desse entrevistado, os meios de comunicação trazem violência. Ele diz: “o jovem hoje senta numa poltrona ele só vê violência então a perspectiva deles é violência”. Veja o seu relato:

*“e:...e eles¹ fizeram modos “operandis” às vezes no:: na comercialização da droga completamente diferente mas eles fizeram completamente diferente porque hoje a divulgação é muito grande a Sra.: assiste uma televisão a sra. vê certas coisas a Sra. senta num computador vê certas coisas a Sra. viaja pela Internet vê muitas coisas então os jovens hoje hoje eles se autopredominam quer dizer eu sou um otário prá muitos meninos(...) e os menino de hoje com essa violência que não é a droga que trouxe a violência é a violência que existe no meio de comunicação (...)é por causa da divulgação dos meios de comunicação hoje que infelizmente (...)só trouxe violência ela não trouxe NADA compreende? que ajudasse prá ajudá em algo não eles trouxe sim tudo prá piorá é como eu:: eu:: eu tô querendo em poucas palavras dizer a TV Cultura há pouco tempo atrás era só programa de escola ou de outras coisas hoje já tem sexo a Cultura (...) a TV Cultura...é uma coisa impressionante a própria TV Cultura hoje tem sexo e ela não é prá isso (...) Dra. a Sra vê o:::...há tempos atrás há tempos atrás não existia morte
A: por que que agora existe?”*

¹ Os jovens.

E2: mais é o tal negócio é a divulgação da própria::...os meios de comunicação -- porque o jovem hoje senta numa poltrona ele só vê violÊNCIA Dra....então a perspectiva de vida deles é VIOLÊNCIA...ele não vai vê outra coisa a não ser violência” (E2 – 60 anos)

Percebo que, para alguns entrevistados, traficantes mais antigos, a divulgação dos meios de comunicação trouxe uma nova dimensão para o tráfico de drogas em face do jovem que absorve certas práticas veiculadas pela mídia, inclusive com mensagens paradoxais. Na percepção do participante E5, a própria mídia é ambígua e o jovem sofre essa influência. A fala a seguir exemplifica isso:

“eu até assisti eu acho que a semana passada sexta feira no globo rePÓRter falando a respeito du:: du:: da adolescência que é a FASE a pior fase da gente que é uma fase que a gente:: pe/pega uma CRÍSE di:::.....di personalidade você num sabe o qui você qué:: você num sabe o qui você é::: você num sabe o que você deSE:::ja então geralmente o jovem ele qué muita coisa mas ele num qué passá por aquilo então si:: o estado né as autoridades vê isso eles enxergam de outra forma (...) a senhora mesmo vê a senhora conhece meninas novas qui tão perdendo virginda::de tão sendo:: mães nova porque? porque muita das vez você liga aí uma televisão lá na Malhaã::o você vê a própria o próprio pessoal estimulando...as menina a parti prá esse lado depois você liga mais tarde no Jornal Nacional você vê uma pesquisa lá que eles tão criticando que a:: adolescência tá perdendo muito novo a sua mocidade tão sendo mais é::: pai de famí::lia sem experiência acaba deixando até os próprios filhos po:: pros pais cuidá::: então qué dizê a gente vê que tá sendo muito banalizado isso daí” (E5 – 31 anos)

As falas dos participantes também trazem uma crítica ao Governo, pois, na opinião do entrevistado E5, transcrita no relato acima, do mesmo modo que o jovem está assistindo ao programa veiculado na televisão, as autoridades representativas do Estado também estão, mas parece que enxergam de outra forma. A narrativa contundente do E2 também ilustra isso:

“depois de todas essas invenções novas éh:: essa globalização esses vídeo ga::me essa televisão IMUNDA que hoje existe compreende? tudo leva a por na cabeça dessa meninada que hoje estão Dra. a fazer o que eles estão fazendo...a própria culpa disso parte das altas esferas federal (o qual) acaba complicando aqui com nossos Juízes e Promotores que infelizmente não vão

enxergar a realidade NUA E CRUA DA VIDA porque/é a realidade nua e crua da vida compreende? se ELES entrassem dentro eles iam ver que o jovem eles são obrigados a fazerem isso é onde que principalmente as pessoas da antiga ou uma pessoa que tem uma cabeça um pouquinho mais num ENtra mais porque hoje viro:: uma coisa...muito feia ...” (E2 – 60 anos)

Nas experiências vividas pelo E5, a violência estampada em filmes e na televisão representou para ele um fator de identificação pessoal. Nas suas palavras, “aquilo mexia muito comigo; eu queria ser como aqueles moleques”. Veja os seus relatos:

“eu mesmo eu::: fui um jovem que eu gostava muito de assisti filme americano...principalmente desses rappers e gangs dos Estados Unidos...Ice Tea Vanilla Ice que eram pessoas qui::: mostravam um tipo dum dum dum caráter do moleque vendendo droga cum a arma na cintura catava uma menina ali já levava praden/da casa dele já mantinha relação com ela i::: depois ele fazia as obrigações dele com a gaNGUE::: depois entrava-se dentro do carro ia lá e dava tiro nos otro...então aquilo manipuLava(...) na verdade ô ditora na época eu:: eu via aqueles filme então aquilo mexia muito comigo eu queria sê que nem aqueles moleque que a gente se identificava muito...hum:: eu tinha uma certa idade dezenove vinte ano eu via aquele moleque daquele filme também tê aquela idade poxa se eles pude/podiam fazê aquilo eu também posso...então eu acho que aconteceu muito na criminalidade da década de noventa ficá muito banalizado...qué dizê se perdeu-se totalmente o curso” (E5 – 31 anos)

“um fator que foi preponderante foi a mídia né há anos atrás eu estava preso quando::: houve-se uma notícia que Ribeirão era considerada como a Califórnia Brasileira então incentivou MUITAS pessoas a vim prá essa cidade com o sonho de vencê e ganhá a vida...é tem os pais da mãe da minha filha que são nordestinos e vieram com esse sonho também só que num ponto a mídia através de filmes e até telejornais e/e algumas telenovelas influenciaram muito a galera muito...porque antigamente cê assistia um desenho e/e a pessoa a criança saia fora de casa prá rua e::: aquele desenho aquele filme que ela assistiu era o ídolo dela então ela queria ser que nem a gente vê muito aí esses filme americano contando sobre gangues então:: por mais que eles aleguem que o rap às vezes é::: demonstra a cara da favela mas muitas das vezes leva uma certa demagogia...né ele:: como se diz ele:: influencia por exemplo a/o garoto ouve um rap no CD ele vê na contracapa e na capa o cantor com uma arma na mão um carrão bonito umas roupa que:: como se diz pôxa eu sou humano é uma mulher bonita sensual ali ((ele)) vê ele...ali naquela fisionomia e o Estado ele:: também tem uma certa parcela de culpa por que ele fecha os olhos prá essa realidade” (E5 – 31 anos)

Nas palavras do psicanalista OSÓRIO (1999, p. 531-532):

“O protótipo de indivíduo que a sociedade de hoje oferece ao jovem como modelo de identificação é o do caráter frio, racional, egocêntrico, não afetivo, voltado para o culto do transitório ou efêmero e para a busca obsessiva do ‘status’ material, utilizando-se de fontes de prazer evasivas e alienantes, evitando fragilizar-se em relações afetivas que visem tão somente privilegiar o convívio.

A ética que o mundo moderno transmite aos jovens não é uma ética de reflexão alicerçada na responsabilidade e sim na ação inspirada no oportunismo, onde meios e fins estão confundidos e onde a violência encontra seu hábitat ideal. Os jovens aprendem a não sacrificar o prazer de hoje pela segurança de amanhã, pois esta carece de fundamentação num mundo no qual o futuro deixou de ser previsível e quiçá até mesmo de se fazer possível; igualmente apreendem que a violência é a única forma de nivelar privilégios. (...) somam-se os estímulos propiciatórios a incentivar a violência juvenil oferecidos pelo perfil indutor a violências da sociedade contemporânea.”

Na percepção do entrevistado E2, o jovem não está tendo espaço para seu desenvolvimento, então “ele entra naquele mundo que ele está vendo na televisão”. A fala a seguir exemplifica isso:

“eh.: essas covardia que existe hoje Dra. a Sra vê hoje um menino aí tá começando não sabe nem o que é a vida mas que infelizmente que infelizmente a sociedade faz ele se tornar o que ele é compreende? ele /cinco real prá ele é uma dívida de vida...é o que não dá prá entendê então essas crianças eles tinham muito que aprender mas eles não aprendem por que? porque eles:: não tem eles não tem meio não tem espaço eles não tem condições de aprender o que é a vida eles entra naquele mundo que eles tão vendo pela televisão” (E2 – 60 anos)

No tema as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver no tráfico de drogas ao indagar para o E7 sobre a sedução que o tráfico exerce sobre o jovem, ele menciona que a própria sociedade valoriza o tráfico de

drogas através dos meios de comunicação. Ele diz: “*devido a ênfase que vocês mencionam ao tráfico né? é o traficante que vê um traficante é notícia uma semana inteira né? um:: cientista num é...né?*”. Refere-se o entrevistado à pessoa de “Fernandinho Beira-Mar” que, à época em que a entrevista foi realizada, foi notícia durante a semana inteira, nos meios de comunicação, inclusive capa da revista *Veja*. Parece, também, que o participante faz uma alusão aos meios de comunicação, à imprensa de modo geral, que ajuda a criar e a construir determinada realidade, quando deveria apenas descrevê-la.

8.14 - O tráfico e a comunidade

A seguir, trarei algumas observações a respeito do tema - o tráfico de drogas e a comunidade. No entanto, insta frisar que, como não entrevistei moradores, pois não faziam parte dos objetivos propostos no estudo, nas relações entre o tráfico e a comunidade, a perspectiva é a do traficante e não, a do morador.

Segundo o ponto de vista do entrevistado E2, **antigamente, a comunidade gostava do traficante, hoje tolera, porque o tráfico está levando morte para a comunidade**. Observa, ainda, que “para se fazer uma coisa errada, não precisa tirar uma vida. **Já estão fazendo a coisa errada continua só naquilo**”. Para ele, hoje, o tráfico ficou uma vergonha, mas não por causa do tráfico, “por causa das pessoas que estão dominando”. O jovem “cresce um pouco e acha que é com ele mesmo”. A seguir, o seu relato:

“ hoje em dia infelizmente está tudo ao contrário (...)então:: hoje não precisa se tirar uma VIDA compreende? prá fazer uma coisa errada...já tão fazendo a coisa errada...continua só naquilo...então em primeiro lugar acabou-se o respeito acabou-se a amizade e acabou-se TUDO então hoje é cobra engolindo cobra eles começam hoje e crescem um pouquinho e já acham que é com eles mesmo...infelizmente é onde que tá acontecendo todas essas barbárie...porque não existe mais o(...) o problema da comunidade que o:: antigamente uma comunidade gostava do traficante hoje a comunidade não é que ela gosta do traficante ela TOLERA o traficante porque o traficante tá levando pá dentro da comunidade mortes sangue e coisas erradas...é aquela barbárie de querer ter o poder”
(E2 – 60 anos)

O entrevistado diz que, hoje, o traficante está levando para dentro da comunidade, mortes, sangue e coisas erradas. Então, pergunto-lhe quais são essas coisas erradas. Eis a sua explicação:

“ tudo coisa errada Dra. tudo coisa errada --na suposição a primeira...leva a morte a segunda eles acham que eles podem fazer o que bem entendem --a comunidade tem que aceitá...então são coisas errada porque:: uma comunidade ela não pode ela não pode tê o respeito pela violência...ela tem que tê o respeito pá quem vai praticá a coisa errada compreende? por:: por ações...e hoje ações não existe mais --ações do bem -- eu acho que a Sra. entende o que eu quero dizer porque qualquer traficante...o traficante --o o esperto ele leva a comunidade para si que a comunidade fica carente precisando daquela pessoa e hoje tá completamente diferente a comunidade tá se afastANDO...ela ela prefere num::...num ficá perto e não olhá nada e não ver nada então é onde que uma comunidade sofre por causa disso”

(E2 – 60 anos)

Prosseguindo, o E2 aponta que “o traficante antigo se preocupava com a comunidade onde ele morava”.

“olha...Dra.se a gente for considerar o tráfico de:: de quarenta ano atrás trinta até vinte ano atrás - - não vamos por tudo isso não – vamos por até dez anos atrás o tráfico era completamente diferente...o tráfico assim no modo de dizer que é uma coisa contra a lei mas o tráfico trazia muito...muita coisa boa...ou prás pessoas que viviam ao lado - - como eu já disse antes - - eles falam só do tráfico da periferia mas o tráfico de periferia ela:: ela se sentia:: PROTEGIDA ela se sentia protegida em TUDO e em TODOS porque os traficantes antigo eles se preocupavam com a comunidade onde eles moravam...qualquer um deles eles não mediam esforços se eles matassem uma vaca eles davam carne práquelas pessoas carente se matassem um porco eles davam um pedaço de carne prás pessoas carente o que tinh/o que o traficante antigo tinha ele gostava sempre de dividi...não é como hoje né? hoje tá completamente diferente então quando eu falo do tráfico antigo (...) porque no tráfico de antigamente não existIA muitas covardia como não teve covardia”

(E2 – 60 anos)

Não são poucos os casos narrados pelos entrevistados, mencionando essas relações de solidariedade entre o traficante e a comunidade. O relato a seguir exemplifica isso:

“teve uma época em oitenta e nove noventa que teve uns vizinhos do meu pai ((também traficante)) que passô uma situação muito difícil na vida... e::: -- nesse ponto eu sempre admirei meu pai-- ele foi lá e ajudô ele num cobrô nada num exigiu nada de vol::ta... simplesmente foi lá e ajudô durante todo o tempo que aquela/aquele pessoal passô em dificuldade me pai deu uma estrutu::ra nunca exigiu que eles fizessem NAda por ele mas simplesmente foi lá e fez algo de bom vamo dizê assim entre aspas mas fez algo de bom i::: no futuro após eles pagaram essa dívida com ele como se diz ajudando ele no que podia... eles que::: gostam dele até hoje consideram ele como ami::go admiram ele como personalida::de então a gente vê que muita das vezes o tráfico ele é protegido pela sociedade da periferia porque o traficante ele sabe como::: num vô dizê manipulá mas como ele:: se aproximá por exemplo tem um molequim que tá jogando bola na rua ele vai dá um presen::te vai vê um:: pessoal ali que tá passando dificuldade cum:: alguma coisa ele já vai levá uma cesta básica uma ajuda de custo/aqui na Favela das Mangueira mesmo quando era o antigo do::no o cara chegô a fazê até uma quadra de futebol prá galera lá e todo final de semana ele distribuía:: alimento”

(E5 – 31 anos)

Observa LEEDS (1998, p. 242) que: *“a natureza da interação dos traficantes e a comunidade é determinada pela personalidade, o estilo de liderança e a filosofia pessoal do chefe do tráfico”* e varia de local para local. Aponta as *“características de um ‘bom dono’: mostrar preocupação com bem-estar básico dos moradores, evitar a violência gratuita e desencorajar o uso de drogas entre os jovens.”*

O participante E5 ao traçar um paralelo entre antigamente e hoje, menciona a figura de um traficante antigo: *“ele era um bandido mas era um bandido considerado respeitado todo mundo gostava dele”*. Hoje, já não é mais assim; nem todos usam de bom senso no tráfico:

“agora geralmente é o:: o traficante aquele que é da periferia ele vem duma camada social humilde então ele vê uma pessoa ali em dificulDAde ele vai procurá ajudá...eu mesmo conheci pessoas qui:: o pai era bêbado a mãe infelizmente tinha que se vendê o::: rapaz virô traficante i:: quando ele via outro moleque naquela situação que ele passô ele estendia a mão... o xxxxxx ((nome de outro traficante)) que eu gosto muito DEle (...) ele foi prá vida do tráfico só que ele foi uma pessoa que ajudô mu::ito ali ajudô muitos bairros por isso que ele foi bastante conhecido porque foi numa época qui o::: ele era um bandido mas era um bandido considerado respeita::do todo mundo gostava de::le o trabalhadô podia saí de casa prá trabalhá que ninguém ia mexê com a filha de::le ninguém ia entrá na casa dele prá robá as coisas de::le porque por mais que o outro ali era traficante mas ele:: punha um certo respeito ali no bairro...era assim antigamente -- hoje não hoje o pessoal

ganha dinheiro mas eles é assim eles olha prá tua filha é LINda “ah::: tenho que sê o primero na vida dela...aí depois eu faço apronto i::: caio fora” olha na tua (vida) vê teu filho “nossa tá ali aquele pivete ali eu posso::: pegá aquela::: aquela televisão grande aquele so:::m aquilo aquele outro” então tem esse problema...infelizmente tem...tem uns que a::: às vezes agem de bom senso trafica mas é::: respeita a:::/os outros agora já outros não outros já qué tudo aqueles famoso::: é::: como que a gente fala é::: os zóio de lula tem os zóio maior do que a cara” (E5 – 31 anos)

Percebi que a ineficiência ou insuficiência, por parte do Estado, acaba contribuindo para o fortalecimento das relações entre o tráfico de drogas e a comunidade. Segundo o E3, a comunidade tem o apoio da malandragem e não o do Governo. Ele pergunta: “*seu eu ajudo a senhora a senhora num vai gostá de mim?*” Ele ainda diz: “*porque é o seguinte eles têm o apoio da malandragem num tem do governo num tem dos governante do município nem nada vai se apegá em quem?*”
Veja o relato dele:

“ é dia de natal é presente prá s crian:::ça cesta bá:::sica...é isso memo...tem os menino que a gente gosta duma família conhecida “vem cá ô senhora então vai lá compra::: tudo isso aqui de roupa aí pros/pras criança aí ()” i::: a mãe memo o pai ou o parente fala “cê viu qui qui o fulano fez?” põe a gente igual um rei né? nunca ganhou isso é na onde qui vem o incentivo...agora se eu ajudo a senhora a senhora num vai gostá de mim? a tendência é sempre tá perto de mim até me protegê porque eu ajudo a senhora...é assim é comunidade é::: solidariedade e::: porque é o seguinte eles têm o apoio da malandragem num tem do governo num tem dos governante do município nem nada vai se apegá em quem?” (E3 – 27 anos)

No prefácio do trabalho de CRUZ NETO *et al.*(2001, p. 18), MINAYO afirma que, na periferia e nos morros cariocas, as opiniões a respeito da atuação do Estado em geral e, sobretudo, da Polícia são totalmente negativas. Muitos traficantes são vistos pelos moradores, em suas áreas de influência, “*como benfeitores que têm recursos e são generosos no atendimento pontual e pessoal das necessidades básicas da população. As mesmas necessidades ante as quais a atuação do Estado é ineficiente ou insuficiente*”. Como afirma LEEDS (1998, p. 38), “*as instituições alternativas criadas pelos traficantes vieram preencher uma lacuna que sempre existiu*”.

Na opinião do E5, na ausência do Estado, o tráfico assume, e muitas vezes, em questões de segurança e violência. A fala a seguir ilustra isso:

“o traficante ele acaba assumindo o paPEL do estado...ele oferece moradi::a ele oferece recursos de sobrevivê::cia para pessoa podê se mantê:: ele oferece::: vamo dizê assim (...) ele acaba assumino o papel do estado porque o estado ele tá falhando ne/ne nessa parte né (...)porque o estado onde (...)jele tem que oferecê segurança o traficante acaba oferecendo num sentido assim é:: vamo dizê que o muleque apanhô na escola de outros companheiro...aí o qui qui acontece? o traficante num vai gostá...”ó vão fazê o siguínte? vamo lá e vamo arreventá com esses cara...só que é o seguín::te cê vai ficá me devendo esse favor” o muleque olha num desejo de vingança ele num vai sabê na onde ele tá entrando...pelo menos na hora ali (...) ele qué se vingá então é na onde que acontece geralmente esse negócio o traficante ele acaba assumindo o papel de orientador ele oferece tudo” (E5 –31 anos)

Outra situação, mencionada neste estudo, e também encontrada na revisão da literatura, que acaba favorecendo essas redes é o modo como a Polícia age. Exemplo disso, encontramos no relato a seguir:

“então Dra. o:: o traficante (...) o xxxxx ((nome de um traficante)) compreende? ele é traficante? é/ mais pergunta prá qualqué família “nossa o xxx ((nome do traficante acima referido)) o xxx nossa que pessoa bacana”...pás famílias ((querendo dizer pessoas que não estão envolvidas na criminalidade)) e a polícia? ((como se alguém estivesse perguntando para a família e a pessoa responde)) “ah pelo amor de Deus não me fala em polícia não...aceitam/ (...) muitas famílias e não são poucas (...)aceitam o nome de xxx ((nome do traficante ora mencionado)) ou às vezes aquele trabalhador que trabalha que trabalha sol a sol na roça ou de servente de pedreiro ACEITA a palavra xxx e não aceita a palavra polícia Dra. ... compreende? esses que:: que são umas coisa engraçada na vida da gente Dra. são coisas engraçada” (E2 – 60 anos)

Na sua obra, “As cores de Acari”, Marcos Alvito, após relatar episódios envolvendo as práticas policiais, verifica que: “ os moradores de Acari costumam ver na polícia, e não no tráfico, a ‘fonte primitiva’ da violência”. (ALVITO, 2001, p. 98). Ressalta que, segundo a perspectiva do morador, segundo a “lógica da honra” dos membros da comunidade de Acari, a prática policial não é rejeitada por sua violência ou pela transgressão aos direitos humanos em geral, mas, sim, pela falta de

respeito à hierarquia local, ou seja: *“por vexar os chefes de família diante de seus amigos e parentes (...), simbolizada pela cena recorrente do ‘tapa na cara’”*. O pesquisador ainda aponta que, nessas relações entre a criminalidade e a Polícia, *“ficava patente quando alguns moradores diziam preferir que os traficantes, e não os policiais, mandassem na favela, pois os primeiros os respeitavam mais”* (ALVITO, 2001, p. 100-101).

O autor ainda frisa que não se deve, com isso, inferir que essa seria uma tomada de posição definitiva, uma adesão à “causa” do tráfico de drogas contra a Polícia. Citando lapidar frase de Caio Ferraz, que não se presta somente ao Rio de Janeiro, refere que: *“Os dois lados exercem pressão, mas a ausência de confiança no Estado é tanta, e razões para isso não faltam, que o bandido, em vez de amedrontar, protege; a polícia, ao invés de proteger, amedronta”*. (FERRAZ, apud ALVITO, 2001, p. 102).

Continuando a citar ALVITO (2001, p. 72-73), percebe o autor que, no tráfico de drogas: *“o uso da violência, pura e simplesmente, não basta. Logo, as relações pessoais tornam-se o ponto de partida tanto do recrutamento quanto do funcionamento da atividade”*. E essas relações entre os traficantes e a comunidade: amizade, vizinhança, compadrio, solidariedade, vão se entrecruzando tanto que se torna *“extremamente espinhosa a questão de perceber até onde vão a amizade e a vizinhança e onde começa o medo ou o interesse”*. Isso nos remete à seguinte questão: **as benesses distribuídas pelos traficantes seriam, realmente, práticas assistencialistas demagógicas como muitos mencionam?** Eu pergunto ao E5 se o traficante ajuda a comunidade por interesse ou solidariedade. Eis o que ele responde:

“ tem traficante que leva cesta básica na casa de alguém ...e dá porque ele já passô por aquilo ele sabe o quanto que é ruim...agora tem outros que já levam no sentido de comprá a alma e os favores daquela pessoa (...) antigamente num tinha essa maldade né dotora eu creio que::: pelo menos na década de oitenta quando eu:: eu eu eu tinha lá meus do::ze treze ano de idade eu ia num:: num num traficante pedí dinheiro eu pedia até mesmo prá xxxxxxx ((refere-se a um traficante)) eu pedia prá ele um pacotim de bala doce ele me dava ele nunca teve interesse” (E5 – 31 anos)

“ó dotora com toda sinceridade (...) tem interesse...quer queira quer não tem ele qué ajudá mas na realidade:: ele tá interessado porque ele sabe que ele

ajudando a pessoa nunca vai prejudicá ele né...se precisá dele fugí da polícia pulando o muro::: o pessoal vai falá “não esconde aqui dentro da minha casa” né então tem::: essa troca de favor então na verdade tem::: infelizmente tem -- por mais que ele fala que não tem -- por exemplo o PCC vamo dizê por eles...eles são assim agora se eles chega ni você e pede um favor se você num qué fazê prá eles tudo bem eles num vai ti forçá a nada...só que si UM dia cê precisá deles aí va sê diferente é esse que é o problema então eles são assim se você num pode fazê favor prá um se num pode fazê favor prá ninguém que se você fizê pro outro e eles ficá sabendo aí vai sê ruim...então é na onde que hoje em dia já tem esse interesse mais assim::: mais abe::rto mais AM::plo antigamente o pessoal eles faziam assim por debaixo do pano né o::: pai de família ia lá pegava a cesta básica e chegava em casa “olha o fulano que me deu/ nossa aquele cara lá ó faz de tudo prá ajudá a gente nossa pena que é traficante né mas se dependê de mim eu nunca vô prejudica ele” e o cara sabia disso daí -- agora hoje não hoje...infelizmente tem uma certa/é desmoralização nesse meio ((suspiro)) algum pessoal hoje já num::: pensa mais desse lado eles acha assim “que se ferre o trabalhador ele é obrigado a guardá minha droga den/da casa dele senão eu mexo com a filha dele pego as coisa dele senão ele vai tê que í embora e deixá a casa prá mim...e se ele me caguetá eu mato ele”...é assim que alguns pensa hoje em dia num tem mais aquele problema de nã::o pode ficá em paz você não me prejudicando eu num tenho nada contra você...hoje não hoje mudô muito isso aí” (E5 – 31 anos)

Neste tema, relacionado às benesses distribuídas pelos traficantes, e que, para muitos, constituem-se em práticas assistencialistas demagógicas, gostaria de trazer algumas ponderações e reflexões. Alguns estudiosos do tema dizem que as benesses distribuídas pelos traficantes, na verdade, são práticas assistencialistas demagógicas.

Explorando a questão da reciprocidade, envolvendo as relações entre o tráfico de drogas e os moradores de Acari, observa ALVITO (1996, p. 158) que: *“tampouco as benesses distribuídas pelos chefes do tráfico devem ser vistas como práticas assistencialistas; na verdade, representam uma obrigação de ‘gastar dinheiro’ por parte dos chefes em termos de ‘política da reputação’”*.

Eu indago: na atual sociedade brasileira, onde viceja a lei de que “o importante é levar vantagem”, onde os objetos de consumo, o culto ao corpo, assumem valores únicos, alguém faz alguma coisa de graça para outrem? Os políticos, que exemplo dão? Distribuem cestas básicas, etc., em troca de votos. São muitos os casos narrados, inclusive, os de políticos que dão de presente ao eleitor, antes das eleições, só um dos pés do par de sapatos e entregam o outro depois, se eleitos. E o Governo? Em troca de voto, para passar seus projetos de lei, no Congresso, não distribui cargos

e mais cargos? Pois bem, se ninguém dá o exemplo, por que exigir somente do traficante? Só ele é taxado de realizar “prática assistencialista demagógica”. Aliás, talvez, o traficante tenha aprendido com os políticos e governantes, com os homens de bem, a tal prática assistencialista demagógica.

Não pretendo, com essas palavras, sugerir uma tomada de posição, uma adesão à causa do tráfico de drogas, mas, tão somente, levantar a necessidade da reflexão em torno de uma questão complexa, que é o tráfico de drogas, e que envolve um conjunto de situações instigantes. Evitar aquela reflexão pautada no discurso unilateral vigente, cada vez mais elaborado, que mais confunde que esclarece, que mascara os mais diversos interesses, sendo que o interesse público é o que menos conta na questão.

Em narrativas fortuitas, ouvi muitos comentários no sentido de que “no bairro onde o tráfico de drogas é forte não há furtos ou roubos”. Compartilhando desta visão, citaram os participantes que **onde o tráfico é forte o traficante não deixa ter assalto**. O relato a seguir ilustra isso:

“...a Sra. vê que coisa impressionante ele RESPEITA ele respeita a Sra. vê:: tem aquela Vila lá em cima compreende? cheio de indústria lá na xxxxxx ((nome de um bairro)) a Sra. vê não existe assaltos porque nego sabe que ali existe um certo::...domínio de droga vamos dizer ou de traficante então o assaltante não tá subindo lá prá cima prá fazer esses tipo de negócio a Sra. vê tem muitos assaltos em muitos outros lugar e nesse lugar que tem muita firma não existe não tem”
(E2 – 60 anos)

As falas que se seguem, explicam e exemplificam porque o traficante não aceita ladrão na área dele.

“não Dra. o traficante o traficante ele não aceita ladrão na área dele porque o ladrão na área dele só vai sujar a área o ladrão traz a polícia porque o ladrão ele vai robá um botijão de gás numa suposição então:: vem a denúncia que robô um botijão de gás a polícia vem..então traficante nenhum aceita ladrão (...) é aonde que o ladrão/o ladrão da área do traficante ele vai robá em outro lugar ele nunca roba na área do traficante porque ele sabe que se ele robá ali e a polícia for compreende? pode ser prejudicial a quem tá fazendo comércio ilícito de drogas”
(E2 – 60 anos)

“a bocada eles nunca deixam isso daí acontecê prá num sujá porque:: a bocada que é prá vendê droga num pode tê assalto porque::: se tivé assalto vai envolvê polícia diretamente aí nunca vai deixá o cara ganhá dinheiro então o cara faz de tudo prá mantê a polícia longe” (E5 – 31 anos)

Mencionam, também, as conseqüências para quem pratica furto no bairro do traficante; antigamente e hoje. Os depoimentos seguintes ilustram isso:

“o traficante chega a pedir para ele sim “não suja a minha área” isso o traficante/ qualquer traficante fala pro ladrão “não suja a minha área”

A: e o ladrão obedece?

E2: tem que obedecerele tem que obedecer

A: por que se não obedecer

E2: é:: pode até acontecer o pior mais não é isso que o traficante quer o traficante ele NÃO QUER ter problema com polícia e o ladrão traz a polícia para perto esse que é o grande problema quer dizer ele pede a primeira a segunda a terceira vez na quarta vez essa pessoa pode levar um “coro”... “um coro”...levando um “coro” “já era” ele vai sumi mesmo porque nunca mais ele vai fazer a besteira que ele andava fazendo” (E2 – 60 anos)

“sabe a/a/antes tinha uma certa cumplicidade as pessoas que tavam envolvida com o crime eh:: havia um certo respeito né as pessoa se respeitavam é:::...entre si entre os criminosos vamos se dizê assim se respeitavam e os criminosos dando respeito à sociedade também em volta deles né...é::: por exemplo antes quem roubava no no no bairro de uma pessoa é::: às vezes podia se dá mal né...ainda mais na vizinhança “ô meu cê vai roubá aqui cê vai atrasá o meu lado cê sabe que eu sou envolvido no crime tal” então tinha esse negócio...agora hoje em dia não hoje em dia tá muito na falsidade sabe o cara tá te sorrindo prá você agora cê virou as costas tá te enfiando bala tá te matando e:::...eu sei lá eu acho que essa juventude agora tá mu:::ito... tá” (E4 – 29 anos)

Percebo, pelo relato do E4 que, segundo sua visão, mesmo que o traficante esteja praticando atos contra a Lei, de certa forma, ele procura respeitar a sociedade que está à sua volta, não concordando com a ocorrência de furtos e roubos na vizinhança. É certo que as falas sugerem um interesse dissimulado, ambíguo, por parte do traficante que busca evitar a presença da Polícia na sua “área”.

Segundo o ponto de vista do participante E5, hoje, o jovem é respeitado mais pela força. Antigamente, já não.

“por que hoje em di:::a a::: os jovens eles vão pela força então existe o respeito pelo poder...se o cara é antigo e tem o poder ele é respeitado se ele é antigo num tem poder ele perde a moral né então a gente vê hoje muitos jovens que tem poder é respeitado mais do que os antigos...né a gente vê um jovem bonito de boa aparência sem tatuagem...mas que tem o poder de matar e::: o antigo traficante que foi muito respeitado cheio de tatuagem mas ele num é respeitado...” (E5 – 31 anos)

Eu indago a esse participante, como é esse domínio sobre as pessoas. Veja a sua fala:

“infelizmente vai pela força pela pressão (...) infelizmente (...) se ela num agir certo ela é decapitada...esse que é o problema então (vale ou vai) pela força você tem tudo...você se sente um deus né entre aspas mas se você não corrigir seus atos você é cobrado então é na onde que vai pela pressão infelizmente...e a pressão ela é cobrada de uma forma muito cruel muito indiscriminatória porque num se cobra só da pessoa...chega-se ao ponto de entrar e invadir o lar a família é onde qui por aí que se vai...antigamente você cobrava da pessoa mas hoje se tornou muito banalizado” (E5 – 31 anos)

Finalizo as análises das relações que envolvem o tráfico de drogas, a comunidade, a violência, o respeito e o comando, com as palavras de BALANDIER (1994, p. 18):

“Un poder establecido únicamente a partir de la fuerza, o sobre la violencia no domesticada, padecería una existencia constantemente amenazada; a su vez, un poder expuesto a la única luz de la razón no merecería demasiada credibilidad. El objetivo de todo poder es el de no mantenerse ni gracias a la dominación brutal ni basándose en la sola justificación racional. Para ello, no existe ni se conserva sino por la transposición, por la producción de imágenes, por la manipulación de símbolos y su ordenamiento en un cuadro ceremonial” .

Nesse contexto de poder, a produção de imagens e a manipulação de símbolos constituem-se sustentáculos e terreno fértil para o tráfico de drogas.

8.15 - A repressão e as práticas policiais

Em suas percepções, aponta KOPP (1998) uma outra perspectiva, um outro aspecto sobre a questão das drogas e da proibição. Menciona que a proibição favorece o desenvolvimento de outras atividades ilegais, além do tráfico. No caso do tráfico de drogas, como já mencionado anteriormente, alude o economista que, como o participante da atividade criminosa não pode recorrer ao sistema judiciário, ele reivindica suas demandas praticando violência. Observa ainda que, uma vez inserido na criminalidade, recorrer à violência, para esse participante, significa uma atividade complementar, de modo que, a partir de certo grau de envolvimento na criminalidade, a pessoa entende que moderar suas atividades ilícitas é inútil, pois essa moderação não iria reduzir as penas de suas infrações. Considera que a *“lei tem, pois, um efeito incitador sobre os agentes, que os leva a recorrer à violência para evitar ser preso e não a limitar o número de infrações cometidas. Assim, a violência resultaria da interdição da droga e não do consumo do produto”*. (KOPP, 1998, p. 146-147).

Quando o assunto é a Polícia ou a repressão policial, algumas características semelhantes sobressaem dos relatos dos participantes. Para eles, a maneira como a **Polícia** age traz revolta no criminoso e gera **mais violência**. Um dos entrevistados traça um quadro comparativo e menciona que, antigamente, a própria Polícia não era violenta. Aponta que *“as pessoas de hoje são mais estressadas”* e, na sua opinião, o mesmo ocorre com o mundo do crime e com a Polícia. Para ele, *“o crime assimilou o stress do mundo”*. Veja o seu relato:

“se a Sra. analisá o que muda? (...) por que é diferente de vinte anos prá cá? a criminalidade de oitenta com agora? porque hoje se tem mais acesso a arma e não se tem o respeito...as pessoas de hoje eles são mais estressadas...pega --eu que tenho certeza que a Sra. tem acesso a isso -- conversa com um policial que tem na faixa de cinqüenta cinqüenta e cinco anos e conversa com um rapaz de vinte...analisa a mente dos dois....aquele de vinte ele é estressadão ele qué chegá ele qué gritá ele qué batê e aquele de cinqüenta e cinco ele já chega na calma plausível respeitando primeiro a constituição a pessoa física

A: respeitavam antigamente?

E1: respeitavam-se...a polícia de antes e na época do militarismo chegava prá dá blitz no cidadão não importava que ele fosse criminoso pedia licença...“dá licença eu vou ti revista”

A: e por quê que hoje não?

E1: porquê hoje os menino de hoje chega te chutando a perna “vai abre a perna vagabundo” dando soco no seu saco tapa na sua cara coronhada na sua cabeça

A: por que que hoje eles fazem isso ?

E1: eu entro eu particularmente eu acho que é devido ao estress no mundo né? devido a tantos problemas então o ritmo hoje é diferente tudo é mais rápido tudo é mais mais forte mais então eu acho que prejudicou muito e:: o crime também assimilou isso como que você vai pegá...e vai fica bravo com uma pessoa que a hora que vai ti revistá no meio da rua chega com a maior educação e fala não “dá licença eu vou te dá uma revista devido a isso isso” e te respeita/te respeita a você como pessoa como homem como cidadão cê entendeu? como que você vai se revoltá com a pessoa que chegou fazendo o serviço dele?...não tem como...agora se você tá ali no meio da rua aquela pessoa te enxerga te coloca no muro te chuta a sua perna prum lado chuta a outra pro outro a Sra. concorda? te dá uma coronhada na cabeça te ofende te chama de vagabundo de escória da sociedade mete a mão no seu bolso arranca o que cê tem e fala que é pouco ainda se te catá na próxima sem vai te levá prá cadeia como se explica uma pessoa dessa? como que não se revolta com uma pessoa dessa? ele entra dentro da sua casa bate na cara da sua mãe chuta a sua criança bate na sua mulher e não que saber se a sua mulher tá grávida ou não” (E1 – 31 anos)

Percebo que os instrumentos ou mecanismos legais do Estado, que têm a função de inibir, coibir, reprimir a violência, muitas vezes, funcionam com peças da engrenagem, que **impulsionam o aumento da violência**. O relato a seguir ilustra isso:

“a própria polí::cia quantas das veiz a polícia me catô às veiz sem eu fazê nada eu apanha::va às vez assim no meio da rua qui nem aconteceu uma vez no antigo Califórnia¹ em frente a antiga Antártica² que é hoje a Kaiser eu tava ali parado no estacionamento a polícia...eu tava estacionando o carro e tava pra entrá no Califórnia a polícia me levô e começô a batê ni mim à toa (...) bateu ni mim e aquilo me deu uma revolta...eu entrei dentro do::: da discoteca chorando de raiva chamei o pessoal prá fora foi na onde que eu peguei e falei prá mim que polícia num presta:::va que a sociedade prá mim num valia de nada porque se eles sustentavam o salário daqueles porco é porque::: eles então eram os verdadeiro culpado que eles era o dono né vamo

¹ Antiga boate da cidade.

² Antiga fábrica de cerveja na cidade.

dizê assim da porcada tanto que a polícia hoje é chamada de porco/né pé de porco...né cachorro do gover::no e assim vai...então na época:: a juventude eles num param prá analisá eles num reflete num analisam...eles num tem aquela harmonia de podê sentá e analisá o fato...eles são agressivo e::/como se diz num tem ninguém prá podê segurá a atitude deles...eles sente vontade de agí e age é o que aconteceu comigo na época...eu xinGUEI muitas pessoas na época...eu quebrei carro de raiva eu ia:: na casa de alguém que eu sabia que era ri::co ou era alguma autoridade eu jogava pe:::dra às vezes eu pegava até fezes de animais jogava lá dentro prá zuá:: então tem uma certa revolta...né tem essa certa revolta i:::(...) tinha o:: o troco né (...) então tinha esse certo problema sabe dotora di:: di acontecê esse caso” (E5 – 31 anos)

No ponto de vista do participante E1, “a forma como a Polícia age traz revolta no adolescente. Como ele não pode descontar na Polícia, ele desconta no amigo do lado, na ‘boca’ do lado, no ‘viciado’”.

“eu conheço casos...e muitos não é um só não...que...a pessoa tá sendo procurada mas a família não tem nada a vê...que culpa tem a mãe dos atos do filho? na realidade...se aquela mãe tentou de todas as formas dar um carinho um sustento a educação...isso...o FILHO decidiu de outra forma...aí a polícia vai procurá aquele filho e entra quebrando as coisas que a mãe colocou dentro de casa que o pai e a mãe colocou com muito suor com muita dificuldade/ que é RARO você vê um muleque hoje que ajuda a mãe é RARO o que eles pensam geralmente nisso que eu falei prá Sra. em comprar roupa de marca em comprar um carro bom uma moto boa prá arrumá várias namoradas entendeu? aí aquela mãe é humilhada e tal/ mesmo ele sabendo que ele tá errado e que ele não ajuda a mãe ele se revolta...sabe que a polícia foi lá e...judiou né? humilhô que é humilhação entendeu? você sabê que um policial entro lá e bateu na cara da sua mãe e você não pôde fazer nada...é horrível então eu acho que tudo isso reflete no adolescente e o adolescente vai ficando mais estressado...vai levando esse ódio que ele tem que ele não pode descontá na polícia ele desconta no...no amigo do lado na boca do lado entendeu? no viciado” (E1 – 31 anos)

Essa situação também é evidenciada por ZALUAR (1994, p. 146), para quem a prática ilícita do comércio das drogas insere-se na interação com a cultura do signo da masculinidade e do individualismo e, com a lógica institucional da violência, sendo que: “nesta última, tudo indica que o papel repressor da polícia, e seus métodos muitas vezes ilegais e violentos sobre os parceiros mais pobres e mais fracos do tráfico, tenha um efeito reprodutor sobre as práticas dos criminosos”.

No entanto, é necessário fazer uma ressalva, segundo palavras do E5: “a corporação não pode pagar pelo erro de um”.

“i::: infelizmente hoje em dia tem muito disso daí...só que eu enxergo a polícia como um órgão que tem que tê um certo respeito porque eles tão aí pa::: pa impô uma certa ordem...porque um policial num pode pagá pelo erro do outro --ou seja a corporação num pode pagá pelo erro de um...mas infelizmente a gente vê muito disso daí né policiais que usam da::: da lei da autoridade do poder prá podê::: humilhá::: (...) a gente vê que a corporação ela não merece levá o::: o/o prêmio di::: como se diz da piOR::: de todas mas que existem muitos policiais que fazem má fé mau uso da sua posição fazem...a maioria dos policiais eles vêm de um nível que muita das vez eles foi até de fave:::la”
(E5 – 31 anos)

Outro aspecto desta questão, apontado pelo entrevistado E2, foi o de que, na sua opinião, “**a Polícia induz**” à violência, à morte. **Ela joga um contra o outro.** Suas falas exemplificam isso:

“...porque a própria polícia INDUZ a própria polícia induz

A: como que ela induz?

E2: ela INDUZ:: Dra. Dra. hoje o negócio é tão engraçado compreende? as coisas é tão engraçada a própria polícia ela tem coragem de chegá e falá ((como se fosse a polícia falando)) “ó o fulano de tal parece que falou alguma coisa a seu respeito” e é mentira Dra. a Sra. me entendeu? quer dizer ela induz aquela pessoa a ficar de olho ou desejar o pior praquela outra pessoa porque a polícia JOGA um contra o outro (...) é o jogo da polícia né Dra...prende o camarada aqui e fala “ó ce sabe quem caguetou? foi o fulano”...então é aonde que ele é cabeça de bagre...então ele chega “não fulano caguetou vamo lá...dá um tiro nele”...e já era Dra...eles não vão procurá conversar entre eles (...)/não/ ele já vai prá mata mais por que? porque a polícia falou...e:: e e isso é tudo mentira porque a Polícia joga feio viu Dra....a Polícia joga feio e como jogam é onde que cada vez mais tá aumentando esses tipo de crime...BOBOS...que tá existindo por aí (...) mas ela tá fazendo isso com essa molecada de hoje porque com pessoas experientes principalmente um xxxxxxx ((nome de um traficante)) ou::: outras pessoas que eu conheço também Dra. JAMAIS aconteceria...jamais aconteceria...se fala um negócio desses pro xxxxxxx ((nome do mesmo traficante)) ele dá risada na cara...porque não tem condições (...) e o interesse da polícia sempre foi bandido contra bandido prá eles ficarem tranqüilos”
(E2 – 60 anos)

Segundo o participante E2, “a própria Polícia também contribui para o aumento do número de mortes: eles também matam”. O relato a seguir ilustra isso:

“eu sei que eles aprontam mil e uma eles humilham da pior maneira possível em todos ponto fora tanto civil como militar ou como Delegado metidos a matador como acontece a gente sabe que acontece pena que a gente não tem aquela prova con-cre-ta...que eles são:: eles são muito mais bandido tem polícia que é muito mais bandido do que o próprio bandido que eles falam que é bandido viu Dra. (...) eh:: muitas morte muitas morte Dra.que às vezes acontece aí compreende? que às veiz tem nego que ASSINA aquela morte sem ser ele o autor viu Dra. (...) eles levam pá pá certos lugares aí a TORTURA existe ainda viu Dra. se eles falarem que a tortura não existe eles tão mentindo viu que a tortura ainda existe (...)a Sra. vê:: compreende? muita chacina que aconteceu em Ribeirão Preto que hoje não tá acontecendo mais não sei por que? porque eles tão alertado eram policiais que faziam né Dra.? (...) mais eram policiais militares que faziam mesmo e civis também /não vamo livrar a cara deles também não né Dra.? eram policiais militares que faziam às vezes aí dois três compreende? eram policiais militares que tavam fazendo aqueles tipo de morte então eles começou a dá um breque quando:: eles deram a:: a:: aquele AZAR do Galo Bravo¹ (...) porque infelizmente eles tiraram os menino de dentro de um táxi e chegaram no taxista que era pro taxista ficar quieto...levaram os menino prá matá...(...) e por pouco eles não se safam daquilo ali se o motorista do táxi se o motorista do táxi não fosse firme em dizer “não eles foram retirados do meu carro e pediram prá mim ficar quieto” hoje aquilo lá já era Dra. não daria nada prá eles eles tariam aí na rua ASSASSINOS FARDADOS NA RUA...o que é pior ainda”

(E2 – 60 anos)

Segundo dados do Ministério Público Estadual, tramitam, na cidade de Ribeirão Preto, Inquéritos Policiais, bem como, três Processos Criminais, nos quais se apura a morte de mais de vinte e cinco pessoas, homicídios estes, que teriam sido praticados por policiais, frutos de execuções sumárias, atribuídas a policiais. Fala-se, inclusive, em “grupo de extermínio”.

8.16 - Segundo os participantes, nem todas as mortes são provenientes do tráfico. O relato a seguir ilustra isso:

¹ O entrevistado refere-se ao caso em que adolescentes foram mortos por policiais militares. Eles foram encontrados nas proximidades da Usina Galo Bravo.

“ então qué dize tem um grupo aqui qui é forte e tem outro grupo lá do outro lado qui é forte também...aí eles vai vendendo tal (...)às veis acaba se encontrando num numa festa alguma coisa já:: deu debate né é::: por que o cara tá me olhan:::do tor:::to o cara é folga:::do e tal e vai vê sai alguma briga alguma coisa aonde gera guerra né...então tem alguma coisa a vê com tráfico tem/mas só qui num é cem por cento a vê com o trá:::fico né as guerras surgem também por::: (...) aquele clube ali o Agreste¹ era uma dos propulsores a surgir guerra porque ali (...) ia muita gente de di di tudo quanto é bai:::rrro ah (...)as vezes acabava esbarran:::do no salão o o o acaba surgindo alguma diferença por causa de mulher/ por causa de alguma coisa surgia muita guerra também e também por causa de tráfico também né por que as vezes(...)o cara do Salgado Filho vai pega droga do Simioni só qui num paga o cara do Simioni/dá uma de folgado né num vou pagá e pronto...aí o cara daqui do Simioni vai lá::: cobra essa treta então qué dizê o cara saiu de dentro do bairro dele pra í no bairro do outro cobra então onde surge a guerra também...né aí os cara do do do Salgado fala "ah os cara lá ta folga:::do tá vindo aqui dando ti:::ro e tal ..." e nessa de dá tiro mesmo as vezes tem pessoas que num tem nada a vê com a treta só qui é envolvido com o crime mas tá por perto o cara acaba dando t:::iro num sabe se é pra ele si é pra quem qui é mas mata o cara ali num sabe se é só o cara que ele queria pegá é onde vai surgindo guerra eu no meu ponto de vista eu acho qui é isso num tenho muito conhecimento”

(E4 – 29 anos)

Para os entrevistados, são **vários os fatores** e, vai virando **uma bola de neve, uma morte puxa outra**. Eu indago ao participante E6, por que está havendo tanta violência. Veja o ponto de vista dele e de outros participantes, nas falas transcritas a seguir:

“então isso daí é uma incógnita né?...num ponto xis assim mesmo é difícil explicá viu? (...) é uma série de coisas né uma coisa puxa a outra e vai...de repente que nem eu falei antes uma morte de um ali porque “o rapaz que morreu era bão nós vai vingá nós vai”...aí começa assim aí vai alastrando né? que nem quando começô o movimento lá do Quintino que nós estava falando aquela hora lá...“ah ô mano mataram o mano lá cumé qui vai fazê?” a rapaziada nova né...um num qué deixá a morte do outro em vão aí vai e mata o outro aí os camarada do outro também num qué deixá em vão aí vai vai alastrando...a hora que vê vira aquele inferno que nem virô uns tempo atrás aí...e vai girando assim né um num qué deixá a morte do outro passá porque era colega do outro o outro também num qué porque era colega do outro e vai girando desse jeito... tem umas morte até estúpida né? (...) sem pé nem cabeça ... aí num justifica

A: e a maioria é adolescente que tá envolvido?

¹ Casa noturna que havia na cidade.

E6: ah claro né é difícil cê vê aí maior de trinta ano quarenta ano envolvido...acontece mas é bem esporádico” (E6 – 50 anos)

“o que repercutiu muito lá nas morte foi o seguinte um mata o parente do o::to aqui matô meu parce::ro i:: tudo...que nem cê é::/ aí vai virando uma bola de neve aí eu tava lá numa esquina conversando com:: com alguém...aí o inimigo desses cara passava e dava tiro aí eu já falava "ai quase mi pegô também agora eu também vô em cima” aí viro uma bola de neve...mas se pegasse sentasse todo mundo e perguntasse ninguém sabia falá porquê que tava morrendo gente (...) tudo sem fundamento tudo a troco de nada...((como se fosse as pessoas falando)) é qui me tirô::¹ é qui passô lá [perto i::”
(E3 – 27 anos)

“não o tráfico tem o seu percentual sim prá prá prá aumentá o crime mas num é cem por cento o tráfico...acontece muito também é muita coisinha pequena às vezes o cara tá numa festa aí::: por causa duma bebida a mais acaba discutindo aí acaba...naquelas de num levá desaforo prá casa aí acaba acontecendo muita coisa um um mata o outro aqui aí é é a morte é assim é:: eu mato uma pessoa e isso vai repercutí...porque a pessoa também num é sozinha no mundo se ela num tem um irmão tem tu/tem compaNHEiros trutas né que nem se diz aí o que acontece? esse truta ou esse irmão de/dessa pessoa vai cobrá essa treta né vai cobrá essa essa morte aí vai vim atrás de mim e vai me matá então é aonde gera aquela aquela tipo daquele guerrinha então num é só o tráfico eu num diria que é cem por cento do tráfico põe aí tipo uns...uns quarenta por cento do tráfico vamo dizê agora o restante é mais é briga mesmo por/ por muLHER por” (E4 – 29 anos)

Segundo o ponto de vista dos participantes, muitas vezes, as **mortes são por motivos banais**, consoante exemplifica o depoimento a seguir:

“às vezes por causa de coisa de cinco dez cruzero uai que eu tô te falando...ou olhô prá namorada do outro ou pisô no pé num salão de baile às vezes nem olhô torto eles tem a mania de falá que olha torto né mas as vezes num é às vezes o espírito num combina com a pessoa e de repente () matei por que? porque tava me olhando torto pagando de zóio isso eu num:: eu num acredito nisso né? então a vida tá assim desse jeito assim e a tendência é piorá né se num achá algum jeito de melhorá a tendência é piora...eu acredito né a molecada de hoje tá danada...essa geração de de catorze até vinte ano aí de vinte e cinco ano pra baixo tá problema se a justiça aí num sei quem que é os encarregado aí num fizê alguma coisa a tendência é piora” (E6-50 anos)

¹ Me desrespeitou.

Para os participantes, nessa “bola de neve”, também está envolvida a **mídia**. Na percepção do E4, “a imprensa difama muito; nem tudo é do tráfico”. E, segundo o ponto de vista do E6, “cada caso é um caso e a mídia às vezes mistura muito as coisa e às vezes até diverge a história”. Suas falas exemplificam isso:

“ o problema é/é o seguinte a pessoa tá ti devendo mas tá tendo dinheiro prá gastá com outra pessoa então aquilo:: a pessoa num vai aceitando então o que acontece a pessoa me deve prá mim aí eu tô vendo ele í na boca do lado comprá droga...e num mi paga...eu chego no cara "ou e o meu dinheiro fio? num vem?" aí o cara "nã:::o" sempre aquela desculpinha certo...então qué dizê nisso ele tá::: tirando a minha pessoa né tá mi mi mi tipo menosprezando né? i:: eu já num vô aceitá isso num vô deixá o cara ficá aí de boa né me devendo e gastando com outro e só me dando desculpinha desculpinha então realmente acontece morte por causa disso no caso seria mais um a morrer mas num é cem por cento acho que a a imprensa também ela malha muito demais ela ela sabe ela difama demais a a o tráfico tudo tudo é o tráfico é:: si morreu lá lá lá na Bahia também é porque foi traficante que saiu daqui do Estado de São Paulo pá matá lá então quer dizer tá tá deMAIS tudo relacio/tudo prá eles tá relacionado ao tráfico i:: num é assim num é bem assim..tem pai de família matando o próprio próprio filho matando a própria mãe...tem gente que morre depois vai dá entrevista o povo nem acredita porque que morreu pergunta se tá envolvido com droga coisa "não ele trabalhava" num é num é tudo ao tráfico” (E4 – 29 anos)

“ah:: envolve um pouco muito da mídia também né? escrita falada televisada...violência todo dia...eu acho que uma coisa vai puxando a outra num sei (...) a juventude de hoje também parece que...tem hora que num dá prá gente entendê né () umas coisa muito banal essa violência em si tem vez né? acho que setenta por cento né? principalmente de morte aí --morte a troco de/por causa de uma pi::pa ou morte as veiz por causa de cinco deiz real que um deve pro outro...é morte que o::: rapaizim ali mexeu com a namorada do outro ou piso no pé...é uns negócio meio estranho...e vai gerando tudo né aí a primeira coisa que eles fala principalmente a::: a imprensa é que é a droga né?

A: e aí? é a droga?

E6: muita das vez é ...e às vezes também não né... principalmente no caso de morte né?

A: porque teve::: bom e aí o que que o senhor acha que/que levô essa molecada a ficá desse jeito?

E6: na minha opinião prá mim é como eu te falei é sinal dos tempo também né? a juventude de hoje parece que é meia já:: já nasce já mais espevitada do que antes né? (...) é...o negócio (deles) é um pouco modismo né? (...) principalmente na na::: na faixa de de vinte ano prá baixo...um matô ali o

outro também que matá prá num ficá prá trás porque o outro matô e o outro vai matá porque tá sendo chamado de bunda mole às veiz ou às vezes até outras palavra mais...e vai gerando isso daí morte puxa morte ...e o negócio tá/tem hora que gente fica até sem entendê vai sê o fundamento de tudo memo né? prá achá assim uma saída uma explicação lógica é meio difícil...(...) cada caso é um caso a imprensa às vezes mistura muito as coisa porque a imprensa a mídia é:: (...) é o papel deles né...(...) é mistura e às vezes até diverge a história né...às vezes o fato aconteceu de um jeito eles coloca completamente de outro modo”
(E6 – 50 anos)

No transcorrer da pesquisa, em relatos de participantes e, também, em narrativas fortuitas, falou-se de um movimento, envolvendo o PCC (Primeiro Comando da Captial), traficantes e a criminalidade, de modo geral. Eles haviam dado uma **ordem para acabar com as mortes** e que esta ordem havia sido aceita como um pacto, um acordo. No dia sete de dezembro de 2001, ao entrevistar o participante E2, fiz a ele menção a essa situação. Veja o seu e outros relatos:

“outro dia um preso tava conversando comigo eu acho que ele é do PCC

E2: sim Sra.

A: que eles vão fazer a paz que o ano que vem não vai ter nenhuma morte que eles/eles tem essa condição?

E2: é:: então é onde que eu falei prá Sra. que é até engraçado porque:: se o PCC compreende? que é um partido que eles podem dominar ou podem estragar uma Cadeia Dra. eles tem força prá isso (...) TEM Dra. É FORTE...É FORTE Dra. é forte e tenho muito respeito por eles Dra....tenho mesmo...é um partido forte eles podem destruir compreende? como eles podem ajudar como podem ajudar como se deve Dra. (...) Dra.se o PCC quiSER dar a paz nos presídio do Estado de São Paulo

A: não não é só nos presídio

E2: em qualquer lugar (...) na rua também (...) Dra....se eles quiserem é o que eu disse prá Sra. tem muitas pessoas hoje pro lado de fora...hoje aqui na rua que são filiados a ele e recebem ordens deles...de lá de dentro recebem mesmo isso eu sei muitas pessoas sabem / não sei se a Sra. sabia disso (...) sabe também entendeu? muitas pessoas aqui pro lado de fora recebem ordens DELE e a ordens tem que ser respeitadas e realizadas então se eles quiSEREM Dra. se eles quiserem mandá uma ordem ((como se fossem eles falando)) “gente vamo pará mão com isso” vai pará...(...)se eles quiserem fazer PAZ/muita paz vai ser feita Dra. não vai acabar não vai acabar...terá mortes ainda como nós saBEMOS terá muitas coisas como nós sabemos mais:: eu acredito que uma média de setenta por cento muitas coisas se ELES quiserem de verdade se eles quiserem de verdade eles conseguem”

(E2 – 60 anos)

*“e é o seguinte nós tá pondo uma paiz...todo mundo continua no seu lugar..”
(E3 – 27 anos – 01.07.02.)*

“é o que eu falo prá Sra. todo local tem um comando entendeu? só que aqueles comandantes eles estavam (deixando)...entendeu? então eles iam eles forneciam a arma o menor cata a arma na mão (...) entendeu? então (...) houve-se muito disso ((refere-se às muitas mortes cometidas por jovens)) e não é ASSIM...a organização num se tem...se tem o respeito entendeu? é em cima desse RESPEITO que nós conseguimos a paz que tamo lutando por ela e aonde se é colocada a palavra num tá se tirando entendeu? aonde quem tirá paga (...) já demos um passo importante eu falo demos/eu falo demos nós os criminosos mesmo porque nós conseguimos já em Ribeirão colocá uma paz que:: como eu disse antes não foi uma paz que foi a polícia que colocô...que a polícia ela qué implantá é a guerra...quem conseguiu isso foi o próprio traficante/o próprio ladrão/o próprio estelionatário se conscientizando que HOJE...nós somos unidos...hoje de três meses prá cá...nós somos unidos principalmente...o que fez/o que deu essa união foi principalmente a revolta que todos nós temos com a polícia...da forma que trata nós que tratam os presos que tratam a família de quem tá no mundo criminal”

(E1–31 anos – 27.08.01.)

Observo que as opiniões e informações contidas nos relatos anteriores, foram colhidas a partir do segundo semestre do ano de 2001. Embora eu tenha encerrado minhas entrevistas em setembro de 2002, no ano de 2004, voltei a campo, no intuito de esclarecer algumas dúvidas e, assim, realizei outras entrevistas. Numa delas, foi ressaltado pelo participante E7 que, atualmente, o mundo da criminalidade, em Ribeirão Preto, está vivenciando uma época de diálogo, de paz, consoante já mencionado anteriormente. Os conflitos advindos do dia-a-dia, no tráfico de drogas, os traficantes e pessoas envolvidas estão tentando resolver com o diálogo; evita-se, ao máximo, matar outra pessoa. Assim, surge a questão: de lá para cá, houve alguma mudança com relação aos homicídios praticados na cidade de Ribeirão Preto?

Pelos dados da Delegacia Seccional de Polícia de Ribeirão Preto – Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo representados na Planilha anexa (ANEXO N), verifica-se que houve queda significativa no número de homicídios consumados e tentados, a partir do ano de 2001, na cidade de Ribeirão Preto. Percebo que essa constatação não pode ser compreendida de modo simplista. Seria necessário o desenvolvimento de outros estudos sobre as questões ligadas à violência. Até porque

a violência não pode ser compreendida tão somente pela perspectiva de redução de homicídios associados ou não ao tráfico de drogas e às disputas pelas “bocadas”. Porém, é, no mínimo, instigante perceber a coincidência entre os “comandos”, que, segundo várias fontes, vêm de grupos que se organizam para que se diminuam os assassinatos em determinados locais, e a queda observada nos levantamentos oficiais sobre os mesmos. Este trabalho não teve como objetivo investigar a veracidade factual dessa coincidência. Porém, é interessante ressaltar que pode estar ocorrendo uma diminuição dos homicídios, na periferia de cidades como Ribeirão Preto, não por conta de programas sociais, mas por um acordo entre os próprios atores inseridos na criminalidade.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alguns, um pequeno “ponto” pode ser considerado uma “bocada”, local onde se vendem drogas, e nós podemos passar por esse “ponto” e não nos darmos conta de que ali, se exerce o tráfico ilícito de drogas. Assim é o tráfico. Para mim, a cidade de Ribeirão Preto e região, foi o ponto, por meio do qual, propus-me a investigar as percepções e concepções em relação ao tráfico de drogas, sob o ponto de vista de pessoas que nele tiveram ou têm envolvimento.

O trabalho foi realizado a partir de um recorte espacial e temporal delimitado, a cidade de Ribeirão Preto, sob uma perspectiva qualitativa, onde pesquisei uma versão possível para o fenômeno investigado, o tráfico de drogas, através das opiniões de alguns de seus participantes. Busquei, nessa perspectiva qualitativa, a compreensão de casos particulares, valorizando e estimulando os relatos das experiências vividas socialmente pelos atores sociais que participaram. Portanto, não busquei a obtenção de dados que pudessem gerar generalizações.

Os dados obtidos com este estudo fazem parte de um conjunto de esforços que muitos outros também têm realizado, com a intenção de compreender um pouco mais a dinâmica do tráfico de drogas, o qual é um fenômeno bastante complexo, que faz parte de uma rede igualmente complexa, e que representa um imenso empreendimento ramificado em escala internacional. É um tráfico organizado em rede, com relações abertas no tempo e no espaço, vinculando inúmeras pessoas mediante contatos de diversos tipos e que vão se multiplicando. Uma questão complexa, envolta por uma concepção dominante, que mais turva nossa visão ao invés de torná-la cristalina.

A história do tráfico de drogas sugere que, na atual situação, ele é um problema que surge a partir de interesses políticos e econômicos de nações que envolvem

conflitos geopolíticos entre países por fontes de riquezas, por controles de territórios. Problema esse, onde o significado farmacológico dos danos da droga à saúde, foi o que menos contou. As dimensões do tráfico são tão variadas que dele pode se servir tanto o traficante que está vendendo a droga na “bocada”, quanto o Estado que, através de seus agentes, utiliza esse tráfico como pretexto para reprimir camadas populares marginais, manipular a opinião pública e encobrir interesses ocultos.

Sendo assim, qualquer análise sobre o tráfico de drogas, necessariamente, deve partir do pressuposto de que se trata de um fenômeno multifacetado, inserido nas mais variadas dimensões, envolvendo aspectos econômicos, políticos e sociais, de grande complexidade.

A proposta deste estudo foi a de realizar investigações e reflexões sobre este problema contemporâneo, visando a propiciar programas de promoção de cidadania por meio de um novo enfoque, o qual privilegie o ponto de vista dos atores sociais envolvidos no processo. Apresentar uma versão sobre o tráfico de drogas por meio de uma nova lente, através das concepções e interpretações de quem está “do outro lado”, daquele que vive num contexto em que a dissimulação constitui estratégia de sobrevivência, onde o segredo é a alma do negócio ilícito.

Essa perspectiva, ao mesmo tempo que permite conhecer e compreender como os participantes experimentam e interpretam suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem, apresenta algumas dificuldades. Por investigar o tráfico de drogas, por transitar em um universo inóspito, que envolve segredos e temas proibidos, compartilhados apenas pelos integrantes do grupo desse universo, o acesso e a confiança dos sujeitos poderiam constituir uma dificuldade para a pesquisa. No entanto, obtive a confiança e a colaboração das pessoas que entrevistei neste estudo e, de certa forma, eles quebraram algumas de suas normas, não todas, para colaborar com o estudo. Eles contaram alguns de seus segredos, talvez, porque tenham sentido que eu poderia ser a fiel porta-voz de suas concepções e percepções; que eu não trairia esse voto de confiança que eles depositaram em mim; porque, um dia, “eles estiveram presos e eu tenha ido visitá-los” e olhado para eles como seres humanos e não como um número ou um “espécime”, representativo do crime que tenham cometido.

Percorrer as etapas da pesquisa propiciou-me uma viagem fascinante, não só pela natureza do tema, tão intrigante, tão desconhecido e comentado e que desperta a curiosidade, mas, também, pela riqueza do conteúdo que emergiu das falas dos entrevistados. Embora, sejam pessoas advindas de camadas populares, com baixa escolaridade, seu vocabulário, expresso em suas falas, denotou que eles são articulados, politizados e apresentaram construções explicativas, interessantes e significativas para a compreensão do tema.

Indagando as razões que levam uma pessoa, principalmente o jovem, a se envolver no tráfico de drogas, observei, a partir das concepções dos participantes deste estudo, que múltiplos motivos podem levar alguém a envolver-se com o tráfico de drogas. As razões podem se dar isolada ou simultaneamente e, ainda, muitas vezes, elas se entrelaçam e se interpenetram. Mediante os relatos dos entrevistados, é possível perceber que, na maioria dos casos, o ingresso no tráfico de drogas é motivado por um conjunto de fatores que se articulam, restando simplista, apontar uma única razão, consideração esta também evidenciada por CRUZ NETO, em seu trabalho acerca da inserção do jovem no tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro. Para ele: *“adotar uma resposta única e lapidar sobre as motivações que os levaram a desenvolver e a praticar essa opção constituir-se-ia uma atitude demasiadamente superficial e injusta, sobretudo diante da origem notadamente pluricausal do problema”* pois, *“os depoimentos evidenciam que as motivações imiscuem-se e interagem(...)”. O que eles relatam é a multiplicidade concomitante de várias situações de vulnerabilidade pessoal e social”* (CRUZ NETO *et al.*, 2001, p. 124 e 129).

Vale salientar, por outro lado, que, ao buscar conhecer, sob o ponto de vista das experiências vividas pelos entrevistados, concepções sobre a estrutura e organização do tráfico de drogas, sobre os atores envolvidos e os papéis desempenhados na cidade de Ribeirão Preto, ante a complexidade do fenômeno, encontrei muitas dificuldades para implementar uma exposição linear do presente tema. As análises foram revestidas de configuração particular; estabeleci uma abordagem explicativa fragmentada, num movimento, às vezes, descontínuo; ele vai e volta, segue, mas sempre retorna, tal qual o tema pesquisado. Pois, como falar na estrutura e organização de algo que se autodenomina enquanto movimento? indaga

Antônio Rafael Barbosa em seu estudo antropológico sobre tráfico de drogas e criminalidade urbana (BARBOSA, 1998). Nas análises realizadas, notei a natureza “mutante”, em constante transformação, do tráfico de drogas; seu traço marcante é a fluidez. Outrossim, percebi que ele, além de dinâmico, relativo e improvisado, é repleto de alternativas. Ele se fraciona, migra, difunde-se, escapa e ainda é permeado de símbolos e folclores.

Os dados apresentados pelos participantes trouxeram apreensões peculiares das relações que se desenvolvem no tráfico de drogas, apresentando uma variedade extensa de categorias, originando-se na concepção que os próprios entrevistados têm do que se denomina tráfico de drogas, transitando pela dimensão da oferta e do consumo, percorrendo o próprio movimento com seus atores sociais, funções e papéis desempenhados, trajetórias, revelando como funciona uma “bocada”, apontando transformações do tráfico na cidade de Ribeirão Preto, destacando o papel do jovem no tráfico de drogas, culminando em observações sobre a Polícia e a repressão.

Algumas dessas percepções reafirmam e compartilham de proposições já apontadas na literatura pesquisada, como, por exemplo, a questão dos enfrentamentos das políticas públicas brasileira em relação ao tráfico e às drogas. Outras, desmistificam asserções apregoadas nos meios de comunicação, como a do termo “crime organizado”, pois, para um dos entrevistados, *“não existe este tipo de organização”*, *“não existe tamanha estrutura, a não ser quando se parta de algum nível superior”*. Assim, observei que, embora o tráfico de drogas, na concepção dos participantes, exija a observância de certas normas e tradições éticas criminosas, ele não se insere em um modelo de estratificação, à medida que ele é impreciso e improvisado.

O estudo revela as diversas estratégias e atividades experimentadas pelos participantes em suas trajetórias no tráfico de drogas, e procura ampliar os dados sobre o tema, existentes na literatura, e busca trazer uma contribuição, quando trata dos temas “transformações do tráfico de drogas na cidade de Ribeirão Preto”, a inserção do jovem nessa atividade e a Lei dos Crimes hediondos. Os relatos aqui cedidos sugerem compreensões diversas e complementares aos relatos encontrados em outros estudos semelhantes.

Na composição dos depoimentos dos entrevistados, pude inferir a intensidade que a atividade ilícita do tráfico de drogas produz, num movimento difuso e fragmentado, a diversidade que compõe o todo; pequenos retalhos de uma colcha multicolorida, costurada em relações das mais diversas, que vão se estabelecendo e se rompendo ao sabor das mais diversas motivações. O que é o tráfico de drogas hoje, já não o será amanhã; a cada momento ele se transforma, criando novos mecanismos de funcionamento.

Explorando as apreciações sobre a violência relacionada ao tráfico de drogas e, em particular, à participação do adolescente, deparei-me, a partir do ponto de vista dos sujeitos entrevistados neste estudo, com concepções interessantes, à medida que seus relatos deslocaram a ênfase do discurso atual, afastando as afirmações causais simplistas, tais como a de que toda a violência é gerada pelo tráfico de drogas, focando a questão no ser humano. As percepções trazidas pelos participantes envolveram temas relacionados ao comportamento humano, sob o ponto de vista moral, à violência como forma de resolução de conflitos na cultura das classes populares. Apontaram para a proporção que a violência ocupou nas relações estabelecidas no tráfico de drogas e as transformações experimentadas pela sociedade ao longo dos anos.

A representação da imagem do traficante, o problema do “fiado”, a natureza e o uso das drogas, as necessidades do ser humano em se socorrer das drogas, a violência decorrente da disputa por ponto de venda de droga e as rivalidades advindas do bairrismo, compuseram as várias categorias apreendidas nas concepções dos participantes.

O estudo também me permitiu lançar questionamentos às asserções encontradas na literatura e no senso comum, que atribuem ou vinculam o uso e o tráfico de drogas como fator explicativo, quase que exclusivamente, para a multiplicação dos homicídios e da violência. As análises incluem na discussão as relações significativas entre a inserção do jovem no tráfico de drogas, o crack e a Lei dos Crimes Hediondos, peças de engrenagens na produção da violência ou fatos agregadores da mesma no tráfico de drogas; as concepções dos entrevistados mais velhos sobre o comportamento do jovem; as percepções sobre a influência dos meios

de comunicação; as delicadas relações entre o tráfico, a comunidade, a Polícia e o Estado, enfim, uma variedade de fatores numa dinâmica complexa.

Espero que esta pesquisa qualitativa tenha cumprido seus objetivos e que o que foi apresentado possa contribuir para a melhor compreensão da realidade do tráfico de drogas, subsidiar programas de promoção de cidadania e ficar à disposição de outros estudos e estudiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S; CARDIA N. Dilemas do Controle Democrático da Violência: Execuções Sumárias e Grupos de Extermínio. São Paulo (Brasil), 1980-1989. In: SANTOS, J. V. T. (Org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 66-90.

ALVITO, M. A honra de Acari. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 154-55.

_____. Um bicho-de-sete-cabeças. In: ZALUAR, A.; M. ALVITO (Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 188.

_____. **As cores de Acari**: uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ARBEX JÚNIOR, J. **Narcotráfico**: um jogo de poder nas Américas. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Polêmica)

ARBEX JÚNIOR, J.; TOGNOLLI, C. J. **O século do crime**. São Paulo: Bom tempo, 1996.

BALANDIER, G. **El poder en escenas**: De la representación del poder al poder de la representación. Traducción Manuel Delgado Ruiz. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1994, Título original: Le pouvoir sur scènes.

BARBOSA, A. C. R. **Um abraço para todos os amigos**: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1998.

BARCELLOS, C. **Abusado**: o dono do Morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003a.

_____. Um mergulho no tráfico. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, ano 7, nº 76, p. 30-37, jul. 2003b. Entrevista com AMARAL, M; AZEVEDO, C; BERTOLUCI, A; GLASS, V; MOYSÉS, D; NABUCO, W; QUINTIERI, R; SOUZA, S; TORRES, R; VIANA, N.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1997.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Coordenação Giselle de Melo Braga Tapai. 7. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

_____. Lei nº. 6368 de 21 de outubro de 1976. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 out. 1976.

_____. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1.984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 1984.

_____. Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, DF, 26 jul. 1990.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. **Bioética**, Brasília, v. 4, nº 2, p.2, p. 15-25, 1996, Suplemento.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____, R. As Drogas na Sociedade Brasileira. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, c1989. 2v.: il., p. 91/103

_____, R. Visão Histórica e Antropológica das Drogas. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, c1989. 1v.: il., p. 17-30

CARLINI, E. A. et.al. **I Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CASTRO, R. **O anjo pornográfico**: a vida de Néelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORDEIRO, J. M. S. O Tratamento do Toxicômano. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, c1989. 2v.: il., p. 45-55.

COSTA, P. F. As Drogas perante a Lei. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, c1989. 1v.: il., p. 49-60.

CRUZ NETO, O *et al.* **Nem Soldados Nem Inocentes**: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

CUNHA, V. da. Debate 3 – Criminalidade e Violência. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 264.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas na sua Resolução n. 217 A (III) de 10 de dezembro de 1948 e assinada pelo Brasil em 10 de dezembro de 1948. In: CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil; CONSTITUIÇÃO do Estado de São Paulo; DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001. p. 169-171.

DELGADO, J.M. & GUTIERREZ, J. **Metodos y tecnicas cualitativas de investigacion en ciencias sociales**. Madri, Espanha, Editorial Síntesis, 1995.

FERNANDES, R.; PIQUET CARNEIRO, L. **Criminalidade, Drogas e Perdas Econômicas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa – ISER, 1995. (Textos e pesquisa).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed.. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GONÇALVES, E. C. Sociedade e Consumo de Drogas. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, c1989. 2v.: il., p. 71

KOPP, P. **A economia da droga**. Tradução Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção. Bauru: São Paulo: EDUSC, 1998.

LEEDS, E. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira. In: ZALUAR, A.; M. ALVITO (Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233-276.

LIMA, R. S. de. **Conflitos Sociais e Criminalidade Urbana**: Uma análise dos homicídios cometidos no Município de São Paulo. 2000, 112 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIMA, W da S. **Quatrocentos contra um**: uma história do Comando Vermelho. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

LINS, P. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUIZI, L. A Legislação Penal Brasileira sobre Entorpecentes: notícia histórica. **Fascículos de Ciências Penais**, Porto Alegre, v.3, n.2, p. 152-158, abr./mai./jun., 1990.

LUIZ, E. Drogas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1999, Caderno Especial.

LUZ, H. T. Somos um espelho. **Revista Veja**, São Paulo, ano 28, nº 46, p. 07-10, 15 nov. 1995. Entrevista com CESAR, A; VARGAS, X.

MELO, M. F. Drogas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1999, Caderno Especial, H6 p.

MENEGON, V. M. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 215-241.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONTES, M. L. A. Violência, cultura popular e organizações comunitárias. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 218-231.

MORSE, J. M; PEGGY, A. F. **Qualitative research methods for health professionals**. 2. ed.. London: SAGE Publications, 1995, 63-64 p.

NAÇÕES UNIDAS. **Regras mínimas para o tratamento dos reclusos e recomendações pertinentes**. Resolução adotada em 1^o de setembro de 1955.

NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR. Direção: João Moreira Salles. (documentário-vídeo), Brasil, 1999. 1 videocassete (56 min) VHS, son., color.

OSÓRIO, L. C. Agressividade e Violência: o normal e o patológico. In: SANTOS, J. V. T. (Org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 522-543.

POCHMANN, M. *et al.* (Org.) **Atlas da Exclusão Social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. (Projetos Paralelos: v.1).

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Relatório do Desenvolvimento Humano 1997**: Glossário da Pobreza e Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR/Hdr97/rdh7-.html>>. Acesso em: 17 nov. 2002.

ROHDEN, H. **O Sermão da Montanha**. 18. ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ROMANELLI, G. Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa – NEP**- Campinas, ano 3, n 1/2, p. 25-34, 1997.

SANTOS, J. V. T. Por uma sociologia da conflitualidade no tempo da globalização. In: SANTOS, J. V. T. (Org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 11-39.

SCHATZMAN, L.; STRAUSS, AL. **Field Research**: strategies for a natural sociology. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc. 1973.

SCHEERER, S. Reflexões acerca de algumas tendências recentes no discurso sobre as drogas na Alemanha In: BASTOS, F. I.; GONÇALVES, O. D. (Org.) **Drogas é Legal?** Um Debate Autorizado. Rio de Janeiro: Imago: Instituto Goethe, 1993, p. 144.

SILVA, R. da. **Os Filhos do Governo** – A formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, R. C. da. A falsa dicotomia Qualitativo-Quantitativo: paradigmas que informam nossas Práticas de Pesquisa. In: ROMANELLI, G.; Z. M. BIASOLI-ALVES (Orgs.). **Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

SOARES, L. E. Perguntas da Platéia. In: BASTOS, F. I.; GONÇALVES, O. D. (Org.) **Drogas é Legal?** Um Debate Autorizado. Rio de Janeiro: Imago: Instituto Goethe, 1993, p. 163.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992

UCHÔA, M. A. **Crack:** O caminho das pedras. São Paulo: Ática, 1996.

VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigacion social:** Reflexion metodológica y práctica professional. Madrid: Sintesis Sociologia, 1997.

VARELLA, D. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 10-24.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Condomínio do diabo.** Rio de Janeiro: Revan, 1994.

_____. Crime, medo e política. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (Orgs.). **Um século de favela.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 209-232.

_____. A globalização do crime e os limites da explicação local. In: SANTOS, J.V. T. (Org.) **Violência em tempo de globalização.** São Paulo: Hucitec, 1999, p. 91-100.

ANEXOS

ANEXO A

RAPPORT

Estou fazendo uma pesquisa pela USP, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e estou realizando um estudo sobre o tráfico de drogas. Meu objetivo é conhecer, o ponto de vista de pessoas que já tiveram ou que têm envolvimento com o tráfico de drogas sobre questões relacionadas à trajetórias de vida no próprio tráfico: as razões; os modos de viver; a organização; a violência; e principalmente como os jovens vivem m no meio disso tudo. A intenção é conhecer melhor estas pessoas e como elas experimentam e interpretam suas experiências, como estruturam o mundo em que vivem para poder contribuir cientificamente em um programa de promoção de cidadania.

Fala-se muito em tráfico de drogas mas, a opinião dos envolvidos nunca é solicitada ou, quando solicitada, é para acusá-lo. Eu pretendo dar voz aos que não têm voz. Não se trata de um estudo jurídico nem jornalístico, muito menos servirá de subsídio para qualquer investigação policial. É um trabalho psicológico dentro da área de cidadania. É importante também que você saiba que eu não estarei aqui para acusá-lo, nem julgá-lo. Ainda que você tenha sido autor de vários crimes, isso não me interessa. O que me interessa é que vê-lo como pessoa; e que estarei respeitando a sua dignidade e integridade. Se você não quiser responder alguma das perguntas, não tem problema. Se quiser desistir no meio do caminho, tudo bem. Mas, eu gostaria que você conversasse comigo com o coração aberto. Não existe risco em participar deste estudo e você não é obrigado a participar. As entrevistas serão gravadas e todas as suas respostas serão mantidas em sigilo; serão utilizadas exclusivamente para este estudo. A nossa conversa será colocada num papel que eu vou te mostrar para você ler e se quiser, poderá acrescentar ou retirar alguma coisa do que foi dito. Você não será identificado e eu garanto completo anonimato; as autoridades não terão acesso.

Quero agradecer sua disposição e interesse em participar deste trabalho e me colocar à disposição para conversar sobre qualquer dúvida que possa surgir durante a entrevista.

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. No seu modo de ver, o que leva uma pessoa a se envolver no “tráfico de entorpecentes”? (explorar o papel do adolescente nesta dinâmica)
2. Fale-me o que você conhece sobre as pessoas e suas atividades (explorar a estrutura e a organização; as estratégias cotidianas de sobrevivência; a repressão policial ; o rigor da pena; a violência e o papel que vem sendo desempenhado pelos adolescentes).
3. No seu modo de ver, a violência entre jovens nos bairros populares tem aumentado? Por quê? (explorar aqui se, são sempre os jovens do tráfico que estão envolvidos na violência)